MARIA VICENTINA DE PAULA DO AMARAL DICK

A MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA

PRINCÍPIOS TEÓRICOS E MODELOS TAXEONÔMICOS

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Lingüística e Línguas Orientais — Área de Línguas Indígenas do Brasil — da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Carlos Drumond

SÃO PAULO
— 1980 —

AGRADECIMENTO

Ao Professor Doutor Carlos Drumond,

que me iniciou nos estudos toponímicos e na vida universitária, orientando-me e acompanhando-me em todos os momentos da elaboração desta tese.

Ao Professor Doutor Erasmo d'Almeida Magalhães,

pelas sugestões recebidas durante a redação deste trabalho.

"Os feitos e as vitórias alcançadas
sobre as tribos vizinhas foram tantas,
que o nome de Boopé, crescendo em fama,
como a flor da floresta que recende
ao longe e pelo aroma se revela
tornou-se em toda parte conhecido,
e o Caiary quase o seu nome perde:
hoje "RIO DOS BOOPES" também se chama
da gente do esforçado chefe Taria".

(Ermano Stradelli - "La leggenda del Juru
pary" e outras lendas amazônicas)

QUADRO DE ABREVIATURAS

Aç.	-	Açude	Fu.	=	Furo
A.F.	=	Acidente Físico	Fz.	=	Fazenda
A.H.	=	Acidente Humano	I.	=	Ilha
Ar.	=	Arroio	Ig.	=	Igarape
Ba.	=	Baía	I.T.	=	Índice dos Topônimos
Bço.	=	Braço	La.	=	Lagoa
Bdo.	=	Banhado	Lj.	=	Lajeado
Bjo.	=	Brejo	Lo.	=	Lago
Br.	=	Barra	Mo.	=	Morro
Bx.	=	Baixa	Mte.	=	Monte
C.		Córrego	Pa.	=	Parana
Ca.	=	Canal	Pta.	=	Ponta
Cach.	=	Cachoeira	Pto.	=	Porto
Col.	=	Colônia	R.	=	Rio
Cor.	=	Corredeira	Rb.	=	Ribeirão
Cox.	=	Coxilha	Rcho.	=	Riacho
Cr.	=	Cerro	Sa.	=	Serra
Cx.	=	Corixo	Sg.	=	Sanga
Eng.	=	Engenho	Si.	=	Sítio
Ens.	=	Enseada	Ste.	=	Serrote
Es.	=	Estância	Tr.	=	Travessão
Est.	=	Estação	Vda.	=	Vereda
Fa.	=	Farol	Vt.	=	Vertente

I N T R O D U Ç Ã O

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se intercruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropo-culturais.

Dizer-se, por isso mesmo, que a Toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos.

Disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuiram distintamente, em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se íam ocupando, a Toponímia, nem sempre, porém, logrou ver reconhecida, no Brasil, a sua função conservadora das tradições e dos costumes de um povo, ou de registro das características topográficas locais mais sensíveis. Esse entendimento ganha em profundidade quando se compreende que, no topônimo, pode-se perceber e sentir a marca de sua inscrição em um contínuo tempo-espacial determinado.

Apesar disso, viu-se relegada, muitas vezes, ou quase sempre, no país, a um plano secundário, no conjunto das matérias afins, como a História, a Geografia, as Ciências So-

ciais, por exemplo, às quais empresta subsídios valiosos. Seus cultores, aqui, apenas com esforço próprio, e isoladamente, têm conseguido conduzir a termo as pesquisas necessárias à fixação dos princípios gerais e dos métodos de trabalho que constituem o seu embasamento teórico.

Os estudos toponímicos atuais, porém, depois das diretrizes traçadas por ALBERT DAUZAT para a Toponímia francesa (1), e das várias sugestões de pesquisadores americanos, entre outros, comprovam uma realidade diferente, assinalada pela busca de uma codificação de técnicas de trabalho, em que as etapas científicas da análise, seleção, comparação, interpretação e classificação dos fatos onomásticos seriam a meta a ser perseguida.

Essa foi, aliás, uma das ressalvas contidas na Comunicação apresentada em setembro de 1973, na Primeira conferência regional sul-americana sobre a padronização de nomes geográficos, pelo seu Vice-Presidente, FRANCIS GALL, da Guatemala, onde se estipula que, "para los nombres geográficos se requieren detenidos estudios a base de investigaciones, análisis, comparaciones e interpretaciones, hasta llegar à la correcta selección" (2).

Mesmo no Brasil, alguns especialistas tiveram sua atenção voltada para o problema, alertando quanto aos equívocos em que incorrem aqueles que procuram definir e conceituar a Toponímia apenas por um de seus ângulos de visão, o mais estreito e simplista de todos, qual seja a simples rela

---

1 - Cf. La toponymie française. Paris, Payot, 1939 e Les noms de lieux. Paris, Delagrave, 1932.

2 - Cf. "Notas relacionadas con la adopción de principios generales para la grafia de los nombres geográficos". Primeira conferência regional sul-americana sobre a padronizaçao de nomes geográficos. Brasília, I.B.G.E., 119-130, set.1973 .

dos topônimos de uma determinada área geográfica, seguida de uma possível etimologia dos nomes de origem indígena, principalmente tupis, quando ocorrentes (3).

Entretanto, os critérios de estudo da disciplina exigem muito mais do que essa prática, porque envolvem, como se mencionou, processos de verdadeira elaboração intelectual.

Interpretar, pois, a Toponímia, segundo tal perspectiva, nada mais significa que a escolha de uma posição unilateral, desligada de um conjunto maior, em que o conhecimento preliminar dos designativos de lugares representa apenas a primeira etapa de uma estruturação mais ampla e completa. Nem poderia ser de outra forma, desde que, na realidade, são os locativos que irão fornecer os elementos de análise imprescindíveis aos dados conclusivos que se pretenda estabelecer.

Não se trata, portanto, quando se fala em exis -

---

3 - DRUMOND, Carlos - Contribuição do bororo à toponímia brasílica. São Paulo, Univ. de São Paulo, Inst. de Est. Brasil., 1960, p. 13-14: "Enquanto na Europa, p.ex., os estudos de toponímia tem merecido o máximo de atenção, no Brasil, com raríssimas exceções, estudos deste gênero têm sido feitos mais a título de "curiosidade", sem os métodos apropriados a tal empreendimento, visando unicamente, em sua grande maioria, por em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi dentro do acervo toponímico brasileiro. Nada mais são do que simples listas de palavras de origem indígena, acompanhadas de um provável significado. Raras foram as tentativas de restauração das formas antigas do topônimo, quando este deveria ser o procedimento fundamental, pois é fato notório que toda etimologia deve repousar, antes do mais, sobre o conhecimento e a interpretação das formas primitivas do nome. Digressões hipotéticas, baseadas na forma atual de um determinado nome, mesmo se a explicação parece evidente, pode conduzir a enganos desastrosos. A história das transformações dos nomes de lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes, assegurar a proteção dos santos ou de Deus, etc., são alguns dos aspectos que ainda não mereceram a devida atenção dos estudiosos brasileiros. Na realidade, não possuímos ainda toponimistas".

tência de princípios gerais a serem considerados na matéria, da adoção de uma postura apriorística da natureza toponímica regional; pelo contrário, os resultados obtidos, a partir de um exame concreto do material coletado, ainda que dentro de uma estimativa média, estarão seguramente apoiados na realidade inscrita livremente nos topônimos e em sua própria substância.

Exercendo na Toponímia a função de distinguir os acidentes geográficos na medida em que delimitam uma área da superfície terrestre e lhes conferem características específicas, os topônimos se apresentam, da mesma maneira que os antropônimos, como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros "testemunhos históricos" de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. Iconicamente simbólico, vai permitir, portanto, através de uma reconstituição de suas características imanentes, a captação de elementos os mais diferenciadores da própria mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de vida, senão totalmente, pelo menos de forma considerável.

Todo esse conjunto de feições especiais, que torna o estudo toponomástico um dos mais sugestivos no campo das disciplinas lingüísticas, conduziu à

problemática desta tese, consubstanciada na estruturação dos **motivos** ou das fontes geradoras dos nomes de lugares, e que integram o quadro amplo da **motivação toponímica**, propriamente dita.

Uma premissa maior desde logo se colocou como ponto de apoio: se, em nível de **língua**, a função denominativa se define pelo **arbitrário** ou **convencional**, no plano da Toponímia ela se apresenta **essencialmente motivada**, ou impulsionada por fatores de diferentes conteúdos semânticos, que poderão conduzir à localização de **áreas toponímicas**, em correspondência, ou não, às respectivas **áreas geográfico-culturais**.

O interesse por um trabalho dessa natureza surgiu da constatação prática — pelo menos em termos de uma vivência brasileira — de que o estudo dos nomes de lugares se restringia ao conhecimento de sua significação **lingüística**, principalmente se oriundos de idiomas diferentes, enquanto que as causas e as origens da denominação, em particular, figuravam no mesmo grau de importância. Ainda quando existentes, tais análises se reportavam à uma **microtoponímia**, entendida no sentido de uma espacialidade regional, apenas. Não se notava nelas o objetivo de oferecer uma visão **macrocósmica** da nomenclatura geográfica do país, em seus elementos mais expressivos.

Assim, os dados básicos mencionados, ou seja, a **motivação do topônimo**, o ordenamento sistemático dos **motivos toponímicos** em **categorias classificatórias** e a possível compartimentação desses nomes em **áreas toponomásticas**, decorrentes da maior ou menor incidência de designativos de uma mesma tipologia, em uma região considerada, formam os núcleos centrais que condicionaram a propositura desta tese.

O método utilizado na pesquisa foi o da investigação dos denominadores geográficos em um elenco específico, representado pelo Índice dos topônimos contidos na Carta do Brasil 1:1.000.000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (4), e, eventualmente, em outros registros suplementares que corroborem a análise diacrônica dos fatos onomásticos, cuja referência estará na razão direta de seu próprio aproveitamento, como fonte subsidiária. Se, funcionalmente, o material levantado relaciona-se mais de perto ao Brasil e sua realidade sócio-cultural, foi através dele, entretanto, que se pretendeu chegar ao estabelecimento de dados teóricos, válidos.

A averiguação dos motivos das designações baseou-se nas duas ordens genéricas que agrupam os fatos cósmicos entre si, isto é, a sua natureza física e a antropo-cultural. Cada uma delas comporta uma seriação tipológica específica, constante do modelo por nós proposto em "O problema das taxeonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica"(5).

A inexistência de trabalhos semelhantes no país, e a tentativa de se suprir uma lacuna sensível na disciplina, à maneira do que já ocorrera em outros campos de estudos afins, levou à formulação de uma terminologia técnica, em que o elemento genérico, definidor da respectiva classe onomástica, contivesse a suficiente explicitação de sua substância ou a clareza lógica para justificar a escolha, em uma linha de co-

---

4 - VANZOLINI, P. E. e PAPAVERO, N. - Índice dos topônimos contidos na Carta do Brasil 1:1.000.000 do I.B.G.E. . São Paulo, Fapesp, 1968.

5 - DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral - "O problema das taxeonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica". Separata da Revista de Letras. São Paulo, Fac.Fil.Letr. e Ciênc. Hum. da Univ. de São Paulo, V. 4; 373-380, 1975.

lando virtual. Assim, por exemplo, nomes cuja origem revelasse uma filiação a elementos **vegetais** ou **minerais** foram denominados **fitotopônimos** e **litotopônimos**, respectivamente. O primeiro membro do sintagma teria por finalidade definir a **classe** genérica e, o segundo, a procedência do campo de estudo específico.

O modelo taxeonômico que se elaborou deve, portanto, ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá a aferição objetiva das causas motivadoras dos designativos geográficos, de maneira a satisfazer as demandas pesquisa. Tentou-se, tanto quanto possível, nessa análise, viar as necessidades de um constante recuo ao passado histórico, para se atingir o alcance do significado do topônimo. Este seria fornecido pela interpretação lingüística de seus elementos formadores, tão somente. Por isso mesmo, todo o processo de pesquisa desenvolve-se em um **nível sincrônico** de averiguação dos fatos, reservando-se o levantamento diacrônico dos dados concorrentes para o estudo descritivo das taxes, isoladamente consideradas.

De acordo com essa perspectiva de trabalho, as técnicas sugeridas pelo toponimista americano GEORGE R.STEWART, abordando idêntico assunto da classificação dos topônimos (6), nem sempre se adequam aos exemplos brasileiros. Por sugerir, a miúde, a volta à intenção do denominador, no ato da nomeação, ainda quando diz expressamente não ser tal procedimento a finalidade precípua dos meios ou mecanismos de ação, dá ênfase a aspectos diferentes do problema por nós estudado. Meios ou mecanismos denominativos, de fato, relacionam-se aos impulsos que levaram o denominador a colocar um nome específico em um a

---

6 - STEWART, George R.- "A classification of place names". Names. Berkeley, v. II (1): 1-13, março 1954

cidente geográfico; é a história desse topônimo que irá determinar, porém, o seu enquadramento em um dos ítens propostos pelo autor. Já nas taxes por nós apresentadas, ela não figura em primeiro plano, desde que o essencial será o conteúdo semântico perceptível nos topônimos, o que não significa, de modo algum, que deva estar ausente de pesquisas colocadas em outro nível de elaboração.

Tanto isso é certo que, nesta tese, procurou-se repartir a análise em **dois grupos distintos**: o primeiro, voltado para a colocação de **princípios teóricos** da disciplina, ou de um **novo modelo de trabalho**, dentro da temática escolhida, e o segundo, envolvendo as **taxeonomias toponímicas** e o estudo dos **motivos toponímicos** nelas contidos.

P R I M E I R A P A R T E

DOS PRINCÍPIOS GERAIS AOS MODELOS TAXEONÔMICOS

1 - A nomeaçao como atividade humana

A nomeaçao dos seres orgânicos ou inorgânicos inscreve-se como atividade bastante significativa ao homem, complementar, muitas vezes, do perfeito entendimento da realidade circundante.

Realmente, apreensão/compreensão e transmissão/participação de um dado qualquer do saber humano são atuantes de uma mesma e complexa evidência relacional — o ato comunicativo — que corporifica, em sua expressividade, um conglomerado de situações línguo-sócio-psíquicas. Nele está manifesto, ainda que de modo implícito, o registro pelo qual se concretizou a "assimilação do mundo", através do código de linguagem vivenciado por uma determinada comunidade lingüística. Dessa linha de pensamento participam vários estudiosos, entre os quais se mencione WEISGERBER, como exemplo:

> "(...) se uma língua materna é determinada pela peculiaridade dos seus criadores, pelas condições geográficas e históricas, pela amplidão e a intensidade do desenvolvimento do acionamento da faculdade lingüística, cada palavra ou expressão peculiar traz consigo necessariamente, os traços de sua origem. O fato comumente reconhecido de diversidade de línguas revela a sua importância em um ponto não esperado pela maioria: o decisivo não é a diversidade de forma, de fonética, das designações, etc. (...), mas a diversidade de concepção espiritual do mundo que é assimilada em cada língua" (7). (O grifo e nosso).

Nesse sentido, as circunstâncias tipificadoras da língua, ocasionadas, segundo o autor, por uma diversifica -

---

7 - WEISGERBER, L. -"O alcance antropológico do estudo energético da linguagem". IN: GADAMER, H.-G. e VOGLER, P.-Antropologia filosófica. São Paulo, Edit.Pedag. e Univers. e Edit. da Univ. de São Paulo, 1977, p. 143 (Col. Nova Antropologia, V. 7).

ção de fatores individuais e culturais, se escalonam, portanto, em séries sugeridas pelas dimensões dos domínios de experiências que recobrem o macrocosmo sentido pelo indivíduo, e no qual ele se insere. Ou, como diz WHORF, a percepção do real, e sua categorização plena, subordina-se aos recortes que os padrões lingüísticos das comunidades falantes realizam, a seu modo, na imensa massa amorfa que constitui a substância de conteúdo propriamente dita de cada sistema idiomático:

> "Quand les langues sémitiques, chinoises, thibétaines ou africaines offrent un contraste marqué avec les langues européennes, la divergence dans l'analyse de l'univers devient plus apparente. Et quand on aborde les langues vernaculaires des deux Amériques, où depuis plusieurs milliers d'années des communautés linguistiques ont évolué independamment les unes des autres et à l'écart de l'Ancien Monde, le fait que les langues découpent la nature de diverses manières devient patent"(8).

Ora, o homem, em sua qualidade de membro de um agrupamento, representa, por força da introjeção de costumes e de hábitos generalizados, senão integralmente, pelo menos uma parcela significativa do pensamento coletivo. É a resultante de uma modelagem constantemente burilada pelo próprio dinamismo das paralelas línguo-sociológicas em que se movimenta. Suas idéias e manifestações de espírito, suas atitudes e condutas — conscientizadas, ou não, diante de situações concretas reguladas pela necessidade humana de sobrevivência — e seu próprio existir, enfim, tornam-no a "personalidade histórica" a-temporal e a-espacial, por excelência.

Nos mais diversos setores do conhecimento, épocas cronológicas distintas evidencia, em qualquer porção do

---

8 - WHORF, Benjamin Lee- Linguistique et anthropologie. Les origines de sémiologie. Paris, Denöel, 1969, p. 127

espaço, a presença atuante do homem, elaborando, participando, sentindo, expressando, comunicando, em suma. O resultado dessas compartimentações está sedimentado em fatos que organizam e corporificam a produção cultural de um povo (9).

Simultaneamente, a atividade lingüística padronizada enseja a elaboração de "campos conceituais" correlatos, ilustrativos dessa realidade-objeto. E os esquemas de representação referencial podem ganhar, assim, forma e conteúdo, expressao e substância, dentro do sistema simbólico da linguagem.

Dois dados, portanto, se posicionam em uma relaçao operacional: o "conhecer" e o "denominar" coisas, em cuja representatividade resulta "ser imprescindible qué el mundo externo pase a ser intimo para poder ser denominado posteriormente" (10).

Assim, a representação do real (ou de suas "qualidades"), através das estruturas simbólicas de uma língua, revela-se como a consequente de um complexo bio-psíquico, integrado por estímulos ou excitações neuronais e por processos mentais propriamente ditos, como as faculdades de "pensar", de "compreender" ou de "raciocinar".

---

9 - GUIZZETTI, Guerman Fernandez- "Para una etnoeidetica cultural del Guarani contemporaneo (Yopara)". Tese de Doutoramento apresentada na Univers. de São Paulo. São Paulo,1971, Introdução, p. 3. O autor, estudando os fatos culturais, classifica-os em quatro categorias, a saber: "a-biofactos-"la utilización diferenciada según sociedad, que el hombre hace de su proprio cuerpo"; "b-manufactos-"la utilización en el elaboración mediata o inmediata de objetos materiales utilizando como materia prima elementos de la naturaleza física"; "c-sociofactos-"la peculiar organización de la vida de relación entre los miembros de una etnia y las instituciones que de ellas resultan"; "d-mentefactos-"o cultura espiritual, abarca todos los productos de psiquismo humano cuya materia prima fundamental (...) pertenezca a la naturaleza física".

10 -RAMIREZ DE LA LASTRA, C. e GARCIA VIVES, Miguel- Los reflejos lingüísticos. Córdoba, Ediciones Escudero, 1976, p.75.

A efetiva capacidade do ser humano para a linguagem (11) permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em "formas significativas" ou em "palavras", os mais variados aspectos de sua cultura, integralizando-os em um todo orgânico.

Das diferentes experiências que singularizam as culturas, em suas feições tipificadoras, a linguagem, no dizer de SAPIR, delas não se separa nem lhes corre paralela porque, antes de tudo, com elas se interpenetra, como atuante de um mesmo dado existencial. A "quase-identidade" ou a "estreita correspondência" percebida pelo autor nos meios sociais primitivos, entre "palavra" e "coisa", conduzindo até à "magia da feitiçaria", tem condições de se instalar, guardadas as devidas proporções, em outros níveis do desenvolvimento humano. Assim, "au niveau qui est le nôtre, il est, en général, difficile d'opérer une dissociation tranchée entre la réalité objective et les symboles linguistiques qui y renvoient; et objets, qualités et événements se confondent pour nous avec les termes que nous employons pour nous y référer. Pour un homme normal, toute expérience (qu'elle soit du domaine réel ou du virtuel) est imprégnée de verbalisme. C'est pourquoi, par exemple, tant d'amoureux de la nature ne se sentent pas vraiment en contact avec elle tant qu'ils n'ont pas appris le nom d'un grand nombre de fleurs et d'arbres comme se le monde de la réalité immédiate n'était que verbe et comme si l'on ne pouvait s'approcher de la nature qu'en se familiarisant d'abord

---

11- LÉVI-STRAUSS, Claude- Antropologia Estrutural. Trad. Chaim S. Katz e Eginardo Pires. Rev. etnol. de Julio Cezar Melatti. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967, p.399:"(...) a linguagem é ao mesmo tempo o fato cultural por excelência, distinguindo o homem do animal, e aquele por intermédio do qual todas as formas da vida social se estabelecem e se perpetuam". Cf. também: CHILDE, V. Gordon- O que aconteceu ha História. Trad. Waltensir Dutra. 2a.ed., Rio de Janeiro, Zahar Edit., 1966, p. 15: "A linguagem é mais do que simples veículo da tradição. Ela afeta o que transmite. O sentido socialmente aceito de uma palavra (ou outro símbolo) é quase necessariamente algo abstrato".

avec la terminologie qui l'exprime d'une facon en quelque sort magique" (12).

Não está em jogo, evidentemente, na aproximação feita por SAPIR entre "palavra" e "coisa" simbolicamente representada, a questão relativa à arbitrariedade dos signos lingüísticos, em particular. Entender o contrário seria, talvez, discutir esterilmente a respeito de fatos já tradicionalmente aceitos.

Os antigos filósofos, lembra LÉVI-STRAUSS, "raciocinavam acerca da linguagem como o fazemos ainda acerca do mito. Eles constataram que, em cada língua, certos grupos de sons correspondiam a sentidos determinados, e procuraram compreender, desesperadamente, que necessidade interna unia esses sentidos e esses sons. A empresa era va, visto que os mesmos sons se encontram em outras línguas, mas ligados a sentidos diferentes. A condição só foi resolvida no dia em que se aperceberam que a função significativa da língua não está diretamente ligada aos próprios sons mas à maneira pela qual os sons se encontram combinados entre si"(13).

Depois da interpretação dada por SAUSSURE aos signos lingüísticos, foi-se firmando, com maior clareza, na teoria da linguagem, o princípio da desvinculação entre o objeto designado e o termo designador: o que se coloca em relação, para SAUSSURE, são as "imagens acústicas" (significante) e os

---

12- SAPIR, Edward- "Le langage". IN: Linguistique. Trad.Jean-Élie Boltanski e Nicole Soulé-Susbielles. Paris, Les Éditions de Minuit, 1968, p. 35.
- Relativamente à importância da magia entre os grupos ágrafos, cf. LÉVI-STRAUSS, Antrop. Estrut., p. 207-8.

13- Antrop. Estrut., p. 240

"conceitos" ou "representações psíquicas" da coisa (significado).

A partir dessa postura científica, "arbitrário", em língua, passou a traduzir, então, o "significante imotivado", ou seja, "arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural, na realidade"(14).

Certamente será desnecessária, para os objetivos pretendidos nesta tese, a referência exaustiva aos autores que, de uma forma ou de outra, se apoiaram na teoria saussuriana para demonstração de seus próprios conceitos, desde que ela é um "dos postulados da lingüística moderna". Bastará, por ora, lembrar dois dentre aqueles que abordaram o problema, quais sejam OGDEN & RICHARDS e ULLMANN. Os primeiros, ao estabelecerem as relações entre "pensamentos, palavras e coisas", seguin

---

14- SAUSSURE, Ferdinand de- Curso de lingüística geral. Trad. Antonio Cheleni, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix e Edit. da Univ. de São Paulo, 1969, p.81-2: "O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário. Assim,a idéia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à seqüência dos sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual;como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes; o significado da palavra francesa boeuf ("boi") tem por significante b-ö-f, de um lado da fronteira franco-germânica e o-k-s (Ochs) do outro. O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém(...)". No mesmo sentido, cf. op.cit., p. 83.
Ainda a respeito do princípio da "arbitrariedade do signo lingüístico", cf. LÉVI-STRAUSS, Antrop. Estrut., p.112-14-115. Para o autor, igualmente, "arbitrario", no signo, deve ser entendido como um dado a priori e, não, a posteriori, desde que em sua natureza nada existe a priori de modo a impor as formas sonoras apresentadas. Uma mesma desinência, assim, pode ser "comum a outras palavras". Já a "determinação a posteriori se produz em dois níveis: o fonético e o do vocabulario(...)", porque, "quando encaramos o vocabulário a posteriori, isto é, ja constituido, as palavras perdem muito de sua arbitrariedade, porque o sentido que lhes damos não se limita apenas a uma convenção. Depende da maneira como cada língua recorta o universo de significação ao qual se liga a palavra para exprimir certos sentidos semelhantes".

do o ponto de vista de SAUSSURE, afirmaram que "las palabras, como todos saben ahora, no significan nada por si mismas, aunque haya sido igualmente universal la creencia en que así era. Sólo cuando un sujeto pensante hace uso de ellas, representan algo e, en otro sentido, tienen significado. Son instrumentos" e "permiten controlar los objetos"(15). E o segundo, ao se referir à ociosidade da indagação de ser a língua "convencional" ou "motivada", expressou que "todos os idiomas contêm certas palavras arbitrárias e opacas sem qualquer conexão entre o som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes"(16).

Todavia, ainda que, na língua, o signo participe, genericamente, de uma natureza convencional de significação, ao se aplicar o mesmo princípio à Toponímia notar-se-á uma diversidade de aspecto: o elemento linguístico comum, revestido, aqui, de função onomástica ou identificadora de lugares, integra um processo relacionante de motivação onde, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área por ele designada.

15- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.-El significado del significado. Versão castelhana da 10. ed. inglesa. Buenos Aires, Paidos, 1954, p. 35.

16- ULLMANN, Stephen- Semântica. Uma introdução à ciência do significado. Trad. J. A. Osório Mateus. 3. ed., Lisboa, Fundaçao Calouste Gulbenkian, 1964, p. 169.

2 - A nomeação toponímica e o "signo" toponímico

Uma das grandes dificuldades que cercaram o conceito da Toponímia como disciplina autônoma foi, exatamente, o problema da delimitação de seu campo de trabalho e a caracterização de seu objeto específico.

As diferentes nuances significativas que dão forma ao nome de lugar, e as mais diversificadas informações que dele se pode depreender, acabariam por tornar a matéria um repositório de fatos culturais de amplitude considerável. Disso decorreu, evidentemente, o virtual empecilho em situá-la em um ramo distinto do conhecimento humano. Para muitos, suas questões poderiam, sem dúvida alguma, e com igual êxito, se inscrever nos quadros da História, da Geografia ou das Ciências Sociais, por exemplo, e por elas serem solucionadas.

É certo que, em qualquer uma dessas perspectivas, realiza-se uma análise de fatos toponímicos, bastando,para tanto, a comprovada formação intelectual do pesquisador e a inclinação natural de seu espírito crítico. Mas é certo também, que, em nenhuma dessas posições, tomadas isoladamente ou com exclusivismo, será possível atingir a plenitude do fenômeno toponomástico, em seu conjunto.

Antes de tudo, a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se intersseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. Como bem esclareceu J. MITTIN, os "fenômenos geralmente tornam-se "inteligíveis" pelo fato de encontrarmos outros fenômenos ou processos que têm alguma relação com eles. Eles se tornam obscuros e desprovidos de sentido à medida que se tornam para nós algo i-

solado, isto é, sem relação com o que quer que seja. O objetivo da ciência é inserir cada fenômeno numa rede de relações que o ponha em relação com vários outros fenômenos. É nisso que consiste a explicação, em seu sentido mais geral de "tornar inteligível". A natureza das relações que poderão assim ligar um fenômeno a outro depende da própria natureza do fenômeno estudado"(17).(O grifo é nosso).

Muito embora a atitude eclética dispensada à matéria pareça se chocar, em uma perspectiva inicial, com o pensamento de estudiosos como CHARLES ROSTAING, para quem a "lingüística" é o "princípio essencial desta ciência" (18), na realidade nada existe de contraditório entre as duas posições. Em sua feição intrínseca, a Toponímia deve ser considerada como um fato do sistema das línguas humanas. Tanto assim que ULLMANN já salientara haver o estudo dos nomes próprios se afirmado, "recentemente, como um ramo da lingüística quase independente", com "seus congressos próprios e revistas especializadas. Esta ciência conhecida por Onomástica, tem duas divisões principais: a Toponímia, estudo dos nomes de lugar, e a Antroponímia, estudo dos nomes de pessoas"(19).(O grifo é nosso).

Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira "relação de inclusão", em que aquela será sempre, desta, "uma parte de dimensões variáveis".

Logo, apenas o emprego dos signos lingüísticos é

17- MUTTIN, J.-"Comportamento humano". IN: GADAMER, H. G. & VOGLER, P. - Antropologia psicológica. São Paulo, Edit. Ped. e Univers. e Edit. da Univ. de São Paulo, 1977, p. 121(Col. Nova Antropologia, V. 5).

18- ROSTAING, Charles- Les noms de lieux. Paris, Presses Universitaires de France, 1956, p. 6 (Col. "Que sais-je?").

19- Semântica, p. 161.

que se torna especial nas ciências onomasiológicas (20); ou, em outras palavras, a função significativa dos mesmos é que se diferencia quando a Toponímia os transforma em seu objeto de estudo.

Exemplificando:

> A categorização lingüística de "canoa" inclui o termo no conjunto dos designativos ou nomes comuns, enquanto o sintagma toponímico Morro da Canoa — em que Morro é o acidente geográfico de natureza física e Canoa o topônimo propriamente dito — identifica um ergotopônimo (21).

O uso particularizante do código de comunicação verbal, portanto, além de definir o campo conceitual da disciplina, justifica o exame da nomenclatura geográfica em suas características internas (filiação lingüística dos topônimos e respectiva pesquisa etimológica) e externas ou semânticas (motivação toponímica). Neste último aspecto, principalmente, que irá se concentrar a fundamentação da presente tese, tendo em vista os motivos predominantes, ou mais notáveis, na formação dos nomes de lugares, consoante o que já se mencionou na parte introdutória.

20- MURET, Ernest- Les noms de lieux dans les langues romanes. IN: ROSTAING, Ch. - Les noms de lieux, p. 9: "Un nom de lieu est une forme de langue, un mot formé, comme tous les autres, de voyelles et de consonnes, de phonèmes articulés par les organes de la parole et transmis par l'oreille au cerveau. Il ne saurait donc être étudié autrement qu'un autre mot quelconque, en dehors de la langue dont il fait partie et dont il porte l'empreinte".

21- DICK, M. V. P. do Amaral - "O probl. das taxeon. topon.".

Todo signo, diz PIERRE GUIRAUD, é um "estímulo associado" (22), natural (imagens ou ícones) ou artificialmente (símbolos).

Nos signos iconográficos, haveria, por assim dizer, uma relação isomórfica entre o denotante e o denotado, isto é, haveria motivação sígnea.

Mesmo nos símbolos, porém, o característico arbitrário, para alguns estudiosos, pode assumir um caráter relativo, em virtude de uma possível correspondência analógica entre o significante e o significado, quando estejam, por exemplo, em situação metonímica. Como diz GUIRAUD, "la croix est le symbole de la chrétienté, la colombe est le symbole de la paix"(23). E o símbolo, em PEIRCE, é entendido como "aplicável a tudo aquilo que possa concretizar a idéia relacionada com a palavra. Por si mesmo, entretanto, não identifica as coisas", mas "supõe que somos capazes de imaginar tais coisas e a elas associou a palavra"(...)."O símbolo se relaciona a seu objeto por força da idéia do espírito-que-usa-o-símbolo, sem o que uma conexão de tal espécie não poderia existir"(24).

Ora, nem sempre a transposição de conceitos de uma ciência para outra, quando já consagrados em uma delas, consegue resolver satisfatoriamente o problema da ocorrência de dados similares. Nem por isso, entretanto, tal procedimento deve deixar de ser intentado, a despeito das dificuldades que

---

22- GUIRAUD, Pierre-La Sémantique. 5. ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1966, p. 12: "(...)tout stimulus laisse dans l'organisme une trace mémorielle que tout nouveau stimulus identique ou associé peut faire ressurgir".

23- Idem, "La Sémiologie".IN: POTTIER, Bernard, dir.-Le langage. Les dictionnaires du savoir moderne. Paris, Denöel, 1973, p. 456.

24- PEIRCE, Charles Sanders- Semiótica e filosofia. São Paulo, Cultrix, 1972, p. 129.

possam cercar a conduta objetivada.

Assim é que, diante dos princípios teóricos aquí colocados, quais sejam, a "arbitrariedade do signo lingüísti - co", a "motivação iconográfica" e o "relacionamento ideológico do símbolo com o objeto", a aproximação do signo toponímico a um desses postulados apresentará, sem dúvida, algumas feições características e, mesmo, uma visão diferente do problema, em alguns casos.

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura , como já se acentuou, uma forma de língua, ou um significante , animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, trans - forma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

O duplo aspecto da motivação toponímica transparece, assim, em dois momentos:

> primeiro, na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico;
>
> - e, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas.

Essas duas modalidades de aferição do fenômeno motivador dos topônimos configuram perspectivas diacrônicas e

sincrônicas no estudo da Toponímia e irão, realmente, influir na formalização das taxeonomias dos nomes de lugares (25).

A própria tipologia expressiva dos designativos poderia, entretanto, justificar, até certo ponto, uma configuração icônica, ou mesmo simbólica, de sua significância. expressões onomásticas exerceriam referidas funções desde que seus elementos constitutivos evidenciassem a existência de um vínculo entre elas e o seu referente — acidente geográfico físico, rio, lago, morro, montanha, etc., ou humano, vila, povoado, cidade, rodovia, ponte, etc..

Em tais circunstâncias, o signo linguístico em função toponímica representaria uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica(ou transparência, de acordo com ULLMANN) de seu significado. Haveria, por assim dizer, uma relação unívoca entre os termos implicados quando traduzam referências de cor, forma, tamanho, constituição natural, enfim, o que ocorre em rio Grande, rio Pequeno, ribeirão Preto, córrego Branco, riacho Fundo, lagoa Rasa, ilha Comprida, aldeia Velha, vila Nova, entre tantos outros semelhantes(26).

Note-se que a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerida pela própria natureza do acidente nomeado, conforme o evidenciaram os exemplos acima,poria em relevo outra das características do onomástico toponímico, qual seja não apenas a identificação dos lugares mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais ,

---

25- Cf. as classificações de topônimos elaboradas pela A. e por George R. Stewart (fls. VI e fls. VII desta tese, respectivamente).

26- Em certos casos, entretanto, a referência denotada pelo topônimo pode não se aplicar a uma qualidade absoluta do local, mas apenas relativa, decorrente do confronto entre dois acidentes vizinhos. Só o conhecimento particular poderá conduzir, então, à verdadeira causa denominativa.

contidos na denominação. Dentro, assim, de uma teoria de comunicação toponímica, cujo objetivo deveria ser não apenas identificar acidentes a partir de um nome e, sim, correlatamente, o emprego de uma técnica discriminativa que os precisasse em sua situação geográfica, não parece haver dúvida de que tal nomenclatura atenderia, de maneira hábil, a esses fundamentos. Mesmo porque, através desses recursos, a mensagem emitida e consubstanciada no nome a ser interpretado, atingiria plenamente os receptores.

GUIRAUD, ao distinguir a natureza dos diferentes códigos e os respectivos modos de transmissão, inclui nos nomes próprios os nomes de lugar, conceituando-os como aquela modalidade relativa ao "ser", por excelência, e que definiria, tipologicamente, uma indicação, enquanto uma "carta rodoviária" (ou um "guia" de lugares), por exemplo, encerraria uma descrição detalhada dos locais, pois, como ele mesmo esclarece, "il s'agit d'une représentation de la situation, qui a pour but de me communiquer un savoir" (27).

Entretanto, a idéia de "indicação" de algo, ou de "identificação" dos seres, que teóricos da linguagem costumam aplicar aos nomes próprios, opondo-os aos nomes comuns, cuja principal evidência seria a de "significar" (28), não deve-

---

27- "La Sémiologie", p. 474.

28- DAUZAT, Albert-Les noms de personnes. Paris, Delagrave, 1934, Introdução: "Delicate a établir, la distinction entre noms propres et noms communs est artificielle aux yeux du linguiste. Historiquement: car les noms propres, en dernière analyse, ont été crées avec des noms communs ou des adjectifs substantivés. Les noms de personnes (...) ont pour éléments des surnoms métaphoriques, des noms de professions ou des noms de lieux; les noms de lieux, à leur tour, dérivent de noms de personnes ou ont éte formés, soit d'aprés des particularités topographiques, soit à l'aide de noms communs ou d'épithètes. Inversement, au cours de l'histoire, nombre de noms propres deviennent noms communs(...); Il est donc juste de dire, avec Michel Bréal, qu'il n'existe entre les noms propres et les noms communs qu'une différence de degré, intellectuelle et nom grammaticale".

ria ser aceita com rigor, nas ciências onomásticas. Pois, tanto os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade que esses nomes adquirem, ao se distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais (29).

Analisando os critérios para a definição de um nome próprio, ULLMANN explica o fato de que "muitos filósofos lingüístas estão de acordo na consideração dos nomes próprios como marcas de identificação. Por oposição aos substantivos comuns, cuja função é incluir espécimes particulares sob um conceito genérico(...), um nome próprio serve apenas para identificar uma pessoa ou objeto, singularizando-os entre as entidades semelhantes" (30). Menciona, a seguir, a conceituação clássica de JOHN STUART MILL, para quem o nome próprio é a "marca" que recai não "realmente sobre o próprio objeto mas, por assim dizer, sobre a idéia do objeto. Um nome próprio não é mais que uma marca sem significado que relacionamos na nossa mente

---

29- DAUZAT, A.- Les noms de person., p. 10: "Le changement de valeur éprouvé par les noms propres au cours de leur histoire n'est pas moins suggestif au regard de la sémantique. Le mot s'est rapidement vidé de sa signification primitive (...); on ne le compreend plus, au sens étymologique. La Madeleine chrétienne n'est plus"celle de Magdala", sens de l'hébreu Magdalena; le Robert capétien n'évoquait plus "la gloire brillante" du Hrodobertho compagnon de Clodion le Chevelu (...)".
Cf., no mesmo sentido, SAPIR, E.-"Langage et environnement". IN: Linguistique, p. 78: "Les noms de lieux nous fournissent un exemple encore plus clair: seul le spécialiste de l'histoire de la langue saura décomposer les mots de "Essex", "Norfolk", et "Sutton" en leurs éléments étymologiques tout comme dans les mots "beurre" et "fromage". Nous remarquons facilement la différence entre un pays habité par un peuple historiquement homogène de longue date, plein de noms de lieux dont l'étymologie reste obscure, et un pays récemment peuplé avec ses Newtown (= Villeneuve), Wildwood (= Bois Sauvage) et Millcreek (= Ruisseau du Moulin).

30- Semântica, p. 152.

com a idéia do objeto, na intenção de que sempre que a marca se encontre com os nossos olhos, ou ocorra à nossa memória, possamos pensar naquele objeto individual" (31)(O grifo é nosso).

Ao tratar dos valores "designativos" e "conotativos", atribuídos por MILL aos nomes próprios e aos comuns, acrescenta, ainda, ULLMANN que, nos primeiros, "mesmo quando derivam de elementos expressivos, o seu significado não é relevante: Dartmouth recebeu, sem dúvida, o nome por virtude da sua situação na foz do Dart, mas continuaria a ter este nome, mesmo que a foz do rio fosse obstruida pelas areias, ou que o seu curso fosse desviado por um terremoto" (32).

Argumentando-se com a última parte da citação, no que se refere, explicitamente, à manutenção do designativo apesar do desaparecimento de suas causas motivadoras, qual seja a situação peculiar do acidente ("foz do Dart", no caso mencionado), esses dois fatos — presença (ou permanência) do nome mesmo em ausência do motivo determinante ou concorrente de sua formação — tornam clara outra das características mais significativas do topônimo: sua interpretação como um verdadeiro fóssil lingüístico, expressão tomada ao geógrafo francês JEAN BRUNHES, que o considerava um "fóssil da geografia humana".

Realmente, os estudiosos da Toponímia sao unânimes em assim o definir, em razão da importância de que se reveste como fonte de conhecimento, não só da língua falada na região em exame, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em ca-

---

31- STUART MILL, John- A System of Logic, Ratiocinative and inductive, 10.ed., Londres, 1879, V.I, p. 36 e s.. IN: ULLMANN, Semânt., p. 153.

32- Semântica, p. 153-4.

rát r definitivo ou temporário.

DAUZAT, por exemplo, justificando o interesse lingüístico despertado por essa característica do topônimo, assim o considerou:

> "Anciennement cristallisés, les noms de lieux présentent de précieux fossiles — grammaticaux, tels les débris d'anciens cas latins, ou médiévaux, entre autres les noms de rivières en -ain, vestige d'un cas-régime féminin d'orige germanique, — lexicaux, plus encore, puisqu'on retrouve parmi eux les débris de langues antérieures au gaulois, et, ce qui n'est pas moins intéressant pour le romaniste, des mots latins sortis de l'usage à partir de l'époque chrétienne, tel urbs, conservé dans les toponymes italien Orvieto et espagnol Oviedo (urbs vetus): preuve que ce mot vécu plus longtemps en Italie et en Espagne qu'en Gaule où il n'a laisse nulle trace" (33).

Outro exemplo evidente de fossilização toponímica, em que os elementos formadores do nome de lugar demonstram a filiação lingüística e o emprego de determinados sufixos com valor significativo, pode ser encontrado nas "formações da época romana", que definiram um período da história dos designativos franceses, conforme salientou DAUZAT. Seria o caso, por exemplo, das formações gaulesas em -acos, latinisadas, depois, em -acum ou -acus, e, a seguir, em -iacum (ex. Sparnacum, Turnacum, Albericiacum, Carliacum, etc.). A importância histórica da ocorrência foi sentida pelo autor nestes termos:

> "L'extension de ce suffixe est liée au développement de l'agriculture dans la Gaule romaine. Le nom de personne est le nom du possesseur (nom de famille, donc gentilice ou cognomen). Ces toponymes désignent à l'origine la villa, centre du domaine agricole, autour de laquelle s'est formé peu à peu un village, parfois un bourg, voire, plus rarement, une ville"(34).

33- Les noms de lieux, p. 9

34- Ibidem, p. 114

JOAN COROMINAS, estudando a toponímia argentina da região de Cuyo, não só a proveniente da dialetologia indígena como a decorrente do próprio vernáculo, também salien a o papel do topônimo como meio de conservação de diversas formas castelhanas em desuso na língua falada. Tanto ocorre com valle, substituido por quebrada, e de que a nomenclatura geográfica conservou as expressões Los Vallecitos, Valle Fértil, Valle Hermoso, Valle del Cura; ou com manantiel, substituido por vertiente, do qual permaneceram Alto de los Manantiales, Los Manantiales. Os diminutivos em -illo foram superados pelas formações em -ito, mas conservaram-se presentes em Potrerillos, Paramillo, Plumerillo, Ranchillos, Tambillos, Hornillos (35).

Relativamente ao Brasil, a cristalização semântica dos topônimos, ou seja, a sua persistência como signos geográficos, mesmo quando seus elementos componentes deixaram de ser facilmente identificáveis pela população local, adquire considerável importância. Isto ocorre principalmente quando se trata da reconstituição de falares indígenas já extintos, como aconteceu com o Tupi Quinhentista, no dizer de ANCHIETA a língua mais geral usada na costa do país, no século XVI.

Da contribuição desse idioma ao português, em termos valorativos, já trataram historiadores e linguístas. Por sua vez, a Toponímia também prossegue na tarefa da preservação de tais onomásticos que, de modo autêntico e espontâneo, individualizaram os acidentes da terra, numa freqüência que atinge a milhares de nomes. Se as denominações tópicas, mesmo quando relativas à realidade circundante atual, se revestem de uma significação histórico-cultural, muito maior, sem dúvida, será o

---

35- COROMINAS, Joan- "To onomastica Cuyana. Orientaciones". IN: Tópica Hespérica. Estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances. Madrid, Ed. Gredos, 1972, p. 121-122

seu papel quando a análise efetuada possibilitar inferir estilos de vida diferentes, traduzidos em um código lingüístico diverso, e dos quais, muitas vezes, os vestígios perceptíveis se inscrevem apenas em nomes geográficos.

THEODORO SAMPAIO nos deixou a lição, hoje indiscutível, de que se deve recorrer sempre aos designativos autóctones a fim de se obter, através da correta interpretação etimológica, o "fundamento para uma identificação de lugares, na certeza de que o significado desses nomes indígenas traduzem fielmente a característica natural de cada localidade" (36). Pois, como já afirmara LÉVI-STRAUSS, "nunca, e em parte alguma, o "selvagem" foi, sem dúvida, esse ser mal e mal saído da condição animal, ainda entregue ao império de suas necessidades e de seus instintos, que, freqüentemente, nos aprouve i aginar e, tampouco, essa consciência dominada pela afetividade afogada na confusão e participação"(37).

Não é de se estranhar, portanto, a existência de uma relação analógica entre o topônimo e algum fato do quotidiano indígena, notada em designativos como Botucatu (AH SP), Catanduva (Ah SP), Paraíba (R. SP), Paranapiacaba (Sa. SP), entre outros.

36- SAMPAIO, Theodoro-O Tupi na geografia nacional. 2. ed. cor. e aum.. São Paulo, "O Pensamento", 1914, p. 5.

37- LÉVI-STRAUSS, C.- O Pensamento selvagem. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. 2. ed. São Paulo, Cia. Edit. Nacional, 1976, p. 62.

38- SAMPAIO, Theodoro- Vocabulário Geográfico Brasílico. IN: O Tupi na geogr. nacion.- Botucatu - corr. ybytu-catu, bons ares, bom clima; Catanduva - corr. caatã-ũyba, abundância de cerrados, terreno em que abundam os cerrados; mato carrasquento em terreno de inferior qualidade; Paraíba- c. pará-ahyba, rio ruim, imprestável ou inavegável; Paranapiacaba - c. paranã-apiacaba, vista do mar, donde se ve o mar, miramar.

Os fatos que aquí se mencionaram serão suficientes, por certo, para ilustrar a comparação entre as antigas expressões toponomásticas — reveladoras, por vezes, como se fez sentir, não apenas dos característicos típicos de uma região, firmados na nomenclatura, descritiva ou associativamente, como também das línguas porventura faladas no local, em épocas anteriores — e as espécies animais e vegetais fossilizadas.

Do mesmo modo que estas se tornam indispensáveis à reconstituição de informes zoo e fitogeográficos, assim também as primitivas formações toponímicas podem ser entendidas como elementos auxiliares da pesquisa histórica. Quantas vezes, nelas, não está gravada a "vitalité de la forme alloglotte d'un toponyme, c'est-à-dire sa survivance et sa cristallisation dans un idiome différent de celui qui est en usage à l'endroit désigné" (39).

A Toponímia cumpre, dessa forma, segundo as palavras de CORCHINAS, "su función robustecedora de la tradición lingüística: el léxico del pasado sobrevive en ella para recordar al escritor, en ambiente más oreado que el de polvorientos infolios, añejos, sabrosos y expresivos términos del que ha sido y es(...)"(40), qualquer idioma, em particular.

Resumindo, pois, as características do topônimo, em sua conceituação genérica de nome próprio e em sua faculdade de preservar, através da cristalização do significado de seus elementos formadores, o primitivo sentido, não seria demasiado inserir, agora, o pensamento de BOILEAU, ao tratar dos

---

39- BOILEAU, Armand-"Toponymie et contact des langues en Belgique". IN: DORION, Henri et MORISSONEAU, Christian - Les noms de lieux et le contact des langues - Place names and language contact. Quebec, Les Presses de l'Université Laval, 1972, p. 43

40- "Toponom. Cuyana", p. 122

nomes geográficos belgas:

> "Les toponymes sont des noms propres. En tant que tels, ils sont liés à l'objet individuel qu'il servent à designer, indépendamment de la signification qu'ils ont eue à l'origine. Ils sont le résultat d'une convention, la plupart du temps inconsciente, entre sujets parlants formant une communauté plus ou moins restreinte.
>
> De même que chaque individu porte un nom l'identifiant parmi les autres membres de la co munauté au sein de laquelle il vit et que son nom (anthroponyme) reste attaché à sa personne (...), de même le nom qui a été donné à un lieu reste attaché à ce lieu, même si d'autres que ceux qui le lui ont donné viennent s'y fixer ou le fréquen ent régulièrement (...)".
>
> "(...) on constate en Belgique une abondance remarquable de noms de lieux anciens. La plupart d'eux sont des dénominations spontanées qui se sont cristallisées au cours des siècles. Les noms de lieux forment, disait Godofroid Kurth, "un mystérieux réservoir de souvenirs, dont beaucoup sont contemporains des premiers âges d'un peuple, et qui, tous, ont quelque chose à nous raconter sur les hommes et les choses du passé". Mais les noms de lieux n'appartiennent pas qu'au passé: dans la mesure aussi où il s'en crée de nouveaux, au grés des nécessités nouvelles, ils reflètent aussi, indirectement mais difèlement, un des aspects de la réalité linguistique d'aujourd'hui" (41) .

Firmados, assim, esses pontos como pressupostos básicos da conceituação do topônimo, restaria, ainda, a análise particular do núcleo central desta tese. Desde que se admite ser o signo toponímico essencialmente motivado, este fato irá condicionar não só o ordenamento dos princípios reguladores da motivação, como um dado em si esma, além da estruturação propriamente dita dos motivos que mais se evidenciam nos nomes de lugares, em geral.

41- BOILEAU, A. - "Topon. et cont. des langues en Belg.",

3 - A motivação toponímica: aspectos

Muito embora sejam várias as teorias que procuram estabelecer e fixar a origem da motivação e a natureza dos motivos, de um modo geral (fatores biológicos, sociológicos, psíquicos, sobrenaturais e o próprio auto-racionalismo humano), parece existir entre elas um consenso aproximado quanto à substância definidora desses elementos. Pois, como esclarece GEORGE MOULY, "o termo motivo é freqüentemente empregado para abranger tanto as condições internas que tornam o indivíduo receptivo à estimulação externa, quanto os padrões aprendidos de comportamento, através do qual procura satisfazer suas necessidades" (42).

Acrescente-se, ainda, que a satisfação das necessidades humanas nunca poderá ser totalmente abrangente, o que leva o homem a submetê-las a um processo de seleção; assim, "sua escolha de comportamento é ditada por fatores tais como a natureza das necessidades opostas, a severidade de sua frustação, a atração dos objetivos, avaliada a partir de experiências passadas e, naturalmente, a realidade da situação" (43). Esta "situação externa", de acordo com MOULY, deverá ser "interpretada através de forças internas", ou seja, "vemos apenas o que está de acordo com nossos motivos e objetivos" (44).

42- MOULY, George J.-Psicologia educacional. Trad. Dante Moreira Leite. 3. ed., São Paulo, Pioneira, 1970, p. 35

43- Idem, Ibidem, p. 37

44- Idem, Ibidem, p. 47

Relacionada ao comportamento, está a noçao de "campo fenomenal" (ou pessoal), interpretada por MOULY muito proximamente à do "termo espaço de vida, que Lewin emprega para descrever o ambiente efetivo, ao qual o indivíduo responde, e que se distingue do ambiente físico, tal como existe na realidade" (45). O comportamento seria, assim, o resultado da "interação de condições internas e dos campos de força", para o qual concorreria, ainda, "o estado atual de tensão" e as "experiências anteriores" (46).

A reação do indivíduo a determinadas situações só poderia ser, portanto, convenientemente interpretada diante do conhecimento, pelo menos relativo, do conjunto de fatores, objetivos ou não, que delimitam o meio a que está circunscrito. Por isso mesmo diz o autor, "o campo fenomenal, ao qual determinada pessoa reage, tende a parecer, para um observador externo, como uma deformação da realidade; no entanto, é real e significativo para o indivíduo, pois resulta de suas experiências passadas (...). Disso decorre que dois indivíduos, colocados no mesmo ambiente físico, podem ter ambientes psicológicos completamente diversos" (47).

Não respeita, evidentemente, à esta tese, a discussao mais aprofundada de nenhum dos conceitos expostos ou de quaisquer das posições teóricas envolvidas ("behaviorismo","determinismo psicológico" e/ou "sociológico", etc.), desde que à Toponímia interessará apenas a análise e a compreensao dos elementos que influenciam a conduta humana na nomeação dos lugares.

45- Psicol. educac., p. 49

46- Ibidem, p. 50

47- Ibidem, p. 50

Assim, em função da natureza do assunto a ser desenvolvido e das características próprias do ato denominativo, saber quais as tendências reveladas pela nomenclatura geográfica de uma região qualquer (a do Brasil, principalmente, para os efeitos desta tese); entender o porquê de o indivíduo empregar estas ou aquelas expressoes, relacionadas a um fator condicionante de origem externa ou interna; manipular, enfim, os resultados de toda essa intensa atividade lingüística revelada pelos denominativos tópicos, parece ser a melhor atitude para se alcançar os objetivos pretendidos. Especialmente se se levar em conta o fato de que "a motivação envolve uma complexa interação das condições do indivíduo e do ambiente total em que se encontra" (48), conforme já se fez sentir.

Já se acentuou, também, na referência às diferenciações dos signos toponomásticos, que a **motivação toponímica** pode ser encarada sob dois pontos de vista:

- aquele do denominador e das razoes que o levaram, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opçao;

- e o da natureza do produto dessa escolha, isto é, da substância mesma do topônimo, revelada pelos seus componentes lingüísticos.

As dificuldades de averiguação das causas que estruturam uma ou outra perspectiva de análise residem, para

---

48- MOLLY, G., Psicol. educac., p. 255

nós, em fatos distintos.

No primeiro caso — ponto de vista do denominador e das causas de sua ação —, nem sempre será possível, pela ausência do denominador, ou pelo distanciamento cronológico do aparecimento do nome, assegurar-se plenamente da "intencionalidade" que norteou o ato da nomeação. Assim, se o topônimo escolhido nao estiver registrado, historicamente, em fontes fidedignas, a pesquisa resultará em um longo e improfícuo caminhar entre hipóteses e sugestões que dificilmente conduzirão à "verdade" do designativo. Entretanto, o conjunto das circunstâncias sócio-culturais, em seu mais amplo sentido, que constitui a realidade na qual o denominador se integra, como membro participante de sua dinâmica, poderá facilitar o possível conhecimento dos motivos que o condicionaram, naquele momento preciso.

GEORGE R. STEWART, por exemplo, ao publicar a sua classificação de topônimos, fez sentir a diferença existente entre "mecanismos" da nomeação e "motivos" do denominador, referindo-se os primeiros à "origem" das designações tópicas, matéria prima de interesse e importância para a disciplina, em seu entendimento, por traduzir o campo de trabalho essencial ao toponimista, enquanto os segundos estariam relacionados a "processos psicológicos", uma vez que "almost any conceivable stimulus, conscious or unconscious, may be working on the namer at the time of naming" (49).

Realmente, para ele, "all naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others.(...). At the same time,

---

49- "A classif. of place names", p. 2

however, other motives may be present in his mind, even consciously. He may be thinking, or instance, "I want to distinguish this place, and have some fun too". In such a case we may say that humor is a secondary motive, as it often is" (50). (O grifo é nosso).

Apesar de entender o autor serem os "mecanismos" ou "modos" de nomeação o ponto mais importante em qualquer formulação taxeonômica, releva o fato de que sua interligação aos "motivos" poderá ser logo percebida, desde que nem sempre os dois fatores podem estar completamente dissociados, em uma relação de total independência.

> "Since a discussion of the ways of naming, however, cannot entirely escape a consideration of motive, one can also point out that mixed motives naturally result in mixed mechanisms. Theoretically, one might assume that a single motive and therefore a single mechanism is always predominating, but even when a namer gives us two reasons for the naming, he does not always state, and doubtless he cannot always know, which was the predominating one. Thus Herrera declares that Ponce named Florida because of its flowers (descriptive) and because he discovered it at the season of Pascua Florida (incident). Although he necessarily state one before the other, he gives no indication as to which was the more important. Actually, statements by namers that they gave a name for two reasons are rare.(...). Yet we cannot doubt but that the namer was often conscious of more than one reason" (51).

Confrontando-se o restante do artigo de STEWART com as notas aquí transcritas, verifica-se que permitem as seguintes conclusões, pelo menos no que respeita ao conjunto das idéias por ele expostas:

a) um estudo pormenorizado dos "motivos" do denominador envolve noções mais profundas de psicolo-

---

50- "A classif. of place names", p.1

51- Ibidem, p. 12

gia humana, que escapariam aos objetivos das pesquisas toponímicas;

b) pode haver "motivos" concorrentes, numa mesma situação configurada: assim, ao lado do "motivo básico", dominante, não seria difícil a observação de "motivos secundários";

c) ao toponimista, mais do que o exame dos "motivos" do denominador, interessaria a análise da natureza semântica das denominações;

d) o autor pretendeu oferecer uma sistematização de "classes" de topônimos, que se revelasse de maneira "quase tão abrangente e prática quanto se possa esperar", e que incluísse os "mecanismos" da nomeação, poucos, em seu entendimento.

Muito embora insista o autor na averiguação dos "mecanismos" designadores, como o material de trabalho de grande alcance para a Toponímia, nota-se que a técnica de abordagem empregada força-o, a cada passo, a lançar mão de hipóteses explicativas da origem do topônimo, situando-se o seu modelo taxeonômico em uma perspectiva oposta aquela por nós apresentada, o que se poderá deduzir, comparativamente. Tudo leva a crer, pois, que o procedimento seguido indica, pelo menos em um primeiro exame, a não-desvinculação das classes toponomásticas da intencionalidade do denominador. Por isso, chega a necessitar, na maioria dos casos expostos, de um contínuo retorno ao passado histórico, por vezes tão difícil de ser desvendado, principalmente quando as fontes de informação sao escassas ou desconhecidas.

É possível, de fato, que, em uma área de pouca densidade toponímica, com denominações relativamente recentes

ou bem documentadas, tenham os informantes condições para explicitar a origem da nomenclatura geográfica, talvez até a dos acidentes físicos menores ou pouco expressivos. Pequenos corregos e ribeiros, pela sua localização mais mediterrânea, quem sabe, e por isso mesmo, caminhos menos utilizados, quantas vezes nao escaparam à uma identificação, permanecendo sem nomes até que novos agrupamentos os transformassem em vias preferenciais!

Mas em grandes extensões territoriais como a do Brasil, dotado, além disso, de uma das maiores redes hidrográficas do mundo — para citar apenas um dentre os demais fatores físicos —, o levantamento completo da origem da doação de um determinado designativo para cursos d'água destituidos de maior expressividade, em um contexto regional distante daquele onde se encontra o pesquisador, seria, seguramente, tarefa das mais difíceis e árduas, só levada a termo inclusive com o apoio de um grupo de colaboradores.

O que se quer insistir e deixar claro, porém, é que a "intenção" do nomeador, quando dela não se tiver certeza plena, conduz apenas a suposições, na tentativa de justificar o aparecimento do topônimo na área, as quais, na realidade, conseguirão tão somente aflorar a superfície dos fatos. Uma vez instalado o processo da dúvida no receptor, pela duplicidade dos argumentos sugeridos, a credibilidade de qualquer uma das hipóteses torna-se problemática, em nada concorrendo para a elucidação do que se pretendeu demonstrar.

Não, porém, que se esteja contra a concorrência de duas ou mais possibilidades para um mesmo resultado. Isso é perfeitamente admissível no âmbito de uma argumentação. Mas, com certeza, irá extrapolar, em muito, a confiança em um trabalho científico quando este incidir, como no caso em apreço, em

categorias taxeonômicas específicas, das quais se espera um certo coeficiente de segurança, ao serem submetidas à uma apreciação crítica.

É o que acontece, a exemplo, com os "Incident Names", mecanismo pelo qual se identifica o lugar mediante a contecimentos nele ocorridos ou em suas cercanias, e que pode i deixar margem à uma interpretação duvidosa de sua origem:

> "Thus Horseshoe Creek might come from a bend in the stream or from the finding or loss of that important bit of pioneer equipment. Even Blue Lake should not be written of thoughtlessly as only another commonplace description; it might have arise because someone happened to feel "blue" (52).

Ou, como ocorre entre os "Commemorative Names", que conferem a um topônimo já estabelecido uma nova implicação significativa. A não ser que se contasse com precisos elementos de apoio para as conclusões apresentadas (o que, infelizmente, não explicita o texto), dificilmente poderiam os fatos ser i terpretados da maneira pela qual o foram, por qualquer estudioso de vivência diversa daquela do autor:

> "Along early western railroads, for instance, the stations were often given old-world names merely because they had to be named in some way, and such names were conveniently available to anyone consulting a gazetteer. Nevertheless, it would be rash to say that some conventionalized idea of homage to the already established names was not present even here"(53).

Note-se, em abono da restrição arguida, que o próprio autor lança mão de uma ressalva, diante da hipótese apresentada.

52- STEWART, G. R.- "A classif. of place names", p. 5

53- Idem, Ibidem, p. 6

Também nos "Euphemistic Names", que descrevem o lugar buscando uma referência futura, através de uma idealização ou de um vir-a-ser ou expectativa de realização, percebe-se uma certa insegurança nas causas determinantes do topônimo, fruto, talvez, da própria característica da categoria. É o que transparece dos exemplos anotados: "Homeland may be named before anyone has established a home there; Wheatland, when the country is still unplowed prairie" (54).(O grifo é nosso).

O mesmo fato ocorre quando STEWART se refere "substituição de topônimos indígenas pelos nomes de cidades inglesas":

> "For instance, the replacement of Indian names by the names of English towns for early colonial settlements is generally considered commemorative. But in some instances it might certainly be considered euphemistic — that is, the namers were trying to make the new settlement seem more attractive to settlers by getting rid of what they sometimes termed "the savage name" and substituting the safe-sounding name of a well known English town" (55).

Quanto à essa última observação, pode-se contrapor fatos idênticos ocorridos no Brasil, na segunda metade do século XVIII. Deles existe documentação suficiente para determinar, com precisão, o deslocamento de topônimos portugueses, já consagrados em Portugal, para localidades da região norte do país, denominadas com os nomes indígenas dos primitivos habitantes.

LEVY CARDOSO dá conta desses acontecimentos, ilustrando-os com ocorrências verídicas: numa primeira fase, a denominação autóctone foi alterada por motivos de convicção religiosa dos padres missionários e, num segundo momento, a al-

---

54- STEWART, G. R. - "A classif. of place names", p. 8

55- Idem, Ibidem, p. 8

teração consubstanciou medida autoritária do governo português, através de carta-régia expedida pelo Marquês de Pombal, ao perceber, na permanência dos nomes de lugares indígenas, uma forma indireta de se conservarem vivos os idiomas nativos, tornados proibidos de se difundir, a partir de então:

> "Na Amazônia, por exemplo, os primitivos topônimos brasílicos, ajustados, quase sempre, a uma reminiscência da gente ou a uma reminiscência da terra, foram substituídos, a princípio, pelos colonizadores e catequistas, por uma denominação composta, em que o topônimo brasílico era anteposto, na generalidade, por um nome do hagiológio português, como por exemplo- Santo Antonio de Surubiú, S. Francisco de Gurupatuba, Santo Elias do Jau, Santo Angelo do Cumarú, Nossa Senhora da Conceição de Mariuá, Santa Rosa de Barароá, São Paulo de Canbebas, Nossa Senhora do Loreto de Maçarabí, São José de Macapá, Santa Rita de Cássia de Itarandeua, Santana de Saracá, Vila Viçosa de Santa Cruz do Camutá, além de uma série de outros, prevalecendo, mais tarde, porém, quase que exclusivamente, as denominações lusitanas" (56).(O grifo é nosso).

Os resultados da missão de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Capitão-General do Estado do Grão-Pará, na substituição dos antigos nomes brasílicos, ajustados, como lembra LEVY CARDOSO, a um imperativo da terra ou da gente, acabaram por desnaturar o quadro histórico da região. Ao se transpor motivos portugueses para uma realidade distinta, criou-se uma nomenclatura artificial, distante daquela primeira, que se adequava, por méritos naturais, aos acidentes que identificava.

Logo, a restauração da toponímia indígena substituida seria medida perfeitamente compatível com o espírito de preservaçao do caráter nacional, que anima o topônimo e se ajusta à visão realística que ele deveria carregar. Abrindo um precedente a ser seguido por outros países em circunstâncias semelhantes, a nomenclatura geográfica venezuelana, por exemplo,

---

56- LEVY CARDOSO, Armando- Toponímia brasílica. Rio de Janeiro, Bibliot. do Exército, 1961, p. 281-282.

acusa o fato da troca de nomes espanhóis por indígenas; tal o correu com a cidade de Caracas, nascida Santiago de Leon de los Caracas, que perdeu parte de seus elementos onomásticos para fixar, apenas, o designativo do grupo indígena local.

Seguindo esse princípio proposto por LEVY CARDOSO, deveriam retomar a primitiva motivação as cidades de Santarem, antiga Tapajós; Barcelos, antiga Mariuá; Chaves, antigo aldeamento dos índios Aruãs; Óbidos, cujo nome primitivo era Pauxí; Faro, denominada primitivamente Jamundá; Monte-Alegre, chamada então Gurupatuba.

Entretanto, algumas localidades da região amazônica registram um processo motivador inverso, na medida que tiveram substituidas por designações nativas os topônimos nascidos portugueses. Assim, Vila Bela da Imperatriz, depois Parintins; Luzéa, atual Maués; Vila Nova d'El Rei, hoje Curuçá; Lugar da Barra, tornada Manaus (57).

Sem dúvida alguma, essas circunstâncias históricas servem para revelar como o fato comum de diferentes línguas em presença em um mesmo território, com as implicações sociológicas delas decorrentes, pode, sob certas condições, ganhar conotação totalmente diversa.

Por isso mesmo, a lição de JEAN POIRIER, da Comissión de Géographie du Québec, assume um papel que não pode ser ignorado, pelo menos em função do espírito que anima esta tese:

> "Le contact des langues, en choronymie, est un phénomène que l'on peut qualifier d'universel. Il faut se rappeler que l'assiette toponymique de la plupart des territoires a subi des transformations profondes au cours des époques par suite notamment de migrations, invasions, découvertes, et colonisations. Des minori-

---

57- LEVY CARDOSO, A.- Topon. brasíl., p. 306

> tés conquérantes ont souvent substitué des appelations de leur choix à celles qui existaient lors de leur arrivée. Une foulle de choronymes furent en outre traduits. D'autres vocables on été plus ou moins profondément adaptés à la langue des nouveaux vénus. Notons aussi que les noms bilingues sont une conséquence fréquente des contacts de populations.
>
> Ces quatre caracteristiques, parmi les principales, ont marqué de leur empreinte la stratification choronymique ternaire du Québec qui est l'amérindienne, la française et l'anglaise. Effleurons quelques exemples trahissant le contact toponymique amérindien-français. Ainsi les nom de Ville-Marie(et plus tard Montréal) a évince le choronyme indigene Hochelaga; (...). Parmi les noms traduits soulignons celui de la rivière du Lièvre(comté de Papineau) qui a supplanté le terme indien Wabozsipi (...). Et entre les noms bilingues énumerons Chicoutimi-Nord, Grand-Cascapédia, Lac-Etchemin (...)"(58).(O grifo é nosso).

O segundo fator compreendido na motivação toponímica, e que mais de perto diz respeito à sua conformação básica e à sua funcionalidade, qual seja a natureza significativa dos nomes de lugares, evoca, simultaneamente, a problemática das classificações dos topônimos.

Esta é, de fato, uma das questões que sempre despertou o interesse dos estudiosos pela necessidade que toda disciplina experimenta de contar com uma terminologia específica, que lhe sirva de suporte aos dados genéricos e que, ao mesmo tempo, a singularize entre as demais (59).

Assim, a categorização dos fatos de análise em

58- POIRIER, Jean-"Politiques toponymiques du Québec a l'égard des contacts linguistiques". IN: DORION, H. et MORISSONEAU, C.- Les noms de lieux et le contact des langues, p. 334.

59- LÉVI-STRAUSS, C.- O pens. selv., p. 36:"Toda classificação é superior ao caos; e, mesmo uma classificação no nível das propriedades sensíveis, é uma etapa para uma ordem racional. Se se pedir para classificar uma coleção de frutos variados em corpos relativamente mais pesados e relativamente mais leves, será legítimo começar por separar as peras das maçãs, se bem que a forma, a cor e o sabor não tenham relação com o peso e o volume; mas porque as maiores entre as maçãs são mais fáceis de distinguir das menores, do que se as maçãs continuassem misturadas com frutos de aspecto diferente".

compartimentos distintos, identificados por uma nomenclatura básica e que lograsse a aceitação dos pesquisadores, convertese, portanto, em uma das metas a ser perseguida por aqueles que fazem dessa disciplina o seu objeto e trabalho.

Nesse sentido, a classificação toponímica apresentada por GEORGE R. STEWART difere, fundamentalmente, daquela por nós elaborada, como já se mencionou.

Apesar de objetivarem os mesmos resultados, ou seja, a verificação dos "motivos" que condicionaram o aparecimento dos topônimos, o trabalho brasileiro situa-se em uma perspectiva diferente da análise americana, que pretende enfatizar também os "mecanismos" do processo denominativo. Ainda que a "intencionalidade" do denominador represente, de fato, a condição para o batismo de lugares (para nós, os "mecanismos" ou os "meios" de nomeação, de uma certa forma, estão diluídos na "intenção de nomear"), não se fez dela o ponto de partida para a elaboração dos modelos taxeonômicos elaborados.

A própria existência do nome geográfico, como expressão lingüística, desvinculado de qualquer procedimento diacrônico, em tese ou genericamente, foi o sustentáculo das taxes sugeridas. Repita-se, aqui, a título de esclarecimento, o que se disse naquela ocasião:

> "Esse amalgama intrincado de nomes, que constitui a tessitura toponomástica propriamente dita de um território, deve ofrer, por sua vez, uma ordenação ou catalogação a partir, agora, não do doador (o homem) e, sim, do produto gerado. Num primeiro momento é, pois, o homem quem preside a escolha do nome, permitindo a averiguação de todos os impulsos que sujeitaram o ato nomeador; num segundo momento, é a denominação que irá condicionar e determinar os rumos dos estudos toponímicos" (60).

60- DICK, Maria V.P.A.-"O probl. das taxeon. toponím.", p. 76

O suporte da ação residiu, portanto, nos pressupostos semânticos que animam todo o signo toponímico, ainda que algumas vezes solicitem uma investigação mais elaborada de seu significado. Está claro que nem todas as evidências lín-guo-toponímicas puderam ser abrangidas por essa visão sincrôni ca da estrutura do nome geográfico. Muitas daquelas denomina-ções que, para efeitos práticos, se procurou conceituar, de mo do amplo, como Expressões Toponímicas simplesmente, não encon-traram um termo genérico, definidor por si só, da idéia nele contida.

Encontram-se nesse caso nomes da feição dos se - guintes toponomásticos, dentre outros semelhantes:

Aqui Perto	(AH PA) /	Busca Vida	(AH BA)
Deus me livre	(AH BA) /	Espero em Deus	(AH AM)
Fala Verdade	(AH MT) /	Há mais tempo	(AH MA)
Hora Apertada	(Sa.RN) /	Lava Cara	(AH MT)
Mata Porcos	(R. MG) /	Mal Cozinhado	(Rcho. CE)
Nao Sabia	(Ar.RS) /	Nos Convém	(AH BA)
Paga Conta	(AH PA) /	Paga Vista	(AH MT)
Passa Bem	(AH RO) /	Pega me larga	(Chap. GO)
Pega Bem	(AH MA) /	Pega Porco	(I. AM)
Pela Beiço	(AH BA) /	Pouco Tempo	(Rcho. PE)
Queira Deus	(Rb.MG) /	Quem diria	(AH AM)
Quenta Sol	(AH MG) /	Remate de Males	(AH AM)
Sai de Cima	(AH PI) /	Tapa Olho	(AH GO)
Tem Medo	(Rcho.MA)/	Triste e Feio	(R. BA)
Vai quem quer	(Lo.AM) /	Valha-me Deus	(AH MA)

Em idêntica situação se inscrevem topônimos que refletem categorias verbais, o que ocorre em alguns denominati vos, assim inscritos: Amanhece (AH MG); Veremos (C. BA); Vamos Ver (AH GO; Sa. de, GO; Cach. RO).

Sem dúvida alguma, a mesma fonte que fornece ao homem os estímulos e as impressões determinantes de suas condu tas e atitudes, também serviu de apoio para a organização das categorias toponomásticas. Nem poderia ser de outro modo, des de que se trata de atividades correlatas. Realmente, "nome" e "nomeador" pertencem a um só conjunto; são elementos da mes -

ma origem, unidos pelo "ato da nomeação", que os realiza significativamente, individualizando-os, porém, a partir desse momento, como se cada um interpassse uma existência autônoma.

Da mesma maneira que WHORF percebeu a "relação entre as palavras" como a qualidade "qui les rend capables de produire ensemble un résultat sémantique", enquanto essa relação "constitue la véritable essence de la pensée dans la mesure où elle relève de la langue" (61), também se pode interpretar a "nomeação" como a atividade que irá conferir outra substância às lexias comuns da língua, transformando-as em signos de um novo valor.

Foi esse entendimento que norteou a classificação então formulada:

> "A compreensão da existência de um vínculo estreito entre o objeto denominado e o seu denominador remeterá a toponímia taxeonômica ao estudo das motivações da nomenclatura geográfica.
>
> Os fatores ambientais, e sua dicotomia física e antropo-cultural, conforme a teorização de Sapir, constituem o cenário propício ao jogo iniludível dos interesses humanos, em que as percepções sensoriais e as manifestações psíquicas brotam como fontes geradoras dos motivos toponomásticos.
>
> O mecanismo da nomeação, causado, portanto, por influências externas ou subjetivas, transparece em topônimos das mais diversas origens e procedências.
>
> (...) Aceitando-se a repartição genérica dos fatos cósmicos em duas ordens de conseqüência — a física e a antropo-cultural — pode-se acatar a mesma duplicidade de visão para o enquadramento dos topônimos e, dentro dessa bicompartimentação, situar as modalidades particularizantes" (62).

É, pois, na realidade circundante, ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que se encontram as influências positivas ou negativas de sua própria experiência cultural, no mais amplo

---

61- Linguist. et anthrop., p. 25

62- DICK, Maria V.P.A. - "O probl. das taxeon. toponí...", p.375-376.

sentido. E é nessa mesma cadeia de possibilidades que os topônimos se estruturam e se distribuem em estratos de diversas naturezas.

3.1. - O conceito de ambiente e sua projeção na Toponímia

A concentração do homem em áreas acessíveis as condições naturais da vida, que lhe permitam, além disso, relativa segurança e bem-estar, proporcionando, ainda, a necessária garantia à perpetuação do gênero humano no local, traz a exame os aspectos concernentes ao conceito de ambiente, de um modo amplo.

Desde tempos os mais remotos, houve sempre essa preocupação com o espaço habitável pelo homem — o "oekumeno dos antigos" — e definido como "todo e qualquer espaço em que as condições naturais possibilitem a organização da vida em sociedade" (63).

Apesar de geógrafos como OLIVIER DOLFUSS procurarem estabelecer uma "revisão" da noção do oekumeno, a verdade é que o espaço geográfico ainda parece continuar sendo encarado em termos de sua "acessibilidade" aos homens, desde que se não negligencie a influência da ação humana que "tende a transformar o meio natural em meio geográfico, isto é, em meio moldado pela intervenção do homem no decurso da história" (64).

63- DOLFUSS, Olivier- O espaço geográfico. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 3. ed., Rio de Janeiro-São Paulo, Difusão Editorial, 1978, p. 7

64- Idem, Ibidem, p. 29.- Cf., também, op. cit., p. 7: "Impõe-se uma revisão desta noção de oekumene. Observou-o o próprio Max Sorre, geógrafo que a desenvolveu(...): "Para nós,

O próprio autor esclarece o significado dessa atividade transformadora de uma paisagem natural:

> "Em nossa época, paisagens naturais são aquelas que não se inserem no oekumeno em sentido estrito. Trata-se de regiões inadequadas, por razões climáticas, às atividades agrícolas ou à criação de gado; entre elas se incluem os terraços das montanhas muito elevadas e as regiões geladas das grandes latitudes, os desertos frios ou quentes, por vezes as extensões florestais ou pantanosas do domínio tropical. Entretanto, encontram-se salpicadas de instalações destinadas a atividades precisas: bases científicas e estratégicas nas latitudes elevadas, minas nos desertos ou nas montanhas. O clima, a dificuldade das comunicações e o isolamento tornam muito onerosa a presença do homem moderno nesses ambientes pouco favoráveis.(...). A instalação do homem em pontos situados nesses espaços vazios pode contribuir para modificar localmente o meio, sem entretanto afetar o caráter geral do conjunto" (65).

Note-se, porém, que a maneira pela qual o homem se utiliza dos fatores ambientais (temporariedade ou permanência do uso, e/ou transformação total da paisagem pela substituição dos recursos), não se subordina a um único dado e, sim, a um conjunto de circunstâncias igualmente ponderáveis, que DOLFUSS procurou discriminar, praticamente. Ao dizer que "os recursos naturais de um espaço determinado só adquirem valor em função de uma sociedade, de uma época e de técnicas de produção determinadas", por "estarem na dependência de uma modalidade de produção e da conjuntura de uma época" (66), deu ênfase ao problema das relações homem/meio, dentro de um certo nível de desenvolvimento.

Para ele, as possibilidades de aproveitamento dos recursos ambientais, dentro de coordenadas temporais, foram co

---

-tal como para os Antigos, o oekumeno ainda é a terra habitada e mais os seus anexos: a area de expansão do gênero humano tende a confundir-se com a superfície do globo".

65- DOLFUSS, O.- Ibidem, p. 30-31

66- Idem, Ibidem, p. 37

locadas nos moldes seguintes:

> "De acordo com as épocas e com as técnicas, um mesmo recurso oferece possibilidades diferentes de utilização. Um rio tanto pode fazer girar moinhos, como fornecer água necessária a um perímetro de irrigação, ou ser utilizado por uma indústria de papel ou têxtil, contribuir para o resfriamento de uma central termelétrica, suprir de água uma aglomeração humana ou servir como elemento viário para transportes fluviais (...). A melhor utilização possível de um elemento do espaço, em função das necessidades da sociedade, constitui um dos problemas da organização do território" (67).

A leitura atenta desse enunciado conduz, naturalmente, à conclusão de que "cada meio oferece uma série de possibilidades com as quais se pode lidar de diversas maneiras", como acontece com os esquimós da região ártica, "que sentem necessidade de habituar(em)-se à longa noite do inverno, a suportar o frio rigoroso e a violência dos ventos, consumindo uma alimentação baseada sobretudo em gorduras e proteínas. Essas populações amarelas demonstram uma resistência bastante extraordinária ao frio (encontrada igualmente entre os nativos da Terra do Fogo que viviam praticamente nus em meio aos grandes ventos gelados de sua terra)"(68).

Atendo-se ao ponto de vista da maioria dos geógrafos, pelo menos, pode-se sintetizar tudo quanto foi dito acerca do espaço geográfico considerando-o aquele "espaço percebido e sentido pelos homens em função tanto de seus sistemas de pensamento como de suas necessidades. À percepção do espaço real, campo, aldeia ou cidade, vêm somar-se ou combinar-se elementos irracionais, míticos ou religiosos. Assim, as grandes montanhas constituem a morada dos deuses, desde o Olimpo para os gregos da Antiguidade, até o Annapurna para as populações do

---

67- DOLFUSS, O.- O esp. geográf., p. 38

68- Idem, Ibidem, p. 43-44

Nepal. A água está pejada de significação; há fontes e lagos sagrados, mas a idéia de coisa sagrada pode associar-se à utilização precisa de um elemento do espaço. Cada agrupamento humano possui uma percepção própria do espaço por ele ocupado e que, desta ou daquela maneira, lhe pertence (...)"(69).

Tomando-se, então, por princípio, o fato de que o espaço natural é percebido de maneira peculiar pelo povo que o habita, e do qual tem uma noção precisa, chega-se à conclusão de que a compreensão do ambiente brasileiro foi a primeira grande dificuldade enfrentada pelo colonizador português, quando aqui aportou, no século XVI, procedente de um meio caracterizado por condições geo-físicas divergentes das recém-encontradas. Não é preciso, por certo, recorrer-se muito à imaginação para compor o cenário das novas paisagens que, dificilmente, poderiam comportar o mesmo estilo europeu de vida:

> "Com assombro contemplaram os homens do "jardim à beira mar plantado" as selvas tropicais de variado tipo, para além dos prados de diferentes gradações de seca, ou extensos pântanos, onde o nível das águas todos os anos subia e descia. Para o interior da costa, escassa de ancoradouros, dificultavam, uma após outra, as serras o acesso aos vastos planaltos. Mais difícil era ainda avançar a pé por uma das maiores regiões planas do mundo, contornando o mais imponente dos rios, com o seu maravilhoso entrelaçado de braços por entre ilhas pantanosas. Sempre e por toda a parte, o sol dominador poderoso(...). Em parte alguma encontraram a correspondência do inverno das montanhas de Trás-os-Montes e o calor não era muito mais intenso que o do Algarve inundado de sol. O clima era, contudo, bastante diferente, para que os pioneiros em certas regiões do país, boas razões tivessem em se sentirem confusos, quando se tratava de aplicar as designações usadas na mãe pátria, inverno e verão"(70).

Examine-se, ao acaso, qualquer uma das diversidades regionais brasileiras, especificamente, a Amazônia, por

---

69- DOLFUSS, O.- O esp. geográf., p. 52-53

70- LIND, Ivan- De Portugal ao Brasil- Um pequeno estudo de Toponímia Brasileira- Lisboa, Casa Portuguesa, 1963, p.28-29

exemplo, para se avaliar o quanto de diferenças e contrastes, em relação ao meio e aos recursos que dele s poderiam obter, aguardava o colonizador em sua conquista da terra:

> "Quem examina o problema sociológico da Amazônia, através da Geografia, remarca, i sensivelmente, a disparidade entre o palco da Natureza e o ator nel perdido. A terra, agressivo e indomável pelo deserto que anula a energia humana, não esteriliza apenas o trabalho imediato do prisioneiro ao ar livre, mas a sua ação remota, a atividade do amanhã, que o arrancaria da soledade estéril. E o panorama do ser esmagado pelo imenso habitat é tão impressionador, que os viajantes se espantam com o fenômeno. A fragilidade que envolve a vida no campo despovoado ou na floresta solitária, na beirada dos caudais ou no alto dos platôs, assusta os próprios observadores que sobem e descem o curso do Rio-Mar.
> (...) A falta de sociedade enfraquece o morador e as distâncias matam-no" (71).

Diante de todo esse mundo novo, de contornos imprevisiveis e de condições ambientais estranhas aos olhos europeus, que deveria, antes de tudo, ser conquistado e assimilado, seria natural, mesmo, de um outro ponto de vista, que alguns elementos de sua cultura não alcançassem, aqui, idêntica difusão. Houve, por conseguinte, um esvaziamento do conteúdo semântico dos respectivos referentes lingüísticos, perdendo-se, por outro lado, como acentuou IVAN LIND, "uma grande parte de palavras que não se adaptavam ao novo meio social, por exemplo, burgo, castelo, solar, herdade, (...)"(72).

A compreensão do espaço geográfico brasileiro pelo homem português encontrou também outro fator de tênsão ou de desequilíbrio justamente na presença do autóctone, no território.

Ao domínio do solo acrescem-se, então, a necessidade da conquista do elemento de outra etnía, significando, em

---

71- MORAIS, Raimundo- Anfiteatro amazônico. 2. ed., São Paulo, Melhoramentos, s/d, p. 290-291

72- De Port. ao Bras., p.30

conseqüência, a participação estrangeira na própria cultura a meríndia, em seus usos e costumes, hábitos e tradições, crenças e atitudes, enfim, no estilo real de vida do habitante da terra.

Uma assimilação assim totalizante só poderia atingir a plenitude de propósitos mediante o conhecimento nao só do espaço físico em que se movimentava o nativo mas, principalmente, pelo domínio da língua, com a captação do verdadeiro e preciso significado das expressões lingüísticas que traduziam a cosmovisão indígena.

O que se disse a respeito da inaplicabilidade,no Brasil, de certos designativos europeus, encontra apoio nos princípios teóricos expressos por SAPIR, em seus estudos sobre a linguagem em geral:

> "Le vocabulaire constitue un indicateur extrêment sensible de la culture d'un peuple et des phénomènes comme les changements de sens, la perte de mots anciens, la création et l'emprunt de mots nouveaux sont étroitement liés à l'histoire de la culture elle-même. Les langues diffèrent considérablement quant à la nature de leur vocabulaire. Des distinctions qui nous paraissent inévitables peuvent être totalement inconnues dans des langues reflétant un type de culture entièrement différent du nôtre; de leur côté, ces langues attachent une grande importance à des distinctions presque inintelligibles pour nous.
>
> Ces différences entre vocabulaires s'étendent bien audelà de l'atribution de noms particuliers aux objets propres à une culture donnée comme une pointe de flèche, une cotte de mailles ou une cannonière. Elles portent aussi sur le domaine de la pensée"(73).

SAPIR também deixou claro, em outro momento, o fato de que a percepçao mais aprimorada de qualquer realidade diferente daquela a que os indivíduos pertençam vai depender da compreensão ampla que se tenha do termo "ambiente", para e-

73- SAPIR, Edward- "Le Langage". IN: Linguistique. Trad. Jean-Élie Boltanski e Nicole Soulé-Susbielles. Paris, Les Éditions de Minuit, 1968, p. 57.

le um dado relevante no process inter-cultural:

> "Dans l'ensemble il est préférable de réserver le terme d'"environnement" pour désigner les influences de nature physique qui échappent à la volonté de l'homme. Cependant lorsqu'on aborde la question du langage, défini comme un réseau de symboles reflétant le monde physique et social tout entier où se trouve placé un groupe d'hommes, on a intérêt à inclure dans le mot "environnement" des facteurs physiques et sociaux. L'environnement physique comprend les caractères geographiques, tels que la topographie du pays (côte, vallée, plaine, plateau, ou montagne), le climat, la pluviométrie et ce que l'on peut appeler la base économique de la vie humaine, c'est-à-dire en particulier la faune, la flore et les ressources minérales de la région. Par environnement social, il faut entendre les diverses forces de la société qui façonnent la vie et la pensée de chaque individu. Parmi les plus importantes de ces forces sociales, citons la religion, les valeurs éthiques, la forme du système politique et l'art" (74).

Entretanto, nao se pode ignorar a ressalva por ele feita quanto a um fator, mais expressivo que a mera existência de um dado ambiental, e representado pelo "interesse" ou pela necessidade que o grupo experimente em relação a esse aspecto percebido. A análise lingüística, assim sendo, irá por em evidência não o espaço geográfico, na totalidade de suas paisagens e recursos imanente e, sim, a porção, ou porções desse espaço que, de uma forma ou de outra, representem um conjunto positivo de forças para a comunidade.

As comparações estabelecidas pelo autor, entre os sistemas léxicos de povos indígenas norte-americanos os Paiúte e os Nootka — localizados, como refere, em pontos mediterrâneos e costeiros do território, sob condições geo-físicas diferentes, implicando em atividades grupais distintas, levaram-no a concluir que a maior ou menor incidência de vocábulos relacionados aos respectivos domínios de experiência estaria, assim, ligada aos elementos ambientais. As disponibilidades lin

74- SAPIR, E.-"Langage et environnement". IN:Linguistique, p.74

güísticas dos falantes seriam reguladas, de uma certa forma, portanto, pelas condições relevantes de seu espaço geográfico, desde que houvesse, por elas, o já mencionado "interesse":

> "Nombreuses sont les langues dont le vocabulaire porte ainsi l'empreinte du milieu physique, en particulier dans le cas de tribu primitives, où la culture n'a pas atteint un niveau de complexité impliquant des intérêts quasi universels.(...): ainsi le vocabulaire caractéristique d'une tribu côtière comme celle des indiens nootka où des termes précis servent à différencier de nombreuses espèces d'animaux marins vertébrés ou invertébrés peut être rapproché du vocabulaire de certaines populations de pêcheurs en Europe(...). Soit, à l'opposé, les habitants d'un plateau désertique, comme les indiens paiute méridionaux de l'Arizona, du Nevada et de l'Utah: leur vocabulaire comporte, pour toutes sortes de caractéristiques topographiques, une quantité considérable de mots qui parfois semblent presque trop précis pour avoir une valeur pratique(...).
>
> Dans le cas des vocabulaires spécialisés du nootka et du paiute méridional, il est important de remarquer que ce n'est pas simplement la faune ou les traits topographiques du pays en tant que tels qui trouvent leur expression mais plutôt l'intérêt que prennent les habitants à ces traits de leur environnement" (75).

Todo o idioma tenderia, pois, a apresentar uma feição particularizante, desde que, segundo a explicação de GUERMAN GUIZZETTI, ele vem a se constituir no "modo de falar de um grupo social determinado, produto de uma comunidade de hábitos lingüísticos coletivos" e, além disso, "mostra um duplo aspecto estático e dinâmico que, por outro lado, nos apresenta todos os fatos sociais e, em conseqüência, a cultura"(76).

LÉVI-STRAUSS, com exemplos retirados das culturas indígenas de todo o mundo, interpreta as tendências lexicais refletidoras desse mesmo "interesse" por determinado as-

---

75- SAPIR, E.-"Lang. et environ.", p. 75-76

76- GUIZZETTI, Guerman F.-"La etnolingüística: del mundo del idioma al mundo de la cultura". IN: Revista de Antropologia. São Paulo, Univ. de São Paulo, 1957, p. 78

pecto do ambiente, segundo um modelo que parece inverter as posições do conceito de "utilidade", no binômio homem/meio, mas que, no fundo, retrata a mesma identidade de pensar aqui exposta; apenas a ordem relacionante pode não ser a mesma, uma vez que, para ele, "as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam úteis", mas "são classificadas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas" (77).

Já em outra obra, o mesmo autor, fazendo referência a um grupo nativo brasileiro, os Bororo da região centro oeste, deixa claro quanto o meio circundante pode atuar em uma determinada coletividade, de maneira a caracterizar-lhe o estilo de vida e a própria definição do povo, em termos sociais:

> "A habilidade caçadora dos Bororo foi despertada ou favorecida, sem dúvida, pela vizinhança do pântano rico em caça do curso médio do Paraguai, e o lugar ocupado pela pesca na economia do Xingu é certamente maior do que o seria nas regiões setentrionais dos Aweto e Kamayurá" (78).

Em sentido idêntico, ou seja, abordando a mesma integração meio-físico/cultura entre esses indígenas, manifestou-se CARLOS DRUMOND:

> "(...) através o exame dos nomes dados pelos Bororo a morros, rios, ancoradouros, etc., inferimos, de imediato, e no caso tem valor corroborativo, a característica fundamental do gênero de vida destes índios: uma sociedade de caçadores. O mundo animal, intimamente ligado à sociedade humana, através os elementos ergológicos e animológicos que compõem o patrimônio cultural deste grupo, está presente na maioria dos topônimos" (79). (O grifo é nosso).

77- LÉVI-STRAUSS, C.- O Pensam. selvag., p. 29

78- Idem, Antropol. estrut., p. 132

79- DRUMOND, Carlos- Contribuição do Bororo à toponímia brasílica. São Paulo, Bolt. da Univ. de São Paulo, 1969, p.16

Como se pode notar do trecho citado, o autor ressalta uma das características principais da nomenclatura geográfica bororo, exatamente aquela que revela a assimilação do espaço pelo homem, mediante uma feição tipicamente atributiva de seu código lingüístico, que pode ser também verificável nesta outra referência:

> "(...) a nomenclatura dada à flora local por estes índios confirmava plenamente a característica que vimos apontando, isto é, aproximadamente 70% dos nomes de plantas são referentes a animais (nomes em que figuram explicitamente as semelhanças de caracteres morfológicos entre plantas e animais; nomes em que tal semelhança é atribuída indiretamente; nomes de plantas que servem de alimentos de animais. Ex.: amemaréu i (améma =esp. de lagarto; réu =sufixo de semelhança; i =árvore) =árvore cuja casca assemelha-se à pele do lagarto; adúgo i (adúgo =jaguar) =árvore cuja casca é sulcada por listras longitudinais que uma lenda afirma terem sido produzidas pelo escorregar das garras do jaguar que tentava subir ao alto da árvore" (80).

Do ponto de vista da toponímia, os registros apontados por DRUMOND são exemplos de um tipo de motivação específica, definida, funcionalmente, em torno de um universo grupal restrito, como se pode constatar:

> "Adugóri — Adúgo-ri - Com este nome os Bororo designam dois morros. Um situado às margens do rio Tugorijão (rio Diamantino, afl. do Araguaia); outro no curso inferior do rio Pogúbo Xeréu(r. São Lourenço);
>
> Adúgo - é o nome bororo para a "onça pintada", ri significa "morro". Adugóri =morro da onça pintada; morro do jaguar" (81).

80- DRUMOND, Carlos-"Caracterização de aspectos da cultura do Bororo através da língua". IN: Idiomas, Cosmovisiones y Culturas. Rosario , Univ. Nacional del Litoral, 1968, p. 55-62.

81- Idem, - Contrib. do Bororo à toponím. brasíl., . 29

"Amenári - Améma, ri — Nome de um morro próximo às nascentes do rio Tadariumána.

Améma é o designativo de uma espécie de lagarto, que Basílio de Magalhães diz ser o "Teus aneiva". Amenári traduz-se: o "morro do lagarto" (82).

Outros topônimos bororos evidenciando idêntico procedimento no recorte da realidade pode ainda ser mencionados, em abono dos fatos teóricos referidos:

"Jerigigíri - Jerigígi; ri - Morro a mais ou menos 30 km. a s oeste do Meruri.

Jerigígi - (...) é o nome do "cágado". Este acidente geográfico foi assim denominado em face da semelhança que apresenta, visto à distância, com aquele animal. Os civilizados chamam-no de "morro do Ombro", ainda em conseqüência da sua configuração(...)".

"Jukóri - Júko; ri - Morro nas nascentes do ribeirão Porubí.

Júko -(...) é o designativo de uma variedade de "macaco", considerado um dos muitos antepassados do clã dos Páiwoe (...)"(83).

"Kudoróri Kudóre; ri — Morro no município de Poxoréu.

Kudoróri: morro da araraúna ou da arara azul. A denominaçao dada a este acidente geográfico não deriva propriamente da presença destas aves naquele morro, mas sim é devido ao seu colorido, o qual,visto à distância, tem atizes da côr das penas da araraúna. Kudoróri, deste modo, poderia ser traduzido por "morro azulado"(.84).

Essa visão personalíssima de interpretar o mundo, oferecida pelos Bororo, mas que pode ser também notada em qualquer cultura, seja em seus constituintes ergológicos ou anímí-

---

82- DRUMOND, C.- Contrib. do Bororo à toponím. brasíl., p.29-30

83- Idem, Ibidem, p. 32

84- Idem, Ibidem, p. 35

cos, é a responsável, portanto, elas peculiaridades distintivas de sistemas de comunicação de povos diversos, ao nível lexical e toponímico, este como decorrência lógica daquele.

Mesmo no conjunto das sociedades indígenas brasileiras, logram os Bororo ocupar uma situação especial pela peculiaridade da "visão de mundo" que os distingue, conforme se viu, como um grupo de caçadores, responsável, também, pela densidade zoo e fitotoponímica na nomenclatura geográfica regional. Esta se apresenta, ainda, enriquecida, pelo fato de estar cronologicamente vinculada ao próprio denominador, excluindo a possibilidade da nomeação indireta, não rara entre os Tupi, por exemplo.

Tal circunstância preservou os topônimos de contaminações externas, na expressão e no conteúdo, o que não difícil de se supor.

Já em oportunidade anterior, ao se procurar estabelecer as origens do sistema toponímico brasileiro, tratou-se do problema, fazendo-se sentir, então, que, "em termos quantitativos, a contribuição do Bororo à toponímia brasileira foi bem menor que a dos Tupi, sem dúvida alguma uma das mais importantes famílias indígenas de que notícia a etnografia do Brasil. As circunstâncias dessa influência, (...) remontam à História do país. Apesar das referências obrigatórias ao grupo, quando se pretende discutir as raíze da terra e de sua gente, as dificuldades da pesquisa antropo-lingüística esbarram no fato comum, apontado pelos historiadores, dos constantes deslocamentos (...) pelo território. Alguns destes autores, como ARTHUR RAMOS, condicionam a "mobilidade geográfica" dos Tupi "mobilidade sócio-cultural".Por isso mesmo, o sistema léxico tupi, envolvendo aspectos da cultura material, como reflexo de uma sociedade de economia mista, não se fixou em nenhum deles,

em particular, marcando, portanto, uma posição antitética à dos Bororo. Daí a gama variada de sua contribuição linguística ao Português, que preservou, nos vocábulos fossilizados, as características de uma realidade ambiental diversificada ou de múltiplos domínios de experiência. Se muitos desses designativos, hoje, escapam ao linguajar corrente do brasileiro, impulsionado, constantemente, pela dinâmica da língua, outro tanto não ocorre na toponímia, que se vale deles como fonte contínua de motivação, mantendo, assim, vivas, as tradições culturais indígenas" (85).

Se entre estes últimos (os Tupi), nota-se uma toponímia rica em derivações, distribuida em um maior número de categorias taxeonômicas, comprovadas nos registros onomásticos existentes, o envolvimento mais restrito dos nomes bororos as classes referidas coloca-os dentre os chamados processos descritivos de nomeação associativa, segundo a terminologia de STEWART (86).

Ora, o mecanismo da descrição de um lugar, através de seus aspectos mais relevantes ou transparentes, inscreve-se naqueles meios que retratam o espaço geográfico de um ponto de vista imediato ou direto, facilmente denotado, portanto, pelo observador.

A referência que despertou, de pronto, a sua a-

85- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral-"O sistema toponímico brasileiro". Separata da Revista de Letras. São Paulo, Fac. Fil. Letr. e Cienc.Hum. da Univ. de São Paulo, V. 5: 315, 1976.

86- STEWART, G.R.-"A classif. of place names", p. 3. O autor inclui, entretanto, os nomes de animais em uma outra categoria - os Incident Names - que respeitaria, unicamente, à uma associação ou característica temporária do lugar. Assim, "most animal names (Wolf Creek, Antelope Spring) fall into this category. They do not mean that the animal was unusually plentiful at that spot or specially characteristic of it, but merely record a particular occasion upon which the animal was encountered". Mas, como já se frisou anteriormen

tenção encontra-se na própria natureza do acidente nomeado, salientando-lhe as qualidades de modo objetivo (cor, forma, dimensão, situação geográfica) ou subjetivo (aspectos atribuidos ao lugar pelo homem: belo, feio, bom, ruim, triste,alegre);ou, ainda, na projeção de circunstâncias externas que descreveriam o acidente indiretamente, isto é, não mais pela sua natureza intrínseca e, sim, pelo fator extrínseco, indicativo, também, de uma permanência temporária, não duradoura.

No primeiro caso, o nome resultante seria um "descritivo puro" e, no segundo, um "descritivo associativo".

De acordo com a conceituação do autor, o nome "descritivo puro" especificaria "a quality genuinely and inalienably connected with the thing named, e.g., Black Butte, Long Island, Crescent Lake, Granite Mountain, Roaring Run,Echo Rock, Bayport, Horse Heaven" (87).

Mas, como o próprio STEWART esclarece, a descrição de lugar que perpetua "a quality of the place that can be appreciated by one of the senses, most commonly sight" (88), não implica, necessariamente, em sua adequação ao acidente como um todo unitário; bastará para tanto a presença do nomeador em apenas um ponto qualquer do local a fim de que o aspecto observado seja extensivo ao conjunto, genericamente. Isso traz, como conseqüência, via de regra, uma reprodução parcial das condições do lugar, fato muito comum em muitos cursos d'água, que, em virtude de sua extensão, não exigem o conhecimento com

---

-te, essa especificação poderia ser incluida em outra mais ampla, exatamente aquela dos nomes associativos, mais abrangentes. (Cf. "O probl. das taxeon. toponím.", p.375).

87 -STEWART, G.R. - Ibidem, p. 3

88 -Idem, Ibidem, p. 2

BIBLIOTECA
GRADUAÇÃO - FFLCH
USP

plete da corrente como dado obrigatório para o batismo descritivo:

> "Streams, in particular, are very likely to be named by their characteristics at one point, that is, at the place where the first trail crossed them. Obviously, a stream is usually named before anyone has a chance to explore all along it and decide upon what would be the best descriptive name for the whole"(89).

Ora, o exame toponímico dos cursos d'água brasileiros, na região norte do país, formadores das grandes bacias hidrográficas locais, presta-se bem a uma exemplificação elucidativa do assunto. Chegam, mesmo, a revelar o problema paralelo da chamada "superposição lingüística", desde que se leve em conta serem as zonas ribeirinhas dessas correntes fluviais habitadas por famílias indígenas diferentes entre si, que transformaram a Amazônia num verdadeiro mosaico de idiomas, muitos, ainda hoje, apenas razoavelmente conhecidos.

LEVY CARDOSO, por exemplo, aponta as sucessivas denominações descritivas, em sua quase totalidade, atribuidas ao imenso caudal que é o rio Amazonas, "um dos acidentes geográficos de mais difícil estudo, não só porque corta, no sentido dos Meridianos, todo o imenso território da Amazônia, fator que sempre se opôs à sua posse, em toda a sua extensão, por uma só família lingüística, como ainda porque a sua própria largura o tornava muitas vezes a divisória natural entre várias dessas famílias(...)"(90).

Como ele mesmo esclarece, "partindo do presente para o passado ele é, em nossos dias, o Amazonas, denominação derivada da lenda criada por Francisco Orellana, que foi adotada pelos colonizadores portugueses e, também, por seus descen-

---

89- STEWART, G.R.-"A Classif. of place names", p.--3

90- Toponí . brasíl., p.132-133

'entes brasilei os. Foi, ant rio me te, o Santa Maria de Mar Dul e, de Pinzón(...). Foi, ain'a, o Marañon de d'Anghiera e o Parauaçú dos tupis(...). Foi, ainda, em época anterior, o Guêni dos ar acos, sim les corruptela de seu primitivo étimo, o Uêni(...)"(91).

Outro exemplo de topônimo d scritivo é aq ele representado pelo rio da Água Verde, afluente da margem esquerda do rio Sumidouro. No dizer de LEVY CARDOSO, "o que mais impressiona, d fato, naquela corda líquida, é, exatamente, a característi tica esverdeada de suas águas, fenômeno esse que influiu, poderosamente, em s ua toponí ia, pois a denominação do rio, na língua dos exploradores bra ileiros, nada mais é, efetivamente, do que uma perfeita e literal tradução de seu primitivo nome.

"O nome do rio foi traduzido, a princípio, pela Comissão Rondon(...) para rio Verde, nome que foi substituido, posteriormente, pela atual denominação, que é - rio de Água Verde. O topônimo Anhanazá, de fato, deriva do aritî aiana , que significa verde, e de zá, que é água"(92).(O grifo é nosso).

Dentro da série cromática de no es de rios, ocupa papel de importância a relacio ada aos rios brancos e negros, pela esma circunstância da aparência de suas águas.

91- LEVY CARDOSO, A.-Toponím. brasíl., p.133 - A respeito desta terminologia, esclareça-se qu apenas os últimos, de procedência indígena, quais sejam o Parauaçú (do tupi pará,mar ou rio e uaçú, grande) e Guêne ou Ueni (do aruak u^ne, rio) Podem ser considerados como descritivos puros, porque reproduzem, e. última anélise, o acidente em si mesmo, e sua pró ria natureza. Os dois primeiros designativos, Amazonas e Santa Maria de Mar Dulc , são descritivos associativos , não descrev ndo o acidente em si, mas em uma característica circun tancial. Quanto ao topônimo Marañon, reflete uma etimologia controvertida, o que dificulta a sua classificação em uma ou outra das categorias distintivas.

92- Idem, Ibidem, p. 137

Cite-se, como ilustração, o conhecido afluente do Amazonas, o rio Negro, como "um dos mais típicos exemplos da contínua predominância, numa denominação geográfica, do elemento que mais impressionou, à primeira vista, num acidente(...). Todos os sertanistas e viajantes que o percorreram são unânimes em referir, como o elemento mais característico do rio, justamente, essa coloração escura de suas águas"(93). Essa informação LEVY CARDOSO foi recolhê-la em vários autores, entre os quais DIONÍSIO CERQUEIRA, que a interpretou do seguinte modo:

> "É um mar. Como ele, tem tempestades que o sublevam e ondas imensas e tragam embarcações que não tem tempo de fugir às suas cóleras. Mas é um mar triste, com as águas da cor das noites escuras, onde nada se pode ver abaixo da tona, nem um peixe, nem um raio de sol. Guardei durante vinte anos uma garrafa dessa água que, ao captar, tinha a cor amarelada do âmbar. Perdeu-a depois inteiramente, tornando-se branca e cristalina, como se fosse apanhada no rio Carioca. Aparecia, apenas, no fundo da garrafa, um pequeno resíduo. O seu colorido especial é atribuído por Alexandre Humboldt a carburetos que elas levam em dissolução; e, por outros, à presença do ácido úlmico. Os rios pretos e brancos já nascem assim".
>
> Dionísio Cerqueira, Fronteira, 145"(94).

O mesmo problema da superposição lingüística encontrado na nomenclatura do rio Amazonas também se torna comum à natureza desta corrente hidrográfica. LEVY CARDOSO, resumindo as constatações de GUILHERME STUDART, CRISTOBAL DE ACUÑA e do Padre JOÃO FELIPE BETTENDORF a respeito do assunto (95), esclareceu o seguinte:

"Assim, a atual denominação do rio Negro, no

93- LEVY CARDOSO, A.- Toponím.brasíl., p. 139

94- CERQUEIRA, Gal. Dionisio Evangelista de Castro-Reminiscências da fronteira. Rio de Janeiro, Briguiet.1920, p.145.IN: LEVY CARDOSO, A.-Ibidem, p.139-140

95- STUDART, Guilherme-"Delimitação Geográfica do Maranhão".Rev. da Sociedade de Estudos Paraenses,II, 8.IN: LEVY CARDOSO,

me que lhe foi imposto por Orellana, segundo a valiosa informação de Gaspar de Cravajal, seu companheiro em toda aquela épica travessia e o cronista daquele memorável sucesso, nada mais representa, na verdade, do que o fato que mais impressionara ao panaquiri castelhano, da mesma maneira que impressionara já, em épocas pré-cabralinas, aos brasís que nele assistiam quando o denominaram de Curiguacurú, de Curumã e de Iuna" (96).

Relativamente aos rios de coloração clara, novamente é o testemunho de LEVY CARDOSO que vai se constituir, uma vez mais, em fonte informativa, ao escrever sobre o rio Branco:

"O mais importante dos rios de águas claras é, evidentemente, o rio Branco, da toponímia da Amazônia.

Ele foi, primitivamente, entre o gentio aruaco, o Queceuene, topônimo esse que expressava, para a grande corrente líquida, a mesma denominação dada pelos portugueses, decorrente da coloração clara de suas águas, sobretudo em comparação com as águas do rio Negro" (97).

O naturalista e etnólogo ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA também dá o seu testemunho sobre o acidente, anotando que "a cor de suas águas é branca, ao contrário do rio Negro, e por isso lhe deram os portugueses o nome de rio Branco. Não que este fosse o seu verdadeiro nome, porque segundo leio nos diários de viagens por esta capitania, consta que todos os

---

-Toponím. brasíl., p.141:"Os naturais lhe chamam Curiguacuru, outros Curuna, que quer dizer na própria língua, agua preta". ACUÑA, CRISTOBAL- Novo Descobrimento, 250. IN:LEVY CARDOSO, Ibidem, P. 142: "Mas os Tupinambas, dos quais depois falaremos, lhe puseram o nome de Uruna, que em sua língua quer dizer água negra". BETTENDORF, Pe. João Felipe- Crônica, 95. IN: Idem, Ibidem, p.142: "Distinguindo-se, claramente, suas águas das do rio Amazonas, porque sua mesma clareza e muita profundidade, fazem que pareçam negras suas águas e assim o chamam os portugueses rio Negro, que corre de oeste a leste".

96- LEVY CARDOSO, Ibidem, p. 142-143

97- Idem; Ibidem, p. 145.

mais índios lhe davam o de Paraviana, por ser daquela nação o gentio dominante dele (...)" (98).

Essa nomenclatura é confirmada por RONDON, que percorreu todo o rio, em suas expedições:

> "As montanhas em questão são de origem dos rios das sub-bacias, dentre as quais, o rio Negro, primitivo Quiari e o seu grande confluente Branco, antigo Quecuéne ou Parauiana, ocupam lugar de destaque" (99).

Da mesma forma, o rio Ucaiari, antiga denominação do Uaupés, mencionado por RODRIGUES FERREIRA, revela, em seu conteúdo lingüístico, idêntica natureza:

> "Leio nos diaristas que o verdadeiro nome do rio Uaupés é Ucaiári, que quer dizer na língua dos Manaos e dos Barés, rio de água branca e que do nome do gentio que principalmente o povoa, se deriva o de Uaupés, que hoje se conserva" (100).

O mesmo fato revela-se a característica principal do conhecido rio Paranatinga dos Tupi, cuja etimologia, na decomposição de seus elementos constitutivos — paranã, rio e tinga, branco — o inscreve, igualmente, na série cromática estudada.

Outro autor que também escreveu sobre o fenômeno das águas brancas, pretas e verdes, nos cursos fluviais da Amazônia, foi RAIMUNDO MORAIS, procurando justificar-lhe as causas e apontar possíveis correlações com a natureza dos constituintes fí

---

98 -RODRIGUES FERREIRA, Alexandre- Diário da viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro, L. 60. IN: LEVY CARDOSO, A.-Toponím. brasil., p. 146.

99 -RONDON, Cândido Mariano da Silva - Campanha de 1927, I, 25. IN: LEVY CARDOSO, A.- Ibidem, p. 147

100 -RODRIGUES FERREIRA, A.- Ibidem, p. 145. IN: LEVY CARDOSO, A.- Ibidem, p. 149

sicos regionais, o que reforçaria, sem dúvida alguma, a feição ambiental que transparece nos nomes descritivos:

> "Um fenômeno curioso, e que provoca surpresa na bacia amazônica, é o da cor diferente das águas em vários rios. Existem os chamados de água branca, de água preta e de água verde. Os primeiros são aqueles carregados de sedimentos, tom de barro, turvos, a revelar de pronto a massa aluvicnica em flutuação(...)".
>
> "Os chamados de água preta graduam-se na tonalidade desde o negro da tinta de escrever até o castanho-escuro da borra de café, indo, em certos pontos dos mesmos cursos, como, por exemplo, nas cachoeiras, ao azul-negro com reflexos de aço(...)"(101).
>
> "(...) qual o agente da coloração das águas? Por que brancas? por que pretas? por que verdes? (...)as argilas da mesma planura são os fatores da tinta dos cursos de água branca(...)".
>
> "Quanto aos rios de água preta, a explicação dos sábios é que a linfa se colore nos humos, isto é, no elemento vegetal, já seja terra ou ainda matéria orgânica. Jacques Huber, na sua excelente monografia — Matas e Madeiras Amazônicas — afirma isso, não só apoiado em observações diretas como ainda na análise de outros técnicos.
>
> Em relação à cor verde de alguns rios amazônicos, temos que atribuí-la ao mesmo motivo da água do mar: o plancton. "Onde pulula, por exemplo, o plancton, onde se encontra a diatomácea, com grande tendência a se reproduzir, água fica verde" (Gerhard Schott - Leituras Geográficas de Raj Gabaglia). Além do fitoplancton, no entanto, ha o zooplancton. Os dois se confundem e se integram na superfície líquida(...). "O termo plancton, criado por Hensen, em 1887, designa de um modo geral os seres vivos flutuantes, à mercê das águas. Ao potâmico, se chama limnoplancton" (J.A. de Sampaio- Fitogeografia do Brasil)(102).
>
> "(...) Resumindo: a argila mineral faz a água branca; a terra vegetal, húmica, faz a água preta; e o plancton, marinho ou fluvial, faz a água verde"(103).

O capítulo das séries cromáticas não se restringe, porém, na toponímia brasileira, aos três índices apontados, aparecendo, com maior ou menor freqüência, outros elementos significativos, a saber:

o amarelo : Amarelo(C. do, CE); Amarelos (La., ES); Amarela (La. MT; Sa. MG).

101- MORAIS, Raimundo - Amit. Amazôn., p. 230-231

102- Idem, Ibidem, p. 234-236

103- Idem, Ibidem, p. 240

o vermelho : Vermelho (C.MT; La. AL; R. BA, GO, RO; Rb.MG); Vermelha (La.RN; Sa. A, G, GO); Vermelho Novo (Rb. MG); Vermelho Grande (R. MT).

o azul : Azul (C. GO, MT, SP; Ig. AM; Mo. MT; R.AC,PR; Rb. MT, SP; Sa. BA, GO, PR, SP, PA, MT),

lém de nu nces istintivas das cores pesquisadas:

claro : Claro (C. ES, MG; R. GO, MG, MT); Claros (Mtes. GO; Rb. dos, GO);

escuro : Escura (C. MG; Cach. MG; Sa.BA); Escurão(Rcho. do, BA); Escurinho (Rb.MG); Escuros (do. dos RS).

preto : Preto (Cach. RR; Ig. AC, M,PA,RO); Preto da va (R.AM); Pre o do Igapó Açu (R. AM); Preto do Pantaleão (R. AM);

turvo : Turvo (R. GO,MG,MT,PR,SC,SP; Rb. MT,SP; Sa.do, MG); Turvo Grande (R.MG); Turvo Pequeno (R.MG);

pardo : Pardo (R. BA,ES,MG,MT,PA,RS,SP; Rb.MT); Pardinho (R. MG,RS);

dourado : Dourado (C. MT; Cach. o, PR; C. MG; Lj.PR; R. MG; Rb. MG,BA); Dourada (Cach. GO; La. MG; Sa. GO); Douradinho (Ar.RS; C.GO; R. MG; Rb.GO).

Acrescente-se à essa r la ão alguns designativos correspondentes em línguas indíg nas, como,

una, preto : Una (Cach.PA; Pta. do, SP; R.BA,PE; R.do, SC ; Rb. PE; Rcho.CE); Una da Aldeia (R.SP); Una do Prelado (R. SP; Praia do, SP);

piranga, vermelho: Piranga (Ig. AM; R. MG; SA. da,PA); Pirangi (R. CE; Rcho.PA; R.PI);

juba, amarelo: Jubá (R. MT);

ou em Arawak:

poduú, preto : Poduáua (104), em que poeu, preto e áua, rio.

104- SILVA CARDOSO, A.-Toponím.brasíl., p.393: "Toponímia histórica aruac do rio Tacut , da ba ia do rio Branco, no Estado do Amazonas".

taurú, verde : Taurú-Uina, do caxinitî taurú, verde, e uiná rio (105).

Note-se, a respeito, que a lexi tupi tinga, bran co, apesar de constituir estratos toponímico de importância, nao aparece em formações sintagmáticas iniciais, como as que se men - cionaram acima, ocupando, assim, a posição final dos compostos, com valor determinante, tal qual se verifica em Itinga (água branca, R. PA MA); Jacaretinga (jacaré branco, Cach. AM RO; Ig. do, AM; R. AM); Jacutinga (jacu branco, Cach. do, MG; R. MG PR SC; Rb. PR; Sa . da, SP); Paratinga (rio branco, I. do, BA; R. GO).

O mesmo ocorre com o bororo xo(reu), preto, es - uro, nas seguintes formações toponomásticas:

> "Pogubo Xereu - "Rio afluente da margem es- querda do curso superior do rio Paraguai. É o conhecidis simo rio São Lourenço. Rondon, tratando deste hidrônimo, especifica que é o nome dado ao "rio que nasce no lugar denominado Campim Branco, com o nome de São Lourenço". Po gúbo, "carde l de verão"; xeréu ou xoréu, "o preto, o es curo"; Pogúbo Xeréu: rio pogubo de aguas escuras; rio São Lourenço" (106).

> "Jerígi Xeréu - "Ribeirão af uente do curso inferior do ribeirao Jerigi.
> Jerígi Xeréu tem o significado de "ribeirão da lenha s ca escura" (xeréu = preto, escuro). Interes - sante é constatar que, alem deste "Jerigue xereu" a C.M.G. re istre um outro curs d'água, ainda afluente do Jerígi, com o nome híbrido: Jerigue preto" (107),

ou com ekuréu, amarelo:

> "Poekuréu - Pó; eku éu - Córrego afluente da mar,em esquerda do rio das Mortes, ao qual os missioná - rios salesianos batisaram de rio São Marcos. Pó, água, ekuréu, amarelo. Poekuré : córre o marelo" (108).

105- LEVY CARDOSO, A.-Toponím. brasíl., p. 395: "Rio afluente da margem direita do Tim latia, contribui te do Juruena, da ba ia do Tapajós, no Estado do Mato Grosso.

106- DRUMOND, Carlos- Contrib. do Bororo à toponím. brasíl., p.82

107- Idem, Ibidem, p. 109

108- Idem, Ibidem, p. 113

Relativamente aos demais aspectos descritivos mencionados (forma, dimensão, situação), nomenclatura geográfica brasileira não os omite em seus registros, apresentando, porém, preferências mais acentuadas por determinados fatores, em contraposição a outros de aparecimento menos frequente.

Muito embora não seja objetivo desta tese a pesquisa exaustiva das explicações toponímicas, os dados aqui referidos abonarão a afirmação. É o que acontece, como poderá ser visto, com os denominativos grande e pequeno, que contrastam, em ocorrências, com quadrado, redondo, largo, longo, curto, comprido, entre outros.

Referentemente a esses índices, enquanto o primeiro deles, quadrado, só aparece, na toponímia, no gênero feminino, em dois acidentes físicos (Quadrada, I. RS; S . MG), o mesmo acontecendo com curto (Curta, Sa. BA) e longo (Longa, I.MT; R . PI; Sa. do,PI), a preferência pelos nomes em largo acusa uma situação inversa, isto é, mais registros no masculino que no feminino (Largo, AH BA MT PI; Rb. do, BA; Trav.do, PA; Larga, AH GO) . Por outro lado, um relativo equilíbrio ocorre quanto aos determinantes comprido e comprida (Comprido, Brejo MT; C. GO MT; Mo.MT ; R. GO SP; Rb. GO; Comprida, Cach. AM PA; I. AM MG MT RJ SP; La.PI; Rch. CE). Esclareça-se, porém, que a pesquisa, nestes termos, referiu-se apenas aos topônimos em posição sintagmática inicial.

Já os designativos alto alta apresentam incidência bem maior, facilmente comprovada nos registros toponomásticos, tanto em acidentes físicos como nos humanos, estes, entretanto, preferentemente em composição. Citem-se, entre outros, os seguintes:

Alta (Cach. MT PA RJ ; Sa. CE)

Alto (Mo. GO MT)

Alta da Trovoada (A MG); Alta do Formoso (AH GO)

Alto Alegre (AH AC BA MA PI PR RS SP)
Alto Ar gucia (AH MT)
Alto Canela de Ema (AH MG)
Alto Capim (AH MG)
Alto da Gameleira (AH MG)
Alto da Serra (AH RJ)
Alto das Goiabas (AH SP)
Alto dos Pedras (AH PA)
Alto do Chapéu (Pico PB)

Em situação oposta, encontram-se acima e/ou cima, ambos de pequena presença na nomenclatura (Cima, I.de, SC; Ig.de, AM; Rcho. de, BA; Acima, AH AM; Ig.AM; R. SP), contrastando, também,com a relativa aceitação de baixo e baixa:

Baixo (Ig. de, AM; La. de, SP; Lo. de, RR)
Baixo dos Curimatás (AH AM)
Baixo Guandu (AH MG)
Baixo Vere (AH PR)
Baixão (AH GO PI BA)
Baixão Velho (AH PI)
Baixotes (C. dos, PR)

Baixa (Cach. RO)
Baixa do Cedro (AH BA)
Baixa Erança (AH CE)
Baixa do Tubarão (R. BA)
Baixa Quente (AH MG)
Baixinha (AH MA BA RN)
Baixinha de Todos os Santos (AH MG)

Fundo, expressão toponímica de maior emprego no masculino (Fundo, AH BA MA MT; Ar. PR; C. GO MG MT SP; R. ES MA PI SE; Rb. GO MG; Rcho. GO MG PI) que no feminino (Funda, Ar.RS; R. MT; Sg. RS), contrasta com os anteriores denominativos, pela singularidade de sua ocorrência, como forma autônoma; excetue-se, apenas, o único acidente físico, no Estado de Mato Grosso, mas em composição sintagmática inicial, Fundo do Saco (lago.), além das alterações mórficas do tipo Fundinho (AH MT) e Fundão (AH ES PE PA; C. GO; Rb. GO; Sa. PE). (109)

109- Reitere-se, ainda uma vez mais, que, nos motivos toponímicos citados, levou-se em conta apenas a posição inicial dos elementos em um sintagma composto ou a sua condição de topônimo simples. O que não exclui a presença, em um signo toponomástico, como fator determinante, tal qual ocorre em Riacho Fundo(Sa. PE); Rb. de Cima e Rib. de Baixo (AH MG), por ex. .

Os antônimos imediatos, raso e rasa, acusam menor freqüência:

Raso	(C. RO)
Raso do Norte	(Cabo, AP)
Rasa	(I. PA PR RJ; Pta. SC SP RS)
Rasa da Cotinga	(I. PR)
Rasa das Três Casas	(I. AM)

Por sua vez, os denominativos grande e pequeno são tipos de motivações que, provavelmente, irão aparecer na toponímia de várias regiões, pela natureza de seu próprio conteúdo significativo.

Descrevendo o acidente pelos seus fatores de grandeza ou pequenez, intrínsecos, portanto, ao objeto da denominação, constituem exemplos típicos do que se poderia chamar de "o nome pelo próprio nome" (110).

Os acidentes que se tornaram conhecidos pelo primeiro dos adjetivos referidos, ou seja, grande, são de todo o tipo e espécie: arroios e coxilhas no Rio Grande do Sul, lajeados em Santa Catarina, coroas na Bahía, corixas em Mato Grosso, cachoeiras no Pará, Acre, Bahía, Mato Grosso, São Paulo, igarapés no Pará, Amazonas, Rondônia, Maranhão, ilhas no Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Pernambuco, lagoas em Minas Gerais, Bahía, Rio Grande do Norte, lagos em Goiás, no Amazonas, em Roraima, morros em Minas, Mato Grosso e Paraná, rios e ribeirões e córregos e serras por todo o país, enfim.

Também em composição, considerando-se o termo como primeiro membro do sintagma, a disponibilidade das formações é bastante variada, o que se pode deduzir destes exemplos, entre

---

110- Algumas vezes, porém, esses índices descritivos não denotam um valor absoluto em si mesmos e, sim, um valor relativo, desde que o característico de grande ou de pequeno tenha sido aplicado a um acidente em função da existência de um outro nas proximidades. Assim, um rio Pequeno pode ter origem no fato de ser menor do que o rio Grande que lhe é vizinho.

inúmeros outros:

Grande Arrozal (Lo. PA)
Grande Crique (Ig. AP)
Grande da Botija (I. AM)
Grande da Saüdade (I. RS)
Grande de Aruás (Furo PA)
Grande de Manacapuru (Lo. AM)
Grande do Buriti (La. PI)
Grande do Cururu (I. PA)
Grande do Mina (I. PA)
Grande do Paulino (I. MA)
Grande Segredo (Ar. RS)
Grande Vieira (I. do, PA)
Grandes Rios (AH PR)

Muito embora o índice de ocorrência do adjetivo pequeno, em inicial de sintagma, acuse registros mínimos relativamente aos anteriores, isso não lhe retira a importância como fonte motivadora geográfica. Esta revela-se valorativa, pelo menos em nosso entender, tanto quando a distribuição dos elementos escalona-se em uma percentagem convincente, ou quando não se apresente tão expressiva. Assim, nesta categoria, a pesquisa salientou estes resultados:

Pequena (Cach. BA; I. BA MT; La. RS)
Pequeno (R. MA SP CE)

Entretanto, mesmo nos nomes compostos, em que os dois adjetivos mencionados aparecem como o segundo membro do binômio toponímico, e no qual figura, expressamente, o elemento determinado, há um visível contraste de ocorrências entre eles. A índole popular inclina-se, de modo mais acentuado, para o termo grande, deixando pouca margem ao determinante pequeno, notando-se, nas expressões, o uso não apenas de formas portuguesas mas também híbridas (termos portugueses e indígenas), abrangendo, ambas, uma variada amplitude de aspectos ambientais:

Alagoa Grande (AH PI; Rcho. PE)
Agudos Grandes (Sa. SP)
Bacuri Grande (AH PA; Cach. PA; Rb. BA)

Bananal Grande (AH SP)
Cachoeira Grande (AH AP)
Campo Grande (AH AM ES MT)
Formiga Grande (Rb. GO)
Ilha Grande (AH AM MT)
Invernada Grande (AH PR)
Iqueira Grande (I. da, BA; La. da, BA)
Jacaré Grande (Rb. GO)
Lago Grande (Rb. GO)
Laje Grande (AH MA PE)
Praia Grande (AH AM BA SC SP)
Remanso Grande (AH AM)
Riacho Grande (AH AL PB)
Salto Grande (AH AM)
Tabuleiro Grande (Rb. GO; AH RN)
Vereda Grande (AH PB)

É importante ressaltar que o determinante pequeno, quando entra na formação de compostos, quase sempre deixa transparecer uma relação opositiva ao seu antônimo, na totalidade do conjunto toponímico pesquisado. Assim, por exemplo:

Morro Grande	(AH SC)	/	Morro Pequeno	(AH SC)
Ouro Grande	(Rb.PR)	/	Ouro Pequeno	(Rb.do,BA)
Queimada Grande	(I. SP)	/	Queimada Pequena	(I. SP)
Recife Grande	(Cach.MT)	/	Recife Pequeno	(Cach. MT)
Ribeirão Grande	(AH SC)	/	Ribeirão Pequeno	(AH SC)
Rio Grande	(AH BA)	/	Rio Pequeno	(AH PR)
Suaçu Grande	(R. MG)	/	Suaçu Pequeno	(R. MG)
Tropeço Grande	(Cach.do,GO)	/	Tropeço Pequeno	(Cach.do,GO)
Turvo Grande	(R. MG)	/	Turvo Pequeno	(R. MG)
Verde Grande	(R. MG)	/	Verde Pequeno	(R. MG)

A oposição mais comum, porém, na toponímia brasileira, para indicar a idéia de "pequenez", é expressa não pelo signo autônomo e, sim, de modo afetivo, através do sufixo gramatical -inho,a ou -zinho,-a e, mesmo, -ito,-a, apesar de mais raro na nomenclatura geográfica:

Anicum Grande	(AH PI)	/	Anicuzinho	(AH RS)
Árvore Grande	(AH MT)	/	Arvorezinha	(AH RS)
Alagoa Grande	(AH PI)	/	Alagoinha	(AH PI)
Bacuri Grande	(AH PA)	/	Bacurizinho	(AH PA)
Casa Grande	(AH MG)	/	Casinha	(AH PA)
Chapada Grande	(Mo.BA)	/	Chapadinha	(AH MA)
Cerro Grande	(Ar.RS)	/	Cerrito	(AH RS)
Cervo Grande	(Rb.SP)	/	Cervinho	(C. SP)
Corrente Grande	(R. MG)	/	Correntinha	(Rb.MG)
Feira Grande	(AH AL)	/	Feirinha	(AH BA)
Formiga Grande	(Rb.GO)	/	Formiguinha	(Rb.GO)

Indaiá Grande	(R. MT)	/	Indaiazinho	(AH MT)
Ipueira Grande	(Sa.BA)	/	Ipueirinha	(Rcho. CE)
Malhada Grande	(AH PI)	/	Malhadinha	(AH PI)
Praia Grande	(AH AM)	/	Prainha	(AH AM)
Rio Grande	(AH RS)	/	Riozinho	(AH RS)
Sangradouro Grande	(R. MT)	/	Sangradourozinho	(C. MT)
Serra Grande	(AH BA)	/	Serrinha	(AH BA)
Serra Grande	(AH SC)	/	Serrito	(AH SC)
Tartarugal Grande	(AH AP)	/	Tartarugalzinho	(AH AP) (111)
Vargem Grande	(AH MG)	/	Varginha	(AH MG)

Por outro lado, é fora de dúvida que, na toponímia brasileira, ao se analisar os nomes descritivos puros, não se pode ignorar a contribuição indígena, principalmente a de origem tupi, disseminada por todo o território e representada pelos termos guaçu, e as variantes -açu, -usu, e mirim, com as variantes -im e í. Em tais conjuntos, são mais relevantes as formações compostas, seja no próprio idioma ou através de híbridos portugueses, como se exemplifica:

Guaçu	(AH MT)	/	Mirim	(La.RS)
Guaçu Boi	(AH RS)	/	Mirim Pira-Januaná	(paraná AM)
Guaçuí	(R. ES)	/	Miringuava	(R. PR)
Açu	(Lo.MA)	/	Mirinsal	(AH AL)
Açu da Torre	(AH BA)	/		
Açu de Cima	(Ig.PA)	/		
Acaraú-Açu	(Rcho.CE)	/	Acará Mirim	(AH MA)
			Acará Miri	(R. PA)
Apiaí-Guaçu	(R. SP)	/	Apiaí-Mirim	(AH SP)
Atiaçu	(R. RS)	/	Ati Mirim	(AH RS)
Embu-Guaçu	(AH SP)	/	Embú-Mirim	(AH SP)
Igarapé Açu	(AH PA)	/	Igarapé Mirim	(AH PA)
Igarapeaçu	(AH PE)			
Inhuçu	(AH CE)	/	Inhomirim	(AH RJ)
Ituaçu	(AH BA)	/	Itumirim	(AH MG)

No Bororo, podem também ser encontradas algumas destas formações, para rios locais, conforme anotou DRUMOND

Noá Kuriréu: noá, lambedor; kuriréu, grande — córrego do lambedor

---

111- Os topônimos Sangradourozinho e Tartarugalzinho estão a indicar, pela sua estrutura mórfica, uma formaçao lingüística mais elaborada, de origem erudita mesmo, e distanciada, portanto, da índole toponímica popular.

grande; Jaruru Kuriréu — ribeirão barulhento grande; Kaiamo Kuri réu — rio grande dos inimigos; Oroaribo Kuriréu — rio grande do gênio Oroaribo; Paga Kuriréu córrego grande; Pobóre Butu Kuri-réu: póbo, água; re, correr; butu, queda; kuriréu, grande — ca-choeira grande, salto grande; Pobo Kuriréu: póbo, água; kuriréu, grande (112).

Ainda que os topônimos exemplificados consubstan cien, em sua índole, uma descrição de algum fato ou ocorrência na tural, comportando, muitos deles, portanto, a descrição pura do ambiente em que se encerram, ou do próprio acidente que noneiam, como é o caso dos "rios grandes" e "pequenos", ou dos "rios fun-dos" e "rasos", das "serras altas" e "baixas", por exemplo, ou-tros, ao lado dessas características, sujeitam-se, igualmente, a uma inclusão dentre os chamados descritivo-relativos. É o que o-corre com os "rios grandes" em confronto aos "pequenos", com os "morros altos" em relação aos "morros baixos", com as "lagoas do norte" em confronto às "do sul", com os "iguaçu" diante dos "imi-rim", e assim por diante (113).

Para STEWART, topônimos desse tipo especificariam "a relationship of the place to something else, e.g., Fourth Cross ing, Lake Superior. Here also may be included compass-point names (North River, South Island) and mile-post names (Ten Mile Creek)" (114).

T. M. PEARCE, comentando a classificação elabora da por GEORGE R. STEWART, assim se expressou a respeito desta ca-tegoria descritivo-relativa:

"New Mexico has two place names Arriba and

112- DRUMOND, C.-Contrib. do Bororo à toponím.brasíl., p.102 a 113

113- Cf. fls. 61 desta tese, nt. 110

114- "A Classif. of place names", p.3

> Abajo which perpetuate the custom of towns strung for a good distance along a road naming their extremities "Above" and "Below", i.e., Bernalillo Arriba and Bernalillo Abajo. This device is familiar in English land divisions identified as Up State and Down State, but it is not customary for a highway through a comunity to be designated Upper State Highway or Lower State Highway" (115).

Quanto aos nomes descritivo-associativos que, como já se viu, não descrevem o acidente en si, apenas identificando-o através do significado de alguma coisa que a ele se associe, STEWART estabeleceu as seguintes constatações:

> "Thus a stream may be identified merely by the fact that certain plants or trees happen to be growing near-by (Pine Creek, Onion Creek). It may be called Boundary Creek because it happens to run close to some boundary. Or it may be identified by some work of man (Mill Creek, Bridge Creek). Being less a part of the thing itself, these names are also likely to be permanently appropriate. Mill Creek will become a misnomer if the mill falks into decay and disappears. Although there would be grounds for setting up associative names as a separate class, such names are usually considered descriptive, and I think that they are better made a sub-division" (116).

Ora, o caráter da temporariedade do fato ambiental, que serviu como fator distintivo da categoria, nao deveria ser encarado com rigor absoluto, a ponto de se ver, como quer o autor, uma inadequação do nome, depois de algum tempo, quando as condições do meio se encontram alteradas, por fatos físicos ou por uma ação humana. Em páginas anteriores, já se salientou o valor testemunhal do topônimo, acentuado muito mais exatamente do alterações supervenientes desnaturam a cor local, modificando as primitivas circunstâncias (117). Porque está "firmemente atado ao solo" que denomina, sua importância permanece, a despeito de uma aparente impropriedade causa/efeito, no presente.

115-PEARCE, T.M.-"Spanish place name patterns in the Southwest". IN: Names,Berkeley, V.III (4): 202, dez. 1955

116-"A Classif. of place names", p. 3

117- Cf. fls. 16-17 desta tese

nímia, que passou, em conseqüência, a refletir, em tantos casos, a mesma visão de mundo, sensível na linguagem. Exemplificam tais fatos os seguintes verbetes retirados do Vocabulário (120):

> "Area - Igbicui. Ibicuitinga (c. de yby, terra e cui, a farinha, a poeira, a areia). Ibicuí (AH BA).

> "Bahia ou enseada qualquer do mar.- Coa. Paranagoa (c. de paranã, rio, mar e goá, seio, seio do mar) Paranaguá (AH AT PI PR; Baía de, PR).

> "Barreiras que ha comumente ao longo do mar em terra alta - Guarapiranga (c. guará, "a garça vermelha, a ave aquática, e piranga, vermelho). Guarapiranga- (AH SP).

> "Cabeço lugar alto - Igbitira (c. de yby, terra e (a)tyra, a altura, ou elevaçao da terra, o monte, a serra). Ibitira (AH BA).

> "Lago ou lagoa - Upaba (também ypaba, c. de y água e paba, "o lugar da água ou a água confinada, limitada"). Ipaba (AH MG).

> "Mato virgem q. nunca foy roçado - Caáetê (c. caá, "a planta, o vegetal; a árvore, o mato, e etê, legítimo, verdadeiro; a ata, por excelência). Caeté (AH MG MT PA; Sa. do, MT).

Por outro lado, os mais antigos cronistas da História do Brasil deixaram consignado, de modo expresso, esse tipo de motivação indígena, a saber:

> "Do porto dos Búzios a Itacoatigara são nove léguas e este rio se chama deste nome por estar em uma ponta dele uma pedra de feição de pina como ilha, a que

---

120- DRUMOND, Carlos, comp.-rev.-Vocabulário na Língua Brasílica. 2a. ed. rev. e confr. com o Ms. fg. 3144 da Bibliot. Nacion. de Lisboa. Etnografia e Tupi-Guarani, São Paulo, Faculd. de Filos. Cienc. e Letr. da Univ. de Sao Paulo, 137 (23), 1952, e 164 (26), 1953, 2 v.

o gentio por este respeito pos este nome, que quer dizer ponta da Pipa" (121).

"(...) e quem vem do mar e fora verá por cima deste rio um monte mais alto que os outros, da feição de um ovo, que está afastado da barra algumas seis léguas, pelo qual é a terra bem conhecida. A este monte chamam os índios Manhana, que quer dizer entre eles espia, por se ver de todas as partes de muito longe"(122).

"(...) a Itapuã é uma ponta saida ao mar,com uma pedra no cabo cercada dele, a que o gentio chama deste nome, que quer dizer pedra baixa" (123).

A toponímia brasileira de origem portuguesa, nos primitivos topônimos históricos, conforme relato de GABRIEL SOARES DE SOUSA, reflete, em muito, a conotação percebida nos nomes geográficos tupis:

"Do porto de D. Rodrigo a porto e rio da Alagoa são treze léguas, o qual nome tomou por o porto ser uma calheta grande e redonda e fechada na boca que parece alagoa (...)" (124).

"(...) e chama-se este rio da Cruz porque se meten nele perto do mar dois riachos, em direito um do outro com que fica a água em cruz" (125).

"(...) e para se conhecer a barra dos Ilhéus há de se vir correndo a costa à vista da praia para se poderem ver os ilhéus, porque são pequenos e três"(126).

121- SOUSA, Gabriel Soares de-Notícias do Brasil. São Paulo,Minist. da Educ. e Cult.-Depart. de Assist. Cult., 1974, Cap.X, p.12. Segundo THEODORO SAMPAIO, Itacoatiara significa: "a pedra escrita; a inscrição da pedra; o letreiro da pedra".

122- Idem, Ibidem, Cap. XXI, p.22

123- Idem, Ibidem, Cap. XXVII, p.26 - A respeito de Itapuã, THEODORO SAMPAIO oferece a seguinte etimologia:"corr. itá-poã, o mesmo que itá-mbo-ã, a pedra posta alta, a pedra empinada, o penedo levantado".

124- Idem, Ibidem, Cap. LXIX, p. 56

125- Idem, Ibidem, Cap. VII, p. 10-11

126- Idem, Ibidem, Cap. XXX, p. 29

> "Na ponta desta cidade e ancoradouro dos navios, que está detrás da cidade, está uma ilheta que se diz a da Madeira (actual Ilha das Cobras), por se tirar dela muita" (127).

A integração homem/meio, aquí tomada como uma conseqüente onomasiológica, foi, ainda, abordada em outros estudos mais recentes, como o de EUGÊNIO DE CASTRO, que enfatizou o duplo aspecto da conduta européia diante do espaço geográfico americano: ao mesmo tempo em que aprendia a língua, aceitava o português, igualmente, os topônimos existentes na terra, perpetuando, assim, a continuidade, no tempo, de um dado cultural do povo:

> "Dos peixes que comiam, das aves que caçavam, aprendiam os nomes, assim como de muitas outras coisas da terra em que se instruiam. Correndo baías, ancoradouros, ou rios do litoral pernambucano bojado em pontas ou cabos, marcado por outros acidentes geográficos, iam melhor penetrando a inteligência do falar do aborígene. Assim, forma objetiva tomava ao seu entendimento Pernambuco ou paranãbuca, como furo do recife no laganar, ou então como a aberta em bacia fluvial, à sombra da ilha de Itamaracá, afora outros paranambucos ou pernambucos, que iriam conhecendo ao longo da costa que perlustravam. Se igara era a canoa, igaraçu seria a "canoa grande" ou nau que por visita constante ao ancoradouro desse porto pelo batismo de Igaraçú ou Caraçú, indígenas e colonizadores assim o aceitaram. Se Capibaribe queria dizer-"no rio das Capivaras" -, e era rio que frequentavam; se Percaauri era ponto geográfico que conheciam e representado na língua tupi talvez por "papagaios pequenos"; se Pojuca ou Ipojuca, se definia topograficamente, e a língua tupi o confirmava, como água estagnada, alagadiço ou pântano, iam esses termos e muitos outros sendo transmitidos aos novos navegadores ou feitores que aí aportavam ..." (128).

Ainda em relação aos nomes descritivos propriamente ditos, fez-se referência a determinadas qualidades dos acidentes geográficos, percebidas pelo denominador, segundo seu ponto de vista, de um modo positivo ou negativo, como se poderia dizer. Em virtude dessa percepção, que alguns consideram meramente

---

127- SOUSA, G. S. de,- Notíc. do Bras., Cap. LII, p.45

128- CASTRO, Eugênio de-Ensaios de geografia lingüística.2.ed.aum. da Geografia Lingüística e Cultura Brasileira. Sao Paulo, Cia. Edit. Nacion., 1941, p.60-61

subjetiva, nomes incorporando o significado de "belo" ou de "feio", de "bom" ou de "mau", podem ser encontrados na nomenclatura de qualquer região, em maior ou menor escala.

Assim, relativamente a belo, o índice onomástico consultado revela apenas um topônimo simples, no feminino, denominando um ribeirão no Estado de Goiás, enquanto que as demais ocorrências participam de séries compostas: Bela Aurora (AH CE PA);Bela Brisa (AH AM); Bela Cruz (AH CE MG); Bela Estrela (AH MA); Bela Flor (AH BA): Bela Floresta (AH SP); Bela Joana (AH RJ); Bela Lorena (AH MG); Bela Nova (AH BA). Acrescente-se, ainda, a quantidade realmente considerável dos Bela Vista, tanto em acidentes físicos como em humanos, comportando, ainda, outro traço diferencial visível nestas formações, entre outras: Bela Vista de Goiás (AH GO); Bela Vista do Meio (AH BA); Bela Vista do Paraíso(AH PR); Bela Vista do Sul (AH SC); Bela Vista do Toldo (AH SC).

Já o gênero masculino, belo, é menos empregado como denominativo, aparecendo em alguns topônimos: Belo Banho (AH PI); Belo Campo (AH BA); Belo Oriente (AH MG); Belo Jardim(AH PE); Belo Rio (AH AC); Belo Vale (AH MG). Há, porém, uma acentuada preferência por Belo Horizonte (AH AC AM BA GO MG MT PA RO), enquanto que Belo Monte (AH AL AM PA), responsável pelos dois únicos acidentes físicos do estrato onomástico estudado(I., MG e Ig., AC), aparece, também sob a forma contracta Belmonte (AH AC CE MT RO).

Dentro, ainda, dessa especificação subjetiva, bonito e bonita, formas sinonímicas dos temas anteriores, merecem algum destaque, o feminino (Bonita, AH BA; C. da, PR; I., PA) em proporção menor do que o masculino, bastante usado em uma série de acidentes, tanto físicos (Bonito, Ar. RS; C. BA GO MG MT; Ens.do, PR; Lj. RS; R. GO MG PR RJ SC SP; Rb. GO MT SP) quanto humanos(Bonito, AM AL BA CE GO MA MG MT PA PE PI RS SC). Os compostos limitam-se a dois designativos, apenas: Bonito de Cima (C. GO) e Bonito de S. Fé (AH PB).

As designações baseadas em formoso e formosa acusam um equilíbrio entre os dois gêneros gramaticais, tal qual se pode perceber através das suas ocorrências: Formosa (AH BA GO MA PI RS; C. da, MT; Cach. BA MT; I. MT; La. GO MT RS SP; Rb.MG;Rcho. da, PI; Sa. MT); Formosa de Cima (AH BA); Formosa do Rio Preto(AH BA), com predomínio mais acentuado nos Estados de Mato Grosso e Bahía, e Formoso (AH GO .G MT SP; C. MT; R. BA GO MG MT PR RO; Rb. GO MT), aparecendo com maior freqüência em Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

Os elementos feio e feia apresentam registros menores que os antônimos citados, como se percebe: Feia(AH MG; I.RJ; La. RJ); Feio (C. MT GO; Cach. MG; R. GO MG SP; Rb. GO MA MG). O gênero masculino é o predominante, ocorrendo apenas em acidentes físicos, enquanto uma forma feminina pluralizada, Feias, identifica um acidente humano em Santa Catarina.

Os designativos em mau são poucos (Mau, Ar. RS; R. PA RR RO) e o feminino, má, só aparece em um topônimo composto, Má Luz, no Estado de Santa Catarina.

Outro tanto não ocorre com os estratos revelados por bom e boa, principalmente em formações compostas. Seria alongar, em muito, as citações, se fossem trazidos, aquí, todos os topônimos registrados segundo esses motivos, razão por que serão transcritos apenas alguns deles, a saber: Bom Abrigo (I. do, SP); Bom Bocadinho (Sa. do, PB); Bom Conselho (AH PE); Bom Despacho(AH MG); Bom Destino (AH AC); Bom Fim (AH MG); Bom Futuro(AH AM); Bom Intento (AH AM); Bom Lugar (AH AM); Bom Princípio (AH PI); Bom Nome (AH PE); Bom Retiro (AH RS); Bom Viver (AH AM); Bom Sucesso (AH AM).

Integram, ainda, a exemplificação os acidentes designados por Bom Jesus (AH AM CE GO MG PA PB PI RS SC; R. BA; Rb. MG GO; Sa. CE) e seus compostos: Bom Jesus da Gurguéia Serra (AH PI); Bom Jesus da Lapa (AH BA); Bom Jesus do Amparo (AH MG); Bom

Jesus do Bagre (AH MG); Bom Jesus do Barracão (AH R); Bom Jesus do Galho (AH MG); Bom Jesus do Itabapoana (AH RJ); Bom Jesus do Norte (AH RJ).

Relativamente à série feminina, o topônimo simples Boa nomeia um rio no Estado do Amazonas, ao passo que designativos compostos enriquecem, em maior quantidade, a nomenclatura geográfica do Brasil. A predominância recai em Boa Vista, tanto em acidentes humanos, distribuídos nos Estados do Acre, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Bahía, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, como em acidentes físicos, estes em proporção mais reduzida. Menores índices, mas ainda expressivos, oferecem as expressões Boa Esperança e Boa Sorte, reservando-se os menores dados para os topônimos Boa Estrela (AH MG); Boa Família (AH MG); Boa Fé (AH PA AM); Boa Hŏra (AH A RO); Boa Memória (AH MT); Boa Morte (AH PA); Boa Nova (AH AM); Boa Sentença (Sa. da, MT); Boa Terra (AH BA); Boa União (AH BA PA); Boa Ventura (AH RJ); Boa Viagem (AH PE; Ig. MT); Boa Vida (AH MG).

Nessas camadas toponomásticas mencionadas, parece que não há exagero em se enxergar a reminiscência de algumas das funções mágicas dos nomes, ou das crenças supersticiosas a eles atribuidas, desde tempos os mais remotos pois, no dizer de OGDEN & RICHARDS, "el poder de las palabras es la fuerza más conservadora que actúa en nuestra vida; (...) la mayoria de la humanidad debe haber creído alguna vez que el nombre es esa parte integrante de un hombre que se identifica con el alma, o constituye una porción tan importante de él, que podría reemplazar al todo, como en el caso de los empleadores que hablan de brazos" (129).

129- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A.- El Significado del Significado. Buenos Aires, Editor. Paidos, 1954, p. 50-52.

Talvez mais evidentes se tornem tais crenças em topônimos do tipo Bom Futuro, Bom Lugar, Bom Nome , Bom Princípio, que poderiam traduzir intenções, esperanças, desejos, enfim, dos moradores, no sentido de que, realmente, tais localidades correspondam, no decurso dos dias, à expectativa comum. STEWART, a exemplo, elaborou uma categoria toponímica para abranger nomes dessa tipicidade, a que denominou Euphemistic Names, assim interpretados:

> "These are names, comparatively few in number, given with reference to the future, rather than with reference to the past or present. They picture the place by means of an idealization, and are therefore to be distinguished from descriptives, which picture the place, in essence, realistically. The name Greenland — given by Eric, the Red, "because men would the more readly to there if the county had a good name" — may serve as a type exemple" (130).

Dentro, também da nomenclatura tupi, a motivação de ordem subjetiva se faz presente, por exemplo, em catu, que incorpora o significado de "bom". Nesta tipologia, os topônimos autônomos são poucos (Catu, AH BA; R. BA PA RJ CE), concentrando-se a preferência denominativa nos compostos. Assim: Ibicatu (AH CE); Botucatu (AH SP); Icatu (R. BA); Itacatu (AH PE); Porecatu (AH PR); Iguatu (A CE MA), entre outros.

A idéia de "ruim" ou "mau" estaria representada pelos termos iba ou aíba, que figuram na toponímia apenas como elementos determinantes, a saber: Paraíba (R. SP); Paraibinha (R.PB); Paranaíba (AH MT); Parnaíba (AH BA PI); Jaguariaiva (AH PR).

De uma certa forma, a lexia panema, traduzindo o "infeliz", o "azarado", etc., pode se revestir do mesmo sentido de iba. Na toponímia, os designativos surgem tanto na forma simples (Panema,AH MG PR; I. AM; Ig. do, MA), como na composta (Paranapanema, AH SP; R. SP PR); IPanema, AH BA MA MG PE; R. AL PE MG); Upane

---

130- "A Classif. of place names", p. 7

ma (AH RN; R. RN)(131).

Por outro lado, o sentido de "belo" transparece em poranga ou porã: Porã (R. RS); Poranga (AH CE ES); Porangaba(AH AC); Iporanga (AH SP); Iporã (Rb. PR); Iraporanga (AH BA); Itapo - ranga (AH SP); Itaporanga d'Ajuda (AH SE); Ituporanga (AH SC); Mai riporã (AH SP); Miraporanga (AH MG).

O aspecto subjetivo dos signos onomásticos foi também salientado por DAUZAT ao le brar que "l'idée de relief s'as socie parfois à une notion subjective comme celle de "regarder" dans des composés du type Miramont, Miremont, Miraumont (" regarde mont" ou "regarde au mont"), Miraval. Montmirail se rattache à une formation de ce genre (peut-être était-ce le siège d'un observatoi re militaire romain). Le point de vue subjectif est devenu exclu sif dans certaines créations, où l'expression du relief a disparu devant celle du coup d'œil: Mirabeau (Midi), Mirebeau(langue d'oïl), Miribel (franco-provençal), littéralement "regard beau", et d' au tres formations analogues, quelque fois ironiques, ou résultat de jeux de mots.— Sous un aspect moins imagé, voici d'une part Beau mont, Belmont, Belpech (beau puy), Belval..., de l'autre Beauvoir, Beauvezer (Midi, même sens) et, plus récent, en général, Bellevue. En sens inverse, Malmont, Malleval (mauvaise vallée), Maupas (mau-

---

131-Entre os compostos com panema, citem-se dois rios do Estado do Pará, o Cuminápanema e o Curuápanema, cujos primeiros elementos dos sintagmas sugerem procedência diversa da do tupi. A respei to do primeiro deles encontrou-se a seguinte referência em PRO TÁSIO FRIKEL, Os Kaxúyana-Notas etno-históricas. Belém, Publ.a avulsas nº 14 do Museu Goeldi, 1970, p. 65-66: "Cuminá, rio-cf. Arapkúru. "Arapkúru-Denominação Kaxúyana do rio Trepecuru, afl. esq. do rio Trombetas. Às vezes também o chamado Kumína (cf.Cu miná), designando com este nome especialmente os trechos da á - gua mansa entre a cach. do Tronco e a foz. Possui dois formado res, o Parapi no lado dir. e o Paru de Oeste, do lado esq..Tem aproximadamente 700 km de extensão".
Esclareça-se, ainda, com o autor, serem os Kaxúyana "uma tribo karíb da floresta tropical amazônica do rio Kaxúru, afluente do Trombetas," e descendente de uma mesclage de dois elementos étnicos imigrados na área do Trombetas-Kaxúru. (cf. op.cit.,p.5).

vais défilé), etc.. Ces épithètes (beau, mal...) peuvent s'ajouter aux autres élé ents géographiques dont nous allons parler (sources, cours d'eau, etc)(...)"(132).

Ainda no tocante aos no es descritivos e às suas relações com o ambiente, seria conveniente lembrar o que EVERARDO BACKHEUSER disse a respeito do que intitulou expressões metafóricas, em Toponímia:

> "As expressões metafóricas traduzem descrições algo simbólicas, mas que via de regra, tambe traduzem com regular fidelidade o que desejam assinalar: Serra dos Órgãos, Pão de Açúcar (isso para o te po em que o açúcar era apertado em forma de grosseiros cones), Morro do Frade (semelhante a capuz das vestes monásticas), Portas de Ferro (desfiladeiro na Transilvânia), Finisterra (fim da terra), Cuzco (Ponto Central). Desses nomes metafóricos descritivos um dos mais interessantes que conh cemos é o chamado Morro da "Galinha Choca", perto de Quixadá. A semelhança é perfeita, não apenas em fotografia, mas mesmo contemplando-o a certa distância" (133).

Dentro desse ítem, poderiam ser lembrados os que, na classificação toponímica por nós elaborada, se denominam somatopôni os, ou seja, topônimos que estão em relação metafórica a partes do corpo humano ou de animal:

Boca da Catinga	(AH PI)/	Boca da Estrada	(AH RR)
Boca da Mata	(AH AL)/	Boca da Mata de Dentro	(AH AL)
Boca da Picada	(AH BA)/	Boca do Carrasco	(AH BA)
Dedo Cortado	(C. GO)/	Dedo Grosso	(AH SC)
Mão Esquerda	(R. AL)/	Mão Quebrada	(La. da, PI)
Pe da Ladeira	(AH PI)/	Pé da Serra	(AH PI)
Pé de oi	(A I SE)/	Pé de Galinha	(AH BA)
Pé do Alto	(AH BA)/	Pé do Morro	(AH BA)
Cotovelo	(Ig.AM)/	Olho Torto	(AH BA)

Relativamente à essa temática, a língua tupi o -

132- DAUZAT, A.- Les noms de lieux, p. 23-24

133- BACKHEUSER, Everardo- "Toponímia. Suas regras. Sua evolução". In: Revista Geográfica. Rio de Janeiro, Instit. Pan-Americ. de Geograf. e Hist., V.IX, X (25): 189, 1952.

ferece exemplos, recolhidos por THEODORO SAMPAIO(134):

"Itaculumi, corr. itá-curumin, o menino de pedra, o filho da pedra; ou a pedra e seu filho; alusão a ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso tendo ao lado um outro muito menor, como se foram ãe e filho".

Na toponímia, Itacolomi identifica os seguintes acidentes geográficos; AM MA MG MT; I. PR SC; Rb. PR; Recifes BA.

"Boissucanga, corr. mboy-acú-canga, o esqueleto de cobra, a espinha da serpente".

Na toponímia, Boiuçucanga identifica um acidente humano no Estado do Pará.

"Jacaracanga, corr. yacaré-acanga, a cabeça de jacaré. Pode ser tambem yacaré-canga, a ossada do jacaré; Bahía".

Na toponímia, Jacareacanga identifica um acidente humano no Estado do Pará.

Também no Bororo, o léxico compilado por CARLOS DRUMOND pode ilustrar alguns casos, em aplicação metafórica:

"Aogigudúri - Áo; gigúdu; ri. Morro a 12 km aproximada ente à oeste da colônia indígena do Merúri.

Este morro foi assim denominado em face da existência de vegetação no seu cume, isto é, visto à distância o morro parece ser encimado por um verdadeiro penacho, por um tufo de vegetação bem destacado. A tradução de Áogigudúri é "morro co. vegetação acentuada na sumidade", pois áo significa "cabelo", "cimo", "cume"; gigúdu é o mesmo que kigúdu, "cisco", "lixo", (...), "fragmento", "resíduo", "partícula". No presente caso: resíduo ou resto de vegetação, tufo vegetal" (135).

"Kuogóri - Kuógo; ri - Morro nas nascentes do ribeirão Jerigi.

Kuógo é o vocábulo que tem mais de um significado. Designa a flor do "paratudo" (kuógo i - árvore do paratudo) e serve à guisa de adjetivo, "bonito", "formoso". (...) Como em Colbacchini e Albisetti (p. 446) o to-

---

134- "Vocabul. Geográf. Brasíl."

135- Contrib. do Bororo à toponím. brasíl., p. 42

> pônimo foi registrado com a acepção de "morro do paratudo" e nossas pesquisas posteriores confirmaram ser este o real significado do vocábulo, qualquer outra suposição poderá ser posta à margem (...). Esclareceu-nos o padre Cesar Albisetti, e os índios nos confirmaram, de que o nome do morro não está ligado propriamente à existência do "paratudo" no seu cimo ou encosta, mas é devido aos matizes amarelados que apresenta, visto à distância, lembrando, conseqüentemente, a cor daquela flor"(136). (O grifo é nosso).

De um modo geral, portanto, os nomes descritivos, quer em sua forma pura ou em relação associativa, ou ainda metaforicamente, inscrevem-se naquela categoria distintiva que, de pronto, revela as características próprias do acidente nomeado, sugerindo ao pesquisador as causas naturais de seu emprego.

3.2. - Os vocábulos toponímicos básicos e a taxeonomia dos topônimos.

A fonte considerável de recursos ambientais, segundo a dicotomia sugerida por SAPIR, motivadora, em grande número de casos, da nomenclatura de um espaço geográfico qualquer, possibilita o exame prático do que se costumou denominar de "paisagem" toponímica de uma região. Haveria, por assim dizer, nos códigos lingüísticos específicos, disponibilidades lexicais que caracterizariam estratos onomásticos de naturezas diversas, intra e intersistemas denominativos.

Essas expressões, repetidas com certa constância, dariam o "tom local" ao território em questão, ou o seu traço pertinente, dentro das camadas de topônimos distribuídas em épocas distintas.

136- DRUMOND, C.- Contrib. do Bororo à toponím. brasíl., p.44

Analisando as terminações geográficas da região de Cuyo, Argentina, COROMINAS entendeu que "en todos los países hay ter inaciones típicas de una zona, que caracterizan, por decirlo a sí, su "paisaje toponímico". Ellas constituyen un precioso indicio para la etimologia del nombre, puesto que se sabe a qué idioma pertencen" (137).

A orientação de sua análise baseia-se tambe na pesquisa e, na conseqüente distribuição, por áreas, dos nomes provenientes de diversos étimos indígenas, que integra o léxico local. Mesmo a difusão de topônimos nativos, por influência dos espanhóis, fora dos focos primitivos de seu aparecimento, seria um propósito a ser igualmente buscado, apesar da advertência anterior por ele feita, de adotar, como metodologia, o critério básico das áreas geográficas distributivas. Por essa razão, "no deben buscarse nombres mapuches donde no hubo Aucaes, ni cacanes adonde no llegaron Diaguitas, ni es razonable esperar muchos nombres quichuas lejos de las zonas peruanizadas y de los caminos del Inca" (138).

O estudo das terminologias geográficas regionais, em função toponímica, parece constituir-se, de fato, em uma outra perspectiva de entendimento dos motivos tópicos.

No retrospecto histórico da toponímia francesa, oferecido por DAUZAT nas obras citadas anteriormente (139), verifica-se, segundo um ponto de vista diacrônico, o que o autor chama de "formações" oriundas dos diversos grupos lingüísticos que taram o território.

Assim, desde as camadas pré-célticas, até aos estratos modernos do idioma, passando-se, antes, por gauleses, romanos, francos, por exemplo, índices toponímicos próprios a essas é-

---

137-"Toponom. Cuyana", p. 134

138- Ibiden, p. 130-131

139- Les noms de lieux e La toponymie française

pocas vao-se superpondo uns aos outros, os subseqüent s podendo su plantar, pelo uso mais difundido, os imediatamente antecedentes, até sua natural extinção, ou, mesmo, coexistir, lado a lado, em um ou mais pontos do território.

É interessante notar que a função toponímica de signos da língua registra não apenas o emprego da lexias autônomas, de conteúdo e substância semânticas manifestas, mas também morfe - mas gramaticais, interiorizados no código, portanto, como os sufi - xos e prefixos que, muitas vezes, podem adquirir uma nova conota - ção morfo-semântica quando empregados sob determinadas circunstân - cias históricas, em conjunto a certas categorias de nomes.

Tomando-se, assim, como ilustração apenas, o a - cervo onomástico gaulês, verifica-se, segundo a análise de DAUZAT, que os nomes geográficos se apresentam sob a forma de compostos, em que o elemento "determiné est un nom topographique, emprunté à la géographie physique ou humaine, le déterminant est, par ordre de fréquence, un nom d'homme, une épithète géographique, un nom topo - graphique" (140).

Dentre tais formações, uma das mais antigas tem por segundo termo o radical gaulês -ialos, com o sentido de "espa - ce découvert, clairière. Ces toponymes, précurseurs des dérives ga lo-romains en -acum et des composés francs en -ville et en -court, ont dû designer les premiers espaces cultivés, les centres de dé - fric ement" (141).

Outro elemento freqüente nos compostos gauleses é o sufixo -dunos, que incorporou, mais tarde, o sentido de -ville. Este elemento básico de um período da geografia humana francesa, pois assinalou a presença dos conquistadores germânicos no territó

140- Les noms de lieux, p. 99

141- Ibidem, p. 99

rio, tornou-se o responsável por uma forma de denominação toponímica mista, constituida pelo nome do possuidor (ou "complemento")+ o nome comum. Embriões que foram das futuras villages, depois das chamadas villes neuves da época feudal, distribuiram-se largamente na nomenclatura geográfica da França, em designações do tipo de Romainville, Martinville, Herbeville, Villefranche-de-Lauragais, Ville-franche-de-Louergue, entre outros.

Nos topônimos de formação composta, como os últimos citados, e que se registra a presença de determinativos, torna-se adequada a observação de ARMAND BOILEAU, para quem tal fato é de origem e prática bastante antiga:

> "Il arrive partout que deux ou plusieurs localités d'un même pays ou d'une même region portent de même nom. Dès que des personnes utilisent couramment ces noms, elles éprouvent le besoin de les distinguer. Elles ajoutent alors un élément spécificatif ou "déterminatif" à l'un des noms ou à certains d'entre eux ou à tous(p.ex.: Mechelen, Mechelen-Bovelingen et Marche-en-Famenne, Marche-les-Dames et Marche-les-Ecaussines). Lorsque l'usage courant n'a pas imposé un tel déterminatif (parce que les deux localités sont situeés relativement loin l'une de l'autre), l'administration adjoint une mention entre parenthèses (le nom d'une ville voisine, de la province ou de l'arrondissement), p. ex., Vaulx (les Chimay) et Vaulx (les Tournai), Tongerlo (Antwerpen) et Tongerlo (Limburg), etc." (142).

São, porém, os nomes de influência religiosa os mais significativos do período que se estende do século XI ao século XV e, talvez, de toda a época moderna. Realmente, mosteiros, igrejas, paróquias, capelas, oratórios, como, anteriormente, celas, e abadias, deixaram as suas marcas na toponímia francesa, reveladoras que eram de uma tendência de recolhimento espiritual e elevação ao Divino, com o despojamento dos resquícios da materialidade inanente ao homem, e cujos reflexos serão encontrados, por certo, em toda a Europa Católica.

142- "Toponym. et contact des lang. en Belgique", p. 58-59

Mas o fator mais relevante do período, para DAUZAT, foi a atribuição do nome do santo padroeiro da igreja local à área abrangida em seus limites. Tão grande foi a incidência desse elemento motivador, que chegou a possibilitar a realização de estudos contrastivos dos hagiotopônimos mais empregados:

> "Le groupement des toponymes portant le nom d'un même saint permet, dans une certain mesure, de reconstituer le développement du culte des saints à l'époque féodale. Les deux cartes que nous reproduisons sont empruntées au magnifique ouvrage de M. Jean Brunhes, Géographie humaine de la France (p. 297 et 299); elles donnent la répartition, avec densité départementale, des Saint-Jean et Saint-Martin, le second (...) apparaissant surtout comme un saint de l'Ouest, le premier surtout comme un saint du Sud-Est"(143).

Ao mesmo tempo, porém, que enfatiza a importância do levantamento religioso, DAUZAT deixa transparecer o valor do estudo em si dos hagiotopônimos, que podem revelar "la conservation, dans les noms de lieux, de formes populaires et régionales, sorties de l'usage, comme noms de saints ou prénoms(...)". Para ele, essas alterações "se sont produites à partir du jour où la forme populaire, cristalisée dans le nom de lieu, n'a plus été comprise" (144), o que vem de encontro ao que se disse anteriormente, nesta tese, quando se tratou da fossilização toponímica.

Ainda para DAUZAT, os nomes de lugares, no sentido intrínseco de sua significação, podem ser estudados segundo elementos e prestados "soit à la géographie (particularités topographiques, etc.), soit à l'homme (nom de fondateur, de possesseur), soit à divers caractères abstraits ou d'ordre historique", concluindo naturalmente por dizer que "des éléments de nature diverse peuvent entrer dans les composés" (145).

143- Les noms de lieux, p.162-163

144- Ibidem, p. 165

145- Ibidem, p. 19-20

Inclui, a seguir, entre os elementos vinculados à geografia física os fatores orográficos, hidrográficos, fitográficos e, em menor proporçao, os de origem animal. Relativamente à geografia humana, salienta o papel desempenhado pelos chamados "lugares de passagem", os quais indicam, subjacentemente, a vinculação a sistemas linguísticos dos mais antigos que se conheceram na região, como -ritus, dos gauleses; -vadu , do latim; o radical celta -briva, usado no mesmo sentido da -pont galo-romana, e as route representadas pelas strata dos galo-romanos ou pelas calceata dos francos; citem-se, ainda, os "estabelecimentos sedentários" corporificados pelos radicais gauleses -briga e -duros; pelos castrum dos romanos, e seus derivados castellum, castellucium, castellare, castellitum; pelos -bourg dos germânicos e, esmo, pelos "uros fortificados" que a toponímia registra, ainda, e alguns nomes como Murviedro, Vielmur, ou Murviel, por exemplo. Acrescentem-se, também, as formações em -port, de origem gaulesa, em -ville ou -village, com ou se determinantes, e os nomes de templos religiosos, já referidos anteriormente (146).

Entre os caracteres de origem abstrata, DAUZAT releva aqueles e que a idéia de "antigo" se opõe à de "novo", tal qual e Orvieto, "ville vieille", Vielmur, Vieilville e Villevieille, contrastando co novios do gaulês, que aparece em Noviodunos, Noviomagos, ou com o grego Neapolis, com o ibero Illiberris e, mesmo, com os medievais Villeneuve e Neuveville, La Nouvelle (147).

Examinando-se o trabalho de EVERARDO BACKHEUSER, nota-se que a mesma preocupação, sensível no autor francês, se faz presente no conjunto das idéias desenvolvidas a respeito dos pro-

---

146- DAUZAT, A.- Les noms de lieux, p. 28-31

147- Idem, Ibiden, p. 32

blemas toponímicos, governando, mesmo, a orientação básica de sua linha de raciocínio.

Assim, ao citar uma regra, ou, talvez, um princípio normativo, válido para a Toponímia, genericamente, e expresso nestes termos:

> "O número de substantivos comuns em toponímia é inversamente proporcional ao grau de cultura da população que os consagrou" (Regra de Egli) (148),

entende, sem dúvida, que, nessa categoria gramatical, inclui-se a maior quantidade de designativos geográficos possíveis de serem encontrados. Concomitantemente, salienta a tendência, na maioria dos povos de pequena densidade demográfica, às denominações simplistas, sem qualificativos, quase sempre memorizadas apenas pelo próprio significante linguístico, que traduz o acidente em questão. Por isso, quando se empregam expressões singelas quanto estas:"vamos ao rio"; "estamos na praça"; "viemos do morro" ou "rua da igreja", inconscientemente o grupo populacional está contribuindo para um aumento dos nomes simples na toponímia, sem outra causa que os relacione a não ser a própria existência do dado ambiental. Os exemplos que enumera são de fácil constatação; Paraná (rio), Don (rio), Nilo (vale), Niger (rio), Ural (bacia), Tchad (lago), Berna (monte), Lille (a ilha), Havre (porto), Saara (deserto), Beirut (fonte) (149).

As origens dos substantivos comuns, portanto, co

148- BACKHEUSER, E.- "Toponímia", etc..., p.170. A transcrição da regra não significa concordância integral com todos os seus termos, principalmente com a expressão grau de cultura, empregada, aqui, ao que tudo indica, como equivalente semântico de "grau de civilização", o que sugere hierarquia de valores sociais em relação aos grupos humanos.

149- Idem, Ibidem, p. 169 ; 149-A - Cf., sobre o mesmo assunto, o que foi dito a fls. 220 desta tese.

mo ele próprio diz, são de variada natureza, fruto dos "motivos que mais impressionam as populações. Os habitantes do deserto ligam grande importância à presença da água, donde os topônimos sul-africanos em fontein e os turcos e goz (olho d'água). O juázeiro, árvore frondosa na semi-aridez ensolarada do nosso nordeste, gerou várias cidades com esse nome. Os saltos d'água são também algo de anormal que marca um lugar, dai na nossa toponímia o avultado número de localidades (cidades, vilas, estações) trazendo nomes dessa origem (Cachoeira, Cachoeiras, Cachoeiro, Cachoeirinha, Salto, Cascata) ou seus correspondentes em língua tupi-guarani (Itu, Paraíba, Parnaíba, e congêneres, que todos querem dizer rio mau, isto é, rio encachoeirado, com corredeiras e cataratas).(...) Tão abundante é tal exemplificação, no Brasil e no estrangeiro, que parece conveniente subdividí-la em classes, consoante a natureza da ocorrência física, social ou política, que provocou a formação do topônimo.Notaremos assim fórmulas toponímicas de origem: a)mineralógica ou geológica; b) botânica e c)zoológica, bem como de índole d) orográfica, e) hidrográfica ou f) litorânea, e também de uma índole que se poderia dizer de geografia social e política, com várias subdivisões adiante indicadas" (150).

É certo que algumas das ocorrências apontadas revelam-se mais freqüentes que outras, embora o autor nao aponte as fontes que lhe serviram de apoio para as conclusões que seriam de se esperar. Menciona, apenas, que os topônimos de "índole botânica" são "muito mais abundantes" que os de "índole mineralógica ou geológica", e que os de "índole zoológica são aqui e alhures menos numerosos", sendo, também, muitos "os vocábulos geográficos de índole orográfica", por exemplo (151).

---

150 - BACKHEUSER, E.- "Toponímia", etc...., p.169-171

151-Idem, Ibidem, p. 171-173

Calcada, assim, na elaboração de DAUZAT, a formulação do autor brasileiro, pelo que foi possível observar do texto, assenta-se nas generalidades mais evidentes, e não pretende um aprofundamento melhor, quer no tocante aos topônimos mais usados, quer quanto a um exame das áreas geográficas onde se localizam.

Tanto uma como outra das distinções classificatórias, esclareça-se, porém, foram o repositório inicial em que se pôde ir buscar a constatação de um fato, até certo ponto bastante compreensível: a Toponímia, em grande número de regiões, serve-se de certos vocábulos, retirados de origens diversas e que, para nós, no conjunto desta tese, estruturam os chamados "termos" ou "vocábulos toponímicos básicos".

Na realidade, nada mais são que o elemento genérico, definidor de um determinado estrato do ambiente, seja botânico, hidrográfico, mineralógico ou humano propriamente dito, o qual, na medida em que o homem o transforma em uma das peças nucleares de suas condições de existência, ganhará um interesse e uma utilidade que passam a ser, então, consideradas por ele positivamente. A frequência vocabular positiva, que o sistema linguístico registra, pode ocasionar a sua integração nos chamados nomes geográficos, ou topônimos, de um país.

Todo esse mecanismo de investigação, escolha, análise, seleção e eleição de um nome que, afinal, irá figurar em altas ou baixas percentagens denominativas, sugeriu que se procurasse, nas mesmas fontes fundamentais citadas, os sustentáculos para uma taxeonomia toponímica. Esta configura, em outras palavras, a assunção de um dos referidos "vocábulos geográficos básicos" em elemento conceituador de determinadas classes onomásticas, o que consubstancia, em suma, a própria motivação na Toponímia.

Não será demais repetir, aqui, alguns conceitos que IVAN LIND trouxe à matéria, o que, de certa forma, pode concor

rer para o esclarecimento de dúvidas, sempre possíveis de acontecer.

Quando o autor aborda o difícil caminho percorrido pelo colonizador português do século XVI, para implantar, no território recém-descoberto, a civilização que hoje se vive, os primeiros tropeços, mais sentidos porque estavam a exigir uma superação direta e imediata, foram aqueles decorrentes de sua "aclimatização ao Novo Mundo".

Para LIND, geógrafo que, como tantos outros se dedicam ao estudo dos nomes de lugares, uma das principais condições para "um estudo profícuo dos nomes é a de o geógrafo se tornar conhecedor da interpretação linguística do significado original e real dos nomes que pode ser completamente diferente daquele que aparenta, que a forma atual do nome parece indicar" (152).

Justifica, assim, o estudo que realizou da toponímia brasileira, pelo relacionamento, correto ou não, do topônimo às "palavras básicas topográficas, que serviram de estrutura para a construção onomástica", salientando ser um de seus objetivos principais saber até que ponto "o fornecimento português de palavras básicas foi utilizado e se mostrou adequado às necessidades do Brasil" (153).

A língua dos pioneiros, diz ele, "dispunha de rico material para quase todas as categorias de nomes. Para aquilo a que os alemães chamam "Vole-und-Hohlformen", quer dizer, elevações e depressões, para as diferentes espécies de solos rochosos e terrosos, para as selvas e desertos, para os cursos de água, para a cultura e povoamento, havia grande abundância de palavras a escolher", muito embora, segundo o que afirma, e é fácil de se entender as razões, "o desenvolvimento da língua nas novas bases" trou-

---

152- De Portug. ao Bras., p. 7

153- Ibiden, p. 9

xe, em conseqüência, o aparecimento de nomes de acidentes "caracteristicamente brasileiros" (154).

Todavia, a natureza da problemática ora levantada, apesar de se poder interpretá-la como um desdobramento do assunto principal — a motivação toponímica extrapola, em muito, o próprio alcance desta tese, pois, no caso, a orientação a se imprimir ao presente estudo deveria ser de ordem diversa da que está sendo seguida: através da análise contrastiva dos sistemas lingüísticos de Portugal e do Brasil, proceder-se-ía à verificação, em quantidade e em qualidade, das lexias portuguesas que, de fato, encontraram, no território brasileiro, uma aplicação adequada; a seguir, seriam perseguidas as coordenadas sincrônico-diacrônicas de uso/ou manutenção e/ou desaparecimento, de determinados vocábulos, e a correspondente filiação a um sistema línguo-toponímico, em função de sua própria aplicabilidade ao local, ou, talvez, por meras influências saüdosistas ou nimóticas.

Por isso mesmo o estudo isolado dessas classes de expressões, interpretadas pelo autor como frutos do meio-ambiente americano, embora de origem portuguesa, não constituirão, a princípio, um ítem à parte, nesta tese. Algumas delas, por certo, aparecerão ilustrando signos toponímicos, desde que se possa justificar o emprego em decorrência de uma motivação superior, ligada, possivelmente, à uma das categorias taxeonômicas esquematizadas.

Um outro critério científico que poderia, também, sugerir ciclos de motivações toponímicas no Brasil, já referido por nós em oportunidade anterior, é o da correlação entre "motivos toponomásticos" e as "regiões culturais brasileiras", a propósito do

---

154- LIND, I.- De Portug. ao Bras., p. 29-31

que foi dito o seguinte:

> "Dentro da generalidade temática oferecida pelas condições mesológicas, pode-se, como modelo de trabalho, buscar a filiação do sistema toponímico brasileiro nos parâmetros que norteiam os princípios geográficos e histórico-sociais do país, adotando-se, como ponto de partida, a microvisão proporcionada pelas áreas de cultura regionais. Segundo essa perspectiva de estudo, através das "diversidades" geográficas regionais, que condicionaram um determinado tipo de atividades materiais, em função de um momento histórico preciso, chega-se ao estabelecimento da correspondência necessária entre o "nome" do lugar e a condição sociológica determinativa. Percebe-se, assim, claramente, a passagem de um designativo comum da língua à categoria de topônimo, fruto do mecanismo espontâneo de nomeação, embora motivado externamente pelas conjunções do meio. Mais ainda, as "áreas culturais" podem sugerir a formação de "áreas toponímicas", em virtude da maior concentração de nomes de uma mesma camada significativa em sua região" (155).

A complexidade do assunto, que envolve, também, considerações mais amplas sobre o próprio significado histórico de "regiões culturais", e dos conceitos amplos de "unidade" nas "diversidades", tais como os formulou MANUEL DIÉGUES JUNIOR (156), típicas da paisagem brasileira, tornam esta temática uma das mais absorventes para o estudioso da Toponímia, não só pelo grande contingente de elementos sociológicos que vê surgir, a cada passo, em suas pesquisas, como também pelas conclusões de interesse imediatista para a estruturação de aspectos distintos de sua disciplina.

Por tais razões, talvez não se consiga dar à problemática, na oportunidade desta tese, o destaque que está a merecer. De qualquer forma, tendo em vista a atenção que a ela se deve dedicar, procurar-se-á inserir referências às áreas culturais, na medida do possível, a partir desta fase, nos ítens a serem ainda desenvolvidos, desde que muitos dos fatos predominantes em determinadas zonas geográficas serão debatidos nas categorias taxeonômicas abrangentes.

155- DICK, Maria V.P.do A.- "O Sist. toponím. brasil.", p.318

156- DIÉGUES JUNIOR, Manuel-Regiões Culturais do Brasil. Rio de Janeiro, Instit. Nacion. de Est. Pedagog., 1960, p. 479.

4 - As taxeonomias toponímicas

Já em linhas anteriores (157), mencionou-se o fato expresso por SAPIR de que o entendimento popular costuma emprestar ao termo "ambiente" a sinonímia de "forças naturais", ou conjunto de energias desencadeadas independentemente, ou apesar da vontade do homem. Estaria, assim, nessa consideração, abstraido o envolvimento dos mecanismos ditos sociais, que modelam, sem dúvida alguma, a personalidade total do indivíduo, em um determinado contexto antropo-cultural.

Tendo em vista, porém, que ambos os conceitos de ambiente, o físico e o social, já foram referidos nesta tese, pode-se, portanto, retomar o exame das motivações toponímicas sob o ângulo do meio natural propriamente dito, por qualquer uma das taxes físicas, de acordo com um critério meramente metódico de organização das idéias a serem desenvolvidas. A escolha não implica, diga-se de passagem, em qualquer razão subjetiva ou preferencial, implícita em uma ou outra das categorias classificatórias, nem tampouco em considerações que revelem maior ou menor grau de importância dedicado a qualquer uma das taxes, o que subentenderia algum juízo de valor. E este, sabe-se, é bastante relativo, desde que se não pode desvincular o fato nele percebido do conjunto de forças responsáveis pelo seu aparecimento na cultura de um povo.

157- Cf. fls. 43 desta tese

S E G U N D A P A R T E

ANÁLISE DAS CATEGORIAS TAXEONÔMICAS

4.1.- Taxeonomias de natureza física

4.1.1.- Geomorfotopônimos

As formas do relevo terrestre, seja no sentido de elevações ou de depressões (158), costumam emprestar à toponímia uma variedade de signos onomásticos que, em sua grande maioria, traduzem uma técnica espontânea de designação. Esta é, de fato, como explica DAUZAT, "le procédé le plus naturel (...) de designer le lieu d'aprés une de ses particularités topographiques les plus frappantes" (159).

Realmente, chapadas, colinas, coxilhas, montanhas, montes, morros, picos, planaltos, planícies, serras, tabuleiros e vales, por exemplo, quando em função toponímica, refletem, em sua origem semântica, a natureza topográfica que, em tantas ocasiões, motiva o denominador. Muitas vezes, o nome consigna realmente a existência do acidente assim identificado, no lugar; em outras, isso não acontece, ocorrendo, então, que o topônimo deixa de ser um descritivo propriamente dito para revestir apenas a característica sugerida pela forma de linguagem.

Em relação aos fatos denominativos, é conhecido o princípio de que o homem, de um modo geral, só "nomeia" que "conhece", pois não se dá nome ao desconhecido. Assim é que a mobilidade dos grupos humanos na Terra, deixando atrás de si a gran

---

158- Preferiu-se empregar a expressão geomorfotopônimos em vez de orotopônimos para que se pudesse incluir não apenas as elevações do terreno mas também as depressões, e as próprias formações litorâneas, a fim de que melhor se sugerisse a idéia mórfica pretendida.

159- Les noms de lieux, p. 21

de cadeia nominativa de que se tem noticia, concorreu para esta observação de BACKHEUSER, diretamente relacionada à quantidade das designações geográficas de uma região:

> "(...) a toponímia será mais rica nas planícies e planaltos que nas montanhas; nestas, nos vales largos que nos escarpados; nas regiões prifér.cas que nas centrais; nas costas mais que nos hinterlândios; próximo aos cursos d'água mais que distante deles"(160).

Por outro lado, o deslocamento do homem na paisagem física levou IMBELLONI a recordar o comentado poder isolacionista das montanhas, com reflexo no próprio temperamento de seus habitantes: "Estas suelen retardar o impedir la marcha de las migraciones, consiguiendo muy claros fenómenos de conservantismo cultural. Notable es el caso del Peloponeso, donde la migración dórica, no obstante haber barrido con violencia todas las tierras periféricas, no logró penetrar en la Arcadia. En ese valle, escavado como fondo de taza en medio de una altísima argolla montañosa, continuó inalterada la vida de los pastores de lengua eolia" (161).

No mesmo sentido, veja-se a opinião de MANUEL DIÈGUES JUNIOR, aplicada às montanhas brasileiras da região de Minas Gerais:

> "Se é certo que a montanha isola e une, isto se pode verificar com a formação do espírito do mineiro. Isola, os que nela habitam, do resto do mundo, limitando as relações com o exterior; mas, de outro lado, une os que nela se encontram, aproximando e igualando independentemente de condições sociais. E isto, sobretudo, numa situação como a de Minas Gerais na centúria setecentista, onde a ânsia de ouro e mais ouro dominou a todos"(162).

A formação individual do montanhês dessa area

160- "Toponímia", etc..., p. 168

161- IMBELLONI, J.- Epitome de Culturologia. Buenos Aires, José Anesi, 1936, p. 171

162- Regiões cultur. do Bras., p. 268

ganhou, também, através da influência indígena, traços de "nomadismo, movimento e mobilidade". E, para complementar essas características, ressalta o autor que, "dentro do isolamento que a montanha proporcionou, o mineiro forjou o seu espírito conservador, impregnando-se da consciência de liberdade. Isolando ou separando de outros grupos, a montanha une os que nela permanecem. E unindo-os, cria o espírito de liberdade, o ideal de conservar-se livre. Justamente essa liberdade constitui uma das afirmações do espírito mineiro, observado por Gilberto Freire" (163).

Outra idéia relativa à mentalidade do homem montanhês, moldada pelo espaço geográfico, pode ser aferida do estudo elaborado por JOÃO BATISTA BORGES PEREIRA, a respeito da imigração italiana em território paulista, mais precisamente na região de Pedrinhas, em zona da antiga Estrada de Ferro Sorocabana. O contraste entre os dois espaços físicos, o brasileiro e o europeu, com reflexos no comportamento sociológico do grupo, é observado nas descrições transcritas. Assi , na localidade nacional, o "relevo não acidentado apresenta apenas leves ondulações, que não chegam a interferir na monotonia da paisagem, não chegam a eliminar a impressão de que aqueles espaços não têm limites" (164), enquanto que o território italiano é constituido de "solos acentuadamente acidentados. Há sempre uma elevação a circunscrever o universo físico do homem italiano. Ao norte, de leste a oeste, os Alpes fecham a Itália continental(...); na parte peninsular(...) até a Sicília, está a cadeia de montanhas dos Apeninos. Aproximadamente apenas 20% da superfície italiana é constituida de áreas não montanhosas(...). Aqueles dois grandes sistemas orográficos, além de condicionarem sob múltiplos aspectos vários planos da vida grupal, orientam, de cer-

---

163- DIÈGUES JUNIOR, M.- Regiões cult. do Bras., p. 268-269

164- BORGES PEREIRA, João Batista- Italianos no mundo rural paulista. São Paulo, Pioneira, Instit. de Est. Brasil. da Univ. de São Paulo, 1974, p. 42

ta forma, o processo de ocupação das diferentes áreas. De um lado, arraigada tradição histórica, ligada à busca de sítios mais resguardados contra eventuais invasões, que em épocas remotas levou à construção de cidades nas partes mais acidentadas do país, leva, hoje, o italiano rurícola a preferir se pre a parte mais elevada do terreno para a construção de sua casa(...). O que interessa por em destaque é que toda uma mística da montanha foi elaborada a partir destas condições. O lugar alto é sempre mais belo e é sempre sinônimo de climas bons e saudáveis(...): todos lamentam com nostalgia a ausência da "sua montanha" e responsabilizam, em p rte, o relevo brasileiro pelas suas eventuais enfermidades" (165).

Com efeito, se o relevo brasileiro difere do europeu pelos seus aspectos típicos, sua significação para o povoamento do território, como salientou DIOGUES JUNIOR, não "foi menos importante", desde que, "dividindo o país em três regiões principais — a das planícies, a dos planaltos e a montanha — condicionou o processo de ocupaçao humana a ser aí instalado" (166).

Da planície litorânea, logo ocupada pelo elemento europeu, o acesso ao planalto (região de serra acima da Capitania de São Vicente) só aconteceu quando a barreira natural da Serra do Mar, "cheia de abismos por onde os homens deviam subir e descer se quizessem chegar ao oceano ou dele derivar para o interior" (167), foi vencida mediante o auxílio do indígena.

O domínio dos planaltos nordestinos (dos rios São Francisco e Parnaíba) e da grande planície amazônica, também só o correu quando o reinol, aliando-se ao mameluco e ao índio, pôde, pelo esforço conjunto, ultrapassar as grandes áreas de savana ou de

---

165- BORGES PEREIRA, J.B.- Italian. no mundo rural paul., p.42-43

166- Regiões cult. do Bras., p. 36

167- RAMOS, Duilio-História da civilização brasileira. 3.ed.ref. . São Paulo, Ed. Saraiva, 1961, p. 101

floresta.

Se, no primeiro século da colonização, a ocupação humana concentrou-se na costa litorânea (168), ainda nessa época já se iniciavam os contactos com o mediterrâneo, tornado preferentemente pastoril. Ao mesmo tempo, porém, o europeu iria se familiarizar com o que se pode chamar de "condições fisiográficas do deserto", uma vez que "o meio era áspero e hostil; os caminhos áridos e pedregosos; (...); o clima quente e seco" (169), as montanhas e as serras desafiando a ação do homem.

Quando as bandeiras de São Paulo se puzeram a caminho para o desbravamento da terra, uma perspectiva nova no processo ocupacional do solo teve, então, início:

> "Serras do Mar, Mantiqueira, Espinhaço, num sistema orográfico comum, completadas por outras elevações menores, como que constituem os pontos de referência de um triângulo, dentro do qual, e nas vizinhanças de cada um deles, surgem os vales, propiciando condições acessíveis à ocupação humana(...). Por entre montanhas e vales, surgem os núcleos de povoamento, primitivamente arraiais, depois cidades" (170).

Deixando de lado a contribuição paulista, que excedeu a regra geral de uma colonização portuguesa preferentemente litorânea, nota SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA que "a castelhana parece fugir deliberadamente da marinha preferindo as terras do inte

---

168- AZEVEDO, Aroldo-"Vilas e cidades do Brasil Colonial. Ensaios de geografia urbana retrospectiva". IN: Geografia. São Paulo, Faculd. de Filos., Ciênc. e Letr. da Univ. de São Paulo, Bol. 208(11):15, 1956: "Fixar-se junto às águas do Atlântico, dessas mesmas águas que também banhavam as costas lusitanas, constituia, até certo ponto, um gesto de sobrevivência e manifestação de uma esperança; afastar-se desse litoral e embrenhar-se pelo sertão desconhecido, planalto a dentro, era sujeitar-se a perigos de toda ordem e a contratempos inimagináveis, era expor-se ao ataque da indiada hostil e abdicar ao mínimo de conforto que a civilização podia oferecer. Em última análise, tratava-se de escolher entre a Vida e a Morte".

169- DIÈGUES JUNIOR, M.- Regiões cultur. do Bras., p. 41

170- Idem, Ibidem, p. 46

rior, e os planaltos" (171). E explica que, "no território da América Central, os centros mais progressivos e mais densamente povoados situam-se perto do oceano, é certo, mas do Oceano Pacífico, não do Atlântico, estrada natural da conquista e do comércio. Atraidos pela maior amenidade do clima nos altiplanos e proximidades da costa ocidental, foi neles que fizeram os castelhanos os seus primeiros estabelecimentos" (172).

Citem-se, ainda, os exemplos por ele arrolados, e que ilustram as diferenças de procedimento entre os dois povos ibéricos:

> "Não é por acaso que os principais centros da colonização castelhana — México, Guatemala, Bogotá, Quito, etc. — se acha localizados a grandes altitudes. Apenas Lima, situada a 140 m sobre o nível do mar e a pouca distância do litoral, constitui exceção à regra. Essa exceção relaciona-se menos com as facilidades que o sítio da atual capital peruana proporciona para o comércio com a metrópole do que com certos acidentes históricos da conquista" (173).

Ora, se o estudo do relevo permite que se tenha uma panorâmica histórica das etapas sucessivas de povoamento, por outro lado a Toponímia está capacitada a demonstrar, do ponto de vista linguístico, os diversos estratos humanos que se escalonaram no território em questão.

Assi é que, e uma perspectiva orográfica, segundo os estudos realizados por DAUZAT, "la carte toponymique de la France ménage par comparison entre les régions, certaines surprises. Ainsi, dans le Massif Central, (...) on rencontre des noms prélatins, voire préceltiques, jusquà des altitudes voisines de mil

---

171- HOLANDA, Sérgio Buarque de- Raízes do Brasil. 10. ed. Rio de Janeiro, José Olimpio, 1976, p. 65

172- Idem, Ibidem, p. 70

173- Idem, Ibidem, p. 70

le mètres, dans des régions ontagneuses reculées et plus ou moins arides; les domaines gallo-romains sont encore fréquents aux altitudes de 600-700 mètres dans le Valey. — Les Vosges, au contraire, nous offrent des faits tout différents.(...) les noms gaulois, assez fréquente plus à l'ouest et plus au nord, vent en s. raréfiant dans la direction d'Épinal, pour disparaître ensuite, et si les domaines gallo-romains sont bien representés dans la vallée de la Moselle et ses abords immédiats, d'Épinal en aval on n'en trouve pas à l'est ni sur le cours supérieur: on en conclura que la region d'est pourtant de faible altitude, avec des forêts faciles à exploiter aujourd'hui et de riches pâturages a été dépourvue de villages jusqu'à l'époque franque" (174).

Relativamente aos nomes de relevo,na toponímia da antiga Gália, DAUZAT, no capítulo denominado "Le Problème des Bases Pré-Indo-Europeènnes", apresenta algumas dessas formações indicadoras de fatores orográficos, como mala, montanha, e suas variantes mell-, mel-; pala, também montanha, não sem antes esclarecer, porém, um dado de suma importância: "Ce fut le grande mérite des Italiens d'avoir pressenti le rendement supérieur que pouvaient donner les noms oronymiques (relatifs au relief), qui ne sont pas tous cristallisés comme noms propres à l'instar de l'immense majorité des noms de rivières, mais qui se retrouvent la plus part, dans une région ou l'autre, co me noms communs désignant tel ou tel genre de montagne, de rocher, de ravin, de terre, etc.. Là était la clef du problèm" (175).

Ao procurar no levantamento dos nomes geográficos da África do Norte, região do Maghreb, a sua principal caracte-

---

174- DAUZAT, A.- La toponym. franç., p. 39-41

175- Idem, Ibidem, p. 74

rística, RALPH SCHNEPF pôde constatar, pouco depois do ano 700, quando a reconquista da área aos romanos estava concluida, que "tous les noms de lieux ont une signification précise, qu'il s'agisse de formations simples ou composés. Et nous verrons (...) que la majorité d'entre eux sont à sens topographique: El Kef signifie le rocher; Al Dzejair Beni-Mezarhanna(Alger) signifie les îles des enfants de Mezarhanna, et porte donc un nom d'origine à la fois topographique et anthropique. De même le mot Gibraltar est une altération de Djebel-at-Tariq, le mont de Tariq, général arabe qui passa en Espagne au début du VIIe.siècle"(176).

Se, para o autor, a Coronímia (como prefere denominar a disciplina) norte-africana reflete a história dos grupos humanos que passaram pelo seu território, constituindo os diferentes estratos onomástico-geográficos, é natural que procurasse conceituar os característicos desses núcleos, em função denominativa. Assim, enquanto os nomes de origem francesa indicam antropônimos e locais de nascimento dos grandes chefes militares, os nomes árabes e berberes, preferentemente, ligam-se as formas de relevo. Os exemplos são abundantes, referindo-se a elevações, depressões, lugares de passagem, entre outros:

> "a) les designations arabes:(...) on trouve ceux qui concernent les lieux de passage: gorges, défilés, sentiers, ponts, gues.
> Ex.: Bab, porte; Khene, défilé; dépressions: Chaba, ravin; Haoud, dépression en forme de cuvette; Rhar, caverne; Sahara, vaste plaine désértique aux couleurs fauves;(...) les noms relatifs aux hauteurs: montagne, colline, pic, mamelon, escarpement, coteau ; Djebel, montagne; Golea, forteresse (colline formant citadelle naturelle); Kef, rocher.
>
> "b) les désignations berbères: noms génériques + déterminants.
> Ex.: adrar, montagne; agadir, escarpement; agouni, plateau; azrou, rocher; tizi, col; noms compo -

176- SCHNEPF, Ralph- "Les contacts choronymiques en Afrique du Nord". IN: DORION, H. et MORISSONEAU, C.- Les noms de lieux et le contact des langues, p. 171

sós: Adrar n'Deren, la montagne des montagnes(le Haut Atlas); Adrar Ouirzane, la montagne des guêpes; Tizi n'Tguidi, le col de la dune; Ifri n'Anamer, la grotte du versant ensoleillé;
- (...) lieux habités: Azarhar, la plaine; Azrou, le rocher; Taourirt, la colline, Tizi-Ouzou, le col de la brise" (177).

Pesquisando-se os topônimos brasileiros de origem orográfica, ou os geomorfotopônimos, nota-se que o termo genérico, montanha, do ponto de vista toponímico, acusa uma incidência mínima: apenas três acidentes físicos — uma ilha, um igarapé e uma cachoeira, no Estado do Pará — são identificados pelo topônimo, enquanto a forma pluralizada, Montanhas, aparece em um acidente humano do Rio Grande do Norte. A preferência denominativa recaiu, contrastivamente, em serra, empregada sob diferentes variações mórficas: Serra(AH AL BA ES MA MG PI SP; Ig.da, AP PA; La. da, PI; R. da, BA RO GO MG SP); Serrinha (AH BA CE GO MA MG PE PR RN RS SP); Serradão (Rb. do, GO); Serrado (C.MG);Serrita (AH PE); Serrito (AH MT SC; Vda. do, BA); Serrania (AH MA); Serranópolis (AH GO); Serranos (AH MG); Serrana (AH SP); Serrinha do Canto (AH RN); Serrinha Velha (AH RS); Serra Azul de Minas (AH MG); Serra Encantada (Ig. PA); Serra Talhada (AH PE);Serrote (AH BA CE; C. BA); Serrote do Meio (AH PB); Serrote Preto (Rcho. CE).

Cordilheira situa-se no mesmo nível paradigmático de montanha, dando origem a dois topônimos apenas, um acidente humano no Rio Grande do Sul e uma serra em Goiás.

Por outro lado, morro tem emprego menos expressivo nas formações simples que nas compostas:

Morro (AH MG; C. GO)
Morrinhos (AH BA CE GO MG PI; Cach. dos, RO; R. BA)
Morretes (AH PR; Pta. SC)
Morrinho (AH BA MT PI; C. MT; Sa. do, BA MG)
Morros (AH BA MA PI)
Morros da Marianinha (AH PI)

177- SCHNEPF, R.-"Les cont. choron. en Afrique du Nord ", p.180

Morro Agudo	(AH SP)/	Morro Alto	(AH MG)
Morro Azul	(AH RS)/	Morro Verde	(AH RS)
Morro Branco	(AH MT)/	Morro Preto	(R. BA)
Morro do Chapéu	(AH BA)/	Morro do Coco	(AH RJ)
Morro do Ferro	*(AH MG)/*	*Morro do Pilar*	*(AH MA)*
Morro Grande	(AH RJ)/	Morro Graúdo	(AH MG)
Morro do Mato	(AH GO)/	Morro Pelado	(AH PA)
Morro dos Borges	(AH RS)/	Morro Reuter	(AH RS)

O mesmo acontece com monte, em composição toponímica:

Monte Alegre	(AH AM)/	Monte Aprazível	(AH SP)
Monte Alto	(AH GO)/	Monte Cordo	(AH BA)
Monte Azul	(AH MG)/	Monte Verde	(AH RJ)
Monte Belo	(AH MG)/	Monte Celeste	(AH MG)
Monte Carmelo	(AH MG)/	Monte Castelo	(AH SP)
Monte Claro	(AH ES)/	Monte Negro	(AH RS)
Monte Cristo	(AH AM)/	Monte Santo	(AH SP)
Monte do Carmo	(AH GO)/	Monte Pascoal	(AH BA)
Monte Mor	(AH SP)/	Monte Real	(AH PR)
Monte Serra	(C. SP)/	Monte Sião	(AH MG)

Já a forma pluralizada do termo apresenta baixa incidência, registrada apenas em Montes (AH BA); Montes Altos (AH MA); Montes Clarinhos (AH MG) e Montes Claros (AH MG; Rcho. BA).

Citem-se, ainda, na nomenclatura geográfica, outras formações como agulha (Agulha, AH SP; Agulhas, Sa. das, SP; Agulhas Negras, AH RJ); barranco (Barranco, AH MT; Barranco Vermelho, C. RO); cerro (Cerro, AH PR; Cerro Alegre, AH MT; Cerro Chato, AH RS; Cerros Verdes, AH RS); chapada (Chapada, AH BA; R. MT; Chapada do Arroz, AH BA; Chapada dos Guimarães, AH MT); colina (Colina, AH BA; Colinas, Cach. PA); corixa (Corixa, AH MT; Corixo, AH MT; Corixão, Cx. MT); coxilha (Coxilha Bonita, AH RS; Coxilha de Santana, AH RS; Coxilha Grande, AH RS; Coxilha Negra, AH RS); espigão (Espigão, AH MG; Espigão Mestre, AH BA); planalto (Planalto, AH RS SP; Planalto do Sul, AH SP; Planaltina, AH GO; Planaltina do Paraná, AH PR); pico (Pico, C. do, GO; I. BA; Pico Carapuça, AH MG; Pico da Marambaia, AH RJ; Pico da Pedra Lisa, AH RJ); tabuleiro (Tabuleiro, AH BA MG PI; R. MG; Tabuleiro

Alto, AH MG; Tabuleirão, AH MA; Tabuleirinho, Cach. do, PA);*vale* (Vale do Sonho, AH MT; Vale Fundo, AH MG; Valão Grande, AH ES; Valão do Tatu-Açu, AH RJ; Valinhos, AH SP).

Quanto às *formações litorâneas*, destacam-se pelo maior número de ocorrências, principalmente *baía* (Baía, AH MT PA SC; Ig. AC PA; Baía da Traição, AH PA; Baía do Cervo, AH MT; Baía das Pedras, AH MT; Baía dos Cavalos. AH MT; Baía dos Pássaros, AH MT; Baía Negra, La. da, MT) e *ilha* (Ilha, AH BA MG PI ; Sa. da, MG SE; Ilha Brava, AH MG; Ilha Dentro,AH BA; Ilha Larga, AH MG; Ilha Redonda, AH AP; Ilhabela, AH SP; Ilhinha, AH GO; Ilhota, AH SC: Ig. da, PA); menos expressivos sao os topônimos originados de *angra* (Angra dos Reis, AH RJ); *baixada* (Baixadão, AH T; C. MT); *cabo* (Cabo, AH PE; Cabo de S. Agostinho, AH PE; Cabo do Ipuita, AH MT; Cabo Frio, AH RJ; Cabo Verde, AH MT);*costa* (Costa, C. da, MT; Costão, Sa. do, RS); *enseada* (Enseada, AH PI; I. PA; Pta. da, SC; Enseada Tuiuiú, Cach. MT).

Em relação aos vocábulos *orográficos* de origem indígena, esclareça-se que o léxico tupi registrado no *Vocabulário na língua brasílica* não acusa o termo genérico para *montanha*. O verbete respectivo traz este apontamento:"*Montanhas*- O mesmo q. *Matos*", cujo signo, *caá*, porém, tem uso específico,não se coadunando, ao que tudo indica, à uma forma topográfica. Um possível substituto semântico para montanha poderia ser encontrado, talvez, no termo *serrania*, que o *Vocabulário* consigna *Ig bigtigbigtíra*. Todavia, THEODORO SAMPAIO aceita a equivalência significativa *montanha = ibitira* — que o mesmo *Vocabulário* reveste do sentido de "outeiro" ou "serra" —, assim se manifestando a respeito do assunto:

> "A terra elevada, ou uma simples elevação se diz no tupi *ityra* ou *atyra*, que mais propriamente quer dizer cabeço, montão, acúmulo. (...).
> "A montanha, ou serro elevado, se diz no tu-

pi ybytyra, que como acima dissemos se decompõe em y-by-ityra, isto é, elevação de terra ou terra alta. A alteraçao metaplástica desse vocábulo é a mesma dos seus elementos componentes; por isso é freqüente encontrarem-se denominações de lugares com as grafias do radical: butur, ibitur, bitur, formas alteradas de ybytura, as quais se nao devem confundir com as do vocábulo ybytú. No tupi do sul, o vocábulo ybytyra, contraido, deu ybyty, e de suas diversas alteraçoes, na composiçao de outros vocábulos, nasceram as formas: ibitú, bitú, butú. Os nomes Ibituruna, Buturuna ou Voturuna sao apenas formas diversas de um mesmo vocábulo - ybytyruna, que quer dizer monte negro. Butujuru é simples corruptela de ybyty-jurú, que quer dizer boca do monte. Botucaray é alteraçao de ybyty-caray, donde Ubutucaray, Butu-carau ou Botu-carau, significando monte santo" (178).

Ainda é THEODORO SAMPAIO quem esclarece a respeito do significado de pico ou monte agudo que, no tupi, "se diz itaimbé ou ytá-aymbé que literalmente significa: pedra afilada, ou pontiaguda, como também se diz itatim (itá-tim), significando nariz ou ponta de pedra. O primeiro vocábulo se alterou, porém, para itambé, e com ele se designam, em alguns lugares, as pontas de pedra, as escarpas e arestas vivas, nas encostas rochosas dos montes. Em Minas Gerais, um dos pontos culminantes

178- SAMPAIO, Theodoro-O Tupi na Geogr. nacion., p.106. Como ilustraçao, pode-se mencionar a interpretaçao do topônimo histórico Sêrro Frio, localidade aurífera de Minas Gerais, do séc. XVII, que parece incorporar o sentido de "montanhas frias" inscrito em Iviturui,"em razão do aspecto montanhoso do país e da frialdade do clima" (apud SANTOS, Joaquim Felício dos - Memórias do Distrito Diamantino. 3.ed., Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1956, p.49). Nos Relatos Sertanistas (Colet., Introd. e Notas de Afonso E.Taunay. São Paulo, Public. comem. da Comis. do IV Centen. da Cid. de São Paulo, 1953) encontra-se também registrado o sentido do topônimo: "Antônio Soares deu maior salto, ais co prida e laboriosa diligência à parte do Nórte, que chegou ao Serro do Frio, nome que os portugueses traduziram em língua própria: sendo que na gentílica é Hyvituruhy, que quer dizer Serro do Frio, aludindo ao muito enrregelado frio, que faz pelo cume daquela Serra, com frigidíssimos ventos, pelo seu dilatado cume, por onde passa o caminho que hoje serve, e então servia aos gentios, e sertanistas, que para se passar, não sendo ao meio dia, morriam entangüidos, e quase um mês de viagem naquele tempo e descobriu o ouro com grande conta (...)" (P. 43).

do seu sistema orográfico, na Serra do Espinhaço, se denomina Itambé"(179).

E, de fato, as citações históricas o confirmam, plenamente. JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS, comentando a maneira pela qual os membros de uma bandeira, "portugueses, mamelucos e sertanistas filhos de S. Paulo", se orientava quanto à localização dos pontos escarpados das zonas mineiras, explica o seguinte:

> "Olhavam para o Itambé, que se assoberbava sobranceiro no horizonte, com seu pico sempre coroado de vapores, como o cone gigantesco de um vulcão extinto, perfurando as nuvens: era o farol granítico dos viajantes, era o centro de um círculo de sessenta léguas de diâmetro, que podiam revolver sem receio de extraviarem-se" (180).

Do ponto de vista da nomenclatura geográfica, os termos citados originaram os seguintes topônimos: Ibitira (AH BA); Ibitirama (AH SP PE); Ibitiriá (R. RS); Ibitiruna (AH SP); Ibitiúra (AH MG); Ibitiúva (AH SP); Itira (AH MG); Itirapina(AH SP); Itirapuã (AH MG); Itiruçu (AH BA); Itambé (AH BA ES PR; Sado, SP); Itambé do Mato de Dentro (AH MG); Botucaraí (AH RS;Cox. RS; R. RS).

Estabelecidos, assim, alguns dos pontos que poderiam ser considerados significativos relativamente à topografia das regiões, e sua projeção toponímica, note-se, como conclusão, de um modo geral, que alguns dos designativos geográficos seguem as áreas de sua localização: assim, coxilhas e cerros predominam no Rio Grande do Sul; chapadas na zona planaltina, morros e montes de preferência em Minas e em Goiás; corixas só em Mato Grosso.

179- SAMPAIO, Theodoro. O Tupi na Geogr. nacion., p. 106-107

180- SANTOS, Joaquim F. dos - Memór. do Distr. Diamant., p.50

4.1.2.- Litotopônimos

Os topônimos de índole mineral, aliados aos que refletem, em sua manifestação mórfica, a natureza constitutiva dos solos ou dos terrenos, estão relacionados diretamente a dois fatos: um, de índole genérica, física, ambiental, específico as regiões da terra, em sua constituição (areia, barro, lama, pedra, terra, por exemplo); outro, mais restrito, porque diz respeito, de perto, a alguns dos momentos significativos da história de um povo.

No meio sócio-cultural brasileiro, porém, ambos os fatores se interligaram, se interpenetraram mesmo, tornando muito difícil discorrer sobre um sem se mencionar o outro:

> "Na colonização do Brasil, a importância do meio físico tornou-se fundamental: o ambiente geográfico sobressai de significação no nosso caso, sobretudo pela diversidade apresentada, tendo em vista a extensão territorial(...)".
>
> "O conceito pode ser estendido, em linhas gerais, tanto ao solo como à vegetação; os estudos agrológicos revela a variedade dos solos existentes em nossa terra da mesma forma que os estudos da flora mostram a diversidade da paisagem vegetal espalhada pelo território, com peculiaridades diversas aqui e ali(...). Do solo, da flora, do relevo, importa considerar, principalmente, como foram utilizados, como foram tratados, como têm sido trabalhados; e, sobretudo, ainda, como se estabeleceram as reações entre cada um desses agentes e o elemento humano.
>
> Do solo, em particular, sabe-se a importância que apresentam as suas condições para a implantação de uma sociedade estável(...)"(181).

Dentro das coordenadas apontadas por DIÈGUES NIOR — muito embora os estudos toponímicos não se constituam em objetivo principal de sua obra — delineia-se, assim, a maneira pela qual se pode encontrar uma base teórica para a dis-

181- DIÈGUES JUNIOR, M.-Regiões cult. do Bras., p.35-36

tribuição territorial de tantos litotopônimos no Brasil que, possivelmente, deixarão entrever, através do exame de sua localização geográfica, um vínculo seja a causas naturais ou a motivos históricos.

Realmente, desde o primeiro documento escrito a respeito do Novo-Mundo, a mística em torno da riqueza da terra estava criada; e dela tomou conhecimento El-Rei, Senhor de Portugal, através dos relatos do escrivão da armada cabralina:

> "Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vez, de que nós deste ponto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia (...) muito chã e muito formosa(...)".
>
> "Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; e nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achávamos como os de lá (...)"(182).

Informação semelhante se depreende de um documento que, como explicita ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES em seus comentários, "é de reconhecido valor etnográfico", não só quanto à América do Sul como em relação ao Brasil, em particular. De autor anônimo, vem acompanhado de um longo título, "Gazeta ou notícia trazida por um navio que tinha saído de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais adiante do que dele antes sabia, e na volta chegou à Ilha da Madeira, escrita por um bom amigo da Madeira para a Antuérpia", onde se lê, em um de seus parágrafos:

> "Sabei ainda que eles trazem bastante notí-

182- "Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D.Manoel". Leitura de Leonardo Arroyo. IN: BANDECHI, Pedro Brasil-Antologia Histórica do Brasil-Séculos XV e XVI. São Paulo, Serv. de Doc. da Reitor. da Univ. de São Paulo, 1973, p. 40

cia do que estiveram em um porto e rio distante do referido cabo 200 milhas em direção a nós; aí receberam informações a respeito de muita prata e cobre e também de ouro que há no interior do país. Dizem que o capitão deles, do outro navio, traz para o Rei de Portugal, uma acha de prata, de feição igual às de pedra deles. Trazem ainda um metal que dizem ter aparência de latão e não estar exposto à ferrugem e deterioração. Não sabem se é ouro inferior ou o que seja.(...).

Traz o Capitão um homem daquele País que quís ver El-Rei de Portugal. Este diz que quer dar a El-Rei informações de tanto ouro e prata, que existe no país, que os navios dele não podem carregar"(183).

No Diário de Navegação, de PERO LOPES DE SOUSA, em várias passagens, há referência ao encontro de minérios. Cite-se apenas uma, para exemplificar:

"Sábado, 12 dias do mês de Agosto(...)"."Fazendo o caminho do sudoeste, demos com úa ilha. Quis Nossa Senhora e a bem aventurada Santa Clara, cujo dia era, que alimpou a néboa e reconhecemos ser a ilha de Cananea(...)".

"Quinta-feira, 17 dias do mês de Agosto,veo Pedro Anes Piloto no bargantin e com elo veo Francisco de Chaves e o bacharel e cinco ou seis castelhanos(...)". "Pela enformaçam que dela deu ao capitam I., mandou a Pero Lobo com oitenta homens que fossem descobrir pela terra dentro, porque o dito Francisco Chaves se obrigava que em dez meses tornara ao dito porto com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro(...)"(184).

GABRIEL SOARES DE SOUSA, que procurou relatar a "El-Rei Nosso Senhor" o estado geral da terra, "muito desampara da depois que El-Rei D. João III passou desta vida para a eter-

---

183- "A Nova Gazeta Ale ã" ou "Nova Gazeta da Terra do Brasil". Trad. de Clemente de Brandenburger. Leit. e Coment. de Erasmo d'Almeida Magalhães. In: BANDECHI, P.B.- Antol. Hist. do Bras., p. 51-52. Segundo esclarece o comentador, "o autor anônimo da "Nova Gazeta" faz referência à foz do Prata ou suas imediações mais ao sul(...). E a localização geográfica da área visitada poderia ser confirmada tendo em vista as constantes alusões às terras do Brasil inferior"(p.54).

184- SOUSA, Pero Lopes de - Diário de Navegação-1530-1532. Pref. de A. Teixeira da Mota. Leit. de Jorge Morais-Barbosa. Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1968, p. 62-63

na", ressalta a importância e o valor das riquezas naturais, alvo da cobiça de tantos estrangeiros e aventureiros que para aqui se deslocavam, em busca daquilo que não faltava ao lugar, "ferro, aço, cobre, ouro, esmeralda, cristal e muito salitre", além do "muito e bom âmbar", que todos os anos saía da costa brasileira (185).

Capítulos de suas Notícias descrevem ora a natureza do solo e do terreno, como acontece em trechos iguais a estes:

> "Do Cabo de S. Roque á ponta de Guarapari são seis léguas(...) onde a costa é limpa e a terra escalvada(...); "(...) e nessa enseada (a de Itapitanga) está um grande medão de areia(...)". "Tem este rio (Rio Grande)(...) dentro, algumas ilhas de mangue(...). Do Rio Grande ao porto dos Búzios(...): entre este porto e o rio estão uns lençóis de areia como os de Itapuã (...)".
>
> (1a. Parte, Cap. IX, p. 12)

> "A (terra) boa deste rio (Rio Real ao Itapicuru) é muito suja de pedras (...)".
>
> (1a. Parte, Cap. XXIV, p. 24)

> "Esta ponta (a de Itapuã) é a que na carta de marear se chama os Lençóis de Areia por onde se conhece a entrada da Bahia".
>
> (1a. Parte, Cap. XXVII, p. 26)

> "Deste esteiro para dentro ao longo desta ponta estão três ilhetas povoadas e lavradas com canaviais e roças, e na terra desta ponta estão outras duas olarias de muita fabrica, por haver aqui muito e bom barro, donde se provêm dele os mais dos engenhos, pois se purga o açucar com este barro".
>
> (2a. Parte, Cap. XIX, p. 72)

> "A primeira coisa que convém para se fortificar a Bahia é que tem pedra de alvenaria e cantaria, de

185 - sousa, Gabriel soares de - Notíc. do Bras., p. 5

que há em todo o seu circuito(...)"

(2a. Parte, Cap. CLXXXVIII, p. 193)

"A mor parte da cal que se faz na Bahia das cascas das ostras em que há tanta quantidade que se faz dela muita cal, a qual é alvissima e lisa tambe. (...)".

(2a. Parte, Cap. CLXXXVIII, p. 193);

ora a existência dos minerais preciosos que, dada a sua significação para o povoamento e colonização do território, chegam, mesmo, a encimar, à guisa de títulos explicativos, as narrações subseqüentes: "Em que se declara o ferro, aço e cobre que tem a Bahia"; "Em que se trata das pedras verdes e azuis que se acham no sertão da Bahia"; "Em que se declara o nascimento das esmeraldas e safiras"; "Em que se declara a muita quantidade de ouro e prata que há na comarca da Bahia", etc., e de que os trechos citados podem servir de exemplificação:

"Bem por culpa de quem a tem, não há na Bahia muitos engenhos de ferro, pois o ela está mostrando com o dedo em tantas partes(...)"; "mas não se deixou de fazer por falta de ribeiras de água, pois a terra tem tantas e tão capazes para tudo; nem por falta de lenha e carvão(...)". "Também na Bahia, trinta léguas pela terra dentro, há algumas minas descobertas sobre a torra de mais fino aço que o de Milão(...)".

(2a. Parte, Cap. CXCIII, p. 197)

"Deve-se também notar que acham também no sertão da Bahia umas pedras azuis escuras muito duras de grande fineza(...)". "No mesmo sertão há muitas pedreiras de pedras verdes coalhadas muito rijas(...)". "Em muitas outras partes da Bahia, nos cavoucos(buracos)que fazem as invernadas na terra, se acham pedaços de finissimo cristal e de mistura algumas pontas oitavadas, como diamante, lavradas pela natureza(...)".

(2a. Parte, Cap. CXCIV, p. 197)

"Dos metais que o mundo faz mais conta, que são o ouro e a prata, fazemos aqui tão pouca, que os guardamos para o remate e fim desta história, havendo se de dizer deles primeiro, pois esta terra da Bahia tem deles tanta parte quanto se pode imaginar(...)".

(2a. Parte, Cap. CXCVI, p. 199).

Mas o relato da existência de ouro e de pedras valiosas nao o reservou o autor apenas aos capítulos finais da obra. Mesmo nas narrativas genéricas dos pormenores da terra e do gentio que a habitava, aparecem, a miúde, referências à localização dos minerais. Comparc-se, por exemplo, o capítulo "Em que se declara a costa do rio dos Ilhéus até o rio Grande", no qual ocorre um topônimo oriundo das características aqui apontadas, e em decorrência do próprio fato associativo que refere:

> "Este rio vem de muito longe e traz sempre muita água e grande correnteza, pelo qual vieram abaixo alguns homens dos que foram à Serra das esmeraldas, com Antonio Dias Adorno(...)".
>
> (1a. Parte, Cap. XXXIII, p. 31),

com este outro, "Em que se declara a costa do Cricaré até o rio Doce, e do que se descobriu por ele acima, e pelo Aceci", do mesmo teor descritivo:

> "E quando esta gente passou o Aceci a derradeira vez, dali cinco ou seis léguas da banda do norte achou Sebastião Fernandes uma pedreira de esmeraldas e outra de safiras, as quais estao ao pé de uma serra cheia de arvoredo(...)".
>
> (1a. Parte, Cap. XL, p. 37).

Não apenas na região baiana relata SOARES DE SOUSA a existência do ouro. No Capítulo IV, por exemplo, intitulado "Em que se dão em suma algumas informações que se têm deste rio das Amazonas", relata existência de ouro nas cercanias do grande rio da região norte, e no Capítulo XX, ao tratar da "grandeza do rio de S. Francisco e seu nascimento", faz referência ao"Rio Pará", habitado por gentio de diferentes procedências, e que costumava se ataviar com "jóias de ouro" (186).

186- Notíc. do Bras., p. 21

Ora, "a cobiça do ouro, e o amor às riquezas do mundo", foram, no dizer do PADRE JOÃO DANIEL, S. J., "a causa do primeiro descobrimento e navegação do Amazonas. Já os castelhanos estavam senhores do Reino de Quito e dos grandes tesouros de ouro e prata, mas ainda o seu desejo não estava diminuto, nem satisfeita a sua cobiça(...)". "Espalhou-se em Quito a fama de que no Amazonas havia um grande lago dourado, cujo ouro era mais que as áreas das suas praias, ou que as suas margens e fundos eram tudo ouro. Aumentou-se a fama, e cresceu mais a cobiça, porque além do lago já afirmavam, que nele estava fundada ũa cidade chamada Manoa toda fabricada de ouro, porque de ouro eram as suas casas e tetos, e de ouro toda a serventia dos seus moradores. Esta fama e cobiça de tanto ouro incitou os ânimos de muitos ventureiros espanhois a descobrirem tão rica cidade e o tesouro do Lago dourado, em que prometiam riquezas a montes"(187).

A lembrança desse lugar lendário, bafejado pelo ouro, parece ter ficado testemunhado, na nomenclatura geográfica

---

187-DANIEL, Padre João- "Tesouro descoberto no Rio Amazonas". IN: Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Divis. de Public. e Divulg., 1975, 1º Vol., T. 1, p.30. Cf., também, o que o autor diz de um tipo de terreno do Amazonas, no capítulo intitulado "Das Tintas mais especiais do Rio Amazonas": "10) TAUÁ -É ũ espécie de barro; mas barro amarelo, e tão fino, que serve para tingir de amarelo, como qualquer outra tinta amarela das mais excelentes. Tem singulares predicados este barro que o fazem digno de ser contado entre os principais gêneros do rio Amazonas: la. propriedade é, que per si só sem mais outro benefício, do que óleo, ou resina serve na pintura para o amarelo menos fino; e para as tintas mais finas serve o mesmo tauá desfeito na água onde larga a sua bela tintura em um mui subtil, e fino polme; e para este se separar do mais barro se deixa aquietar a água, e assentar o barro no fundo da vasilha;(...)". "Mais admirável é outra sua propriedade para também pintar de vermelho(...)"; " mas para se fazer vermelho o põe sobre brasas em algum testo, e em pouco de tempo perdendo a sua cor natural amarela com admirável metamorfose se faz vermelho: e(...) assim feito vermelho é mui vivo, e finíssimo vermelhão de sorte, que seria em tudo, o que serve o zarcão, e vermelhão. Ordinariamente, os que sabem desta propriedade do tauá para o fazer vermelho só usam do seu polme depois de bem separado da água(...). Há ribanceiras deste barro tão grandes, que podem carregar inteiras frotas, sem medo de se acabar"(p. 426-427).

do Brasil, em um único acidente físico em Rondônia, a cachoeira de Manoá, do qual apenas o conhecimento histórico poderá conduzir à verdadeira origem do nome.

Continuando o seu relato, informa o PADRE JOÃO DANIEL que "as primeiras minas da América Portuguesa, descendo rio abaixo, são as chamadas minas do Mato Grosso, descobertas há poucos anos", localizadas ao sul do Amazonas e cabeceiras do rio Madeira. As minas de Goiases localizavam-se "nas terras intermédias dos Rios Tapajós e Madeira; para Leste, as outras do Cuiabá e finalmente toda esta chapada, está oferecendo ouro e mais ouro, e só faltam mineiros que o aproveitem. A mesma abundância há em diamantes e mais pedras preciosas; pois além do Serro do Frio, onde só se permitem e trabalham as minas dos diamantes pelos seus contratadores, há quem afirme, que no Rio Madeira desagua outro, que pela sua muita quantidade chamado Paiol dos Diamantes. No rio Xingu desagua o Rio Claro, com o mesmo nome de Paiol de Diamantes"(188).

Seria alongar, em muito, este trabalho, transcrever-se a descrição minuciosa feita pelo autor dos acidentes hidrográficos ricos em minerais valiosos; ele mesmo, de fato, como que coloca um ponto final à tarefa, ao declarar que "raro o rio que não tenha algumas pedras preciosas, ou pedras de preço e estimação grande"(189) (O grifo é nosso).

Por outro lado, a descoberta das minas e as conseqüências sócio-culturais para a história do país são de conhecimento notório, tornando-se desnecessárias minúcias mais detalhadas nesta tese. O papel que as bandeiras paulistas desempe-

---

188- "Tesouro descob. no Rio Amazon.", p.77

189- Ibidem, p. 78

nharam nesse contexto também não é ignorado, de um modo geral. Desse processo histórico, salientou DIÈGUES JUNIOR ter sido justamente o movimento bandeirante "que atraiu os grupos humanos para a área de mineração. O bandeirismo não foi em si mesmo um fator de povoamento, ou de ocupação humana, mas foi o de devassamento do território" (190).

Torna-se, assim, compreensível porque, do ponto de vista toponímico, os litotopônimos encontrados nessa área podem revestir as duas causas responsáveis pelo seu aparecimento, a física e a humana. E porque, ao lado deles, se alinham os estratos dos chamados sociotopônimos, na feição característica que envolve os aglomerados populacionais — vilas, aldeias, arraiais, principalmente — além daqueles que respeitam aos termos oriundos de atividades profissionais que alí se desenvolveram. Acrescente-se a tudo isso a camada dos topônimos ditos históricos, representados, muitos deles, por antropotopônimos que relembram a presença dos bandeirantes, personagens dos roteiros sertanistas de então.

Se a exploração do ouro iniciou o ciclo da ocupação humana do planalto central, a exploração diamantífera foi-lhe imediatamente posterior, como decorrência do declínio da fase áurea das minas, que conhecera o seu apogeu na segunda metade do século XVIII. A vida sedentária em torno das lavras e das catas transformou os primeiros núcleos nos aglomerados urbanos do atual Estado de Minas Gerais:

> "Nas regiões das Minas Gerais, o período de fastígio do ouro ficou impresso, principalmente na arquitetura civil e na religiosa. As igrejas e capelas guardam os traços de ostentação e riqueza da época; também as casas de residência ou de serviços pú-

190- Regiões cultur. do Bras., p. 239

> blicos, respeitado o tipo de construção em uso na poca, traduzem esse sentido de ostentação" (191).

Se nesses setores da atividade humana há vestí - gios de uma época particular da cultura brasileira, porque na toponímia também não haveria marcas expressivas desse mesmo período? Na verdade, não apenas nas Minas Gerais, região que traz no próprio nome o registro de seu principal característico e de sua principal riqueza, mas ainda em outras zonas,onde a procura

pos humanos, há uma superposição litotoponímica que deve ser en fatizada.

Só na região de Minas desponta uma variedade de expressões formadas com ouro, como o córrego do Ouro, o rio do Ouro, a serra do Ouro, a serra do Ouro Branco, a cachoeira e o ribeirão do Ouro Fino, as vilas de Ouro Branco, Ouro Bueno, Ouro Fino, Ouro Podre, Ouro Preto, Ouro Verde, Ouro Verde de Mi - nas, a serra dos Ouros, por exemplo.

Em outros pontos do território, surgem topônimos com o mesmo elemento; assim: Ourinhos (AH SP; Rb. PR); Ouro (AH BA MA; Ar. do, RS; C. BA GO MT; Ig. do, RO; R. do, PI SC); Ouro Branco (AH AL BA RN SP); Ouro Fino (AH BA; Rb. RO; Sa. do, RO); Ouro Grande (Rb. PR); Ouro Pequeno (Rb. do, BA); Ouro Preto (AH AC MA MT); Ouro Velho (AH ES); Ouro Verde (AH MT SC SP; R.PR).

Já a prata tem maior expressividade toponímica do que o ouro, aparecendo em vários Estados. Relativamente à cons tituição de compostos e derivados dos dois metais, há uma dife - rença sensível entre eles: com ouro, é mais comum a fórmula de terminado + determinante, tal qual ocorre em Ouro Verde; com pra ta, esse tipo de formação acontece apenas em Prata Raso (AH BA),

---

191- DIÈGUES JUNIOR, M.- Regiões cultur. do Bras., p. 250

sendo mais freqüentes as derivações e o próprio sintagma simples: Prata (AH BA CE ES GO MA MG MT PI PR SP; C. GO MT; Ig.AC; La. da, MG; R. da, PR SC; Rb. da, GO; Sa. da, PR PE); Pratânia (AH SP); Prateado (Rcho. PE); Pratinha (AH MG RR RS); Pratona(R. BA).

Quanto às pedras preciosas que constituiam objeto de catas, esmeralda nomeia um acidente humano em Minas Gerais, no Amazonas e em Mato Grosso, um igarapé no Pará, ocorrendo,ainda, esmeraldas, em Minas, como acidente humano.

Também nesse Estado localiza-se a serra da Safira Grande.

Turmalina é acidente humano em Minas e em São Paulo, assim como ametista, no Espírito Santo e Rio Grande do Sul, aparecendo na Bahía a serra das Ametistas.

Rubim (AH MG RS), sob a forma de sintagma simples, opõe-se aos compostos Rubim do Norte (R.MG); Rubim do Sul (R. MG), Rubim de Pedras (AH MG).

Topázio localiza-se como um acidente humano da zona mineira e a serra dos Topázios encontra-se no Estado fronteiriço de Goiás.

Cristal oferece maior variedade de formações, verificável nestes exemplos: Cristal (AH BA ES; Rb. GO; Sa.do,BA); Cristais (AH CE MG; Sa. dos,GO); Cristalândia(AH BA GO); Cristália (AH MG PE); Cristalina (AH GO); Cristalino (AH ES; R.GO).

O mesmo papel exercido pelo ouro, nas áreas mineiras, encontrou o seu similar na exploração do diamante. A fase de mineração "inicia-se em 1729, quando uma portaria de D. Lourenço de Almeida manda suspender a mineração do ouro nas terras do Tijuco, ao mesmo tempo anulando as cartas de datas concedidas pelo guarda-mor da Vila do Príncipe, para exploração

de minas alí. O descobrimento do diamante, cuja existência foi verificada três anos no Tijuco, modificou os rumos da história da mineração tanto no seu aspecto social como no econômico"(192).

Do ponto de vista toponímico, o diamante deixou expressões derivadas e compostas, além da própria forma simples: Diamante (AH BA PB PR; C.GO MG; Rcho. do, BA); Diamante de Ubá (AH MG); Diamante Lajeado (AH PR); Diamantina (AH AM BA MA MG PA PR; Chap. BA; R. GO); Diamantino (AH MT; R.MT; Rb.GO).

O núcleo de mineração do diamante, como foi visto, localizava-se no distrito do Tijuco. A origem do nome do lugar é narrada por FELÍCIO DOS SANTOS:

> "(...) uma outra bandeira de aventureiros(...) chegava ao mesmo ponto de confluência do Rio Grande e do Piruruca. Iam fraldejando o morro, que se eleva na margem direita do córrego e tinham caminhado um quarto de légua, quando esbarraram ante um vasto tremedal, que não puderam atravessar, por cima do qual serpeava um pequeno arroio que, nascendo no flanco oriental do morro, ia a pouca distância se perder no Rio Grande. Deram ao pequeno arroio o nome de Tijuco, palavra que na língua indígena quer dizer lama(...)". "O leito do Tijuco ainda era naturalmente mais rico;para aí corriam as águas nativas e pluviais do flanco do morro (...)"; a povoação foi-se aumentando e derramando pela vertente do córrego(...). Assim o Tijuco constituia-se num arraial, tomando o nome do corrego junto do qual fora fundado, e o morro tomou o nome de morro de Santo Antonio" (193).

O termo tijuco, que tem o seu significado oriundo da natureza do solo, não ficou restrito, na toponímia, à uma única localidade, surgindo também em outras areas:

Tijuco	(AH BA; R.BA; Rb. SP)
Tijuco da Serra	(R. BA)
Tijuco Preto	(AH PR SP; C. ES)
Tijucuçu	(AH BA)
Tijucussu	(AH BA)
Tijuquinha	(AH SC)

192- DIÈGUES JUNIOR, M.- Regiões cultur. do Bras., p. 250

193- Memór. do Distr. Diamant., p. 51-53

Tijucal (Cor. PA; I. PA)
Tijucas (AH PI SC; I. SC)
Tijucas do Sul (AH PR)

Por outro lado, o genérico minas haveria de deixar alguns topônimos nas regiões de exploração de minérios, o que, de fato, ocorreu, não, porém, em uma percentagem muito significativa, como se pode perceber:

Minas (AH RS; R. das, AC; Sa. de, MG)
Minas Gerais (AH AC)
Minas Novas (AH MG)
Minas do Mimoso (AH BA)
Minas do Espírito Santo (AH BA)

Do mesmo modo, a exploração de outros metais ficou registrada na nomenclatura geográfica, mas a origem de alguns deles já denota uma forma erudita de língua:

Argenta	(AH RS)
Argenita	(AH MG)
Argirita	(AH MG)
Hematita	(AH MG)
Itabirito	(AH MG)
Cobre	(R. do, PR)
Ferro	(Chap.do, MG)
Ferro Novo	(AH AM)
Ferro Velho	(AH AM)
Ferros	(AH MG)

As atividades sócio-econômicas decorrentes da mineraçao geraram topônimos que, embora incluidos na mesma area cultural, não devem ser considerados, a rigor, como manifestações litotoponímicas e, sim, sociotoponímicas; tais seriam as ocorrências relativas a catas, lavras, garimpo, lavagem, aqui abordadas, todavia, pela evidente proximidade com o momento histórico em questão, ainda que o levantamento cronológico de alguns dos denominativos resulte um tanto divergente:

Catas Alta	(AH MG)/	Catas Altas da Noruega	(AH MG)
Garimpo	(AH MG)/	Garimpo do Jonipapo	(AH GO)
		Garimpo Novo	(AH MT)
Guapiara	(AH SP)/	Grupiara	(AH MG)

Lavras do Sul (AH RS)/ Lavras da Mangabeira (AH CE)
Lavrinha (AH BA)/ Lavrinhas (AH MT SP)
Lavras (AH MG PR; Sa. das, BA)

Quanto aos sociotopônimos relativos aos aglomerados humanos, o aparecimento de arraial, embora considerado como característico das zonas de mineração, pode ocorrer como formações toponímicas em outras áreas territoriais: Arraial (AH BA MA; C. do, GO; R. RR; Sa. do,BA); Arraial do Cabo(AH RJ);Arraial S. Bento (AH SP); Arraial Velho (R. GO).

Litotopônimos mais comuns, que envolvem elementos como barro, lama, terra ou pedra, por exemplo, aparecem na nomenclatura geográfica brasileira em proporçoes significativas, principalmente o último deles.

Assim é que terra, em sintagma simples, denomina um único acidente humano em Minas Gerais, enquanto os topônimos restantes constituem composições ou derivações, a saber:

Terra Alta	(C. BA)/	Terra Alta de Cima	(AH ES)
Terra Boa	(AH BA)/	Terra Nova	(Rcho. PI)
Terra Branca	(AH MG)/	Terra Preta	(Cach. PA)
Terra Caída	(AH SE)/	Terra Firme	(AH AP BA)
Terra de Areia	(AH RS)/	Terra Fofa	(AH MG)
Terra Grande	(AH AP)/	Terra Rica	(AH P)
Terra Roxa	(AH SP)/	Terra Vermelha	(Rcho. BA)
Terreiro	(AH BA)/	Terrinha	(AH BA)

Barro é bastante empregado em localidades, tanto na forma simples como em composição:

Barro	(C.do,MT)/	Barro Alto	(AH GO)
Barro Branco	(AH MA)/	Barro Preto	(AH MG)
Barro Duro	(AH MA)/	Barro de Panela	(AH RO)
Barro Verde	(R. SC)/	Barro Vermelho	(AH RS)
Barro Novo	(Rcho.RN)/	Barros	(La. dos, RS)
Barroada	(AH MG)/	Barrinho	(AH MT)

Com a mesma significação de barro, a toponímia brasileira incorporou a terminologia indígena correspondente, registrando os seguintes termos: Tabatinga (AH AM MG MG PR RN SP;

Pta. da, RN; R. G; Rb. MG MT; Rcho. BA; Sa. da, PI); Tauá (AH BA CE MG; I. AM; Ig. RO; R. GO); Tauá Miri (AH AM); Tauapiranga (AH PE).

Em contraposição, lama é pouco empregada, só ocorrendo em Lama (C. da, MG; Rb. da, MG) e Lamado (C. do, DF).

Outro tanto não sucede com areia e pedra, porém, cuja relação na nomenclatura é bastante extensa e da qual se notam alguns pormenores:

- O substantivo pedra, por exemplo, no singular, é de menor força expressiva que no plural, este com predomínio em acidentes físicos;

- Já em composição, ocorre o contrário: o determinado figura, no singular, em maior número que no plural, assim como a constituição morfo-semântica desses compostos tende a demonstrar que os elementos determinantes, ou seja, os segundos membros dos sintagmas toponímicos, não pertencem à uma única fonte motivadora, incorporando, ao contrário, as mais variadas índoles ou procedências (altura, forma, estado, tamanho, cor, nomes de animais ou vegetais, por exemplo):

Pedra Alta	(Cach. PA)	Pedra Chata	(Cach. da, PA)
Pedra Azul	(C. MT)	Pedra Branca	(Rcho. PI BA)
Pedra Bela	(AH SP)	Pedra Bonita	(AH MG)
Pedra Comprida	(Rcho. PB)	Pedra Corrida	(AH MG)
Pedra de Anolar	(Cach. MA)	Pedra Mármore	(AH MT)
Pedra Ferrada	(AH IA)	Pedra Furada	(C. MT)
Pedra Lavrada	(AH PB)	Pedra Mole	(AH SE)
Pedra Menina	(AH MG)	Pedra Santa	(AH GO)
Pedra Pintada	(AH BA)	Pedra Gravada	(Cach.PA)
Pedra da Arara	(AH PI)	Pedra da Mata	(AH SP)
Pedra do Sal	(AH PI)	Pedra Une	(Sa. CE)
Pedras Altas	(Cox.RS)	Pedras Chatas	(Cach. PA)
Pedras Brancas	(Cach. PA)	Pedras Negras	(AH RO)
Pedras Grandes	(AH SC)	Pedras Soltas	(Cach. das, PA)
Pedras de Fogo	(AH PB)	Pedras Descobertas	(AH MT)
Pedras do Urubu	(AH PA)	Pedras de Maria da Cruz	(AHMG)

- Os nomes derivados também concorrem para intensificar o índice das ocorrências e pedra:

Pedral (Ig.do, AM) / Pedral Grande (Cach., PA)
Pedralva (AH MG) / Pedregal (Ar. RS)
Pedrão (Cach., PR) / Pedraria (AH MG)
Pedregulho (AH BA) / Pedreira (I. da, PA)
Pedreiras (I. PA) / Pedrinhas (C. MG)
Pedreneira (Cach., RO) / Pedreneiras (Ig. AM)
Pedranópolis (AH SP) / Pedreneiras do Limoeiro (Vda.BA)

Relativamente à areia, o sintagma singular é mais empregado do que o plural, registrando-se, porém, uma variada diversificação mórfica nos derivados; já nos nomes compostos, a natureza dos determinantes refere-se mais ao seu conteúdo pro - priamente descritivo, como denotam os adjetivos branco, claro, fino, alvo, por exemplo:

Areia (AH MA MT PA; C. MT; Pta. da, MA; R. GO MG)
Areias (AH BA MA MG MT PA PI SP; C. GO MT; Sa.das,MT)
Areia Branca (AH BA PI PR RN SP; C. da, MG; Rb. PR)
Areia Fina (AH BA)
Areias Alvas (AH RN)
Areias Brancas (AH RS)
Areal (AH BA MA MG RJ; Ar. RS; I. AM; Sa. do, PI)
Arealva (AH SP)
Areião (AH GO PA; Sa. do, PA)
Areinhas (AH MA)
Arenal (AH AC AM)
Areiópolis (AH SP)
Arenópolis (AH MT)
Areões (C. MT)

Laje e lajeado, dentro da litotoponímia, assumem uma posição de destaque, seja na categoria simples ou em com - postos:

Laje (C. da,GO) / Laje do Tabocal (AH BA)
Laje da Conceição (AH SP) / Laje de Muriaé (AH RJ)
Laje de Santos (AH SP) / Laje do Banco (AH BA)
Laje do Campo (AH MT) / Laje do Matos (Ste. RN)
Laje Grande (AH MA) / Laje Lisa (Cach.PA)

Lajes (AH AL BA GO MA MG MT PI RN; C.GO; R. MA)
Lajes Pintadas (AH RN)

Lajinha (Rb. GO) / Lajinha do Mutum(AH MG)

Lajeiro (AH AL)

Lajeado	(AH GO MA MT PI PR RN; Ar.RS; Cach. MT)
Lajeado Bonito	(AH RS)
Lajeado do Cedro	(AH PE)
Lajeado Grande	(AH SC)
Lajeadão	(C. PR)
Lajeadinho	(AH PR RS; C. MT)
Lajedo	(AH BA PE; I. do, MG)
Lajedo Alto	(AH BA)
Lajedo de Baixo	(AH BA)
Lajedo Seco	(AH BA)

Dentre os topônimos ditos históricos, principalmente da região de Minas Gerais, nem todos trazem uma origem litotoponímica aparente, revelando-se essa circunstância de modo indireto, apenas, ou através de uma análise diacrônica dos fatos motivadores. Não é o caso, por exemplo, de Ouro Preto, cujo batismo vincula-se à descoberta do metal em suas cercanias, conforme se depreende do relato de ANTONIL:

> "(...) o primeiro descobridor (das minas gerais dos Cataguases) dizem que foi um mulato", (que), "indo ao sertão com uns paulistas a buscar índios, e chegando ao serro Tripui, desceu abaixo com uma gamela, para tirar água do ribeiro, que hoje chamam de Ouro Preto: metendo a gamela na ribanceira para tomar água, e roçando-a p la margem do rio, viu depois que nela havia granitos da cor de aço, sem saber o que eram (...), e só cuidaram que aí haveria algum metal bem formado, e por isso não conhecido (...)". "E sem mais exame (...) se resolveram mandar alguns dos granitos ao governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá, e fazendo-se exames deles, se achou que era ouro finíssimo"(194).

Já Vila Rica se enquadra bem na primeira modalidade referida:

> "Vila Rica simbolizava, pela mesma época, outro tipo inteiramente diferente de aglomerado urbano". "(...): não fora o resultado de u a fundação deliberada como a cidade de Estácio de Sá; surgira espontaneamente, no limiar do próprio século XVIII, como resultado da aglutinação de arraiais de mineradores, enlouquecidos pela ânsia de extrair ouro do cascalho fluvial. Dois desses arraiais acabaram por constituir as bases do aglomerado, transformado e vila no ano de 1711 - o de Ouro Preto e o de Antônio Dias (...)".(...) o ouro corria a granel, nas mãos dos habitantes livres, nas transaçoes feitas pelos escravos, nas jóias e na

---

194- ANTONIL, André João-Cultura e opulência do Brasil pelas minas de ouro. São Paulo, Ed. Obelisco, 1964, p. 17

> indumentária, nas imagens e no revestimento interno das igrejas (...). Mas todo esse frenesi teve pouca duração, porque não tardou chegass a decadência da mineração; na boca dos insatisfeitos, ao tempo de Tiradentes, seu nome foi alterado para o de Vila Pobre (...)". (195).

A origem antroponímica está presente em topônimos que guardam a lembrança dos primeiros descobridores dos acidentes que nomeiam:

> "Em distância de meia légua de Ouro Preto, achou-se outra mina, que se chama a do ribeiro de Antônio Dias; e, daí a outra meia légua, a do ribeiro do Padre João de Faria; e, junto desta, pouco mais de uma légua, a do ribeiro do Bueno, e a de Bento Rodrigue. E, daí três de caminho moderado até o jantar, a do ribeirão de N. S. do Carmo, descoberta por João Lopes de Lima; além de outra que chamam a do ribeiro Ibupiranga. E todas estas tomaram o nome de seus descobridores, que todos foram paulistas" (196). (O grifo é nosso).

Alguns outros nomes podem se somar a estes:

> "E só junto donde há hoje a Igreja estava um rancho e outros aonde é hoje a de Antonio Dias e logo se descobriu o Ribeirão de Antonio Pereira Dias, filho de Parati, e o Brumado do Sumidouro por João Pedroso, paulista, e o que chamou o Rocha, por Amaro da Rocha, paulista, Pinheiro, por Marcelo Pinheiro, paulista" (197).

A análise desta categoria toponímica comporta a referência específica a um elemento de origem indígena — tupi mais precisamente — que concorre com inúmeras formações para ampliar o quadro dos litotopônimos no Brasil.

De fato, os estratos designativos formados por itá atingem a uma amplitude considerável, levando-se em conta

---

195- AZEVEDO, A.- "Vilas e cidad. do Bras. Colon.", p. 53-54

196- ANTONIL, A. J.- Cult. e opul. do Bras., p. 17

197- Relatos Sertan., p. 76

que o seu primitivo significado, pedra, viu-se acrescido de outro traço semântico, por força dos contactos inter-culturais, na época da colonização, dentro da fase lingüística conhecida por "língua geral". Ora, como os nativos, na época do descobrimento, *encontravam-se ainda em período anterior ao do metal, sentiu o europeu a necessidade de transmitir-lhe tal idéia através de um signo de seu próprio sistema de comunicação, fazendo-o, assim*, por meio do elemento definidor do material mais resistente conhecido, no caso, a pedra, ou itá. Outros acréscimos lingüísticos ainda foram atribuidos ao termo, para que se pudesse representar, consistentemente, os conceitos de ouro (itajubá), prata (itatinga), aço (itacté), por exemplo(198).

O exame dos topônimos dessa origem revela a presença do sintagma simples itá ao lado de formações híbridas:

Itá (AH MT SC; Ig. AM; I. MT; Rb. MT; R. AP)			
Itaimbezinho	(AH RS)	/Itainzinho	(Rcho., PI)
Itainópolis	(AH PI)	/ Itamonte	(AH MG)
Itás	(AH CE)	/ Itapicuruzinho	(R. MA)
Itaúnas	(R. ES)	/ Itauninhas	(R. ES)
Itápolis	(AH SP)	/ Itaúbal	(AH AP)
Itaú de Minas	(AH MG)	/ Itaívas Grande	(C. MG)
Itapecerica da Serra	(AH SP)	/Itaporanga D'Ajuda	(AH SE)

Por outro lado, os topônimos compostos no próprio código lingüístico indígena abrangem uma motivação tão variada, que a referência a todas as combinações existentes iria alongar, sobremaneira, este ítem. Daí a razão por que serão mencionadas apenas algumas dentre as inúmeras existentes:

Itaberá	(AH SP)	/ Itaberaba	(AH BA)
Itabuna	(AH BA)	/ Itauna	(AH PR)
Itacatu	(AH PE)	/ Itacoatiara	(AH AM)
Itacoera	(R. PA)	/ Itacurussá	(Pta. SP)
Itaí	(R. SP)	/ Itaipaba	(AH CE)

198- Para maiores esclarecimentos dos chamados "neologismos" indígenas, Cf. EDELWEISS, Frederico G.- Estudos Tupis e Tupi Guaranis. Rio de Janeiro, Livr. Brasiliana, 1969, p.172-187.

Itanhaen	(AH SP) /	Itaoca	(AH ES)
Itaparaná	(R. AM) /	Itapemirim	(R. ES)
Itapiranga	(AH MA) /	Itatiba	(AH SP)
Itapira	(AH SP) /	Itapura	(AH SP)
Itatingui	(AH BA) /	Itararé	(R. PR)
Itati	(AH RS) /	Itatira	(AH CE)

A importância do vocábulo como nome geográfico e as suas possibilidades combinatórias comprovadas, levou THEODORO SAMPAIO a observar que "tão grande é a tendencia para denominações de lugares com o tema itá,que nao raro acontece darem esse radical a vocabulos que na verdade o não têm, provindo dai grande número de corruptelas, assim como Itaquaquicétuba por Taquaquicé-tuba, taquaral da espécie taquá-quicé; Itaguahy, por Taguá-hy, rio do taquá; Itabapoana por Cabapoana, vespas assanhadas. Já nos jornais mineiros se lê Itápanhuacanga por Tapuyunacanga, cabeça de negro, (...)" (199).

Só a ocorrência desta tipologia denominativa na nomenclatura geográfica do Brasil, justificaria um estudo pormenorizado dos litotopônimos e o reconhecimento da função motivadora preponderante que exercem na toponímia nacional.

199- O Tupi na Geogr. nacion., p. 124

4.1.3.- Fitotopônimos

O estudo da veg tação terrestre constitui, para o leigo, uma das mais árduas tarefas que se lhe possa propor, pela variedade das espécies que se entrecruzam em porções delimitadas do espaço geográfico analisado. Principal ente no Brasil, onde a diversidade da flora é sentida tão vivamente, tantas as ocorrências dos tipos botânicos, mais difícil ainda se apresenta a tentativa de selecionar, toponimicamente, as feições da paisagem referentes ao assunto; pois, como ben explicou um pesquisador da Geografia Física, "a vegetação comporta-se se pre como "reativador" do meio" (200).

É evidente que o estudo pormenorizado da vegetação, de acordo com os elementos componentes e obedecendo a classificações fitogeográficas especializadas, extrapolam, em muito, os limites e as possibilidades desta tese. O que se procurará ressaltar serão as evidências mais comuns na nomenclatura geográfica fitonímica e, na medida do possível apenas, tentar-se o seu enquadramento nas características fitogeográficas do ambiente. O importante, talvez, seria não perder de vista que a vegetação é parte integrante de um conjunto natural, em que relevo, constituição do solo, acidentes hidrográficos, regimes climáticos, compõem um verdadeiro biosistema imprescindível ao homem e à qualidade de vida que nele pretenda instalar ou, pelo menos, usufruir.

A. J. DE SAMPAIO, discorrendo sobre o "patrimônio florístico do Brasil" e a conseqüente proteção à natureza, refere-se aos numerosos benefícios da flora", "uns conhecidos de to

---

200- BERTRAND, G.-"Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique". Trad. de O. Cruz. Caderno de Ciências da Terra. São Paulo, Instit. de Geogr. da Univ. de São Paulo, 13:4, 1972.

da a gente, outros reconhecidos pela ciência, nas suas pesquisas sobre as relações entre os seres vivos, a atmosfera e o solo. Todo o mundo conhece numerosas plantas úteis, campestres e florestais; geralmente se compreende o papel protetor das florestas para os mananciais; não há quem desconheça a utilidade de uma árvore frutífera, ornamental ou de sombra; (...). Por outro lado, alguns autores têm exagerado o valor das matas; limitemo-nos a repetir Mahé, no "Dictionnaires des Sciences Médicales"(V.28, p.114), dizendo que "a floresta ocupa um lugar importante na natureza, no comércio, na agricultura, na higiene. Prepara o solo fértil, iguala e regulariza a temperatura e os cursos das águas; é nossa melhor salvaguarda contra as inundações; sanea a u te po a terra e a atmosfera; recreia o moral, restaura o físico do homem e o faz gozar as belezas da natureza, pelos esplendores da vegetação. Eis bastante títulos, continua Mahé, para que mereça proteção contra as sevícias que sofre" (201).

Em muitas obras de caráter geral, comenta-se a exuberância da vegetação brasileira, de tal modo que o pesquisador, diante do assunto, poderá errar por omissão, ao escolher algumas dentre elas para seus comentários, em detrimento de outras, talvez até mais adequadas ao problema. Nesta tese mesmo, já por diversas vezes foram mencionados trabalhos de cunho histórico que poderiam, realmente, ajustar-se aos fatos ora tratados, senão com rigor científico, pelo menos com alguma aproximação aos objetivos da Toponímia.

Como no caso brasileiro "são bastante nítidas as correlações entre o complexo bioclimático (clima, cobertura vegetal e solos)" e as "fases do processo de ocupação do território,

---

201- SAMPAIO, A.J.DE -Fitogeografia do Brasil.2.ed rev. e au . São Paulo, Cia. Edit. Nacional, 1938, p.19-20 (Brasiliana, 35).

e for as de organização sócio-econômicas", no dizer de NILO BERNARDES (202), poder-se-ía optar, neste passo, por aqueles estudos que, como o do autor, enfatizam essa perspectiva, e aqueles que têm sua tônica na de onstração das espécies vegetais e si próprias, incluindo-se, aqui, a obra de A. J. DE SAMPAIO. Por se tratar de um estudo fitogeográfico mais minucioso, seu conteúdo amplo, enriquecido com pormenores detalhados a respeito dos tipos de vegetação brasileiros, torna-se de interesse para a Toponímia, desde que, através dele, poder-se-á verificar a possível correlação entre áreas fitogeográficas e fitotoponímicas, no país.

De um modo geral, a Fitogeografia brasileira denuncia a existência de três grandes conjuntos de vegetação, "cada um com significado próprio para a formação econômica e cultural do País. Ao longo da fachada atlântica oriental se dispõe uma enorme faixa de domínios florestais (florestas tropicais e florestas subtropicais) à qual correspondem justamente as áreas de maiores adensamentos demográficos. Ao norte, se esparrama o vasto domínio das florestas de baixa latitude — a hilédia amazônica. Ao centro, entre os dois mundos florestais, uma larga faixa de vegetação aberta, de características florísticas e climáticas variadas, se dispõem em bandoleira, do litoral setentrional do Brasil ao pé dos Andes" (203).

A. J. DE SAMPAIO, por sua vez, apresentou uma divisão da Flora Brasileira repartida em duas grandes províncias:

"I - A Província Amazônica ou Flora Amazônica

II- A Província Extra-Amazônica ou Flora Geral

202- BERNARDES, Nilo-"O quadro natural; o meio e a ocupação do território". IN: DIÈGUES JUNIOR, Manuel-coord.-História da Cultura Brasileira. Rio de Janeiro, Cons. Feder. de Cultura, 1973, p. 15

203- Idem, Ibidem, p. 16

"I - Flora Amazônica ou Hiléia Brasileira:

1 - Zona do Baixo Amazonas (boca do R. Negro ao litoral)

1.1.- Sub-zona Sul

1.2.- Sub-zona Norte

2 - Zona do Alto Amazonas (da boca do R. Negro até o Acre)

2.1.- Sub-zona Sul

2.2.- Sub-zona Norte"

"A Flora Amazônica", que faz parte da chamada Hylea de Humboldt, apresenta dois tipos de "associações" ou de "formações" vegetais:

a - Matas de Terra Firme - comportando, ou, nao, baixadas úmidas ou alagadiças (igapós)

b - Matas de Várzea - alagadiças e comportando geralmente igapós, isto é, trechos de matas alagadas mais ou menos permanentes".

"Verifica-se", ainda, alé desses tipos, "a existência de áreas campestres inclusas na vegetação florestal e mais numerosas no Baixo Amazonas: são campos, campinas, campinaranas e um tipo especial de caatingas(...); há, também, bamburrais e carravascais, semelhantes aos de Mato Grosso".

"II - A Flora Extra-Amazônica ou Geral, ao contrário da amazonica, que e delimitada pelo regime fluvial-pluviométrico do rio Amazonas, ocupa a maior extensão do nosso país e nela o na Hiléia tem repercussão, em campos aí inclusos. Essencialmente campestre, a flora geral do Brasil divide-se em seis zonas, a saber:

1 - Zona dos Cocais

2 - Zona das Caatingas

3 Zona das Florestas Orientais(ou das Matas Costeiras)

4 - Zona dos Pinhais ou Sul-Brasileira da Araucária

5 - Zona dos Campos

6 - Zona Marítima, compreendendo:

a - Vegetação halófila ou do litoral

b - Flora insular:

b.1.- das ilhas afastadas: (...)

b.2.- das ilhas costeiras

c - Fitoplancton ou flora flutuante" (204).

Os esclarecimentos que o autor presta, a seguir, a respeito da conceituação das especificações vegetais, são necessários para se aclarar quaisquer dúvidas porventura existentes sobre esses termos gerais; dai as causas da transcrição:

> "(...) no Brasil, a vegetação campestre forma o fundo cartográfico de nossa Fitogeografia, havendo campos e todas as zonas, o termo "campo" aplicado no sentido o ais amplo, isto é, "terreno sem mata", tendo ou não árvores esparsas; quando arborizados, a Fitogeografia dá-lhes o nome, hoje universal, de savana; quando sem árvores, a designação, hoje universalmente adotada,é a de campina"(205).

I - Flora Amazônica:

No domínio da Floresta Amazônica, mostra o autor o contraste apresentado pela vegetação, desde que predominam, no Baixo Amazonas, campos extensos, enquanto no Alto Amazonas se conhece uma exuberância maior da flora, pelo melhor regimen pluvial, comportando, aí, matas contínuas, sem as características anteriores citadas. Nelas são freqüentes a palmeira murumuru, jarinas ou marfim vegetal, sendo nativos da região o cacau e o guaraná(206).

Como ele nos o esclarece, são "pouco notavéis as diferenças das sub-zonas do grande rio, onde surgem a Hevea brasiliensis e os castanhais das matas de terra firme, mas em proporção maior no lado sul" (207).

204- SAMPAIO, A. J. DE - Fitogeogr. do Bras., p. 38-41

205- Idem, Ibidem, p. 41

206- Idem, Ibidem, p. 62-63

207- Idem, Ibidem, p. 65

Outro caso típico de vegetação da Hiléia amazônica, mas sem exclusividade regional, é a sumaúma, que acusa nomes diversos em outras regiões (cotton tree, no Panamá; ceiba, na Guatemala, Honduras, Colombia, etc.)(208).

O cajá-mirim espécie também integrante da Flora geral, é o mesmo taperebá do Amazonas. Martius, segundo SAMPAIO, indica-o nativo da Bahía, Mato Grosso, Pará e Amazonas. Tapirira guianensis é o pau-pombo no Baixo Amazonas e o cedro do Tapajós. Dentre as especificações existentes, devem ser considerados o andirá, a andiroba, o juquiri arbustivo; as palmeiras inajá ou anajá, característica dos igapós; a pechiúba, o cumaru, o caucho, exclusivamente hileano, co suas "raízes vermelhas, algumas das quais, por muito superficiais, são visíveis até muitos metros distantes do tronco, como as da guariúba"; a muiraquatiara, a murajubs; a piquiarana ou piqui do Nordeste, a favoira; a imbaúba, o tachi, o arapari, a iurana, o assacú, o salgueiro, a mutamba; as palmeiras jauari e marajá (209).

208- SAMPAIO, A. J. DE - Fitogeogr. do Bras., p. 65

209- Fitogeogr. do Bras., p. 66, 67, 69, 71, 73 e 74

A toponímia registra as seguintes ocorrências relativas às espécies mencionadas: Anajá (AH MA); Anajás (AH PA; I. PA; R. PA); Anajatuba (AH MA PA; R. MA); Anajazeira (C. MT); Anajazinho (R. PA); Andirá (AH AM; R. PA); Andiratuba (Ig. AM); Andiroba (AH MG); Andirobal (AH MA); Arapari (AH AM CE PA; Cach. RR; I. do, PA; Pa. de, AM; R. AP RR); Cauchal (Ig. PA); Cedro (Cach. RR; AH MA MT PA; Rcho. MA); Cedro de S. João (AH SE); Cedrolina (AH GO); Cumaru (Cach. AP; I. PA; Ig. AM; AH AM PA; Cach. PA); Favoira (AH CE MA PI); Favoiras (Rb. GO); Faveiro (C. do, GO); Guariúba (I. RR); Imbaúba (C. MT; Ig. AM RO); Inajá (Cach. AM PA; Ig. RR; R. PA; Sa. do, PA; Rb. RO); Inajatuba (I. RR AM; Ig. RR; Lo. RR); Jauari (AH AM; I. e Pa. AM; Sa. PA); Jauarisal (I. PA); Juquerí (R. SP); Juquerí Mirim (AH SP); Juqueriquerê (Sa. do, SP); Marajá (AH AM; Lo. AM); Marajazal (Cach. do, PA); Piqui (AH BA MT; R. MT); Piquizeiro (AH MA); Salgueiro (AH PE; Rcho. do, PE); Tachi (registrado na variante Taxi, Ig. AP); Taxi do Liuão (AH AP).

Entre as madeiras pesadas da região, cita o autor o cedro e a massaranduba, além da sumaúma, da castanheira e do pau-mulato. Uma das mais comuns é a jutaí-pororoca; já a muiratinga, uma "das árvores mais altas da várzea do Amazonas", chega a atingir cerca de 40 metros de altura, podendo ser lembrados, ainda, o caju-assu, a espadeira, o marimari, que, segundo SAMPAIO, "é uma bela árvore ornamental e de sombra, frequentemente culta junto das choupanas por motivo comestível", e o arapari (210).

A palmeira jacitara forma "por igual denso emaranhado espinhoso", e, entre as plantas aquáticas, salienta-se a vitória-régia, "a que chamam uapê ou forno" (211).

Do ponto de vista toponímico, o emprego de castanha como denominativo reveste-se de importância, principalmente porque a distribuição dos nomes vai coincidir com a área geográfica específica, dando origem, assim, à uma área fitotoponímica, por excelência:

Castanha (AH AM PA RN; Cach. AM; Ig. AM PA)
Castanhal (AH AM PA; Ig. AM PA; Lo. AM; Salto do, PA)
Castanhão (AH CE)
Castanheira (AH AC; Cach. PA; Trav. da, PA)
Castanheiro (AH AM ; Sa. AM)
Castanho (AH AM PA; Cach. AM; Fu. AM; Ig. AM RR;R.AM)
Castanhoniirim (R. AM).

Seringueira surge apenas no masculino, em um ribeirão do Estado do Mato Grosso, parecendo sugerir, em sua forma, mais um sociotopônimo do que um fitotopônimo propriamente dito. O termo preferido é seringal, distribuido em Seringal R. Verde (AH MT); Seringal Paraguaçu (AH AC); Seringal Setenta (AH RO); Seringal Três Lagoas (AH MT); Seringalzinho (C. MT). Integra, ainda, a relação os topônimos Seringota (AH MG); Seringa (Cach. AM; Ig. AM; Sa. da, PA).

210- SAMPAIO, A. J. de-Fitogeogr. do Bras., p. 77

211- Idem, Ibidem, p. 78 e 79

Dentro da mesma série de motivação, borracha tem emprego reduzido, denominando apenas dois acidentes na Bahía, um humano e, outro, físico (serra).

A sumaúma, apesar dos poucos registros toponímicos, aparece também, e exclusivamente, na mesma área (AH GO MA PA; I. AM PA; Trav. AM).

Jariná (R.MT) e Marimari (I. AM), ainda que topônimos únicos, ocorrem, porém, dentro da área fitogeográfica de localização.

O aparecimento do cacau na toponímia brasileira não condiz com a sua importância sócio-econômica; os índices sao pequenos em expressividade: Cacau (C. do, MA; I. do, AM; Ig. AM); Cacaual (Ig. PA); Cacaus (Rb. dos, RO); Cacauzinho (C. MA). O mesmo ocorre com o guaraná, contando apenas com duas incidências, em acidentes humanos do Espírito Santo e do Pará.

Relativamente às demais espécies vegetais mencionadas, citem-se os seguintes registros que confirmam o seu enquadramento na área geográfica, a saber: Cajuaçu (Cach. PA); Espadeira (Vda. BA); Espadeiro (Vda. do, BA); Jacitara (AH AM; I.PA; Lo. da, PA AM); Jutaí (AH AM PA; Cach. AM; Lo. AM; R. AM PA; Sa. do, PA); Jutaízinho (Ig. AM); Maçaranduba (AH BA PA; Cach. AP; Ig.PA); Pau-Mulato (I. do, PA; Ig. AC).

A- Os Campos da Amazônia

Nas savanas, segundo SAMPAIO, "as árvores mais freqüentes e também peculiares ao Brasil Central são o caimbé (ou lixeira nos cerrados de Mato Grosso, e sambaíba nos de Minas Ge-

rais), e a caraúba (ou paratudo, em Mato Grosso)" (212).

Saliente-se, também, o mirichi rasteiro (ou mauri ci rasteiro do Brasil Central), "cuja área geográfica se estende, no Brasil, desde as savanas amazônicas até as do Estado do Paraná" (213). Dentro das savanas amazônicas, o autor abre destaque para a mangaba, assi se expressando a respeito:

> "Em alguns campos do sul do Pará, assim nos do Mangabal, no Tapajós, há ocorrência de mangaba (Hancornia speciosa), planta nordestina que talvez tenha aí, geneticamente antropocórea, isto é, tenha sido transportada pelo homem, em especial pelos índios em suas migrações.
> Como é sabido, o sul do Pará era a zona dos Tupis, com larga dispersão no litoral do Brasil; o transporte também poderia ter sido feito por civilizados, uma vez que a Capitania do Maranhão se estendia, em seu tempo, até Manaus" (214).

Ora, a toponímia testemunha a existência do vegetal, como onomástico, no Amazonas, em um rio, e no Pará, em um igarapé, além de nomear um morro de Goiás. Mas o derivado mangabeira, bem mais freqüente, inclui, em sua dispersão, outras áreas: Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Piauí e Rio Grande do Norte. Por sua vez, a forma pluralizada, mangabeiras, denomina uma chapada nos Estados de Goiás e do Maranhão. Portanto, a zona distributiva do topônimo vem confirmar, plenamente, a informação do autor quanto à localização fitogeográfica da espécie, desde que não há registros fora dos pontos declinados.

Quanto ao genérico savana, não há, porém, dele, ocorrência toponímica alguma, mesmo em outras zonas que não as específicas.

As demais espécies citadas acusam os seguintes índices: Caimbé (AH Al; I.AM; Lo.AM -dentro da área geográfica, por

---

212- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 85

213- Idem, Ibidem, p. 85

214- Idem, Ibidem, p. 87

tanto); Sa. baíba (AH BA MA; Rcho. BA); Sa.baituba (AH BA)(215).

O mirichi rasteiro denomina um único acidente físico (cachoeira), e. Roraima. Já o urici, que o autor aponta co o u.a variante, desde o norte até a região sudeste, tem maior em prego toponí.ico: Murici (AH PE PI; Pta. d , MA);Muricituiá (Pta. do, MA); Muricizal (AH GO PA; I. PA; R. GO).

B - As Campinas da Amazônia

Muito embora campina possa ser entendida como termo genérico para "campo sem árvores", esse tipo de vegetação , no Amazonas, "tem caracteres próprios", co "vestimenta florística herbácea e arbustiva", no dizer de SAMPAIO. Relativamente as formações típicas da área, esclarece o autor que "os igarapés ou riachos são providos de vegetação arbórea marginal", onde são frequentes a pacova-sororóca (ou Ravenala guianensis), ou o jará(Leopoldina pulchra), por exemplo (216).

É a primeira delas que a toponímia enfoca, como fonte motivadora: Pacovaí (Ig. RR); Pacovais (AH AM); Pacoval (AH PA; I.do, AM; R. MA; Rb. MT); Pacovalzinho (AH AM; Cor. MT).

Relativamente ao genérico campinarana, ou seja , a "falsa campina" ou "campo propriamente dito ou arborizado"(217), nota-se o seu emprego como topônimo em um único acidente humano ,

---

215- A importância deste testemunho toponímico verifica-se na medida em que vem reafirmar os dados da fitogeografia, confirmando a presença da espécie vegetal equivalente ao caimbé em sua própria zona nativa.

216- Fitogeogr. do Bras., p. 87 e 88

217- Ibidem, p. 89. Esclareça-se que o sufixo tupi rana é empregado no sentido de conferir ao elemento antecedente a idéia de "falso", "não verdadeiro", "mal feito".

no Estado da Bahía.

Quanto às demais formações vegetativas enciona-das, ou seja, bamburrais, cavascais ou carravascais, apenas as primeiras aparecem na nomenclatura geográfica:Bamburral (Rcho.do, PI); Bamburro (C. do, RO).

Já a flora das ravinas, segundo SAMPAIO, tem como ponto de eleição, os miritizais associados a assaís, anotando o autor serem os últimos exclusivos do Amazonas e Pará, enquanto os primeiros espalham-se pela Venezuela, Guianas, Peru, Amazônia e norte de Mato Grosso (218).

Na toponímia, o assaí, realmente, mostra uma relação de conjunção entre as áreas fitotoponímicas e fitogeográficas de aparecimento, conforme o atestam estes exemplos: Açaí (AH AC; C. RO; Cach. RR; I. AM; Ig. RR; I. do, MT); Açaituba(AH AM RR; Ig. AM; R. PA); Açaizinho (AH PA).

Quanto ao miriti, a toponímia também comprova a mesma situação de equivalência entre áreas, já que a nomenclatura registra-o como denominativo nos Estados do Acre (AH), Amazonas (AH; Cach.; I.; Ig.; R.), Maranhão (AH) e Pará (Cach.). Convém esclarecer, na oportunidade que, de acordo com os ensinamentos de THEODORO SAMPAIO, o termo miriti provém de uma alteração linguística do primitivo vocábulo tupi mbyryty, modificado, no sul do país, para a forma referida e, ao norte, para buriti (219). Esta última designação encontra registros onomásticos amplamente difun

---

218- Fitogeogr. do Bras., p. 91

219- O Tupi na Geogr. nacion., p.56:"O grupo mb, cuja gama nasal particularissima equivale proximamente a umb, ora se reduz, por vício de pronúncia, a simples b, ora a m.(...). O nome tupi mbyryty é outro frisante exemplo. No norte do Brasil se alterou para burity, no sul para myrity".

didos:

Buriti (AH BA MA MG MT PI PR; Ar.RS; C.MG MT BA; Cach.AP PA; Ig.AM RO; R.GO; Rb.MG MT; Rcho.CE PI; Vda. do, BA .
Buriti Alegre (AH GO)/ Buriti Só (AH GO)
Buriti Alto (C. MG)/ Buriti Comprido (AH PI)
Buriti Bravo (AH MA)/ Buriti Cercado (AH MA)
Buriti Cortado (AH MA)/ Buriti Fechado (C. MG)
Buriti Grande (AH PI)/ Buriti Torto (Rb.GO)
Buriti dos Lopes (AH PI)/ Buriticupu (R. MA)
Buritirana (AH BA)/ Buritis (Rb.SP)
Buritizal (AH MT)/ Buritizeiro (AH MG)
Buritizinho (AH BA CE GO MA PI; C. MT)

Outro detalhe referido pelo autor, que merece ser citado porque há, dele, registro na nomenclatura geográfica, é o que se refere à chamada flora xerófila dos pedrais, assim conceituada: "Os campos e campinas apresentam não raro afloramentos de rocha, e, às vezes, grandes blocos esparsos, nos quais há uma flora especial, rala, em geral lichenes, bromeliáceas e cactáceas, entre estas uma interessante espécie da "coroa de Frade" (Melocactus sp.)"(220). Pois bem, é esta mesma coroa de frade que dá nome à uma cachoeira no Estado do Pará, aparecendo, ainda, significativamente, em um ribeirão do Estado do Paraná, em áreas geográficas opostas, portanto.

Como o próprio autor fez sentir, são muitos os campos, as campinas e as campinaranas, na Amazônia. Mas, também, campos e campinas, principalmente, são comuns em todo o Brasil. Nem por isso, entretanto, deixa de haver um índice onomástico dessas fontes, sensível na região norte do país, conforme o comprova a pesquisa realizada, pelo menos em relação à campina:

Campina (AH AM MA MT PA; Ba.da, MT; Ig.da, RO; Pta.da, PA)
Campina Alta (AH PR)/ Campina Bonita (AH PR)
Campina Capuana (I. AM)/ Campina da Lagoa (AH PR)
Campina de S. Jerônimo (AH MG)/ Campina do Araçaral (AH PR)
Campina do Monte Alegre (AH SP)/ Campina dos Índios (AH PR)

220- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 91

Campina dos Pupos(A PR)/ C ina Verde (AH MG)
Campina Grande (AH AP PR)/ Campina Grande do Sul(AH PR)
Campinas (AH AM BA MT; Ig. AM; Lo. AM; R. AM)

Quanto a campo, a preferência onomatológica é bastante superior à registrada para campina principalmente nos sintagmas compostos, em que o segundo elemento, ou seu termo determinante, revela, de um modo geral, um processo descritivo("comprido", "fechado", "grande", "largo", "limpo", etc.):

Campo (AH PA; Cach.do, RO;I.do, GO MA PA; La.do, PI;Rb.MG)

Campinho (AH BA)/ Campinhos (AH BA)
Campo Alegre (AH AM)/ Campo Alegre de Goiás(AH GO)
Campo Belo (AH AP)/ Campo Bonito (AH PR)
Campo Bom (AH RS)/ Campo Esperança (AH AC)
Campo Comprido (AH PA)/ Campo do Meio (AH MG)
Campo Fechado (AH PR)/ Campo Frio (AH BA)
Campo Formoso (AH MT)/ Campo Dora (AH MT)
Campo Grande (R. GO)/ Campo da Missa (I. PA)
Campo Largo (AH PA)/ Campo Limpo (AH GO)
Campo de Dianarum(AH MT)/ Campo do Coelho (AH RJ)
Campo de Semente (AH CE)/ Campo Florido (AH MG)
Campo de Brito (AH SE)/ Campo do Sampaio(AH MG)
Campo do Bugre (AH PR)/ Campo dos Bois (AH MT)
Campo do Tenente (AH PR)/ Campo dos Pintos(AH AC)
Campo Erê (AH SC) (221)

Dentro, ainda, da mesma temática, são frequentes, segundo a informação de SAMPAIO, na geografia física regional, os "capões" de matos, "também chamados de "ilhas de mato" , seja nos lugares mais frescos nos campos secos, seja nos tesos , nos campos úmidos" (222).

221- O topônimo Campo Erê indica um hibridismo português-kaingang, que erê significa, no léxico específico, o próprio campo, ocorrendo, portanto, na espécie, a conhecida figura do pleonasmo onomástico, comum na nomenclatura geográfica universal, principalmente quando se trata de denominação bilingües. Note-se, por outro lado, que o topônimo está registrado em uma zona onde indígenas dessa família linguística eram particularmente encontradiços; natural, assim, a fixação do nome ao solo de origem.

222- Fitogeogr. do Bras., p. 91. Quanto à etimologia do vocábulo, cf. CUNHA, A. G. da-Dicion. histór. das palavr. portug. de orig. tupi: "Capão - Var.: capão, capoa, capoão, caapão, caàpuão. Do T. kaa'pau - "ilha de mato ou campina" .

Especificamente, registra a toponímia um Capão do Mato como acidente humano, na Bahía; mas, ao lado dessa forma, ocorre uma série de incidências em capão, seja como sintagma simples ou composto:

Capão	(AH BA GO MG PR; Cach. PA; I.do, MG; Rb. GO)		
Capão Açu	(I. AM)/	Capão Grande	(R. PR)
Capão Alto	(C. MT)/	Capão do Meio	(AH BA)
Capão Bonito	(AH SP)/	Capão Verde	(AH MT)
Capão da Areia	(AH BA)/	Capão da Canoa	(AH RS)
Capão da Cruz	(AH SP)/	Capão da Farca	(AH RS)
Capão da Volta	(AH BA)/	Capão de Herança	(AH RS)
Capão do Jucu	(AH BA)/	Capão dos Patos	(AH RS)
Capão do Tigre	(AH RS)/	Capão do Leão	(AH RS)
Capão Frio	(AH BA)/	Capão Preto	(AH SP)
Capão Queimado	(I. MT)/	Capão Seco	(AH RS) (223)

Ainda relativamente às formações dos campos, menciona o autor os chamados prados flutuantes, esclarecendo a respeito que, "ao baixarem as águas, essa vegetação se adensa, dando lugar a grandes prados ou extensões verdes, constituidos geralmente de canaranas (Panicum sp.), herva de bicho (Polygonum acuminatum)", entre outras espécies mencionadas (224). Delas, apenas a canarana surge na toponímia, ainda que o três registros: dois acidentes humanos na Bahía e no Maranhão, e um igarapé em Rondônia.

II - Flora Geral do Brasil ou Extra-Amazônica

O segundo ítem da distribuição da cobertura vegetal brasileira, ou a Flora Geral, ocupa, segundo Sampaio, "cerca

---

223- A concentração mais nítida de topônimos originados em capão, no Rio Grande do Sul, indica uma tendência ao aparecimento de uma área fitotoponímica específica, nessa zona.

224- SAMPAIO, A.J.de - Fitogeogr. do Bras., p. 92

de 60% de nosso território", e ', em sua maior parte, "tambe campestre, co predomínio de campinas u campos se árvores, de Goiás para o Sul, e ominância de savanas ou campo arborizados, de Minas principal ente, as desde mesmo o Rio Grande do Sul (savanas ou campos de praia) até o extremo norte da Amazô - nia (Campos Gerais do Rio Branco, Campos Gerais do Trombetas, Cu miná, etc.)"(225).

A tipologia florística é representada, comumen - te, por secções, a saber:

1 - Zona dos Cocais

Na primeira das zonas integrantes da Flora Ge ral, a dos Cocais, localizada, principalmente, nos Estados do Maranhão e do Piauí, haveria, segundo SAMPAIO, diferentes espe- cies de vegetação distribuidas pelo litoral e pelo planalto. No litoral, predominariam os "mangues", "que não são parte propria - mente da Zona dos Cocais mas si da Zona Marítima" e "as campi - nas baixas do litoral" (co domínio dos coqueiros da Bahía)(226).

A característica principal da região concentrar - se-ía neste ponto referido pelo autor: "Há, aí, porém, no Mara - nhão, tendência gregária ou exclusivista dos três mangues (Rhizo phora, Avicennia e Laguncularia); onde se encontra um gênero nao se encontra o outro, segundo Froes de Abreu, sendo este fato tam bém verificado em relação às palmeiras; onde babassú, só babassú; onde carnaúba, só carnaúba; onde buriti, só buritĺ; onde assaí, só assaí, gregarismo de que não são citadas exceções" (227).

225- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 94

226- Idem, Ibidem, p. 95

227- Idem, Ibidem, p. 98

O importante desse apontamento para a toponímia será, sem dúvida alguma, a comprovação, na área distributiva dos nomes, da mesma tendência demonstrada pelo meio ambiente.

Das espécies mencionadas, diz SAMPAIO constituir o babaçu, ao lado dos "tabuleiros com os campos cerrados e as savanas" o conjunto típico das principais formas de vegetação nordestina (228). Para ele, o babaçu representa "grandes cocais homogêneos, em grandes matas, ora densas, ora mais ralas;a espécie parece ser Orbignya Martiana(...)", além de se revelar "uma zona especial, por motivo da (sua) enorme abundância, em matas quase puras(...); é também zona de transição entre a flora amazônica e a das caatingas e dos campos, porque há, sobretudo a oeste, proeminência da hiléia, enquanto que a leste e ao sul interferência da flora nordestina", justificando, ainda, a "individualização da zona florística do Meio Norte" pelo nome de "Zona dos Cocais" porque aí as florestas de babassu são chamadas cocais; a Fitogeografia adota hoje, de preferência, os nomes regionais" (229).

MANUEL DIÈGUES JUNIOR também ressalta a importância dos babaçuais no processo de ocupação humana do país, através da colaboração que proporcionaram à estabilidade dos grupos. Como exploração econômica é, porém, de menor realce que a carnaúba; a população, nessas zonas, é rarefeita, desde que "a exploração do babaçu ainda não constitui um gênero de vida, pois o tra-

---

228- Fitogeogr. do Bras., p. 99. Para se ter noção mais completa do mapeamento florístico da zona do planalto, cf. op. cit., p. 95-96, onde ocorrem estas especificações: "1- Cocais de babassu, ao centro, a leste e ao norte (Zona dos Cocais propriamente dita); 2-Campos cerrados ao centro e ao sul(tabuleiros); 3-Caatingas disseminadas; 4- Carnaúbais, buritizais e assaizais (expansão dos Carnaúbais do Nordeste); 5-Areais, semi-desérticos; 6- Flora hidrófila em remansos, lagoas, lagoas e beiras de rio; 7-Matas ciliares e capões de mato; 8-A oeste, a transgressão da Hylea, com uma orla de carrascos".

229- Ibidem, p. 99 e 105.

balhador geralmente s restri ge à quebra do coco. O trabalho dos babaçuais só se v rifica quando o tra alhador tem necessidade de dinheiro; então deixa transitoriamente as suas roças de subsistência e passa a trabalhar nos babaçuais(...)"."Não há, deste modo, continuidade ou fixação do elemento humano"(230).

Talvez a concepção g neralizada de que o trabalho no babaçual representa apenas uma for a provisória de atividade lucrativa seja a responsável pelos poucos topôni os existentes nessa modalidade, e confronto à extensão geográfica de suas matas. Ocorre, no Maranhão, u único acidente humano (Babaçu) e surge, em Goiás, o composto Babaçulândia, também denominando outro acidente humano. Apesar de mínimas as ocorrências, valoriza-se, porém, o fato de que incidem no próprio espaço físico peculiar à planta, constituindo-se tais designativos em outros exemplos de motivação decorrente do meio natural.

2 - Zona das Caatingas

A caatinga, como região geográfica, foi definida por SAMPAIO como "uma das mais difíceis de descrever, pela variedade de associações vegetais, desde as florestas outrora luxuriantes e hoje muito devastadas, até as caatingas mais pobres que aí se encontram e que em grande parte resultaram da obra nefasta do homem que há quatro séculos vem destruindo imprevidentemente a vestimenta florística da região" (231). Geralmente chamada de "Nordeste do Brasil", ultrapassa, todavia, "esta área geográfica", estendendo-se "ao Brasil Central e mesmo ao Oriental, no Espírito Santo" (232).

230-DIEGUES JUNIOR, M.- Regiões cultur. do Bras., p.170-171

231- Fitogeogr. do Bras., p. 112

232- Ibidem, p. 113

A respeito da origem do nome caatinga, suas formações típicas e espécies distintivas, seria útil transcrever as informações fornecidas pelo autor, como elementos esclarecedores de grande valia ao estudo toponímico propriamente dito:

> "O nome caatinga é de origem indígena, significando mata clara, aberta; Martius definiu-a sob a designação de Silvae Aestu Aphyllae, isto é, florestas sem folhas no calor; há porem caatingas que não são florestas, assim como há florestas que perdem as folhas no estio e não são caatingas, assim as de tabuleiros, nos alagadiços (233).
>
> A definição perfeita, abrangendo todos os tipos de caatingas, é muito difícil, pois há caatingas somente de varas, enquanto que outras são verdadeiras florestas com pau ferro, pau brasil, etc..
>
> A grosso modo, são associações ou formações lenhosas, dos terrenos secos e que perdem as folhas no estio, podendo ter ou não cactáceas, bromeliáceas e outras plantas xerófilas. A noção mais comum é a de floresta, de pequenas árvores tortuosas, entremeadas de espinheiros, cardos e gravatás; é a caatinga típica, compportando, não raro, como arvores muito características, as conhecidas barrigudas (Chorizia ventricosa ou barriguda de espinho, a Cavanillesia arborea ou barriguda lisa), o jacaratiá, etc" (234).

Entre os tipos de caatinga que podem ser encontrados, cita o autor quatro categorias genéricas:

> "1º - Caatinga baixa, sem cactáceas bromeliáceas, porque as Mimosas, Caesalpineas e Euphorbiaceas são aí tão densas que não deixam espaço a outras plantas; é o tipo dominante nas chapadas e planaltos do Piauí e também se encontram no Maranhão.
>
> "2º - Caatinga alta, das regiões planas e vales largos da Paraíba, Oeste da Bahia, Sudoeste do Piauí, Norte de Alagoas e no cimo da Serra do Araripe, no Ceará; é de aroeiras, braúnas, angicos, umosas, pereiros, mariseiros, poaz iros, joaze ros e carnauba.

233- CUNHA, A.G.da- Dicion. histór. das palavr. portug.de orig. tupi: "Caatinga - Var.: caatinga, catinga, caatinga, cahatinga, caatinga. Do T. kaa'tinga, ka'a, "mato" + tinga, "branco, claro". -"Mata de vegetação xerófila, constituída de árvores de folhas finas, cardos e gravatás, característico dos sertões do Nordeste do Brasil".

234- SAMPAIO, A.J. de- Fitogeogr. do Bras., p. 116

"3º - Caatinga verdadeira, chamada sertão na Paraíba no Ceará, com muitas bromélias e cactáceas rasteiras e com altas cactáceas, sendo que a caatinga legítima se caracteriza pelo cardeiro ou Jamacarú (Cereus Jamacarú) enquanto que a chamada sertão, pelo facheiro (Cereus Squamosus), que atinge 19 m. de altura;
"4º - Caatinga mestiça, assim chamada nos limites do Piauí com o Maranhão, tendo outros nomes em outros estados do Nordeste: assim caatinga suja, carrascal, etc.; as árvores aí chegam a 7 m. de altura"(235).

Outras cactáceas freqüentes no Nordeste são o xique-xique, a coroa de frade, o guibá e o quiabento.

Do ponto de vista toponímico, caatinga, nas denominações que motivou, oferece a nós a variação mórfica consubstanciada no léxico. Assim:

Caatinga (AH LA MA; Sa. da, RN)
Caatinga do Góis (AH RN)
Caatinga do Miranda (Rcho., BA)
Caatinga do Moura (Vda. da, BA)

e também:

Catinga (AH MG; R. MG; Rb. MG)
Catinga de Cima (AH BA)
Catinga do Moura (AH BA)
Catingal (AH BA)
Catingueira (AH PB)

O pau-ferro, que se pode constituir em vegetação característica de certas especificações da caatinga, é fonte motivadora de topônimos, cujo aparecimento está restrito aos estados compreendidos na área fitogeográfica estudada, a saber: Pau Ferro (AH BA PE; Rcho. CE; Sa. do, BA; Ste., CE).

O próprio pau-brasil, que também constitui formações da zona, reveste a função de topônimo em um acidente humano da Bahia e em um riacho desse Estado. Tendo em vista sua importância não só para a História do país, como para a própria ono-

235- SAMPAIO, A.J.de - Fitogeogr. do Bras., p. 122-123

mástica da Pátria, uma vez que, desde 1512, passou a nomear, oficialmente, a "terra dos brasís", seu emprego na nomenclatura geográfica deveria ter sido muito mais sensível do que o foi, na realidade (236).

Dentre a vegetação típica das caatingas, já mencionada, a toponímia brasílica incorporou os seguintes lemmentos:

Araticu (AH BA SE CE)
Araticu (R. PA; AH PA)
Araticumirim (AH PA)

Aroeira (AH BA CE MA MT PI RS PR; C.MT; Vda.da, BA)
Aroeiras (AH BA PA PI; Rcho. CE)

Barriguda (AH BA SE MA; C.MG; Cach.AM; Rcho.CE MA PB CE)
Braúna (AH BA SP)
Espinheiro (AH MT; Rb.MT)

Gravatá (AH PA PE PI RS; La.RN; R.MG PB PE; Sa.do, AL)
Gravatá Açu (Ig. PA)
Gravatal (AH SC)

Jucá (AH AM MA PE; R. CE)
Mandacarú (AH BA; Rcho. PE; Sa. do, PI)
Mimosa (AH BA GO MT; La. GO)
Pau Branco (AH BA; La. BA; Rcho. BA)
Pau Terra (Rb. MT) (237)
Pereiros (AH CE PI; R. PA)
Sucupira (AH MA MG; Rb. MA; Rch. MA)

Urucuri (AH AM PA; Ig. PA RO)
Urucuriana (Ig. PA)
Urucuricaia (Fu. PA; I. PA)
Urucurina (R. PA)
Urucuritéua (AH PA)
Urucurituba (AH AM PA)

Xique-xique (AH BA; Sa. de, PE)

236- Relativamente ao elemento pau-brasil, apenas o determinante, brasil, encontrou repercussão na toponímia, ainda que mínima. Assim: Brasil(AH AM; Ig.AM). Também são poucas as formações sufixais como em Brasilândia(AH DF GO SP); Brasília(AH DF RN SP); Brasília de Minas (AH MG); Brasiléia(AH AC PI;Rcho. PI); Brasileira(AH PI; Rcho.PI). Todavia, na classificação de topônimos por nós elaborada, estas formações deveria ser consideradas mais como etnotopônimos do que como fitotopônimos.

237- O pau-terra é árvore dos campos cerrados do Nordeste e comum aos campos do Brasil, em geral. O aparecimento do topônimo em Mato Grosso vincula-o à área geográfica específica.

Salienta, ainda, o autor, com destaque, algumas das plantas nordestinas mais significativas no contexto regional, entre as quais carnaúba, o umbú ou imbú, juazeiro, jurema, a oiticica, a mangaba, o caruá, a mandioca (apesar de sua generalidade por todo o território), a maniçoba do Ceará, por exemplo.

O juazeiro (Zizyphus joazeiro) é "árvore de rama ou folhas forrageiras, que se conserva sempre verde nas secas", cujos "frutos são comestíveis e a madeira serve para construção civil, marcenaria e carpintaria" (238).

A importância do vegetal, no clima semi-árido, ou árido, do Nordeste, já foi comentada quando se tratou do interesse acentuado que determinados fatores ambientais despertam na população deles dependentes. A toponímia regional valeu-se, certamente, desse recurso, isto é, a alta potencialidade da árvore e de seus frutos para o homem, e fez de suas fontes motivadoras, conforme o comprovam os seguintes topônimos:

Juazeiro (AH BA MG PI; La.do,BA; Rcho.BA CE PE RN; Sa., PE)
Juazeiro do Baixo (AH CE)
Juazeiro do Norte (AH CE)
Juazeiro Grande (AH PI)
Juazeirinho (AH PB) (239)

Juá (AH BA CE PE RR RS SP; Ar.do,RS; R. ES BA; Rcho.CE).

A jurema, de "que se distinguem jurema branca e jurema preta, ambas leguminosas e árvores que dão madeira"(240),

---

238- SAMPAIO, A.J.de- Fit.geogr. do Bras., p. 139

239- Foi na região do Cariri(Zona das serras úmidas, do Nordeste Mediterrâneo) que "surgiu a figura do Padre Cícero Romão Batista, atraindo a Juazeiro homens e mulheres do Nordeste, (...). Juazeiro tornou-se uma "cidade mística", fixando-se, nela, numerosa população enquanto outra,não menos numerosa, se mantinha em fluxo e refluxo. A peregrinação a Juazeiro, transformou-se num dos episódios mais característicos do Nordeste brasileiro"(apud DIÈGUES JUNIOR, M.-Regiões culturais do Bras., p. 176).

240- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 139

também aparece satisfatoriamente na toponímia regional, com os focos de concentração nos Estados nordestinos, aparecendo, porém, em ocorrências únicas, nas regiões de São Paulo e do Paraná: Jurema (AH BA CE MG PA PB PR RJ; I. de, BA; I. MT; R. BA; Rb. SP; Rcho. CE; Sa. da, BA CE); Jurema (H BA).

A oiticica (Licania rigida) é, porém, "árvore nordestina que deve ser focalizada em especial, pelo grande futuro industrial que lhe está destinado, pelo óleo das sementes (...); é árvore lindíssima e de folhagem perene nas secas (...). É frequente nas matas da Pacatuba, serra de Baturité, pé da serra de Ibiapaba, Quixadá e Sta. Cruz, no Ceará; as matas mais consideráveis, segundo Cunha Bahiana, parecem ser as das margens do rio Jaguaribe (Ceará) e as dos vales do Assu, Apodi e Upanema, no Rio Grande do Norte" (241).

A toponímia, por sua vez, apesar do pequeno número de anotações, comprova a área de dispersão geográfica do vegetal; AH CE PI RN; Rcho. PB.

Quanto ao caruá (Aechmaea variegata), "cuja fibra rivaliza com a da juta, para sacaria" (242), aparece na toponímia do Brasil em apenas uma ocorrência (acidente humano, na Bahia), o que demonstra que, nem sempre, a importância econômica de uma espécie é reproduzida, em igual proporção, na preferência denominativa.

Já o umbú ou imbú (Spondias tuberosa), mais conhecido como umbuzeiro ou imbuzeiro, tem assegurado, na nomenclatura, o registro de suas variantes. Note-se que o aparecimento do topônimo na zona sulina não deve ser encarado como desprovido de significação e, sim, como um fato que revela uma influência local

---

241- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 140

242- Ibidem, p. 140-141

da fitogeografia, desde que a espécie também é nativa de outros pontos meridionais do continente americano. EUGÊNIO DE CASTRO, ao falar do gaucho e da conquista do sul do país, referiu-se, desta forma, ao vegetal:

> "O velho umbu, na evocação de um pass do não muito remoto e na afirmação de um presente valoroso, é a árvore representativa dessa paisagem pastoril, a sentinela da vivenda e dos campos, a cuja sombra se acolheram gerações de peões ou carpeiros" (243).

Os topônimos pesquisados, todavia, encontram-se, de preferência, na forma umbu:

Umbú (AH RS; Ar.do, RS; Rcho. BA)
Umbuzeiro (R. RN)
Umbuí (Ar.RS)
Umburanas (AH BA; Sa. das, PB)
Umburana (AH BA PE PI)
Umburana de Cima (AH BA)
Umburanas (AH BA CE PI; R.das, MG; Rcho.CE PI BA)
Umburaninha (AH MG)
Umburetama (AH PE)
Umburuna (R. GO)
Umbuzeiro (AH BA MG PA; R.RN PB; Sa. PE CE)
Umbuzeiro dos Santos (AH BA)

Imbu (AH PR)
Imbuí (A ES)
Imbuíras (Rcho. CE)
Imburana (AH GO)
Imburuçu (Rb.GO)
Imbutuva (R. PR)
Imbuzeiro (AH MG)
Imbituva (R. PR)
Imbituvinha (R. PR)

A andioca, vegetal do gênero Manhiot, "com diversos outros nomes e sobrenomes segundo as espécies e as localidades", pois, de acordo com a explicação de SAMPAIO, "as várias espécies de Manhiot não se distribuem todas uniformemente; apresentam pontos de eleição" (244), não encontrou muita receptividade como denominativo, apesar da ampla difusão de seu emprego. A

243- Ensaios e geogr. lingüíst., p. 142

244- Fitogeogr. do Bras., p. 137

parece, apenas, e localizações esparsas ao Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a saber: Mandioca (Lo. da, AM; b. da, MT; Sa. da, PB PE); Mandi cas (AH MG).

A respeito da planta, THEODORO SAMPAIO aponta uma terminologia aplicada aos diversos usos e odalidades, consoante o seu emprego pelos indígenas tupis:

> "Da mandioca faziam várias espécies de farinha, cuy. A que e a fina como a do trigo, dava-se o nome de carimã; à meio-cosida, uy-tinga; à ben cosida, uy-atã, que era a farinha de guerra; à feita de mandioca cortada em roletes e seca ao sol, pisada depois ao pilão — typyrati e à que e a feita com mandioca posta de molho por alguns dias — uy-puba, denominando-se mandiopuba a mandioca assim tratada.
>
> Às cascas ou raspas impr stáveis da andioca dava-se o nome de corêra, de que por corruptela se fez a palavra crueira, a forma portuguesa.
>
> Moída a andioca, exprimiam-na num cesto tubular elástico feito de folhas de palmeira a que chamavam typity que alguns erroneamente diziam tapity. Ao suco exprimido e assentado davam o nome de typioca, de que por corruptela se fez tapioca, geralmente entre nós usado" (245).

Do vocabulário específico mencionado pelo autor, resultaram sobrenome alguns poucos topônimos, quais sejam: Carimã (AH PA); Croeira (Sa. da, MA); Tapioca (Cach. da, PA); Tapiti(R. AP); Tipiti (AH MG; Sa.).

A maniçoba, ou "seringueira do Nor este, de que comumente se distingue do Ceará, de Jequié, de S. Francisco e de Piauí, dá borracha. No Piauí, como se vê do Mapa Fitogeográfico de Luetzelburg, a área da maniçoba do Piauí, situada em larga extensão do norte do Estado, vai desde as proximidades do rio Piangi, ao norte, até o riacho dos Guaribas ao sul e desde próximo da margem direita do Paranaíba até um pouco além da divisa do Piauí com o Ceará, mas com grandes manchas na carta em que o fundo é de carnaubais em agreste; aí o citado autor não indica caatingas, parecendo-me provável que esta porção do Piauí seja parte

---

245- O Tupi na Geogr. nacion., p. 149

da "Zona dos Cocais" (246).

A toponímia registra designativos da espécie maniçoba exclusivamente na área geográfica de sua ocorrência, ou seja, acidente humano na Bahía e em Pernambuco; serra no Ceará, Pernambuco e Piauí, e serrote em Pernambuco.

Ainda com a mesma raiz mani aparecem topônimos como Manituba (AH CE) e Maniva (AH RJ; Cach. PA).

Finalmente, deve-se abrir um lugar de destaque, na vegetação típica nordestina, para uma das mais importantes florações conhecidas, qual seja a carnaúba, corruptela, segundo THEODORO SAMPAIO, de caraná-hyba, "magnífica palmeira de folhas flabeliformes (Copernicia Cerifera), d que se extrai uma cera resinosa muito usada no orte do Brasil, com sua copa esférica, formando um ornamento de notável efeito na paisage , abundante no sertão, à margem dos lagos e dos grand s rios, como o do S. Francisco" (247).

A. J. de SAMPAIO, que lhe dedica várias paginas, refere o fato de que os nordestinos a chamam de "árvore da providência" pelo muito que dela se pode obter, da mesma forma que Humboldt a chamara de "árvore da vida". Assim é que, além da cera (cerca de 60 a 80 gramas por pé), a carnaúba é usada "no fabrico de velas e em lamparinas", "no preparo de couros e graxa para calçados, vernizes, cera para encerar e lustrar madeira, lubrificantes para fósforos e sabonetes, unguentos e emplastros", "substitui o breu" na indústria, "é matéria prima de eixos e cilindros fonográficos", "entra na fabricação ilícita de mel", "a estipe ou espique serve para postes telegráficos, pilares de pontes, esteios, caibros, traves, ripas, calhas, telhas, meirões de

246- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 138

247- O Tupi na Geogr. nacion., p. 125

cerca, marcenaria e lenha"; "as folhas servem para cobertura de casas rústicas e têm grande emprego na indústria doméstica, na confecção de cordas, sacos (chamados urus, no Ceará), esteiras, abanos, chapéus de palha e outras obras trançadas(...)". "Dão fibras compridas, sedosas e resistentes, usadas em cordoalha fina, redes, mantas, tarrafas, etc.. Os resíduos das folhas servem para colchões, almofadas e também para papel; dos pecíolos trançam-se mobílias rústicas, urupemas, samburás, vassouras, escovas, etc.. Na seca, o âmago das carnaúbas novas, reduzido à fécula, alva e idêntica à do caju, tem uso corrente, como alimento, para o que também serve o "palmito" da carnaúba, saboroso como aspargo, dando ainda vinagre por fermentação, como a seiva do pedúnculo. As folhas novas são tidas como forrageiras, sendo que os animais devoram até as velhas, durante a seca; os frutos são adstringentes, mas aceitos pelo gado; a polpa dá um líquido agradável(...). As sementes dão óleo e, torradas, substituem o café. As raízes, tidas como medicinais, depurativas; reduzidas a cinzas, dão sal que substitui o da cozinha" (248).

Como se admite que a carnaúba vive até 200 anos, e levando-se em conta esse aproveitamento integral, é mais do que compreensível a denominação que lhe foi dada por Humboldt de "árvore da vida", desde que representa um verdadeiro presente da natureza na aridez do solo e do clima nordestinos, principalmente porque "se desenvolve bem" tanto nos "vales à margem dos rios" como "nos terrenos secos" (249). Acrescente-se, ainda, que as áreas de concentração ou gregarismo da espécie localizam-se, de preferência, nos Estados do Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pará e Bahía, menos freqüentes em Alagoas e Sergipe (250).

248- Fitogeogr. do Bras., p. 135 a 137

249- Ibidem, p. 133

250- Ibidem, p. 133

Relativamente ao papel que a carnaúba desempenha na ocupação territorial do país, esclarece DIÈGUES JÚNIOR que, a pesar de se constituir em elemento de fixação humana, ainda não é "com a solidez desejada", talvez porque sua importância como tal seja recente. Não se pode esquecer, porém, o fato por ele salientado de que, "em torno dos carnaubais desenvolve-se um gênero de vida que vem fixando grupos humanos e, inclusive, tornando-se motivo de atração, pela emigração que se verifica de outras zonas da região para a dos carnaubais. O trabalho de tipo familiar, com homens e mulheres dele participando, proporciona ao homem uma atividade que o prende ao meio, ambientando-o e condicionando a sua integração. A intensificação do extrativismo(...) tem trazido modificações nos elementos tradicionais dessas populações, sem quebra, entretanto, de se manterem muitos desses elementos. Os hábitos tradicionais conservam-se: sistema de trabalho, meios de diversões, festas religiosas, atividades de lavoura. Elementos humanos vindos de outras zonas não têm exercido grande influência na população; ao contrário, quase sempre o que se verifica é a assimilação do estranho pelo meio, prevalecendo os costumes locais(...). Das possibilidades do extrativismo decorre toda a vida social. Embora o elemento humano procure fixar-se ao meio, estabilizando-se, observam-se casos de emigração(...); mas a imigração é uma das características dessa zona, com a entrada de elementos de outras áreas, que vêm à procura do dinheiro que o trabalho da carnaúba possibilita" (251).

251- Regiões cultur. do Bras., p.172-173. Esclarece, ainda, o autor que podem ser encontrados pontos de contacto entre a chamada "civilização da cera", no Nordeste, e a da "borracha", na Amazônia, "sobretudo pelo auge rápido de enriquecimento, criando um esplendor de poucos dias(...). A própria exploração dos carnaubais tomou feição diferente; antigamente era explorados pelos próprios vaqueiros que recebiam uma parte da produção; depois o trabalho passou a ser assalariado, pagando o proprietário aos trabalhadores as tarefas de cortar, juntar, riscar, bater e derreter, que são as fases do processo extrativo comum" (Cf. op. cit., p. 174).

Do ponto de vista toponímico, o vocábulo apresenta variações em sua estrutura mórfica, nas duas modalidades registradas, carnaúba e carnaíba, esta em menor incidência que quela. Assim:

Carnaúba (AH PI RN RR; R. PE RN; Rcho. CE PB PI; Sa.da, CE PE)
Carnaúba dos Dantas (AH RN)
Carnaúba Verde (AH RN)
Carnaubal (AH CE MA MT)
Carnaúbas (AH CE PB)
Carnaubinha (AH CE)
Carnaubais (AH RN)
Carnaubeira (AH PI)
Carnajuba (F., PA)

Carnaíba (AH BA PE; Rcho. do, PI)
Carnaíba de Dentro (R. BA)
Carnaíba do Sertão (AH BA)
Carnaíbas (AH PI)

BIBLIOTECA
E GRAFIA - FFLCH
USP

3 - Zona das Matas Costeiras ou Florestas Orientais

O característico principal desta zona de vegetação, representada pelas matas da Cordilheira do Mar, "desde a altura do Cabo Roque, no Rio Grande do Norte, até as Serras do Herval e dos Tapes, no Rio Grande do Sul" (252), encontra-se, hoje, bastante reduzido, em virtude dos sucessivos desbravamentos, frutos da expansão urbana e da conseqüente fixação do homem em áreas outrora inabitadas.

Antes disso, porém, "os próprios índios selvícolas, e em especial os Caiapós, já vinham devastando matas, antes do descobrimento, como divulgou Arthur Neiva; a simples presença de índios e de onças obrigava os povoados a manterem afastadas as matas. Durante o período holandês no Norte, o fogo nas matas e canaviais era mesmo bélico, de uso corrente, tendo acarretado grande devastação. Todos esses motivos juntos, influindo durante

252- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 151

438 anos, devian determinar fatalmente essa série enorme de morros pelados, existentes hoje na Cordilheira do Mar (...)"(253) .

A grande riqueza em madeiras dessas matas era representada por perobas, jacarandás, cedros, cangeranas, canelas, braúnas, vinháticos, guarubús, adernos, angelins, bicuíbas, ipês, sapucaias, óleo vermelho, óleo pardo, pau-brasil, pau-rosa, jacebás, salientando-se, porém, pela sua estatura colossal, o conhecido jequitibá (254).

Quanto ao emprego toponímico das espécies mencionadas, verifica-se, por exemplo, em relação à peroba, que a propria extensão da primitiva área de aparecimento resultou em topônimos esparsamente registrados, muito embora se possa notar um ligeiro predomínio nos Estados de Goiás e do Paraná: Peroba (AH AL PR SP; C. ES; Rb. do, PR); Perobal (AH PR); Perobas (AH MG;C. GO; C. das, GO; Rb. das, GO).

Com um número bem menor de ocorrências, aparece jacarandá (AH BA MG; R. ES), registrando-se apenas uma forma derivada, Jacarandira (AH MG).

A localização de canela, toponimicamente, é bem restrita quanto aos focos de dispersão: região sul e centro-oeste, além do Estado da Bahía, que pode ser considerado como uma faixa de transição entre a área central e a nordestina. Assim,surgem Canela (AH GO RS; Ig. AM); Canela de Ema (AH BA); Caneleira (Ar. da, RS); Caneleiras (AH MG; Ar. das, RS); Canelinha(AH SC).

Braúna conta com três ocorrências em acidentes humanos localizados nos Estados da Bahía, de Minas Gerais e São Paulo, enquanto o vinhático aparece como topônimo único em um acidente humano no Espírito Santo.

253- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 152

254- Idem, Ibidem, p. 161

O angelim conta com índices relativos de emprego, ainda que na forma simples do vocábulo, distribuídos desta forma: AH AP BA ES PE PI RJ; C. MT; C. do, BA; Cach. AP; R. ES; Sa. do, BA.

A espécie bicuíba apresenta, do ponto de vista lingüístico, uma série de variantes, referidas por ANTONIO GERALDO DA CUNHA (255), a saber: jgbicuibaca, ibicuibaca, ibicuygba, ibicuyba, hybicuhyba, bicuíva, bicuiva, biquiba, biscoigba, bicuibuçu, além daquelas consignadas pelo Novo dicionário da língua portuguesa (256). No entanto, apesar da variedade mórfica do vocábulo, a toponímia incorporou apenas a forma Bicuíba, que denomina um acidente humano em Minas Gerais.

Muito embora o ipê se constitua em uma das espécies mais populares no Brasil, não encontrou grande repercussão na nomenclatura geográfica oficial, havendo dele apenas um acidente humano no Rio Grande do Sul, além do topônimo composto Ipeuna, também acidente humano no Estado de São Paulo.

Já a sapucaia é bastante usada como signo toponímico, em diversas ocorrências, principalmente no Estado de Minas Gerais. A difusão do nome em vários pontos do país deve acompanhar, muito provavelmente, as zonas geográficas de aparecimento:

Sapucaia (AH AL AM BA ES GO MG PA PI RJ RS SE; Pa. AM; R.BA SE; Rb. PA; Rcho. PA SE; Sa. da, BA)

Sapucaia de Guanhães (AH MG) /Sapucaia do Norte (AH MGA
Sapucaí Guaçu (R. MG) /Sapucaí Mirim (AH MG; R.MG)

Sapucaí (AH MG; Pto. MG; R. MG PR SP).

Outra espécie vegetal comum na toponímia, contra

255- Dicion. histór. das palavr. portug. de orig. tupi

256- FERREIRA, A. B. de H.- Novo dicion. da língua portug.: urucuba, bicuibaçu, bocuba, bocuuvaçu, boculaba, bucuuva.

pondo-se às anteriores, é o jatobá, que originou exemplificação expressiva, tanto no sintagma simples como em compostos:

Jatobá (AH BA CE GO MA MG MT PA PE PI SP; C. GO MT; Cach. RO; Ig. PA; Ig. do, RO; La. do, PI; R. BA CE RN; Rb. MG MT; Rcho. BA CE; Sa. do, BA CE MG PI; Vda. do, BA)

Jatobá de Dentro (La.do, BA)/ Jatobá dos Ferros (Rcho. BA)
Jatobá Ferrado (AH MA)/ Jatobaí (I. GO)
Jatobal (AH PA)/ Jatobalzinho (AH GO; C. MT)

Por outro lado, o jequitibá não encontrou, na toponímia, a ressonância que seu porte e aparência de grandeza poderiam sugerir ao denominador, na composição dos nomes geográficos. Aparece, reduzidamente, em acidente humano na Bahía e em Minas Gerais e em acidentes físicos (córrego, rio e ribeirão) na Bahía, Espírito Santo e Minas Gerais, respectivamente.

Quanto aos genéricos floresta e mata e/ou mato, a sua referência como signos toponímicos, na nomenclatura oficial brasileira, é extensa, principalmente em relação ao segundo termo, todos aparecendo, porém, em sintagma simples ou em compostos ou em formações sufixais:

Floresta (AH AC AM BA MG PA PE PI PR RJ; Ig. AC PA; Rb. ES; Rcho. CE)

Floresta Azul (AH BA) / Floresta do Sul (AH SP)
Florestal (AH MG PR)/ Florestina (AH MG)
Florestópolis (AH PR)

Mata (AH BA MA MG RS; C. da, GO MT; Cach. AM; Ig. da, AC MT; Mo. da, MT; Pta. da, SC; Rb. MT GO MG SP; Sa. da, BA; Rcho. da, MA)

Matas (R. das, MT PI; Sa. das, CE)
Matinha (AH BA MA MG PI SP; C.da,GO)
Matinhas (AH PA)

Mata da Aliança (AH BA)/ Mata da Floresta (C. GO)
Mata de São João (AH BA)/ Mata Dentro (AH MA)
Mata do Boi (AH MA)/ Mata do Sino (AH MG)
Mata dos Cocos (AH PI)/ Mata Fresca (AH CE)
Mata Nova (AH GO)/ Mata Redonda (AH PA)
Mata Verde (AH BA)/ Mata Virgem (AH PA)

Mato (C. MT; C.do, GO MT; La.do, CE MT RS AM; Rb. do, BA; Rcho. do, GO MG; Sa.do, MG)

Matinhos (AH PR)
Matões (AH MA PI; Rcho. dos, PI; Sa. dos, PI)
Matões dos Caboclos (AH MA)
Matogrossinho (C. SP)
Matos (AH PI RS; R.dos, PI)
Matozinhos(AH MG)

Mato Alto (AH SP)/ Mato Dentro (AH SP)
Mato Branco (AH PR)/ Mato Verde (AH MT)
Mato do Gado (AH SP)/ Mato Grande (AH BA)
Mato Novo (AH MT)/ Mato Mole (Sa.SP)
Mato Preto (Rb.PR)/ Mato Queimado (AH PR)
Mato Seco (AH MA)/ Mato Sem Pau (AH MG)
Mato Grosso (AH BA MA MG MT; C.GO MT; Ig. AC; Rb.SP)

4 - Zona dos Pinhais ou da Araucária

A zona Sul-brasileira da Araucária é caracterizada pelos pinhais de Araucaria brasiliana, que se constituem de "árvores belas, facilmente multiplicáveis, atingindo a grandes dimensões, aproximadamente 50 m. de altura" (257). A área de dispersão do vegetal está assim determinada: "29º30', no Rio Grande do Sul (desde 600 m.), até 20º, no Sul de Minas Gerais, mas então só de 00 m. de altitude para cima, em São Paulo, e de 1.100 m., em Minas; o centro de maior densidade é nos Estados do Paraná e Santa Catarina, onde mais típicos também os pinheirais, que, tanto para o sul como para o norte, apresentam mistura ou intercorrência de elementos de zonas contíguas, mistura que caracteriza os chamados faxinais"(258).

Esses faxinais caracterizar-se-íam, assim, por se apresentarem como"associações mistas" de espécies vegetais, das Matas Costeiras e da Zona da Araucária. Já o emprego do designativo na nomenclatura geográfica vem confirmar a correlação íntima entre as áreas toponímica e geográfica propriamente dita,

257- SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 170-171

258- Idem, Ibidem, p. 171

notando-se, também, o predomínio do sintagma composto em detrimento do simples, e no qual transparece a preferência pela formação antroponímica:

Faxinal (AH PR RS; Ar. RS; Rb. do, PR; Sa. do, RS)

Faxinal da Pinguela (AH PR)/ Faxinal de Catanduva (AH PR)
Faxinal de S. João (AH PR)/ Faxinal de S. Pedro (AH PR)
Faxinal de S.Antonio(AH PR)/ Faxinal do Saturno (AH RS)
Faxinal do Silva (AH PR)/ Faxinal dos Castilhos(AH PR)
Faxinal dos Elóis (AH PR)/ Faxinal dos Guedes (AH SC)
Faxinal dos Índios (AH PR)/ Faxinal dos Rodrigues(AH PR)

Do ponto de vista da nomenclatura geográfica, a Zona dos Pinhais recobre uma área cuja densidade onomástica está manifesta não só quantitativa mas qualitativamente, através das formações decorrentes do termo genérico; coincidindo com o foco principal de dispersão da planta, o Estado do Paraná é o mais representativo no setor toponímico:

Pinhal (AH RS SP; Ar. RS; R. do, SP; Rb. do, SP)

Pinhal Preto (AH PR)/ Pinhal Ralo (AH PR)
Pinhalão (AH PR)/ Pinhalite (AH PR)
Pinhalito (AH PR)/ Pinhalzinho (AH PR)
Pinhalzinhos (AH SP)

Pinheiral (AH SC)/ Pinheiral de Cima (AH PR)

Pinheiro (AH BA MA MG SP; Ar. RS; Br. do, SC; Cach. PA; Ig. do, PA; Rcho. CE)

Pinheiro de Baixo (AH BA)/ Pinheiro Marcado (AH RS)
Pinheiro Preto (AH SC)/ Pinheiro Seco (AH PR)
Pinheiros (AH RS)/ Pinheiros Altos (AH MG)
Pinheirinho (AH PR)/ Pinheirinho Baixo (AH SC)
Pinheirinhos (AH PR)

Pinho (AH PR SC; R.doPR)/ Pinhões (AH MG)
Pinhão (AH PR SE; R. PR)/ Pinhãozinho (AH PR)
Pinhotiba (AH MG)

Mesmo o nome científico da planta — araucária — exerce sua função designativa ainda que em um único acidente humano, na região paranaense.

Dentro do quadro dos caracteres gerais do vege -

tal, explica, ainda, SAMPAIO o seguinte: "Em língua tupi, o pinheiro chama-se "curi", termo de que decorre "Curitiba", nome da capital do Paraná, em cujos arredores existem soberbos pinhais" (259), opinião que é partilhada por THEODORO SAMPAIO: " Na região dos campos de cima da Serra, no centro e sul do Brasil, os bosques de Araucaria, que os tupis denominavam Curi, como chamavam Curityba às formosíssimas matas destas plantas sociais"(260).

Existiria, assim, no caso, uma perfeita conjunção entre os aspectos ambientais e os topônimos deles decorrentes, a saber: Curitiba (AH PR; Sa.do, GO); Curiúva (AH PR).

Conforme menciona, ainda, SAMPAIO, a "Zona da Araucaria apresenta intercorrência, ocorrências ou disjunções de outras zonas, derivantes (...) das zonas das Matas Costeiras e da zona dos Campos" (261). Por isso surgem, na área, associações de pinheiros a imbuia, ao mate, à caúna, à congonha, as catanduvas, canelas, araçás, guabirobas, branquilhos, por exemplo.

Destas formações florísticas, a toponímia se voltou, preferentemente, para o araçá, que surge em vários designativos ao norte e ao sul do território:

Araçá (AH BA A RR; Ar. RS; Cach. do, AM; Ig. AM; La. do , BA; Lj., SC; Lo. AM; Lo. do, PA; R. AM)

Araçá de Baixo	(AH BA)/	Araçagi	(R. PA)
Araçaji Miriu	(R. PA)/	Araçaí	(AH MG)
Araçaíba	(AH SP)/	Araçajá	(I. MA)
Araçaji	(AH MA)/	Araçazal	(Ig. AM)
Araçatiba	(AH RS)/	Araçatuba	(AH AM)
Araçás	(AH BA)		

As espécies menos empregadas sao a imbuia (Im -

259- Fitogeogr. do Bras., p. 171

260- O Tupi na Geogr. nacion., p. 127-128

261- Fitogeogr. do Bras., p. 171

buia, AH MG; Imbuíras, Rcho. CE), a catanduva (apenas na Zona da Araucaria meridional: Catanduva, AH RS SP; Catanduva de Dentro, AH PR; Catanduvas , AH PR SC), a guabiroba (na região sudeste e centro-oeste: Guabiroba, C. GO MT; Guabirobas, Rb. SP).

Muito embora seja reconhecida a significação do mate ou herva-mate, na zona meridional, não é encontrada, na toponímia, nenhuma denominação desse tipo. O interessante, porém, é que as espécies com as quais ele se mistura, como a caúna e a congonha (262), encontram lugar dentre os nomes geográficos, principalmente na região sul e sudeste: Caúna (Ar. RS); Congonha (C. MT; Rcho. BA); Congonhal (AH MG; R. MT); Congonhas (AH MG PR; R. PR; Rb. MG); Congonhas do Norte (AH MG); Congonhinhas (AH PR) .

5 - Zona dos Campos

A função toponímica dos campos e das campinas já foi mencionada quando se estudou a Flora Amazônica. Entretanto, é conveniente alguma referência específica a essas formações , tendo em vista a sua importância no contexto geral da vegetação do país.

A. J. de SAMPAIO estabelece uma distinção preliminar entre "campos nativos ou naturais, que a própria natureza criou" e os "campos artificiais ou antropocóreos, que o homem fez ou melhorou. (...). Estes são geralmente pastos ou pastagens, quando providos de gramíneas tenras, plantadas ou cuidadas pelo homem(...). Em outros casos, são terras outrora florestais e que, depois de cansadas, foram abandonadas (Taperas) e invadidas pelo

262-SAMPAIO, A.J.de- Fitogeogr. do Bras., p. 175:"O mate é falsificado por meio de folhas de outras plantas, em especial das chamadas caúnas e congonhas; este assunto foi estudado pelo Prof. Augusto Scala, da Univ. de Buenos Aires, em trabalho sob o título:"Contribución al Conocimiento Histologico de la Yierba-mate y sus falsificaciones", Buenos Aires, 1921, em que cita 8 caúnas e 21 congonhas, com que o mate é falsificado".

capim-gordura (...), o sapé (...) ou a conhecida samambaia, plantas invasoras a que é preciso ter mão" (263).

Todos estes signos fitolingüísticos aparecem na toponímia como fontes motivadoras. Assim,o sapé surge em acidentes humanos e físicos, tanto em sintagmas simples como em formações sufixais, principalmente na região centro-oeste:

Sapé (AH BA GO MG MT PA PI PR SE; C. GO MT; C. do,GO; I. GO MG; Rb. SP; Rb. do, GO MT)

Sapesal (Trav. AM)
Sapezal (AH SP; Rb.GO)
Sapezaí (AH MT)

Já os registros quantitativos de samambaia oferecem uma perspectiva de equilíbrio entre os acidentes físicos e os humanos, sendo mais significativa a presença dos topônimos nos Estados centrais. Assim: AH BA GO MG PE PI PR SE SP; C. BA MG GO R. MT; Rb. GO; Rcho. CE; Vda. da, PI.

A espécie capim tem uma utilização bastante sensível na nomenclatura, principalmente em acidentes físicos, ocorrendo razoável número de topônimos compostos e de derivações,mais comuns nos Estados do Pará e de Minas Gerais:

Capim (AH MG PA PE; Ba. do, MA; C.do, GO; Cach.do; AM PA; I. do, BA; Ig.PA; R. MA; Rb. do, MG PR; Rcho. CE ; R. PA; Sa. do, RJ; Ste. do, CE)

Capim Azedo (AH SP)/ Capim Açu (AH BA MA MG)
Capim de Cheiro (La.do,BA)/ Capim Branco(AH MG; C.MT;Rb.MT)
Capim Fino (Ste., PR)/ Capim Grosso(AH BA PI)
Capinópolis (AH MG)/ Capinal (AH BA MA; I. PA)
Capintuba (Lo. PA)/ Capinzal (Cach.MT; Chap.MG)

Dentro, ainda, do aproveitamento de ocorrências fitonímicas pela nomenclatura geográfica, o termo pastagem nao aparece como topônimo e pastos, apesar de um emprego não muito grande, apresenta, na estrutura do signo lingüístico, diversifi-

---

263- Fitogeogr. do Bras., p. 177-178

caçoes semânticas sensíveis. Assim:

Pastinho (AHBA; C.MG)/ Pasto da Mata (AH BA)
Pasto das Éguas (Rb. GO)/ Pasto de Fora (AH BA)
Pasto Grande (AH AM)/ Pasto Ruim (AR.RS)
Pastos Bons (AH CE MA)

A maior densidade toponomástica registra-se, como se pode verificar, nas zonas criatórias, por excelência.

Nos campos nativos, é de interesse para a toponímia algumas das denominações regionais que recebem, ou seja, campos, campinas e savanas, cuja utilização na nomenclatura geográfica já foi pesquisada, nesta tese (264).

As savanas, como também foi mencionado (265),não foram empregadas onomasticamente, nem mesmo nas designações com que são conhecidas no Brasil, isto é, campos cerrados ou campos cobertos. Apenas a forma cerrado, que também se lhe aplica, aparece nomeando lugares, assim discriminados: Cerrado (AH PR SP; C. do, MG); Cerrado de Dentro (Rb. GO); Cerrado de Fora (Rb.GO); Cerradão (AH MG); Cerradinho (AH PR) (266).

Os campos limpos, que caracterizam as campinas, nome já consagrado botanicamente, constituem, como também já se apontou, signos toponímicos nos Estados centrais e em São Paulo.

Como nos campos há influência dos cursos d'água, sugere SAMPAIO que "a umidade idáfica ou do solo, sendo fundamental, e natural que os morros esparsos nos campos sejam mais pobres em árvores que as várzeas e sejam, às vezes, morros pela -

---

264- Cf. fls. 134 e 135 desta tese

265- Cf. fls. 131 desta tese

266- Os topônimos Cerrado de Dentro e Cerrado de Fora e Cerradão e Cerradinho sao exemplos sensíveis de um processo denominativo comum em Toponímia, qual seja a distribuição dos nomes em um esquema opositivo de significação. GEORGE R. STEWART colocá-los-ía em uma categoria descritivo-relativa.

dos, como os designa o vulgo" (267).

Ora, esse chamamento popular determinou apenas um topônimo cuja origem, evidentemente, se encontra nessa fonte de motivação espontânea; trata-se do Morro Pelado, acidente humano no Estado do Pará.

Os campos da ilha de Marajó, refere o autor, têm o nome vulgar de mondongos — designação nao aproveitada pela toponímia --, que se caracterizam pela sua "vegetação hidrófila ou aquática, em geral densa e em macega alta(...), seja de junco de piri-piri (Cyperus sp.)"(268). Este piri-piri é responsável por um diversificado contingente de topônimos, ainda que constante de uma relação não muito extensa:

Piri (AH BA)
Piri Grande (AH PA)
Piripiri (AH PI)
Piripucu (R. MT)
Piritiba (AH BA)
Pirituba (AH PE SP; Rb. SP; R. SP)
Pirizal (AH MT)
Pirizeiro (AH MT)

O genérico junco encontra alguma ressonância na nomenclatura, manifestada nestes topônimos:

Junco (AH BA MA PA PE PI SE; I. RS; La. do, MG, RN; Rb. do, BA)
Junco do Seridó (AH PB)

A forma juncal, porém, está restrita ao Estado do Rio Grande do Sul, denominando, aí, um arroio, uma ilha, uma ponta e uma serra.

Ainda é de interesse para a toponímia, como fonte motivadora, a observação registrada por SAMPAIO quanto à uma

---

267- Fitogeogr. do Brasil, p. 191

268- Ibidem, p. 193

possível origem dos nomes dos campos, em sentido genérico; daí a razão da transcrição:

> "Em geral, cada um dos muitos campos do Brasil tem seu nome regional, de regra o do rio que o percorre; assim, por exemplo, os Campos Gerais do Rio Branco, do Trombetas e do Cuminá, no Amazonas; outras vezes, o nome da serra respectiva, assim os da Mantiqueira; menos comumente o nome de índios, assim os Campos dos Goitacazes; mais raro, outra origem para a denominação, assim Campos da Vacaria, em Mato Grosso"(269).

Dentre as espécies vegetais referidas por SAMPAIO como existentes nos Campos do rio São Francisco, quase todas já foram registradas no âmbito desta tese, como, por exemplo, a mangaba, o jatobá, o piqui, o pau-terra. Das especificações comestíveis, como a guabiroba e o araçá, apenas a pitangueira e o caju registram índices onomásticos significativos.

A primeira delas distribui-se nestes topônimos :

Pitanga	(AH BA MG PR RS; R. BA ES PR SC; Rcho.PA; Sa. da, PA)
Pitangueira	(AH MG MT SP; Sa. da, MG)
Pitangueiras	(AH PR RS SP; Rb. PR SP; Rb. das, MG)
Pitangui	(AH AL MG RN; R. PR)

Por sua vez, o caju mereceu de EUGENIO DE CASTRO uma análise extensa, em virtude do interesse dispensado à planta pelos indígenas brasileiros:

> "De etimologia tupi (Acayu, "o pomo amarelo") é considerado planta americana originária das Antilhas, e introduzida na Índia pelos portugueses. Segundo outros botânicos, é originária do Brasil, espalhada por toda a América tropical e pelas Antilhas (...). O cajueiro e o caju, na antropogeografia do selvícola brasileiro, tiveram papel importantíssimo. Nas zonas onde prolifera, caracteriza-se pela regularidade anual da floração e da frutificação. Tal aspecto de sua vida vegetal levou os nossos indígenas a tomarem a frutificação da planta por um dos elementos fixos do seu calendário, a par de outros(...). Sua frutificação mostra-se de dezembro a janeiro, sendo que a sua inflorescência é precedida, de agosto a setembro, das "chuvas de caju", assim

---

269- Fitogeogr. do Bras., p. 195

com razão chamadas no norte do Brasil.

Antigamente, a época da frutificação da planta estimulava migrações indígenas na busca dos cajuais nativos, o que se tornava motivo de guerras ou lutas entre tribos; por quanto em torno a eles, e à sombra deles, faziam suas festas(...), durante o período da abundância e colheita dos privilegiados pomos, com cujo suco fabricavam seu vinho (o cauim) ou o mocororó ou macororó(...). Cada castanha que apartavam, dentro do ciclo de uma frutificação, representava para cada um deles, um ano de sua vida (...)" (270).

Na toponímia, a espécie é bastante empregada, especialmente a forma cajueiro, mas há que se considerar as variadas disponibilidades mórficas do vocábulo. Assim:

Caju (AH MA MG MT PA RR; C. do, MA; I. do, MA; Ig. PA ; Lo. AP; R. PA; Trav. do, GO
Cajueiro (AH AL BA CE GO MA PA PE PI RN RO SE; C. MT; C.do, CE; Cach. PA RO; Ig. PA; Ig. do, RO; I.do, BA; La. do, RN; Rcho. CE)

Cajuaçu (Cach. PA)/ Cajual (AH RR; Pta.do, MA)
Cajuais (Pta., CE)/ Cajuapara (R. MA)
Cajuba (Fu.do,PA)/ Cajueiro da Estrema (AH BA)
Cajueiros(La. ,PI)/ Cajupiranga(R. RN)
Cajuí (AH BA; Cach. RR)

Como se pode verificar, a zona de dispersão do vegetal é bastante ampla, havendo,ao que parece, uma preponderância de nomes no Estado do Pará. Além disso, é preciso lembrar que o topônimo não ocorre nas regiões mais meridionais do país, ocupando o Estado da Bahía a posição de um verdadeiro divisor entre estas áreas que desconhecem o emprego do nome e aquelas do Norte e Nordeste, onde seu uso é comum.

Nos Campos Cerrados de Mato Grosso impõe-se uma referência aos chamados campos do Pantanal. Este designativo pode causar, ao leigo, dificuldades de interpretação, ao se procurar incluí-lo em uma das categorias toponímicas existentes. De acordo com o que explicita SAMPAIO, a expressão pode revestir as

---

270- Ensaios de geogr. linguíst., p. 311-313

características de um geomorfotopônimo: "O Pantanal, fazendo parte do Gran-Chaco da Bolívia e do Paraguai é aí uma grande depressão, com 100 a 200 m. de altitude, segundo Gonzaga de Campos, e que, sujeita a enchentes anuais, conseqüentes às grandes chuvas, de outubro a março, se apresenta seca ou quase toda no estio" (271).

Qualquer que seja, porém, a interpretação que se dê ao nome, a realidade toponímica brasileira demonstra existir pouquíssimas ocorrências sob essa forma; Pantanal(AH PR; Ig.PA); Pantanalzinho (AH MT).

A formação vegetal específica do lugar é que, de fato, constitui os estratos fitotoponímicos:

> "A vegetação, tendo de suportar alternadamente épocas de grande umidade e épocas secas, é tropófila, salientando-se como planta mais característica a palmeira carandá (...), que, por longo tempo foi considerada a mesma carnaúba do Maranhão, do Nordeste e da Bahía; o carandá, além de outras diferenças, não dá cera; forma à margem do rio Paraguai "grandes carandazais", de solo revestido de relva" (272).

Na toponímia, há várias exemplificações do vocábulo:

Carandá (AH MT; C.MT;R.MT)	/	Carandá dos Veados	(AH MT)
Carandá Fundo (AH MT)	/	Carandaí	(AH MG)
Carandazal (AH MT)	/	Carandazinho	(AH MT)

A concentração dos topônimos na região matogrossense mostra, portanto, que as áreas geográfica e toponímica se encontram em equivalência distributiva.

Do ponto de vista lingüístico, porém, a existência do nome caraná parece sugerir uma transformação da forma an-

---

271- Fitogeogr. do Bras., p. 200

272- Ibidem, p. 200

teriormente mencionada, carandá, pois nao foi estranha ao tupi a alteração do grupo consonântico nd em n ou d, ao contactar-se com o português (273). Muito embora exista, assim, uma possibilidade concreta de que se trate de um mesmo denominativo, os respectivos verbetes do Novo dicionário da língua portuguesa(274) indicam espécies vegetais diferentes:

> "Caraná (do tupi kara'ná)- S.f. Bras.AM. 1 Planta da família das palmáceas (Mauritia carana), de frutos comestíveis e folhas ornamentais, estipe duro e resistente, e cujas flores exalam aroma intenso;(...) 5. V. Carandaí (1)".
>
> "Carandaí (do tupi karãda'i)- S.m. Bras., S.1- Palmeira da família das palmaceas (Trithinax brasilien-sis), de estipe espinescente, ramos floríferos, e de cujas folhas se extraem fibras utilizadas na manufatura de chapéus, servindo o lenho para o fabrico de bengalas; caraná, carandá".
>
> "Carandá (do tupi karã'dá)- S.f. Bras., MT.1- Palmeira da família das palmáceas (Copernicia alba), de cujo estipe, resistente e durável, se fazem postes, caibros, pipas e barretes, e cujas folhas dão cera igual à carnaúba; caranambuuba. 2. V. carandaí (1)".

Por sua vez, ANTONIO GERALDO DA CUNHA (275) fornece para as duas palmeiras, igualmente nativas de terrenos úmidos, a mesma etimologia tupi,kara'na.

Assim sendo, quer se trate,ou nao, do mesmo termo, com variações regionais, o ponto de maior interesse para a toponímia acredita-se assentar na coincidência das áreas denominativa e geográfica para cada uma das modalidades registradas, qual seja, Mato Grosso para o carandá, e a Amazônia para o cara-

---

273- SAMPAIO, Theodoro- O Tupi na Geogr. nacion., p. 97:"(...) Assim é que as consoantes duplas: mb, nb, nt, participantes de uma branda nasalação, se desdobraram ou se reduziram a uma consoante simples, dizendo-se então: baé ou maé por mbaé, boy ou moy por mboy; enê por ndê; nitio ou inti por ntio.Os nomes geográficos: Baependy, Maecuru, Boypeba, Mogy ou Moygy, Antimary, são frisantes exemplos".

274- FERREIRA, A. B. de H.- Novo dicion. da língua portug.

275- Dicion. histór. das palavr. portug. de orig. tupi

ná, de que decorrem os seguintes topônimos: Caraná (AH PA RR; R. MT); Caranaíba (AH MG); Carananduba (AH PA).

Já nos Campos do Rio Grande do Sul, há que se considerar, segundo SAMPAIO, os do interior, "que formam a "campanha" e que "se estendem em terreno quase plano com suaves elevaçoes (as coxilhas), e mesmo serras baixas, a Serra do Herval, a Serra dos Tapes e a do Batovi; são, em grande maioria, esplendidas campinas" (276). Neste caso, uma vez feita a equiparação a campinas, pode-se considerar as campanhas do Rio Grande como fitotopônimos e não como geomorfotopônimos (modulações do terreno). É o que acontece com os pampas, também de classificação toponímica duvidosa, pois as referências ao vocábulo quase sempre o equiparam a grandes planícies, regiões desérticas, imensidões de terrenos. Veja-se, a exemplo, esta conceituação:

> "En su acepción restringida, llamamos "pampa" a aquella región pastoril sin ríos ni árboles, limitada por el Paraná desde Santa Fé, el Plata en su margen derecha, y el Atlántico desde San Borombón hasta Bahía Blanca; en tanto que por el interior le sirve de aledaño Córdoba por Río Cuarto, con el Río Colorado. Esta es, histórica y geológicamente, la zona clásica de nuestra pampa" (277).

O Novo dicionário da língua portuguesa, no verbete respectivo, registra o seguinte:

> "Pampa (Do quíchua pampa, "planície", atr. do esp. plat.). (...) 3. - Grande planície, coberta de vegetação rasteira, na região meridional da América do Sul" (278).

De acordo, assim, com tais registros, os pampas

276- Fitogeogr. do Bras., p. 202

277- ROJAS, Ricardo-Historia de la literatura argentina, la. parte: Las gauchescas. Bu nos Aires, Losada, 1. V., p.78-79. Apud: PAZ, Jorge Luis Carol-"Cultura indígena, cultura criolla y cultura popular en la Argentina". IN: Anuário Indigenista. Mexico, Instit. Indigen. Interamer., dezembro 1973, p. 164

278- FERREIRA, A. B. de H.- Novo dicion. da língua portug.

riograndenses nao caberiam nesta categoria dos fitotopônimos.

Quanto ao emprego de campanha na nomenclatura, são poucos os designativos resultantes, que surgem, entretanto, na região dos campos de Mato Grosso: Campanha (AH MT; R. GO; R. MT).

6 - Zona Marítima Finalmente, quanto à vegetação da Zona Marítima, a maioria das espécies relacionadas por SAMPAIO consubstanciam uma terminologia científica, que não encontra amparo na toponímia; os designativos populares, quando aparecem, já foram objeto de referência em outras áreas, como é o caso do cajueiro, das moitas de pitangueiras, do mandacuru, da cactácea coroa de frade, por exemplo.

Restariam, entretanto, alguns nomes, como a poaia da praia (Hybanthus sp.), que conta com um único topônimo (Poaia, AH MG); a aroeira da praia (Schinus sp.), já com maior número de referências(Aroeira, AH BA CE MA MT PI PR RS; C. MT; R. PA;Rcho. CE; Vda. da, BA; Aroeiras, AH BA PA PI; Rcho. CE), mas com uma zona de dispersão preferentemente da Bahía para o norte, acusando, como se verifica, apenas dois registros, ao sul; o coqueiro da Bahía, do qual se conta "hoje por milhões na costa brasileira, em especial desde Abrolhos até o Leste do Maranhão, mas também abundante no litoral de S. Sebastião, no Estado de São Paulo"(279), entre outros.

Se a toponímia nao incorporou, deste último, a forma completa, coqueiro da Bahía, emprega, porém, o designativo genérico, coqueiro, em diversos acidentes, principalmente na re-

279- SAMPAIO, A.J.de - Fitogeogr. do Bras., p. 209 a 213

gião nordestina:

Coqueiro (AH BA MA MG MT PI RJ RR; C. MT; I.do, PA; R.MA ; Rb. MT SP; Rcho. PI)
Coqueiros (AH BA GO MG RS SC; C. GO; I.dos, SE; Pta.de,PE)

Coqueiro Seco (AH AL)
Coqueirinho (AH PA)
Coqueiral (AH MG)

O fruto do vegetal, porém, encontra maior repercussao como nome geográfico, incorporando diversas formações,predominantes nas regiões norte e nordestina:

Coco (AH GO MA; C.GO; Cach.do, PA; Fu., GO; Ig.do, AM PA; I. PA; Rcho. do, MA; R. CE; R. do, GO)
Cocos (AH BA MA PI; Vda. de, BA)
Cocual (Lo. AM)
Cocais (AH MG MT SP; Rb. dos, MG SP MT; C. dos, MG)
Cocais da Estrela (AH MG)
Cocal (AH BA PA PI; Ig. MA; R. MA; Rb. GO MA MG)
Cocal dos Alves (AH PI)
Cocalinho (AH MA MT PI)
Cocalzinho(AH PA; Sa.do,GO)
Cocau (AH PE)
Cocaual (Pto., PA)

Nas catanduvas (280), aparece, ainda, um tipo de formação que deixou vestígios sensíveis na toponímia. Trata-se do taquari, que o Novo dicionário da língua portuguesa e o Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi interpretam como "taquara pequena", caracterizando, segundo o verbete respectivo, na primeira das fontes citadas, "uma arvoreta da família das euforbiáceas, das capoeiras secas (...)". A nomenclatura geográfica permite uma comparação da densidade onomástica das duas espécies, taquara e taquari, em função das respectivas áreas distributivas:

Taquari (AH BA GO MT PI PR SP RS; C. MT; I.do,RS; Ig. AC; R. AC BA MT PR RJ RS SP; Rb.SP;Rcho.GO PI CE)

280- CUNHA, A.G.da-Dicion. histór. das palavr. portug. de orig. tupi:"Catanduva - Var. caatanduva. Do T. kaatan'tiua -"Mato rasteiro e espinhoso, que nasce em terreno impróprio para a cultura".

Taquari Mirim(AH SP; Ar.RS; R.MT)/Taquarichim (AH RS)
Taquaril (AH BA;C.MG; Sa.,RJ)/Taquarituba (AH SP)
Taquaritinga (AH SP) /Taquaritinga do Norte(AH PE)

Taquara (AH AM PA PE PR RS; Ar.MT; C.MT; C.da, GO; Ig. AM; Pta.da, SC; R.MT PR; Rb. MT PR; Rcho. PI; Sa. RR; Sa.da, RJ; Sa.das, PR)

Taquara Verde(Sa.da,SC)/ Taquaraçu de Minas (AH MG)
Taquarandi (AH BA)/ Taquaral do Fogaça (C. MT)
Taquarantã (Rb. SP)/ Taquaras (AH ES RO; Ig.RO)
Taquarembó (Ar. RS)/ Taquarembó Chico (Ar.RS)
Taquarinha (AH BA)/ Taquaru (R. SP)
Taquaraçu (AH MG SP; Pto., SP; R. GO MT; Rb. MG SP)
Taquaruçu (AH MT PR SC; C. MG MT; Rb. PR)
Taquaral (AH MG MT RJ SP; C.MT SP; Rb.GO SP; Sa. MG MT)

A incidência dos termos, assim, em zonas diferentes do território, torna difícil a formação de uma área específica aos topônimos, podendo-se, apenas, proceder por exclusão relativamente aos Estados que nao registrem os designativos. Um fato, entretanto, desperta, desde logo, a atenção do pesquisador: no Rio Grande do Sul, surge um nome composto, em que o genérico taquara é modificado por um determinante, chico, nao registrado em outras formações semelhantes, nas demais regiões. Funcionalmente, atribuiu-se a chico o mesmo sentido de "pequeno", que é idêntico ao do tupi mirim. Tal expressão revela, sem dúvida, uma influência advinda do espanhol platino, que deixou, como se sabe, a marca de sua presença no falar gauchesco.

Outra influência da vegetação na toponímia pode ser estudada, ainda, a partir da análise de DIÈGUES JÚNIOR relativamente à importância do café na economia de São Paulo e do Brasil, de um modo geral. Tão forte foi a sua função como agente modificador do meio social paulista, que seria de se esperar um contingente maior de topônimos, na nomenclatura, do que os existentes.

De fato, o início do século XIX assinala a mudança do gênero de vida, no planalto. Do bandeirismo e de sua mobilidade, em conseqüência das constantes viagens ao sertão, passou

se ao sedentarismo do cultivo da terra. "Esta atividade", diz DIÈGUES JÚNIOR, "era incipiente, ainda rudimentar, e somente começou a tomar vulto quando o café atingiu o território paulista vindo do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, através do vale do Paraíba. Logo irradiaram-se as plantações pelo norte paulista, nas vizinhanças daquelas duas províncias; criou-se em São Paulo um novo ciclo de atividade econômica — e este tipicamente agrário — para as populações paulistas(...). Foi com o café que surgiu a renovaçao econômica da região(...). Não foi apenas uma revolução econômica que ele produziu, mas igualmente uma transformação social"(281).

Na nomenclatura geográfica, porém, o café não chegou a formar uma área muito extensa, quantitativamente, de topônimos, que se concentram mais nos Estados do centro e do sudeste:

Café	(AH ES PR; C.do, ES MG; Rb. ES; Sa.do, MT)
Café Mirim	(AH MG; Rcho. MG)
Café Ralo	(AH MG)
Cafeara	(AH PR)
Cafeeiros	(AH PR)
Cafelândia	(AH PR SP)
Cafelândia do Leste Mato-Grossense	(AH MT)
Cafesópolis	(AH SP)
Cafezal	(AH MA PA PR; Rb.do, PR; Sa. do, GO)

Não houve, assim, na toponímia, o mesmo surto expansionista verificado em termos econômicos e sociais, de maneira a que os topônimos viessem de encontro aos fatos apresentados pelo autor, como remate de uma realidade que aqui se viveu:

> "O café marcou então toda a paisagem social, tanto do Estado do Rio de Janeiro como do Espírito Santo e, sobretudo, de São Paulo. Sua influência foi decisiva, e marcou, até aos nossos dias, a área por onde passaram os cafezais. Mesmo quando estes foram abandonados, ou, quando, em seu lugar, surgiram novas atividades —o cria

---

281- Regiões cultur. do Bras., p. 372-373

tório, nas Minas Gerais, por exemplo, ou a industrialização, em algumas zonas do Rio de Janeiro e de São Paulo — o fato é que essas zonas permaneceram, e permanecem, assinaladas pela influência do café. Todo o sudeste do Brasil é parte dessa região do café; porque em todo ele, embora se tenham verificado transformações, o traço do café, seu geito, sua marca, tudo dele, como que se fundou e ficou na terra e também no homem. Os seus vestígios, seja nas cidades que se transformaram, seja nas localidades ainda em decadência, persistem; e são eles os traços mais importantes a assinalar em umas ou outras localidades" (282).(O grifo é nosso).

Por outro lado, também é necessária a referência ao chamado Nordeste agrário do litoral, que teve na cana de açúcar o fator predominantemente responsável pela fixação do europeu na região, em pleno século XVI:

"No litoral, a marcha da ocupação humana, porém, fez-se com a cana-de-açúcar; pela beira do mar, nas margens dos rios, encontrava-se o habitat propício ao plantio das sementes. E a tarefa de fixação do homem associa as suas raízes com a dos canaviais. Pelo litoral, a cana vai-se espalhando, num verdadeiro sentido talássico, que era o do português quinhentista: a proximidade da água, do mar ou do rio, mas sempre a da água. A cana-de-açúcar tornou-se a base dessa ocupação litorânea; a casa grande de engenho o seu símbolo (...).

O açúcar condicionou a formação da sociedade agrária do litoral, deu-lhe as bases, estimulou o povoamento, criou os modos de vida, de modo geral, ainda hoje persistentes. Para o interior, coube ao gado esse papel" (283).

Determinada, assim, a razao do povoamento de uma faixa considerável do território brasileiro, através de uma espécie da cobertura florística nacional, pode-se pesquisar, na toponímia, a possível manutenção desse fator de ordem física. E, de fato, sua utilização como índice designativo foi expressiva, seja em sintagmas compostos ou em formações derivadas:

Cana	(AH MA)	/ Cana Nova	(Rcho. RN)
Cana Verde	(AH MG; Rb.GO)	/ Canápolis	(AH BA MG)
Canarana	(AH BA; Lo.AM)	/ Canas	(AH MG;Rcho.das, BA)
Canatiba	(AH BA)	/ Canavial	(AH AM)

282- Regiões cultur. do Bras., p. 391

283- Ibidem, p. 110-112

Acrescente-se, nesta oportunidade que, muitos dos termos fitonímicos de origem indígena, motivadores da nomenclatura geográfica brasileira, já foram citados no decorrer desta tese. Entretanto, alguns designativos genéricos, em sua formação simples ou composta e, mesmo, derivada, merecem referência especial.

IVAN LIND, ao se referir às características do Novo Mundo com as quais o europeu se deparou, interpretou desta forma a atitude do branco colonizador:

> "Para as características diversas da natureza do novo país não contou de nenhum modo a rica capacidade do português. Dificilmente se podia, sobretudo, nomear a imensidade de novas plantas e animais por meio da língua importada e, não apenas para as diversas características naturais mas também mesmo para as condições geográfico-culturais se tornou natural o emprego da palavra índia (...). O mais impressionante da nova natureza que se lhes deparou foi a floresta na sua variedade de formas, e "caa", nos compostos caaete ("mata verdadeira"), caatinga ("mata branca, clara"), capão ("souto"), capoeira ("mata que era, mata secundária"), tornaram-se termos geográficos. Catanduva ("mato baixo e espesso, baldio") e caiva ("mata pouco espessa") tiveram, evidentemente, um emprego menor" (284). (O grifo é nosso).

Idêntico é o pensamento de THEODORO SAMPAIO:

> "Numa região como o Brasil, onde a vegetação exubera, variada e intensa em vastíssimas zonas, a denominação dos lugares de procedência indígena deve, de contínuo, traduzir a feição local sob o ponto de vista da sua vestimenta vegetal, ou pelas espécies características. A geografia aqui reflete nas denominações dos lugares, a característica vegetal de cada uma. Não é, pois, de estranhar-se o freqüente emprego de nomes de plantas, árvores, para individuar um rio, um banhado, um vale, um povoado, uma serra, um acidente topográfico qualquer"(285). (O grifo é nosso).

Do vocábulo caá registram-se, por exemplo, as seguintes formações toponímicas:

Caaguaçu (AH SP) / Caá Guaçu (AH RS)

284- De Portug. ao Bras., p. 62-63

285- O Tupi na Geogr. nacion., p. 124

Caaiari (R. RS) / Caapiranga (I. RR; Ig.AM; Lo.AM)
Caapora (AH PE) / Caçapava (AH SP; Sa. de, RS)
Caçapava do Sul (AH RS) / Caçapava Velha (AH SP)
Caeté (AH MG MT PA;R.PA) / Caeté-Açu (AH BA)
Caguaçu (C. MT) / Cajuru (AH SP)
Cajuru do Sul (AH SP) /

Capoeira (AH AM GO MA; C. BA; Rb. GO; Rcho. da, MA)
Capoeira do Algodão (Rcho. BA)/ Capoeira do Rei (AH AP)
Capoeira do Filipão (AH BA)/ Capoeira Grande (AH MA)
Capoeirana (AH MG)/ Capoeirão (Rb.GO)
Capoeiras (AH BA)/ Capoeirinha (AH MG)

Capuva (La. de,ES) / Caruru (AH AM)
Cajobi (AH SP) / Cajubi (AH MG)
Caiubi (AH BA) / Caporanga (AH MG)

Também o termo genérico nhû ou nhum, "o campo" , ou "a região plana", deixou alguns nomes na toponímia como Nhu Porã (AH RS); Nhumirim (AH SP); Nhunguaçu (AH RJ) e as variantes Nuguaçu (AH BA), Nupeba (AH BA) e Nuporanga (AH SP).

A íntima associação existente entre a toponímia e a vegetação, que se vem enfatizando, foi ressaltada por HELMUT TROPPMAIR, ao estudar a cobertura vegetal primária do Estado de São Paulo, com o objetivo de estabelecer um mapa fitogeográfico da região. Suas considerações a respeito do assunto podem ser interpretadas como um remate de tudo o que aqui foi dito sobre a fitotoponímia:

> "Sabemos que é impossível estudar uma paisagem sem levar em consideração a vegetação. HUMBOLDT já dizia em 1807, nos seus "Aspectos da Natureza": "Apesar de uma paisagem geográfica ser formada por um conjunto de fatores externos como o contorno das serras, o aspecto e as formas das plantas e dos animais, o azul do céu, as formas das nuvens, a visibilidade e a transparência do ar, não se pode negar que o fator determinante da paisagem é a cobertura vegetal" (...).
>
> Com razão, LEO WAIBL, já em 1948, chamou a atenção da necessidade de se elaborar um novo mapa de vegetação do Brasil, indicando inclusive técnicas de trabalho, tais como: Trabalho de campo, consulta de cadastros e de documentos históricos, interpretação da toponímia e, atualmente, a foto interpretaçao (...).
>
> (...) Os elementos que conseguimos (...) associamos com o estudo da toponímia, desenvolvendo as se-

guintes etapas:

a) consulta de toponímias em tupi-guarani. Os nativos, com cultura e técnica limitada, estavam estreitamente ligados às condições do meio natural, expressando assim em seu idioma as condições dos locais onde se fixavam. Elaboramos pois primeiramente uma lista de cidades que tiveram significado vegetal, tais como: Araçatuba (muito araçá), Catanduva (mata rala) (...);

b) numa segunda etapa, traduzimos termos da língua nativa que tivessem o significado animal procurando em seguida interpretar o meio ecológico onde estes animais vivem, como por exemplo: Guará -ave pernalta de pântanos, Araras - aves da mata tropical, Urapuru (paulista) - ave que vive na beira de descampados;

c) numa terceira fase, recorremos à interpretação da toponímia dos nomes em português atualmente ainda em uso como: Matao, Cedral, Palmeiras, etc.. Esta etapa do estudo mostrou que algumas cidades no decorrer de sua história mudaram de nome, sendo o primitivo geralmente ligado a um fator natural que permitiu uma interpretaçao, como exemplo citamos: Buritama, antiga Palmeiras, São Carlos do Pinhal, hoje simplesmente São Carlos"(286).

A importância e a função motivadora da vegetação na toponímia estão, portanto, caracterizadas, não apenas na variedade dos fatores determinantes, representados pelos inúmeros exemplos transcritos, como, também, no processo distributivo dos nomes em áreas específicas de referência, de acordo com o elemento predominante. De maior valía para o estudo científico se torna, assim, o topônimo, quando a espécie por ele lembrada se encontrar em conjunção à área geográfica de sua ocorrência e, mais ainda, quando se tratar de um tipo florístico já extinto.

286- TROPMAIR, Helmut-"A Cobertura vegetal primitiva do Estado de São Paulo". IN: Biogeografia. São Paulo, Instit. de Geografia da Univ. de São Paulo, 1:2-4, 1969.

4.1.4.- Hidrotopônimos

O aparecimento de topônimos, nos mais diferentes ambientes, revestindo uma natureza hidronímica propriamente dita, vincula-se à importância dos cursos d'água para as condições humanas de vida.

Desde épocas remotas da história da humanidade, a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizacões nasceram e se desenvolveram junto a oceanos, rios e zonas ribeirinhas (287). Ainda hoje, países disputam, quando não as possuem, saídas e vias de acesso ao mar ou às correntes fluviais de navegação, que lhes permitam e lhes assegurem o escoamento natural de produtos econômicos.

Na aridez dos solos pedregosos, ou nos escassos

287- HOLANDA, Sérgio Buarque de- Caminhos e fronteiras. 2. ed.il. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975, p.44-45. Compare-se, a exemplo, a afirmação do A. a respeito do aparecimento dos povoados brasileiros: "Os velhos roteiros assinalam muitas vezes córregos, lagoas e nascentes onde existia água abundante e saudável(...). No traçado das estradas, como no estabelecimento de arraiais e povoações, o problema da água desempenhou quase sempre o papel de importância primordial. Viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire e Burton, chegaram a assinalar a constante preferência dos povoadores do centro do Brasil pelas baixadas e fundos de vales(...). Essa predileção pelos vales distinguiria muito particularmente os homens de São Paulo, se é exata a presunção de Capistrano de Abreu quando diz que nas margens do São Francisco, as regiões onde os altos deixam de ser preferidos para a habitação, mesmo quando não existe o perigo de ser inundado o terreno, marcam a presença do paulista ou de seus descendentes. A água, copiosa nessas regiões, água para bebida, para as diversas utilidades caseiras e também para o monjolo, desconhecido nas capitanias do norte, fornece a explicação mais plausível dessa preferência. Já nos primeiros tempos da colonização européia, a presença de boas águas determinou muitas vezes a escolha de sítios para a instalação de povoados. Bons ares e boas águas: dois requisitos que andam sempre juntos e de certo modo relacionados entre si (...)" (O grifo é nosso).

regimes de chuvas, avulta em intensidade a necessária presença da água; quanto mais rara, mais imprescindível conhecer, no terreno, os pontos de sua possível localização; tarefa que se impõe ao homem por mera razão de sobrevivência.

Se a água consubstancia o alimento vital do ser humano, representa também, para ele, outro fator de significação, na medida que lhe oferece meios e condições locomotoras. Já se definiram os rios, por isso mesmo, de "os caminhos que andam", permitindo ao indivíduo que deles se utiliza um processo dinâmico de intercâmbio cultural. Trocas materiais e espirituais se sucedem, assim, às margens das vias navegáveis, expandindo, por essa forma, usos e costumes que, de outro modo, permaneceriam, quem sabe, desconhecidos de quantos.

Ao fator utilitário que se relaciona a água, some-se, ainda, o aspecto aventuresco que grandes volumes líquidos sempre despertaram nas populações, verdadeira fascinação pelo desconhecido, que as levou a criar lendas e figuras míticas, poemas e cantos, sagas de uma raça, todo um maravilhoso enfim, resumindo um ideal de vida ou de morte.

Às vezes, porém, rompe-se o equilíbrio que ela representa em qualquer meio, desprendendo-se de suas possibilidades de aproximar culturas distintas e assumindo papel um tanto oposto, ao se transformar em "obstáculo" à difusão dos interesses coletivos. Circunscrevendo o homem em seu próprio espaço, quando o transcurso se torna difícil, impede os contactos entre grupos vizinhos. Se o isolamento, por um lado, tende a manter, tanto quanto possível, inalterados os valores comuns, preservando, por isso, a tradição grupal, por outro, fere a essência mesma da condição sociológica do homem, ao retardar a dinâmica da comunidade em favor de uma estática desestimulante e viciosa.

Todavia, a validade de um tal raciocínio só pode ser considerada mediante o exame das condições específicas e concretas que se apresentem. Teoricamente, a posição isolacionista exercida por determinadas correntes hidrográficas é aceita, da mesma maneira pela qual se entende a função conservadora da montanha ou das grandes altitudes terrestres. Mas esses "obstáculos" naturais se, algumas vezes, assim são compreendidos do ponto de vista da geografia física, podem não representar idêntica função para a geografia linguística, por exemplo, ou vice-versa.

É o que se depreende da observação de DAUZAT sobre o assunto, e inscrita em um de seus estudos relativos aos "fenômenos externos da linguagem". Depois de afirmar que "la différenciation du langage est plus grand dans les montagnes que dans les plaines à cause du plus complet isolement des vallées" (288), mostra também que "un fleuve peut constituer à la fois, suivant le point de vue, un courant d'échanges et un barrage. S'il est navigable, c'est une voie naturelle de commerce et de relations; même en cas contraire, sa vallée est naturellement remontée par les chemins et les routes. Mais en revanche, s'il est trés large et si les ponts sont rares, il isole les deux rives l'une de l'autre. La basse Loire forme une limite linguistique et sociale assez nette à partir de l'Anjou:(...)(289). (O grifo é nosso).

A constatação do autor, a partir da realidade linguística francesa, talvez não encontre o seu equivalente na realidade brasileira, face às suas circunstâncias históricas. Em

---

288- DAUZAT, A.- La Géographie linguistique. Paris, Flammarion, 1922, p. 137

289- Idem, Ibidem, p. 160

uma certa perspectiva, de âmbito mais físico que do ponto de vista das línguas faladas no país, os rios constituiram, nos primeiros tempos da ocupação territorial, senão barreiras em sentido estrito, pelo menos obstáculos que só lograram ser superados graças ao desmedido arrojo dos primeiros exploradores. A extensão da rede hidrográfica do Brasil, com acidentes os mais variados, longe de caracterizar um entrave à expansao colonizadora, exerceu, paradoxalmente, o papel de instrumento e de fator de apoio ao ímpeto desenvolvimentista.

O rio São Francisco, por exemplo, no povoamento do mediterrâneo nordestino, interligou núcleos já habitados, e permitiu que se atingissem áreas mais distantes. Puderam, assim, as correntes migratórias alcançar, de Pernambuco, todo o Estado da Bahía, penetrando nas Minas Gerais, onde se mesclaram os homens e os interesses do Ciclo do Gado do Nordeste, com os do Ciclo das Bandeiras Paulistas. No todo heterogêneo resultante dessa colagem de facetas não uniformes, o beneficiário imediato foi o organismo social que começava a se plasmar com caracteres distintos entre si.

Idêntica função catalizadora é atribuída também a outros cursos como o rio Tocantins, o Negro, o Tietê, o Paraná, o Prata, os quais, a pouco e pouco, tornavam conhecidos os extremos do território, assegurando, dessa forma, os limites fronteiriços, dilatados à medida que prosperava a ação expansionista.

As dificuldades que, constantemente, acometiam os viajantes, nos primitivos percursos fluviais, podem ser sentidas na referência de AFONSO E. TAUNAY às expedições monçoeiras do Brasil:

"Há nos nossos fastos nacionais uma série de

fatos constituidores de í par episódios na História U niversal, os designados pelo nome genérico de Monções.

E, con efeito, as espantosas jornadas fluviais do Paredão de Araraitaguaba a Cuiabá não encontram similares en outra região do globo.

(...) As monções cuiabanas, parece-nos inútil recordá-lo, tinhan que superar pavoroso obstáculo, nos rios encachoeirados, atravessar, em percurso de milhares de quilômetros, terras inóspitas habitadas por nações gentias belicosíssimas como os paiaguás, guaicurus e caiapós (...).

Acresce a esta circunstância que os dois extremos do enorme itinerário eran os únicos núcleos de civilização a pontuar a interminha e aspérrima via perlustrada. Nada mais evocativo do que o modo pelo qual os primeiros moradores de Cuiabá designaram o Tietê e São Paulo: - rio de Povoado e Povoado" (290).

E sobre o rio Tietê dos paulistas, e sua significaçao para a história da terra e da gente, veja-se o seguinte trecho do autor, en que ele comenta os acidentes naturais que, atravancando o curso navegável, dificultavam a caminhada dos exploradores:

"No conjunto das vias de penetração do Brasil ignoto e selvagen, nenhuma tem tão longínqua significação quanto a que ao Tietê tão notável realce empresta.

Está o nome do grande rio de São Paulo, tributário do Paraná, indestrutivelmente ligado à história da construção territorial do imenso Brasil ocidental.

Muito mais antiga a navegação freqüente de suas águas do que a do São Francisco e do Amazonas.

Inçado de dificuldades, entrecortado pelas barreiras das itaipavas, e dos saltos, como que a Providência propositalmente lhe tornara áspero e penoso o vencimento do dilatado curso para manter exercitadas as qualidades de resistência e a capacidade de sofrimento dos seus navegadores rudes.

Nele não se nota a placidez lacustre amazônica, permitindo a entrada, e a livre marcha das esquadrilhas e das esquadras, por milhares de quilômetros a dentro do Continente, nem os enormes trechos desimpedidos do São Francisco, do Paraná, do Uruguai, nem ainda a navegabilidade do Itapicurú ou do Parnaíba. A cada passo barram-no longas corredeiras, obstruem-no grandes saltos intransponíveis às embarcações como os de Itú, Avanhandava, Itapura(...)" (291).

290- Relatos Monçoeiros- Introd., coletân. e notas de AFONSO DE E. TAUNAY. São Paulo, Public. comemor. da Comis. do IV Centen. da Cid. de São Paulo, 1953, p. 23

291- Idem, Ibidem, p. 7-8

Quase um século depois do aparecimento da primeira documentação oficial sobre o rio Tietê, em 1628, por obra de D. Luiz de Céspedes Xeria, Capitão-General do Paraguai, informa TAUNAY que Gervásio Leite Rebelo, em 1727, para chegar à foz do Tietê "tivera de vencer 160 obstáculos entre cachoeiras, correntezas, itaipavas, trechos de cirga, despenhadeiros, contrassaltos, funis, jupiás, redemoinhos e tucunduvas" (292). Além disso, essas itaipavas e sirgas obrigavam aos pilotos e remeiros a "pular n'água levando as canoas às mãos para as irem contendo e desviando, a fim de as não deixarem tomar a velocidade que a correnteza lhes impri iria" (293).

No extremo setentrional do país, a mesma importância atribuída aos rios, na região sudeste, se faz sentir bem de perto, pois, como disse FREDERICO RONDON, "na Amazônia, mais do que alhures, são os rios "caminhos que andam"; e em sua visão de sertanista, as palavras, secundadas pela experiência, justificam-se por si só quando retratam uma situação também vivida em outros pontos do país:

> "São (os rios) vias naturais de acesso, desde as regiões civilizadas, onde se adensam as populações, em cidades, vilas e povoados ribeirinhos do Rio-Mar até os mais recônditos sertões. A vida, em todos os seus aspectos, prende-se intimamente aos rios. O homem é um canoeiro nato. Os agrupamentos humanos se escalonam pelas vias fluviais e se irradiam, costeando os afluentes por vezes insignificantes; e de uns remontam a outros; passam de uma para outra vertente pelos varadouros, caminhos excepcionais a que o homem é forçado, (...), encurtando distâncias (...). Nos séculos das conquistas, os rios foram os caminhos espontâneos das bandeiras desbravadoras; (...).
>
> A defesa instintiva do indígena pronuncia-se nas desembocaduras. (...). As fronteiras das nações ribeirinhas surgem, assim, à beira-rio, escorando-se nos marcos naturais dos acidentes, de foz em foz(...)"(294).

292- Relatos monçoeiros, p. 44

293- Ibidem, p. 46

294- RONDON, Ten.Cel. Frederico-Uaupés. Hidrografia.Demografia. Geopolitica. Rio de Janeiro, Impr. Militar, 1945, p.9-11

Considerado como um dos mais complexos sistemas hidrográficos de que se tem notícia, o reconhecimento da bacia fluvial amazônica representou, pois, desde épocas passadas, como ainda hoje, um desafio a ser ultrapassado pelos estudiosos não só da geografia física mas também da humana ou política. O "máximo dos rios", no dizer do Padre JOÃO DANIEL, "sem injúria dos Nilos, Núbias e Zaires da África, dos Eufrates, Ganges e Indos da Ásia, dos Danúbios e Ródanos da Europa, dos Pratas, Orenocos e Mississipes da mesma América" (295), apresenta-se aos olhos do viajante perplexo como um emaranhado de igarapés, igapós, paranás, furos, canais, estreitos, enseadas, baías,golfos, cachoeiras e lagos que "agitam, desagregam, espalham e soldam os sedimentos em planuras, em ilhas, em penínsulas, em arquipélagos, para amanhã as várzeas se volverem em firmes, os firmes em colinas, as colinas em montes e os montes em serras" (296).

Um dos fenômenos que ocorre não só no Amazonas como em alguns rios de sua bacia, e que mais impressiona os habitantes da região, pelo inusitado do espetáculo, é aquele conhecido pelo nome de pororoca, "a pavarosa e repentina cheia", segundo MARTIUS, "que corre rolando as águas de preamar, elevando-as como uma parede nos diversos rios da província do Pará, coisa que, certamente, tanto por sua imponência descomunal, como por sua inexplicável ocorrência, deve atrair até mesmo os olhares indolentes. Costumam os índios considerar esse fenômeno como diabrura dos maus espíritos. A palavra na língua deles significa "mar roncador ou trovejante" (297).

295- "Tesouro descob. no Rio Amazon.", p. 27

296- MORAIS, R.- Anfit. amazôn., p. 22-23

2 SPIX, J.B. von e MARTIUS, C.F.P. von-Viagem pelo Brasil. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, 3.V., p. 67. Apesar da raridade do fenômeno, só há um topônimo dessa origem (acidente humano), no Estado do Rio Grande do Norte.

Além desse fato que se tornou conhecido através de uma expressão nativa, o sistema hidrográfico da região norte deixou, em contribuição à geografia linguística brasileira, duas outras formas tupis, definidoras de uma tipologia de acidentes, que, como designativos comuns, não ocorrem em outras áreas. I - garapé e paraná, realmente, envolvem, em seu conteúdo, um mecanismo complexo de considerações, fruto, por certo, do ambiente que lhes deu causa. Tais vocábulos experimentaram um processo de fossilização em seu sentido originário, principalmente o segundo deles que, na parte mais meridional do território, evoluiu para nome próprio, afastando-se, assim, do seu primitivo e correto uso. Quanto a igarapé, apesar de algum emprego como topônimo fora da região amazônica propriamente dita (Igarapé, AH MG; Igarapeaçu, AH PE), está circunscrito, como acidente físico, à zona hidrográfica setentrional.

a- O igarapé ou "o caminho da canoa"

Foi a canoa um dos mais expressivos fatores de conquista dos cursos d'água amazônicos, representando o instrumento de apoio que levou o homem a enfrentar o obstáculo das guas e a transpô-lo até mesmo com relativa segurança.

Talvez mais do que em qualquer outra região, na Amazônia se valorizou e se difundiu o uso como meio único de transporte, tanto que escritores como [illegible]IO DE CASTRO chegaram a aproximá-la à montaria dos campos e cerrados, estabelecendo, por sua causa, o ciclo histórico denominado "Geografia da Canoa ou Montaria, do Maranhão à Amazônia" (298).

298- Ensaios de geogr. linguíst., p. 152 e ss.

Da mesma forma que o gado e o vaqueiro permitiram a colonização do vale do rio São Francisco, assim também só com a "ubá, igara ou canoa, guiada pelo bravo canoeiro indígena, seria possível pelo colonizador levá-la (a colonização) (...) ao coração da Amazônia (...). Aquí teriam de navegar os "caminhos que andam", os rios grandes ou pequenos, "os caminhos da canoa" ou igarapés, os igapós ou alagados, de onde emergem matas que os sombreiam (...). Embarcação sem quilha, a canoa em geral era a única apropriada à missão do colonizador no sistema hidrográfico em que ele passava a viver:(...) já por ter de navegar sem riscos maiores, por igarapés onde abundam raízes,troncos de árvores caídos das ribanceiras, ocultos mas quase à flor das águas (...). O colonizador, tomando-a e dando-lhe proporções maiores para seu instrumento de conquista, fez dela, como do cavalo na zona pastoril (...), a sua montaria(...)" (299).

Definida por RAIMUNDO MORAIS como o "traço social" que liga o homem ao núcleo mais próximo, dentro de um cenário "onde tudo se resolve pela água", se ela "a vida paralisar-se-ia" porque "é na corrente dos rios e na superfície dos lagos que se decidem os nossos problemas"(300), ou, melhor dizendo, os problemas do amazonense.

Tudo dependendo, assim, da água, a importância da canoa nao se restringiria apenas ao percurso das grandes correntes, no isolamento das matas cerradas, porque, mesmo em volta dos núcleos povoados, a multiplicação dos acidentes constantemente está a exigir a presença da montaria fluvial. Como anotou MARTIUS, em suas excursões pelos arredores de Belém, no Pará, "entre as mais populosas vilas da província, trafegam incessantes canoas, maiores e menores, numa e noutra direção; e a

---

299- CASTRO, E. de- Ensaios de geogr. linguíst., p.157-158

300- Anfit. amazôn., p. 257

gente do povo está tão acostumada à vida de barqueiro, que eles transpõem mesmo trechos de légua nas embocaduras dos rios em pequenas igaras (...). Nestas paragens, era-nos preciso, portanto, ter sempre à disposição uma montaria, dirigida por um ou dois índios, para atravessarmos as diversas enseadas do rio, os riachos que nele desaguam, e as ipueiras em comunicação com estes, que se enchem de água por ocasião da maré alta; esse é o único eio de entrar nas regiões do continente, para as quais as estradas são quasi impraticáveis" (301).

De um modo geral, portanto, as relações entre o homem e sua montaria contribuem para definir os elementos típicos dos sistemas hidrográficos a que estão submetidos, da mesma maneira que a embarcação dos indígenas, assimilada pelo colonizador, reflete, em sua estrutura material, o aproveitamento das possibilidades ambientais. Troncos de árvore escavados ou cascas secas de certas palmeiras eram usados com segurança, em superfícies líquidas. Chamaram-na os Tupi de ygara, cujo sentido THEODORO SAMPAIO interpretou como "o superior à água; o que sobrenada; a canoa ou barco" (302).

JEAN DE LÉRY, viajante francês que aquí aportou, por volta de 1550, descreve a construção das igaras como sendo feitas "de u a casca de árvore propositadamente arrancada de cima para baixo e que são tão grandes que comportam cada uma de quarenta a cinquenta pessoas. Permanecem todas de pé empunhando um remo achatado nas pontas e que seguram pelo meio. As barcas, chatas como são (...), são muito fáceis de dirigir e manejar. Verdade é que nao suportam o mar alto e agitado e muito menos as tormentas, mas por tempo calmo vêem-se algumas vezes mais de

---

301- Viagem pelo Brasil, p. 67

302- Vocabul. geográf. brasíl.. IN: O Tupi na Geogr. nacion. .

sessenta canoas, formando como que uma pequena frota(...)"(303).

MARTIUS, colocando-se em um outro ponto de vista, mais lingüístico, atribui ao uso da igara uma denominação tribal, aplicada a um dos grupos tupinambás, que se distribuiam pelo interior do litoral paraense:

> "Muito mais numerosa entre todas era a nação dos tupinambás também aqui inigrada, vinda das regiões ao sul de Pernambuco e Ceará; e os nomes de pacaiazes, manaiazes, guianazes, taramambazes e ingaibazes (nhengaiazes), como que são chamados(...) talvez se refiram às hordas que aqui se domiciliaram, daquela muito espalhada e poderosa nação.
> (...). Todas estas hordas navegavam em canoas pequenas (igáras), cavadas num só tronco, enfeitadas em geral com troféu de guerra e maracás; eram conhecidos pelo nome de sua embarcação, Inguaruanas"(304).

Os caminhos lacustres que permitiam a navegação através de barcos dessa espécie foram sendo reconhecidos por igarapés, ou "caminhos da canoa", os quais, por extensão, passaram a designar, segundo THEODORO SAMPAIO, "canal, furo ou braço de rio, ou esteiro, nos estados do Amazonas, Pará e Maranhão"(305).

Igarapés seriam, assim, acidentes geográficos comuns, acrescidos, porém, de um conteúdo semântico específico, atribuido pela própria natureza lexicológica do termo, que o distinguiria da generalidade significativa dos esteiros e canais (306).

303- LÉRY, Jean de-Viagem à Terra do Brasil. Trad. e notas de Sergio Milliet. São Paulo, Martins, 1972, Cap. IX, p. 141.

304- Viagem pelo Brasil, p. 40

305- Vocabul. geográf. brasíl. IN: O Tupi na Geogr. nacion.

306- CASTRO, Dário Paes Leme de- Terminologia físico-geográfica do Brasil. Rio de Janeiro, A. C. Branco Fº-Editor, 1939:Canal- "Trecho do mar, estreito e alongado, situado entre duas partes da terra. Leito ou curso de um rio. Passagem marítima ou fluvial, mais profunda do que nos arredores, (...). Esteiro- "Braço de mar, que entra na costa, sem outra saída; às vezes é pouco profundo e só acessível nas altas marés".

Já no manuscrito do Padre JOÃO DANIEL podem ser encontradas referências às características próprias dos igarapés, que os tornam tão especiais no cenário amazônico. Uma delas se reporta às notícias sobre o rio Mojú:

> "A dia e meio de viagem, até dois dias, é famoso de grande e se comunica por um furo com o Rio Tocantins, que vai sair a Baía Marapatá. É este furo a mais ordinária derrota dos navegantes para os Rios Tocantins e Amazonas(...). Chama-se o furo- igarapé-meriu -que soa na língua brasílica -pequeno caminho de canoas. E na verdade é pequeno, posto que da passagem, ainda, às maiores canoas na enchente da maré, mas na vazante fica em partes totalmente seco; e é tão estreito que sucedendo muitas vezes encontrarem-se as embarcações, uma subindo ou atravessando para cima, outra para baixo, já para passarem há de retirar-se e recuar alguma. Por esta serventia quase universal dos navegantes, fica sendo uma grande conveniência(...) que os magistrados o tivessem sempre limpo e expedito dos paus que lhe caem e o atravessam, caídos do arvoredo com que está coberto e lhe serve de chapéu de sol" (307). (O grifo e nosso).

MARTIUS também se refere a esse Igarapé-Mirim, ao descrever os diferentes caminhos pelos quais, de Belé , se pode alcançar o Amazonas:

> "O segundo roteiro é o que se toma no rio Pará, entre a ilha de Marajó e o continente(...). Também este caminho, o mais curto de todos, é arriscado, por causa dos inúmeros bancos de areia, escolhos, desigualdade da correnteza, e somente o tomam as embarcações , cujo tamanho não permite a passagem pelo chamado Igarapé-Mirim. É este um canal, como propriamente diz o seu nome, navegável só para pequenos barcos (igaras), ao interior do continente, e liga, na direção de noroeste, as águas do Mojú com a foz do Tocantins"(308).(O grifo é nosso).

Compare-se, ainda, esse trecho com o seguinte, do mesmo autor, em que mais uma vez se notam as características tipificadoras dos igarapés:

"Achavamo-nos acima da Fazenda Catinbau no co

307- "Tesouro descob. no Rio Amazon.", p. 47

308- Viagem pelo Brasil, p. 87

> meço do Igarapé-Miri, que reune o Tojú co as águas do Tocantins. Essa entrada é tão estreita que a nossa canoa só lentamente seca na ocasiao da vazante quasi fica sem água; mais adiante, porém, podia seguir adiante entre as margens de mato fechado, e tínhamos que cortar a machado os galhos que nao cediam a pressão. Canoas grandes com mastros só correndo risco transpoem as vezes a primeira ela legua no trecho apertado(...). Na entrada a agua e durante meia hora tao rasa que, sobretudo com embarcações maiores, só se passa com a cheia da maré, e nos anos de seca na ocasião da vasante quasi fica sem água;(...). Além das águas bastante escuras, o olhar não encontra sinão o verde viajante que ora se arqueia, em latadas, acima da canoa, ora pende, em vacilantes guirlandas, entre as altas árvores das margens, ora se trança em impenetrável cerca, nao deixando a descoberto nem a largura de pé de solo"(309). (O grifo e nosso).

Não são discrepantes entre si, portanto, os dados dos dois autores referidos acerca da natureza constitutiva dos igarapés: antes de mais nada, "ca inhos da igara", segundo a etimologia tupi do termo, ou cursos d'água apropriados a esse tipo de embarcações, pois, como adverte MARTIUS, para "canoas grandes, com mastros", a travessia é arriscada; e o que parece significativo, uma vez que tanto um como outro dos exploradores citados a isso fazem referência, é o fato da cobertura vegetal característica, disposta ao seu redor como verdadeiros "chapéus de sol" ou "impenetrável cerca".

Essa conformação sui-generis talvez seja a responsável pelo costume, entre as populações marginais, de se atribuir aos igarapés "propriedades místicas", conforme se lê no depoimento do Padre JOAO DANIEL:

> "Tem os índios naturais um célebre agouro, ou superstição neste furo, e igarapé-meri; e é que tem para si, que andam e habitam nele os seus pajés (...) e por isso cada vez que por eles passam, e atravessam lhes oferecem algum mimo em sinal de respeito e adoração, para que não lhes façam mal; estes mimos deixam pendurados dos ramos das árvores, que cobrem, e assombram o furo. O mesmo abuso costumam praticar em outro

309- Viagem pelo Brasil, p. 103

> furo, que da Baía do Linoeiro atravessa para cima e banda de Oeste e vai dar em outra baía e é muito semelhante a este, seco nas vazantes, sombrio e ordinário esteiro; e cuido que o fazem em todos os mais guarapés pequenos e sombrios; e dizem que os ditos pajés se vingam dos que não os brindam com alguma cousa" (310). (O grifo é nosso).

Idêntico fato consta das observações de RAIMUNDO MORAIS, que o registrou com alguma variação:

> "O tenente MAW, inglês, oficial de Marinha, referindo-se ao cotovelo do Aturiá, na sua descida dos Andes, atribuiu as roupas deixadas alí, pelos tripulantes de barcos e igarités, a um sinal orientador do regresso, quando é of renda oriunda da crendice fetichista do caboclo, que julga com a dádiva reverenciar a mãe d'água, divindade moradora daqueles ermos"(311).(O grifo é nosso).

Outro fator que justifica a existência dos igarapés como acidentes comuns e, mesmo, a sua permanência como tal, na terminologia geográfica, é a fixação de uma nomenclatura toponimizada, já inscrita em documentos antigos, como o próprio código do Padre JOAO DANIEL, que se refere, por exemplo, ao Garapé da Vigia (312), e em outros, datados do século XVIII, como um manuscrito de 1797, de autoria do Ajudante de Milícias, Ponciano Dias da Costa. Endereçado ao Capitão-General do Pará,D. Francisco de Sousa Coutinho, "dá conta minuciosa da viagem que fez aos rios e igarapés, afluentes do Amazonas". No trecho compreendido entre a Vila de Santarém e a ilha de Marajó, desfilam nomes de variada procedência indígena, ao lado de alguns denominativos portugueses: Água Preta, Angelim, Arauarijó, Cacuajó, Camobim, Carauatá, Carini, Curupini, Gurupá-Merim, Igariquitauá , Iauaracari, Iupuaba, Iuquirí, Macaquinho, Paracupi, Pexuna, Ta-

---

310- "Tesouro descob. no Rio Amazonas", p. 47

311- Anfit. amazôn., p. 207

312- "Tesouro descob. no Rio Amazon.", p. 79

huahú, Tauaracú, Tamanduá, Uarapichuna, Uassacuera, Urubu (313).

b- A navegaçao através dos paranás

O acesso aos grandes rios, na Amazônia, às vezes, só se torna praticável graças à existência dos canais de liga ção que assumem, assim, a aparência de corredores, onde as embarcações conseguem se deslocar com relativa segurança. Em muitos casos, esses caminhos transformam-se nas saídas naturais de um intrincado sistema de acidentes, causado pela quantidade de água existente na região. Como diz MARTIUS, "qualquer ajuntamento de água, por pequeno que seja na vizinhança do rio, pela grande extensão das margens planas, logo cresce muito com os afluentes vindos de longe, pois em toda a bacia do Amazonas mais raro encontrar um riacho ou lagoa, do que um rio caudaloso e um lago profundo. A maioria desses lagos está em comunicação, por meio de canais, com os rios-mestres ou com seus afluentes, que sao, eles próprios, constantes testemunhas das recíprocas inundações" (314).

Entre esses canais, elementos definidores da região, acusa a geografia física uma modalidade específica, que os índios tupis chamavam de paraná, e do qual MARTIUS procurou fixar os contornos, confrontando-os com os dos igarapés:

> "Entrámos, à noite, no Canal Paraná-Miri, (isto é, "rio pequeno", pois assim se chamam, no Rio Negro, os afluentes e canais de comunicação dos rios, quando, pela quantidade de água, não podem ser denominados igarapés, isto é, "caminho de igaras"), no qual navegámos pela

313- ADONIAS, Isa- A Cartografia da região amazônica. Rio de Janeiro, Instit. Nacion. de Pesquis.da Amazon., 1963, 1.v., p. 233

314- Viagem pelo Brasil, p. 446

légua terra a dentro (...)" (315).

Em outro trecho, mais informações são por ele a crescidas, ainda a respeito da natureza do acidente:

> "A lingua em dos habitantes costuma designar com a palavra furo (316) ou paraná-miri a essa espécie de canais, que conduzem as águas tranquilas, e que, sem nascentes próprias dependem, exclusivamente, dos a - fluentes" (317).

Não há dúvida de que, para MARTIUS, de acordo com a tradição corrente, o termo adquiria um valor geralmente de acidente geográfico e não de nome próprio, o que fica claro nesta outra citação:

> "Os paranás mirins, formados por uma série de extensas ilhas ao longo do rio principal, estende - ram-se durante alguns dias de viagem a montante, e nós aproveitamos esses canais tranquilos, já agora com bastante água da enchente (...)" (318).

Também fenômenos relativos aos fluxos e refluxos das águas eram percebidos pelos indígenas que os definiam através da junção de signos lexicais ao genérico paraná, reforçando o seu emprego como nome comum. Assim, o fluxo das águas era definido por paraná-evikê e o refluxo por paraná-caryca (319). E davam ao Amazonas, por causa da coloração branca de suas águas,

---

315- Viagem pelo Brasil, p. 222

316- CASTRO, D.P.L.de- Termin. fís.-geogr. do Bras.:"Furo- canal natural entre rios, lagos ou rios e lagos; menos estreitos e mais francos à navegação que o igarapé. N. do Brasil (É caracterizado por estabelecer ligação entre dois rios).

317- Viagem pelo Brasil, p. 448

318- Ibidem, p. 307

319- Ibide , p. 452

o nome de paraná-pitinga ("rio branco"), opondo-a às de seus colaterais, através da forma paraná-pixuna ("rio preto"), segundo o já citado Padre JOAO DANIEL (320).

Ora, do ponto de vista estritamente linguístico, a etimologia de paraná, com o significado de "rio", dentro do sistema hidrográfico da Amazônia, parece comportar já uma diferenciação, ainda que tênue, relativamente ao emprego genérico do termo. Como adverte CARLOS DRUMOND (321), porém, esse caráter definidor do nome, em oposição ao também genérico para, ou "mar", "não deveria ser aplicado ao linguajar indígena brasileiro e, sim, ao guarani antigo registrado pelo padre Antonio Ruiz de Montoya", pois, como esclarece, "somente neste autor que encontramos explicitamente pará como "mar", os rios maiores "parientes del mar" paraná e "rio", de maneira geral, y".

Assim, segundo seu entendimento, não cabe razao a THEODORO SAMPAIO quando, transpondo as noções de MONTOYA, afirmou que "ao mar alto, ao oceano, chamou-se pará-uaçú, e ao caudal grande, semelhante ao ar, parana, que quer dizer "parecido com o mar", e que ora, por corrupçao, se diz paraná" (4a. ed.,p. 109-O Tupi na Geografia nacional). No tupi colonial, o termo para designar "mar" era parana, não aparecendo como nome geral para "rio""(322).

320- "Tesouro descob. no Rio Amazon.", p.52. A respeito do emprego de paraná-pitinga como equivalente a "rio branco",cf. CARLOS DRUMOND- "Pará e Paraná". In: O estado de São Paulo, 1º de junho de 1958: "O Dicionário português-brasiliano e brasiliano-português dá para o rio das Amazonas a denominação de paraná pitinga, que não nos parece ser o mesmo que paranatinga, como quer Theodoro Sampaio. Tinga, de fato,significa "branco, claro", enquanto pitinga traduz-se por "entupido, rude, tosco". (...). Em O Caderno da Língua ou Vocabulário português-tupi, de frei João de Arronches (1739), o rio das Amazonas aparece também com o nome de paraná pitinga e não de paranatinga".

321- Idem, Ibidem

322- Ido , Ibidem

DRUMOND, em sua crítica a THEODORO SAMPAIO, apoia-se nas Artes e Vocabulários do Tupi Antigo, principalmente no Vocabulário na língua brasílica. Esta obra foi analisada pelo Padre ANTONIO LEITE DOS BARBOSA, em cujos comentários, ao ressaltar o problema ora abordado, entede ser "impossível por em relevo todas as informações novas que o Vocabulário veio prestar a respeito da forma e do sentido de inúmeros vocábulos. Exemplos: Leonardo do Vale deixa bem clara a diferença que havia entre o tupi e o guarani no concernente às palavras "rio" e "mar". Para Montoya, "mar" é parã, "rio", y e os "rios maiores" paranã, "parientes del mar". Para Leonardo, "mar" é paranã, "rio" yguassu; nada diz sobre parã. É curioso que nenhum dicionário do tupi colonial registre a palavra parã no sentido de "mar" ou "rio". Mas deve ter existido em época anterior, na acepçao de "rio", pois figura em inúmeros nomes geográficos. O próprio Vocabulário na Língua Brasílica traz: "Rio de S. Francisco da banda do Norte"- Parã e "Rio do Maranhão"- Paraupaba, "porq. procede de mtas. lagoas". Também paranã aparece em nomes próprios de rios brasileiros. Concluo que os índios de língua tupi não faziam distinção categórica entre "rio" e "mar".Quiçá nem esmo os guaranis"(323).

Mas a conclusão do artigo de DRUMOND, expressando que "somente no nheengatu e em alguns dialetos tupis da bacia amazônica (Omágua, Cocama, Tembé, Parintintin)(324) é que paranã se fixou como nome genérico para "rio"(325)", vem em apoio ao que

---

323- LEITE DOS BARBOSA, Padre Antonio-O "Vocabulário na língua brasílica".Rio de Janeiro,Minist. da Educ. e Saúde,1948,p.21

324- ARNAUD, Expedito-"Breve informação sobre os índios Assuriní e Parakanan"-I : Antropologia. Belém, Bol. nº 11 do Museu Paraense Emílio Goeldi, julho de 1961. Entre os Assuriní, grupo tupi da área cultural Tocantins-Xingu, o A. registrou, relativamente a "rio", a forma paranún e quanto à "água", o genérico ĩa .

325- "Pará e Paranã" .

se constatou na região a azônica, onde, especificamente, parana ou paraná é o termo definidor de canais ou braços de rios.

CHERMONT DE MIRANDA discorre também sobre o mesmo assunto, reafirmando-o:

> "Rio diz-se paraná em tupi equatorial; em documentos antigos lêm-se nomes como Geticaparaná, rio das batatas; Araraparaná, rio das araras; Miritiparaná, rio dos miritizeiros; Uruaparaná, rio dos caracois; Quinhanaraná, rio das pimentas. Aos rios de menores dimensoes chamavam igarapés"(326).

Dois fatos, portanto, decorrem do dado semântico que envolve a estrutura significativa do termo:

a - o primitivo sentido de paraná, como acidente fluvial, permaneceu cristalizado na estrutura interna do nome, restrito, porém, o seu emprego, à região norte do país;

b - fossilizando-se o seu significado, paraná incorporou-se ao vernáculo, nas demais regiões do Brasil, e mesmo na região amazônica, como substantivo próprio, ou topônimo, apenas; na mesma categoria incluem-se pará e as formas contractas parná e pernná (327).

326-CHERMONT DE MIRANDA, Vicente-Estudos sobre o nheengatu". Anais da Bibliot. Nacion., Rio de Janeiro, Impr. Nacion., p. 40. IN: LEVY CARDOSO, A.- Tononím. brasíl., p. 155

27-SAMPAIO, Theodoro-O Tupi na Geogr. nacion., p.113: "A palavra paraná, sob a influência do portugues, alterou-se bem depressa, nos seus compostos. Por síncope do a no meio da palavra, passou-se a dizer par ã. E em documentos antiquíssimos já se encontra esta últi a corruptela modificada para pernã entre portugueses e para fernã entre franceses. Os primeiros fizeram de Paranã-buc, Pernambuco, e os segundos, Fernambouc.

A palavra parnahyba, corrup. de paranã-ahyba, comumente empregada, como parahyba, para designar, nos grandes rios, os trechos impraticáveis, onde a navegação se torna impossível, também se encontra em antigos documentos com a grafia Pernahyba".

O levantamento da nomenclatura geográfica demonstrará a fixação da dupla ocorrência:

a - Paraná = acidente geográfico

Abacaxis	(AM)	/	Açaizinho	(AM)
Acara	(AM)	/	arroso	(AM)
Bogari	(AM)	/	Cantagalo	(AM)
Grande	(AC)	/	Jacaré	(AM)
Jacupará	(AM)	/	Jacitara	(AM)
Macuera	(RR)	/	Manori	(AM)
Ouro	(AC)	/	Onças	(AM)
Pacatuba	(AM)	/	Pixuna	(AM)
Ramos	(AM)	/	Samaúma	(AM)
Sapucaia	(AM)	/	Tambaqui	(AM)
Uniará	(AM)	/	rariá	(AM)

b - Paraná e/ou variantes = nome próprio ou topônimo

Paraná	(I. AM)	/	Paranã	(R. GO)
Paranaguá	(AH PR)	/	Paranaguaçu	(AH PR)
Paranaí	(AH SP)	/	Paranagi	(AH PR)
Paranaíba	(R. GO)	/	Paranajaci	(Ig.AC)
Paranamirim	(R. PA)	/	Paranan-I Guaçu	(C. MT)
Paranapanema	(R. PR)	/	Paranapitanga	(R. SP)
Paranapará	(Ig.AM)	/	Paranapiacaba	(AM SP)
Paranapixuna	(R. AM)	/	Paraná Pitinga	(Lo.PA)
Paranapoema	(AH PR)	/	Paranápolis	(AH SP)
Paranapuã	(AM SP)	/	Paranaquara	(I. PA)
Paranatinga	(R. MT)	/	Paranavaí	(AH PR)

Parnaguá	(Cach. PA)	/	Parnaíba	(Rb.MT)
Parnaibinha	(R. MA)	/	Parnaibazinho	(R. MA)
Parnaíba	(R. PI)	/	Parnaíbas	(Sa.das, MT)
Parnamirim	(AH RN)	/	Parnarama	(AH MT)

Pernambuco	(AH PE)	/	Pernambuquinho	(AH RN)

O genérico pará, que nao figura como designativo de acidentes geográficos, incorpora, porém, o sentido de nome próprio, figurando em extenso rol toponímico, do qual se oferece um exemplo:

Pará	(Ig.AM)	/	Pará Velho	(Sa. do, RN)
Paracaí	(R. PR)	/	Paracaiçara	(Ig.AM)
Paracatu	(AH MG)	/	Paracuá	(AH CE)
Paraguaçu	(AH BA)	/	Paraguari	(AH MT)
Paraí	(AM SP)	/	Paraíba	(R. PB)
Paraibinha	(R. PB)	/	Paraibuna	(AH SP)

Paraim	(AH PI)	/ Paraipaba	(AH CE)
Paraitinga	(R. SP)	/ Paraiúva	(AH MT)
Paramirim	(R. BA)	/ Paraopeba	(AH MG)
Parapó	(Ar.RS)	/ Parapuã	(AH SP)
Parauaçu	(Lo.PA)	/ Paraúna	(R. RR)

Por outro lado, relativamente a igarapé, a nomenclatura geográfica acusa um desequilíbrio entre as tipologias comuns e próprias. Se as ocorrências toponímicas dessa natureza sao em pequeno número, conforme foi referido (328),outro tanto nao acontece com o seu emprego como acidente geográfico,mas, neste caso, a pesquisa só teria maior interesse desde que revestisse finalidade de estabelecer uma correspondência entre a rea de localização e a área toponímica propriamente dita, desde que o denominativo nem sempre será de origem hidrotoponímica,revelando as mais diferentes motivações. Examinem-se, para ilustrar, apenas, os seguintes exemplos escolhidos entre tantos outros:

Igarapé:

do Abacate	(AC)	/ das Abelhas	(AM)
do Açaí	(RR)	/ da Água Branca	(AC)
do Bacuri	(RR)	/ da Balisa	(PA)
do Caboclo	(AC)	/ da Cachoeirinha	(PA)
do Dedo	(RR)	/ do Encanto	(RR)
da Partura	(PA)	/ da Flor	(AC)
da Lancha	(AC)	/ da Liberdade	(RO)
da Natividade	(RO)	/ da Paca	(AM)
do Raimundo	(MT)	/ do Sacrifício	(AM)
do Uapixuna	(AM)	/ do Vai-Quem-Quer	(AM)
do Xiriri	(RR)	/ do Zeferino	(MT)

De qualquer modo, porém, a pesquisa pôde demonstrar a centralização do vocábulo na região da Amazônia e limítrofes, comprovando, com isso, a geografia linguística, o fato de que, nem sempre, um determinado signo se difunde em locais diversos daquele onde o seu fator relacionante é um traço característico do ambiente.

328- Cf. fls. 181 desta tese

Mas a importância que a Toponímia dedica a esses dois elementos hidronímicos — igarapé e paraná — extrapola a própria significação para se converter em dados preciosos de fossilização linguística, uma vez que, originados em outro sistema idiomático, mantivera-se como formas vivas de língua, em núcleos apartados daqueles onde maior era o número de falantes do Tupi Antigo. Talvez por esse motivo, pelo distanciamento dos centros de civilização mais intensa, foi que, confinados a um âmbito regional, lograram persistir na fala amazonense com o primitivo sentido, enquanto que, em outras regiões, esterilizaram-se mais facilmente em topônimos.

c - O genérico y, "água", na toponímia brasileira

Os levantamentos realizados na toponímia brasileira não deixam dúvida quanto ao emprego, ainda corrente, dos termos indígenas igarapé e paraná, na designação de acidentes hidrográficos.

A relativa imprecisão das fontes etimológicas quanto ao correto significado do último vocábulo não turvou, como foi visto, o reconhecimento de sua aplicação à uma tipologia distinta de correntes fluviais.

Ao lado desses denominadores específicos, porém, o sistema linguístico tupi registrava, ainda, uma forma genérica, mais comum, para designar "água" ou "líquidos em geral", incluindo-se aí, por extensão, o conteúdo semântico de "rio".

Os vocabulários da época colonial e os estudiosos do Tupi e do Guarani Antigos representaram-na através de um fonema simples -/y/-, cuja transcrição, por configurar um som estranho ao sistema português, sofreu, graficamente, as oscilações naturais decorrentes dessa circunstância.

ANCHIETA mesmo, pleno Quinhentismo, já percebera as dificuldades de um registro fonético que poderia resultar adulterado ou corrompido, alertando, por isso, que:

> "Isto das letras, orthographia, pronunciação & acento, servira para sabere pronunciar, o que acharem escrito, os que começão aprender; mas como a lingoa do Brasil não está em escrito, senão no continuo uso do falar, o mesmo so § viva voz ensinará melhor as muitas variedades que tẽ porque no escrever, § accentuar cada hum fará como lhe melhor parecer" (329).

Ora, o sistema vocálico tupi e guarani, além das vogais comuns ao português, contava com uma segunda realização do /i/, mais gutural, que constituía, segundo os autores da época, peculiaridade dialetoló ica. Daí geraram as dificuldades em sua caracterização fono- orfoló ica, variável de acordo com o entendimento do ouvinte, na acepção de ANCHIETA.

Um rápido exame em alguns dos documentos existentes sobre o assunto será suficiente para confirmar a extensão do fato.

Mor as para a representação fonológica da vogal, que compreendia três modos distintos, foram, assi , prescritas por ANCHIETA:

> "I - vogal que em muitos vocábulos se pronuncia aspero com a garganta, bem se lhe pode escrever, g. in fine acabandose a dição no mesmo, i. porque compondose com outra dição começada em vogal exprimitur g. vt. j. Rio, atâ, direito composto diz. jgatá = Rio direito. In medio dictionis não se soffre, porque quem não sabe, a lingoa pronuncia muta com l'quida, vt. imondopíra, dirá imondopígra. E encontrandose com qualquer consoante no meyo ou no fim fara hum concurso muito aspero de cõsoantes, vt. tígba, agígb, § C. (...). Por isso para conhecer ser ste i. aspero se escreve com hum ponto em baixo § ficará, jota, subscrito i. por que faz muyto differente significação do, i. lene, vt. j. agua, com, i. aspero, j., îs, ea, id, com i. lene, ayoni, tang r tro beta, ou frauta, ayoní, picar hũa

---

329- ANCHIETA, Padre Joseph de-Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Coimbra, 1595. Rio de Janeiro, Ed. da Bibliot. Nacion. do Rio de Janeiro, 1933, p. 8

bespa. Ou se ha de deixar ao uso porque algũs muito bõs lingoas, o não podem pronunciar: mas ex adiunctis, se entende o que quer dizer" (330).

Já o Padre LUIZ FIGUEIRA preferiu a grafia em y, justificando-se da escolha feita:

"O i, jota, serve como no latim ora de vogal, ora de consoante. Costumarão os antigos linguas usar d'este mesmo i, jota, com dous pontos, um na cabeça, e outro no pé, e lhe chamarão i grosso: porque a pronunciação é como entre u e i. D'onde nasce que alguns o fazem u, e outros o fazem i: e forma-se na garganta como ig; mas porque na impressão não se pode meter este i com dous pontos, em lugar d'elle se poz y: o qual todas as vezes que se achar no meio, ou no fim de alguma dição, se pronunciará como grosso, no modo sobredito" (331).

Antigos cronistas, como HANS STADEN (332) e JEAN DE LÉRY, grafaram também diferentemente o fonema, o primeiro empregando a vogal i e o segundo o u francês. É deste último a seguinte observação:

"Os selvagens chamavam a água doce uh-ete e a água salgada uh-een; esta dicção obtê-na com a garganta como os hebreus fazem com as guturais e por isso era para nós a mais penosa de reproduzir entre todas as do idioma indígena" (333).

No Guarani Antigo, o Padre ANTONIO RUIZ DE MONTOYA anota, a respeito, esta informação: "su nota es ◡ , sobre la y, en que siempre cae, ut taỹra, hijo; y siempre es largo su accento" (334).

330- Arte de gramática ..., p. 6-6 vº

331- Arte de gramática da língua brasílica. Lisboa, 1687, Nova edição dada a luz e anotada por Emílio Allain. Rio de Janeiro, 1880, p. 11

332- Duas viagens ao Brasil. Trad. de Guiomar C.Franco. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974

333 - Viagem à Terra do Brasil, Cap. IX, p. 93

334- Arte de la lengua guarani o más bien tupi. Nueva edición, más correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en tipo differente. Paris, Maisonneuve, 1876, p. 1.

APTISTA CAETANO, por sua vez, salienta que "além das cinco vogais (...) há ainda a vogal especial do guarani, de pronúncia gutural, e que apenas imperfeitamente pode-se comparar com o u francês ou ü alemão. O caráter adotado pelo padre Antonio Ruiz de Montoya para exprimí-la, empregado no presente escrito, e usado ainda geralmente pelos paraguaios, é ỹ; e quando este son gutural se torna também nasal, ỹ. Cumpre porém notar que há frequente confusão na escrita dos sons representados por i, i e y. Entretanto, quer no presente escrito quer em outros de Antonio Ruiz e dos paraguaios apresenta-se exemplos de se escrever y = i quando é a segunda letra de um ditongo; acha se ỹ = ỹ quando essa vogal especial se torna nasal" (335).

Nos verbetes respectivos insertos no Vocabulário das palavras guaranis, o autor explicita mais a questão:

> "ỹ = ỹ - s. agua; vẽ ig, tỹ, rỹ, hỹ, aỹ, etc; os guaranis não pronunciavam ig (em tupi yg) mas dos comp. se vê que a articulação g é inerente ao radical, como a pronunciavam os tupis (...).
>
> "ig = s. agua. Excepto nos compostos é mais usado pelos guaranis simplesmente ỹ sem g final; como s. tem y, e o mesmo nos derivados e compostos: ti - s. e adj., líquido; rỹ - adj. líquido, fluído, corrente; aỹ - adj. aqueo, aquoso, aguado; aỹ = aỹr - adj. definido, emanado (...)" (336).

Escrevendo sobre "pronúncias especiais e próprias" ao Guarani, o Padre PAULO RESTIVO, dentre as Advertências que prescreve, cita esta:

> "La primera es guttural que se ha de pronunciar en el hueco de la boca, donde se pronuncia la jota, contrayendo un poco la lengua hazia adentro, aun

---

335- ALMEIDA NOGUEIRA, Baptista Caetano de-"Gramatica guarani". Anais da Bibliot. Nacion. do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1879, VI: 3-4

336- Idem - "Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Pe. A. Ruiz de Montoya". Anais da Bibliot. Nacion. do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1879, V. VII

> que no con la fuerza de la jota, que hiere la l tra, sino blandamente ; su nota es esta (∪) que sie pre cae sobre la i vel y vocal, ut yby - tierra, con acento largo" (337).

MOISÉS BERTONI, ao tratar dos aspectos estrutu rais da língua guarani, entende que o característic fonema ih, con a nasal ĩh, tem orige e antigüidade controvertida desde que "varios datos indicarían que son de formación poco antiguo. Lo seguro es que en varios vocablos son recientes, y que la evolución ha aumentado su uso y sus acepciones(...). Evolutivamente, es seguro que en muchos casos es derivación de u, como la ü céltica y francesa lo es también de u, como la i rética lo es frecuentemente de la misma ü. La ĩh también, en algunos casos, parece venir de la ũ. De manera que la mayor o menor frecuencia de ih e ĩh es un indicio para estabelecer el grado evolutivo y antigüedad de un dialecto. Pero, en la prática, generalmente el análisis resulta dificil, y a veces imposible, por las diferencias con que los autores y glosaristas europeos grafiaron estas letras (u, y, ü, eu, i; respectivamente, in, in, un, ima = ĩh) y la persistencia con que los Portugueses escribieron u por ih, y los Brasileros adoptaron esta alteración en la pronuncia, en todos los casos absolutamente. Al punto que semejante grafía y pronunciación i fluyeron mucho en la "lingua geral" y hasta llegarón a hacer creer que la ih no existia en el Brasil" (338).

GUILLERMO TELL BERTONI, analisando a obra de MONTOYA, como filólogo do Guarani, justificou nestes termos o seu ponto de vista, que envolve a representação do sistema vocálico

---

337- Arte de la lengua guarani. Stuttgard, 1892, p. 7

338- "La lengua guarani. Estructura. Fundamentos gramaticales y classification".(Apuntos póstumos). Separata da Revista de la Socied. Científ. del Paraguay. Assunçao, Ed. Guarany, V (I): 33, 1940.

da língua:

> "Hay que reconocer, sin embargo, que los jesuitas fueron más felices que nosostros en la representación gráfica del idioma. La complicada ortografía de Montoya con sus signos caprichosos y sus tres series de vocales signadas fué, en verdad, simplificada y perfeccionada por los autores posteriores.
>
> Anchieta, Figueira y los autores brasileños, adoptarón un sistema vocálico más sencillo, compuesto de cinco vocales comunes, la vocal gutural que representan por y en medio de la dicción y por ig e ic al fin de dicción; y la nasalización de solo la última sílaba por medio de las consonantes nasales" (339).

Já o autor brasileiro BARBOSA RODRIGUES, estudioso do Nheengatu ou Tupi moderno, corrente na região amazônica, entende ser esse fonema especial, ou y, "uma letra indispensável no nheengatu quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiais, que, mediante acentos, como no i, facilmente poder-se-ía distinguí-los: (...) nunca o y tem o som de jota (i) e aqui damos os seus sons, segundo o lugar que ocupar na palavra, ou que ele significar". Haveria, assim, segundo o seu pensamento, "quatro sons" ou modos distintos de representação fonológica, entre os quais se inclui este: "4º - Tem o som gutural e nasal simultâneo, que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam água, líquido ou alguma cousa que deste se pode derivar, soando então levemente no final o g, pelo que Anchieta e Figueira dão-lhe o som de ig" (340).

Num quadro esquemático inserto na obra citada, em que mostra a adulteração do Tupi pela "pronúncia e pela ortografia", aponta vários vocábulos registrados diferentemente por autores brasileiros e estrangeiros, a partir de ANCHIETA, em 1555,

---

339- BERTONI, G. T.- Fonologia, prosodia y ortografia de la lengua guarani. Assunçao, Impr. Sudamericana, 1926, p. 6

340- BARBOSA RODRIGUES, J.- Vocabulario indígena com a ortografia correta (Complemento da Poranduba Amazonense). Rio de Janeiro, Típogr. Leuzinger, 1894, p. 6-7

até 1883. Assim, "líquido", em cujo sentido genérico está subentendido o conceito de "água", acusou diversas representações, a saber:

1555 -	Anchieta	TI
1640 -	Montoya	TY
1687 -	Figueira	TY
1795 -	Dicion. brasiliano	TY
1820 -	Lucckok	TIG, TIK
1857 -	Gon alves Dias	TY , TYG
1863 -	Martius	TY

A relativa insegurança na transcrição dos caracteres tupis, em que ganhou papel de relevo o fato linguístico em questão, não é, portanto, algo anormal entre os estudiosos; ao contrário, trata-se de fato que não deve provocar surpresa, se for levado em conta o desconhecimento da escrita pelos falantes do idioma, e as dificuldades naturais decorrentes das próprias condições ambientais, somadas às de natureza pessoal do investigador, tolhendo, desse modo, o trabalho documental (341).

Não apenas nas lexías comuns da língua, mas também quando estas se convertiam em topônimos, as mesmas hesitações e divergências de escrita se faziam sentir, conforme alertou PLÍNIO AYROSA, perpetuando-se, por isso, erros idiomáticos, hoje tradicionais e nomes de lugares, tal qual ocorreu em Itaquaquicetuba (342). No caso do fonema especial tupi, por exem-

---

341-BERTONI, G.T.- Fonologia, etc..., p.5: "Los defectos de audición, consecuentes de la idiosincrasia funcional del aparato auditivo de cada pueblo, son los que contribuyen a corromper o desnaturalizar las lenguas no escritas. Pero este inconveniente puede ser subsanado con los documentos vivos existentes (...)".

342-SAMPAIO, Theodoro- O Tupi na Geogr. nacion., p.178-179: "O nome Itaquaquicétuba, com que desde época remota se designou uma missão ou aldeia de gentio(...), não tem como ser interpretado si se lhe mantiver a grafia atual.(...). Taquaquicétyba é, pois, a grafia histórica verdadeira, e ainda confirmada pela dicção vulgar da localidade. Separando-se os seus elementos aglutinados, temos: Taquaquic´-tyba, de que a primeira parte ou tema designa uma variedade de taquara(...) abundante no lugar; e a segunda parte, o sufixo tyba, exprimindo essa abundancia. Eis porque se deverá traduzir-Taquaquicé-tyba, ou como hoje se escrev Itaquaquicetuba, por taquaral da espécie taquaquicé".

plo, que, segundo o autor, "é uma palavra de largo emprego, pois significa, de modo genérico, o "fluído", o "líquido", o "sumo", etc.", sua ocorrência pode ser constatada em "numerosos topônimos e causou pela sua particularidade fônica mil embaraços e confusões na vernaculização dos termos tupis. Ora transforma-se em u ou em i puros, ora passa por o ou y grego, na ortografia da época colonial. Mas, como se não bastassem essas confusões, outras surgem nos documentos, as que visam precisar-lhes a pronúncia, antepondo consoantes auxiliares. Esquematicamente, teremos, adotando o sinal gráfico ỹ para a representação simbólica de sua exata anunciação:

"i = i u o y ig hy hu"

"Ex.: aracỹ = araci - aracy; anhangabaỹ = anhangabahú; ỹtinga = itinga - utinga; quaracỹ = quaraci - coaracy; ỹperuỹ = iperuig; paraỹpeba = paraopeba; ỹtu = otu-itu-ytú" (343).

Com o mesmo sentido de "líquido", o fonema /y/ aparece em outro autor americano, ALFREDO MAÑEZ, cujo entendimento se transcreve para com ele encerrar o conjunto de informações teóricas relativas ao assunto:

> "(...) la vocal ỹ era el nombre de las cosas que fluyen, que ascienden, que crecen suavemente. De ahí el concepto de agua, que no es sino una derivación; el concepto es licor, es decir líquido, es decir fluído; pero como el agua es el líquido universal, el que en todo momento el hombre encuentra, necesita, usa y busca, por antonomasia, ỹ pasó a significar agua. Por eso se la encuentra en palabras como tezáỹ (lágrima), literalmente "licor de los ojos"; tỹ (orines), líquido que cae en chorro; kâmbỹ (leche) = kã-mb (mbo) - ỹ, es decir, líquido que espele el seno. En suma, todo líquido es ỹ, y

---

343- AYROSA, Plínio M. da Silva-Estudos tupinológicos. São Paulo, Instit. d Est. Brasil., 1967, p.18. Cf. também DRUMOND, Carlos-Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do Tupi-Guarani, na toponímia brasileira. São Paulo, 1944, p. 61. O A.adota o y como representaçao do fonema e anota as seguintes modalidades de grafia: "y = e, eu, hy, i, ĩ, ic, ig, ih, y, ỹh, u, ũ, ũg".

> se encuentra esta raíz con esa acepción hasta en la palabra mêmbi (hijo)(así lo dice sólo la madre); (...) ; la traducción literal es: "licor emitido por el marido (mê)" (344).

Estabelecido, assim, o respectivo conteúdo morfo semântico do signo em questão, e retomando-se o fato anteriormente assinalado, da alternância atributiv das distintas lexias que incorporam o significado de "rio" ou de "água", em pontos diferentes do território, encontr -se em GUERIOT DE MIRANDA um dado esclarecedor quanto ao uso de y, na re ião norte, traduzi.do uma equivalência a "pequeno". Para "rio" é correto apenas o termo paraná:

> "Teiman eles — os tupinistas do sul — em dar a i, em nheengatu, a significação de rio, acepção que absolutamente não possue. Em guarani, i pode significar água e também rio, mas cá no norte só te acepção de água; o i, esse i, que tão frequentemente se vê no fim de certos nomes de igarapés, é um diminutivo equivalente ao nosso zinho ou zito" (345).

LEVY CARDOSO, que abona essa interpretação, diz que, "no tupi, o abanheenga, é que o i, além de água, pode, as vezes, significar rio. O rio Jacuí, por exemplo, deriva de jacu, ave do mesmo nome, e i, rio; o rio Jacareí, de jacaré, sáurio do mesmo nome, e í, rio; o rio Capivarí, também deriva de capivara, e de i" (346).

Realmente, na Gramática da língua brasileira(Brasílica, Tupi ou Nheengatu), no capítulo referente aos graus dos

---

344- MARTÍNEZ, Alfredo-Orígenes y leyes del lenguaje aplicadas al idioma guarani.Buenos Aires, Coni Hermanos, 1916,p.139

345- GUERIOT DE MIRANDA,V.-"Estudos sobre o Nheengatu", p. 39. In: LEVY CARDOSO, A.- Tononím. brasíl., p. 155

346- Tononím. brasíl., p. 156

substantivos, encontra-se a seguinte nota:

> "Mery, para o diminutivo; ex.: Pa-ra-ná-me-ry, rio pequeno. Pi-rá-ne-ry, peixinho.
>
> O i posto no fim d'algumas palavras tb bém é sinal de diminutivo; ex.: Comandá, fava. Comandá-i, favinha. Pi-rá, peixe. Pi-rá-i, peixinho. Mui-rá, pao. Mui-rá-i, varinha, etc." (347).

Em COUTO DE MAGALHÃES encontra-se, também, o mesmo emprego do i, como diminutivo: "U outro diminutivo é o i, no fim do vocábulo; taquara, taquari, taquara pequena, fina; pau, imirá; vara, páo fino, imiraí" (348).

E no Vocabulário indígena da Poranduba amazonense, nos verbetes respectivos, acham-se estas explicações referenciais:

> "Ī - adj. dim., "mostra diminutivo"
> Y - subs., "água"
> Paraná - subs., "rio"
> Parana-açu - subs., "rio grande, água grande"
> Parana-iké - subs., "enchente"
> Parana-kapyro i - "na ponta do rio"
> Parana-typaua - subs., "vasante" (349)

Confrontando-se, porém, o emprego de y e de paraná, como designativos genéricos de água ou de rio, a pesquisa toponímica leva a esta conclusão:

> Enquanto paraná permaneceu, na região norte, como um termo comum para definir acidentes fluviais,

---

347- SYMPSON, Pedro Luiz-Gramática da língua brasileira(Brasílica, Tupi ou Nheengatu). 3. ed., Rio de Janeiro, Fernandes, Neiva & C., 1926, p. 5

348- COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira-"Curso de língua geral pelo método Ollendorf", p.7-8. IN:O Selvagem. ed.comem. do Cent. da 1a. ed.. São Paulo, Livr. Itatiaia e Edit. da Univ. de São Paulo, 1975.

349- BARBOSA RODRIGUES, J.- Vocabul. indíg. -(Porand. amazon.)

outro tanto nao ocorreu com o y, que apenas se cristalizou em topônimos, na posição sintagmática inicial, medial ou final, respeitadas as modalidades gráficas diversas, seja no extremo setentrional ou sul, ou em qualquer outro ponto do país.

Mas, se foi possível, do ponto de vista da língua, estabelecer a área de ocorrência de paraná, sob uma perspectiva toponímica torna-se difícil proceder da mesma forma relativamente ao y, pois a nomenclatura geográfica registra-o em todo o território brasileiro. Os exemplos relacionados a seguir darão uma amostra do que se afirmou:

Y - em posição inicial no topônimo

Icapara	(Br. de, SP)	/ Iberá Moroti	(Rb. MT)
Igá	(Ar. RS)	/ Igapó Assu	(R . AM)
Icoeira	(Rcho.CE)	/ Iguaçu	(R . PR)
Iguape	(R . RJ)	/ Iguara	(R . AM)
Iguatu	(La. CE)	/ Ipanema	(R . AC)
Ipiranga	(R . RS)	/ Ipitanga	(R . BA)
Ipitinga	(R. PA)	/ Ipiúna	(Ig. AM)
Ipuitã	(R . MT)	/ Ipixuna	(R . PA)
Ipojuca	(AM SP)	/ Itinga	(Rb. MG)
Itinguçu	(R . SP)	/ Itiquira	(Rb. GO)
Tietê	(AM PR)		

Y - em posição final no topônimo

Apiaí	(R . PA)	/ Acaraí	(R . PA)
Açui	(I . AM)	/ Anhangaí	(C . SP)
Ingaí	(R . MG)	/ Jacareí	(R . PI)
Jaguari	(Ig. RR)	/ Jundiaí	(Rb. PR)
Pacovaí	(Ig. RR)	/ Mogi-Guaçu	(R . SP)
Pacuí	(R . PA)	/ Piauí	(Rcho.CE)
Piraí	(Ar. RS)	/ Pirajuí	(R . MT)
Tirangi	(R . RN	/ Pitangi	(R . PR)
Sapucaí	(R . MG)	/ Saranuí	(R . SP)
Sirigi	(R . PE)	/ Suaçuí	(R . MG)
Tatuí	(Ar. MT)	/ Tibají	(R . PR)

Y - em posição medial no topônimo

Araripe	(AM CE)	/ Camaragibe	(R . AL)
Capibaribe	(R . PE)	/ Caraípe	(R . ES)

Cotegipe	(Rcho. A)	/	Itaípe	(R.. BA)
Jacuípe	(R . AL)	/	Jacuriba	(R . BA)
Jaguaripe	(R . BA)	/	Jaguaribe	(Ig. AC)
Maracaípe	(Rb. PE)	/	Mucuripe	(Ig. AC)
Peruíbe	(R . SP)	/	Sergipe	(R . SE)

d - A variante mórfica /u/

O estudo lingüístico do fonema especial do Tupi, y, mostra também a sua realização em /u/. Textos gramaticais da época colonial e antigos registros toponímicos comprovam essa dupla possibilidade de realização de um mesmo som.

Não seria fora de propósito, por certo, pensar-se que a realização /u/ do fonema /y/ deva ser levada à conta de influências externas por ação dos aloglotas, durante a colonização. Quando sistemas diferentes de língua entram em contacto, ainda que um deles venha a ser suplantado pelo outro, a fase de transição instalada é longa o suficiente para que se verifique o entrecruzar de hábitos, nos falantes tornados bilíngües.

Muito embora nao se ignore o princípio da "cross fertilization of cultures", defendido por antropólogos americanos, no caso específico não se pode atribuir, com exclusividade, a esse único fator, a modificação ocorrida.

Realmente, a língua geral foi um estágio intermediário, ou de transição, onde ocorreram alterações estruturais no Tupi de 1500, até se fixar, mais tarde, no Nheengatu contemporâneo, em que se delineia u a influência já aproximada do português.

Mas causas internas ao próprio sistema, tendências a ele inerentes, portanto, prestes a aflorar no ato lingüístico, apressadas, sim, ou impulsionadas, também, pela intervenção dos aloglotas, pode ter sido a verdadeira origem do fenômeno. Diz a esse favor, por exemplo, a mais importante das obras cataloga

das sobre o léxico tupi no Brasil, o já citado Vocabulário na língua brasílica, nos verbetes respectivos:

"Arco de tirar Ighirâpara, mas ia o custume Urapara" (350)

"Encarna da frecha - Inhanhãn. ut. Uubanhã"

"Espinheiro ou espinho - Jû"

"Espinheiro o das amoras brancas Tatagigba"

"Espinhaço Pigy çoô"

"Fôlego tomar ou resfolegar - Xepigtuẽ. E tanto nôta pronunciar-se cada hû destes co pû como pig. ut. Xeputuẽ".

"Noite Putuna. oite ser - Pigtun. Pigtuã. Pigtuniã".

Essas oscilações gráficas mereceram do Padre LEMOS BARBOSA, ao analisar a citada obra, os seguintes comentários:

> "Já figura o tupi naquela forma ainda indecisa, própria das línguas que mal entraram na era gramatical. A oscilação gráfica não provém apenas das várias mãos que retocaram a obra. Divergências ortográficas ocorrem em todos os autores antigos(...). A mesma oscilação fonética da língua necessariamente se refletiria na ortografia. O fonema y, típico do tupi, p. ex., foi surpreendido em plena evolução para u na época do descobrimento. Devia vir de longe a tendência. Fato é que já nos mais remotos documentos a vogal de transição y cede lugar muita vez ao u, sobretudo quando sob a influência de labiais vizinhas(...). No guarani o y resistiu, e resiste ainda. Foneticamente, aquele dialeto foi sempre mais conservador que o tupi, apesar da freqüência das apócopes e apesar de o tupi na sua sintaxe conservar traços mais arcaicos"(351).(O grifo é nosso).

350- EDELWEISS, F.G.-Estudos tupis e tupi-guaranis, p.183: Em tupi quinhentista, o arco era designado por ybyrapara, contração de ybyrá-apara, pau curvo, vara recurvada. Entretanto, segundo os jesuítas em seu Vlb, já era então usual a contração ura ara também referida por Léry. Temos aí a manifestação compreensível da lei do menor esforço".

351- O "Vocabul. na líng. brasíl.", p. 9.

Sobre este último fato, a fim de se ter uma idéia exata a respeito da permanência, ou não, do /y,/ em topônimos guaranis, examinou-se o trabalho de LEON CADOGAN (352), em que o autor estabelece uma análise constrastiva dos nomes guaranis arcaicos e contemporâneos, assim como dos nomes espanhóis e dos híbridos, correspondentes, todos eles, a "diecinueve pueblos y localidades del Guairá antes de su subdivisión en los departamentos del Guairá, de Caazapá y de Caaguazú(...)".

Comprovou-se, assim, o uso do y em nomes como Ca'Anirindy Yhacã; Mbirichiy; Yasory; Acaray; Avay; Mandiy; Mboi-Y; Mbutuy; Piri-Ty; Querá'y-Ty; Tacuarembó'i-Y; Tacurú-Ty; Ycuá Angu'á; Icuá Ca'inguá; Ycuá Itá; Ycuá Pytã; Ycuá Yvoty; Y Chororó; Y-Guazu; Y-Hu; Y-Pucú; Yvú; Yvy Pytã; Y-Ro'ysã.

Também na partícula tupi tyba é possível encontrar-se outro exemplo consagrado da variação mórfica comentada, a qual transparece não só na forma tuba, mas nas demais que dela decorrem: tu, ndu, ndúba, táva, ndúva, túua, ndúua.

Quanto ao seu sentido, veja-se, para ilustrar, apenas, o que diz a respeito CARLOS DRUMMOND:

> "Com pequenas exceções os autores são unânimes em emprestar-lhe um significado cuja correspondência no português é representada pelo sufixo indicador de coletividade, al. A idéia que tyb nos sugere é sempre de conjunto de indivíduos, em geral vegetais, da mesma espécie. Por extensão, apenas as de: abundância, cópia, quantidade, seleção, etc.. O sufixo al do português, expresso nos coletivos cafezal, milharal, pinheiral, cipoal, taquaral, etc., traduz exatamente o sentido de tyb" (353).

O objetivo de DRUMMOND, com o estudo da partícula gramatical, inclusive das variantes mórficas, foi a verificação de sua incidência em topônimos. É interessante transcrever-se u

---

352-CADOGAN, Leon-Carob ni. Apuntos de toponimi hispanoguarani. Assunção, Impr. Paraguay, 1959, p.

353-DRUMMOND, C.- Notas gerais sobre a ocorr. da part. tyb...,p.64

na de suas conclusões a respeito:

> "3º - Há predominância das variantes tuba (túva) e nduba (nduva), o que prova a forte tendência de uma adaptação do y especial do tupi-guarani às possibilidades glóticas do português, transformando-o em u" (354).

Neste grupo, estariam incluídos, assim, topônimos como Angatuba (AH SP); Boituva (AH SP); Aracanduba (AH PA); Catanduva (AH SP), entre tantos outros semelhantes.

Tal qual ocorre em relação ao /y/ a variante ortográfica /u/ figura em topônimos, tanto na posição sintagmática inicial como na final:

U - em posição inicial no topônimo

Uberaba	(AH MG)	/	Uberabinha	(R. MG)
Uiraí	(Ig.PA)	/	Upanacaraí	(Ar. RS)
Upanema	(AH RN)	/	Utinga	(AH AL; R.BA)

U - em posição final no topônimo

Acaraú	(Ig.RO)	/	Acurau	(Pa. do, AM)
Aguapeu	(R. SP)	/	Aniaú	(R. RR)
Camboriú	(Pta.SP)	/	Caraú	(R. RN)
Corumbaú	(R. PA)	/	Cunitaú	(R. RO)
Curimataú	(R. PA)	/	Curinaú	(Lo. RR)
Cunhaú	(R. RN)	/	Mojú	(R. PA)
Mundaú	(R. PE)	/	Paraú	(R. RN)
Surubiú	(R. PA)	/	Surubijú	(Ig. PA)
Tambaú	(R. SP)	/	Taquarú	(R. SP)

Examinando-se, na nomenclatura geográfica, as categorias toponímicas constituídas pelo genérico y e sua variante u, será possível equacionar-se a função dos elementos in

---

354- Notas gerais sobre a ocorr. da part.tyb..., p.70. No Paraguai, a variante tuba não ocorre, aparecendo apenas a forma ty que, por sua vez, não foi localizada por DRUMOND na toponímia brasileira. Cf., assim, os seguintes nomes guaranis que demonstram a permanência do y na toponímia: Tyuchá-Ty; Pindo-Ty; Quera'y-Ty; Yataity; Yuqiyty; Yvaroty. Todos estes topônimos constam do levantamento realizado por CADOGAN, já citado anteriormente (Cf. fls. 208 desta tese).

tegrantes do conjunto denominativo, a saber:

a - Posi ao sintagmática final = substantivo + y

Tr ta-se dos casos mais comuns, quantitativamente, envolvendo a mesma situa ão do genitivo latino. Este, no Tupi, segundo TH'ODORO SA'IPAIO, se "exprime por meio da aglutinaçao ou reünião dos substantivos, de modo que aquele que estiver em primeiro lugar, fica sendo o genitivo, isto e, toma o primeiro lugar o ossuidor e o segundo o possuido. Ex.: Tupãcy, a mãe de Deus. O nome Tupã é o genitivo ou o possuidor; cy, mãe, é o possuido. Guir penô, a asa do pássaro. A matéria de que uma cousa é feita se exprime por essa mesma forma do genitivo. Ex.: itaoca, casa de pedra (355).

A mesma regra ocorre no Guarani: "El Genit. de possession siempre se antepone, ut: la mano del hombre, abapo ; el coraçon del hombre virtuoso, aba marangatu piá & c.. El Genit. é por decir mejor, el Ablat. de materia, como: plato de plata, se haze de la misma manera con los dos substantivos continuados: quarepotití ñaeêmbé, anteponiendo quarepotití que significa plata, al ñaembé plato, (...)" (356).

Assim é que, aplicando-se tal princípio aos cursos d'água, cujo genérico sucede ao termo específico, tem-se em

Tatuí = o rio dos tatus

da mesma forma que em

Capivarí = o rio das capivaras.

355- O Tupi na Geogr. nacion., p. 65-66

356- Arte de la lengua guarani, p. 12

Topônimos assi constituídos indicarão, portanto, uma origem associativa, de índole exterior à sua própria natureza. O conteúdo semântico que refletem liga-se ou a um fato de ordem mineral, ou animal, ou vegetal, por exemplo, sempre, porém, uma circunstância extrínseca a si mesmos.

b - Posição sintagmática inicial = y + adjetivo

O levantamento dos nomes geográficos desta tipologia indica uma formação essencialmente adjetival dos topônimos, consoante o princípio de gramática que regula a espécie:

> "Na frase tupi, o adjetivo qualificativo se põe sempre depois do nome substantivo. Ex.: itá poranga, pedra bonita; abá una, homem preto (...); y pitá ou y pitanga ou y piranga, água vermelha"(357).

Assim:

y (genérico ="rio", "água") + beraba (específico ="brilhante")

Y (genérico -"rio", "água") + guassú (específico - "grande")

Na realidade, o que se acrescenta ao termo genérico é um elemento específico, definidor de uma característica inerente à sua própria formação, como o "belo", o "feio", a "cor" das águas, o seu "volume" ou a sua "grandeza". Por isso topônimos assim formados são essencialmente descritivos, que revelam, por inteiro, a uma simples leitura, a motivação neles imantada.

c - Posição sintagmática medial = substantivo + y + pe (ou be)

Os nomes de lugares incluídos nesta categoria de

357- SAMPAIO, Theodoro- O Tupi na Geogr. nacion., p. 66

monstram mais um caso de cristalização toponímica, ou fixação, nos designativos geográficos, de fenômenos de linguagem que, a rigor, deveriam, na vernaculização, ser convenientemente distinguidos. Todos eles configuram exemplos de aplicação do dativo latino a uma determinada realidade, a respeito da qual diz THEODORO SAMPAIO:

> "O dativo se exprime com as preposições upê, ou cupê, e também a preposição pe, modificada às vezes em be. Abaré-upê ou abaré-cupê, ao padre; yaguarype (yaguar-y-pe), no rio da onça ou ao rio da onça. Do mesmo modo, o nome yaguaribe (yaguar-y-be), que tem o mesmo significado" (358).

A partícula pe, portanto, não faz parte do nome propriamente dito, não o integra, em sua substância constitutiva, ou intrínseca, desde que lhe é exterior, indicando, apenas, um componente linguístico cujo significado pode ser equivalente a "em", "a", "para", "por".

Assim:

Sergipe = no rio dos siris.

Seu aparecimento, no final do conjunto, prende-se, pois, ao próprio conceito de "posposição", uma vez que é colocada depois da palavra regida.

Uma melhor compreensão de seu emprego transparece nestes comentários do Padre LEONARDOS BARBOSA:

> "Pelo seu próprio sentido, correspondente a "em", "a", "para", a preposição -pe acompanha frequentemente os topônimos. O que contribuiu para que fosse tomada como parte deles pelos colonos. Eis porque inúmeros nomes geográficos brasileiros a traze incorporada: Acarape, Araçuaípe, Aratupe, Cauípe, Cotegipe, Guararape, Iguaguaçupe, Iguape, Inhambupe, Itaípe, Itapagipe, Jacuípe, Jaguaripe, Mamanguape, Maragogipe, Maranguape, Meguaípe, Meruípe, Mucuripe, Sergipe, Suaçupe, etc., a-

---

358- O Tupi na Geogr. nacion., p. 66

lé dos casos e que houve abrandamento do p: Beberibe, Camaragibe, Capiberibe, Jaguaribe, Peruíbe, Piragibe, Pirangibe, etc." (359).

9 - Função sintática do genérico paraná

Confrontando-se os dois termos genéricos relativos a cursos d'água, respectivamente y e paraná, depreende-se que este último, de um modo geral, encabeça o conjunto sintagmático em que aparece. O segundo elemento é de origem adjetiva, precisando o designativo simples, em seus contornos específicos, como "natureza" e "qualidade" das águas, "coloração", "volume" e "dimensões".

Tanto ocorre, por exemplo, em Paranacatú, "rio bom", Paranaporanga, "rio bonito", Paranaguassú, "rio grande", Paranamirim, "rio pequeno", Paranatinga, "rio branco", Paranaíba, "rio encachoeirado, rio ruim".

Em alguns casos, pode ocorrer a posposição do determinado ao determinante, originando a mesma situação já vista quando se estudou o y em posição sintagmática final: Ati Paraná (ou Auati Paraná, R. AM); Guabiruparaná (R. AM); Jaci Paraná(R. AC); Jacuparaná (Pa. AM); Juparanã (La. ES); Juparanã Mirim (La. ES); Jurara-Paraná (R. PA); Maparaná (Ig. RO); Mutum paraná (R. RR); Salsa Paraná (Ig. AM); Yaua Paraná (Ig. RR); Itaparaná(R. AM), além do conhecido Gi-Paraná (R.MT), que "as cartas geográficas modernas vão chamando, já traduzido para o vernáculo, pela denominação de rio machado ou rio do machado" (360).

359- LEITE BARBOSA, Padre Antonio- Curso de Tupi Antigo. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1956, p. 440-441

360- LEVY CARDOSO, A.- Toponím. brasíl., p. 175

f - A interpretação toponímica do y e do parana

Os autores, de um modo geral, costumam enfatizar a influência dos cursos d'água na toponímia, desde que os denominativos que trazem constituem-se em excelente fonte para o conhecimento de antigas formas e expressões dialetológicas.

As diferentes regiões da Terra costumam apresentar tais substratos em sua nomenclatura geográfica. Na toponímia espanhola de origem pré-romana, por exemplo, JOHANNES HUBSCHMID, um seu cultor, chamou a atenção para o fato, explicando que:

> "En los nombres de ríos se ha conservado con frecuencia un fondo lingüístico antiguo. Una serie de ríos hispánicos llevan nombres de origen céltico o paracéltico que encontramos repartidos en mayor o menor número a lo largo y lo ancho de toda la Península y que pertenecen ao llamado "sistema de la hidronimia paleo-europea".
>
> El hidrónimo Deva, Guipúzcoa, documentado tempranamente, fué ya explicado como procedente del céltico por D'Arbois de Jubainville, que lo consideró una correspondencia del latin divus-deivos(...). Alba, en Plinio, un río entre Emporion y Blanda, es, según Montoliu, otro nombre del Muga(...). Formas emparentadas son Albi(839), hoy Alp(Gerona)(...);Alvia(969,etc.) hoy la Ribera d'Alva junto a Ceia (Guarda). En el fondo de todos estos nombres se halla la raíz ampliamente difundida albo-, "blanco" (361).

DAUZAT refere-se ao problema dos nomes de rios como um dos mais difíceis de serem absorvidos pelo pesquisador, que necessita quase se transformar em etimologista para penetrar em seu âmbito mais profundo; porque, como explica, "les noms de rivières, qui représentent, dans l'ensemble, avec les noms de montagnes, la partie archaïque de nos toponymes, renferment sur les langues la plus anciennement parlées en Gaule, des secrets que la science guidée par une méthode prudente, peut légitime -

---

361-HUBSCHMID, Johannes-"Toponimia prerromana". IN:Enciclopedia Lingüística Hispánica. Dir. M. Alvar, A.Badía, R. de Balbín, L.F.Lindley Cintra. Madrid, Cons. Super. de Invest. Cient., 1960, T. 1, p. 488.

ment aspirer à pénétrer" (362).

A mesma situação de permanência de nomes antigos em cursos d'água pode ser encontrada nos países americanos, onde a cultura indígena, pré-existente à européia, é a responsável pela série bastante extensa de topônimos dessa origem. Esta, numa panorâmica, quase sempre se revela multiforme, pela filiação de distintos troncos linguísticos, exigindo um incessante trabalho de seleção e análise prévias para se determinar a tipologia de cada nome encontrado.

Esse é o pensamento, entre outros, de IVAN LIND, no estudo contrastivo da toponímia brasileira de origem portuguesa e da indígena, não só quanto à antiguidade da nomenclatura dos rios como relativamente à sua procedência:

> "Tal como em outros países americanos, foram principalmente os rios que mantiveram os nomes índios, ou mais justamente alguma coisa deles: pelo menos quase todos os grandes rios têm, ou tiveram, vários nomes, muitas vezes postos por tribos diversas" (363).

Os fatos toponímicos que apresenta em sua obra, relativamente a esse problema, são, porém, os mesmos fornecidos por outro estudioso do assunto, o Padre C. TASTEVIN, que segundo ele, "tentou classificar os nomes índios de rios segundo o sufixo com a significação de "rio", de várias línguas, e desses grupos, a maior parte está representada no território brasileiro. As suas interpretações dos nomes afastam-se, por vezes, daquelas que foram geralmente estabelecidas e a sua tentativa de reunir em grupos os sufixos de nomes, com pouco ou nenhuma semelhança fonética, parece, por vezes, bastante ousada. O elemento mais vulgar nos nomes dos rios do Brasil é hy (que agora se escreve com -i, -í), e o Padre Tastevin juntou-lhe não só -xy,

---

362- DAUZAT, Al- La Toponym. franç., p. 103

363- De Portug. ao Bras., p. 66

-ry, -he, -ie e -gy (...)" (364).

Ora, nao é objetivo desta tese a apreciação — além da que já foi feita — de considerações gramaticais expendidas por autores, em suas obras, salvo quando digam respeito, de certo, ao assunto aquí debatido. Os comentários a respeito da transcrição de IVAN LIND e do inteiro conteúdo da pesquisa realizada pelo Padre TASTEVIN iriam alongar, em demasia, o presente trabalho, extrapolando o seu verdadeiro objetivo (365). Nem por isso, entretanto, deve-se silenciar sobre as suas conclusões, em relação às quais se tem outro ponto de vista e perspectiva igualmente diversa.

Assim é que o Padre TASTEVIN, depois de salientar o alcance de sua pesquisa, restrita "à signaler, dans les noms composés qui désignent des cours d'eau, l'élément qui signifie eau, fleuve, rivière, ou lac", entendeu que "les Indiens ont coutume de dénomer les cours de l'eau soit par un nom générique qui signifie eau, rivière, v.g., Beni, Paru, soit par un nom de plante(...); soit par un nom d'animal(...); souvent par un simple qualificatif précédé d'un i qui représente soit l'article déterminatif, soit le nom générique de l'eau; ex.: Ipixuna, le noir ou l'eau noire; Ypiranga, le rouge ou l'eau rouge; IPane, le stérile ou la rivière sans poissons. Quand le nom est composé, le premier élément designera comme ci-dessus un nom de plante ou d'animal, et le second representera un nom générique de

---

364- LIND, J.- De Portug. ao Bras., p. 66-67

365- Esclarece a A. que o estudo genérico dos nomes dos cursos d'água brasileiros já está sendo objeto de análise de sua parte, devendo integrar o próximo trabalho, razão por que se abstém, no momento, de maiores dados a respeito.

cours d'eau" (366).

ecompondo-se a citação nos elementos que se revestem de maior importância, ressalte-se, à primeira vista, o fato categórico, para o autor, do costume indígena em denominar cursos d'água segundo motivações diversas. Ora, essa habitualidade não deveria ser interpretada segundo a mentalidade vigente entre os ocidentais e de acordo com a maneira pela qual se entende uma denominação, atualmente. O ato de nomear, entre os primitivos, não deveria, por certo, incorporar o mesmo sentido de que hoje se reveste. Era uma circunstância espontaneamente nascida, sem a intenção apriorística de marca caracterizadora. Daí os nomes em "água" ou "água corrente" ou "rio" ou "fonte" que as respectivas nomenclaturas geográficas apresenta. A especificação surgia ao lado do interesse positivo despertado na população local por um fato qualquer do ambiente. No caso do rio, o seu tamanho, por exemplo, donde a série dos rios "grandes" ou dos rios "pequenos", ou a sua cor, ou a presença de determinado animal ou de determinada planta, ou a ausência deles, desde que o marcassem significativamente na comunidade. Os nomes, quando apareciam, não eram, portanto, aleatórios e, sim, vinculados a uma característica qualquer do ambiente físico ou social. Por isso o denominativo passava a manter com o meio originário uma relação associativa ou descritiva, sempre, porém, uma relação atributiva, como já se destacou nesta tese.

Também a denominação do curso d'água pelo seu próprio nome genérico não é fenômeno único na toponímia universal. DAUZAT apresenta sobre o fato uma série de nomes geográficos sig

---

66- TASTEVIN, Padre C.- "Noms génériques de cours de l'eau dans l'Amérique Tropicale"- Recueil de 76 Études de Linguistique, d'Ethnologie, de Science Religieuse, de Préhistoire, et autres. Wien, Festschrift zu P.W.Schmidt, 1921

nificando simplesmente "água", na toponímia francesa de origem pré-latina, como os termos gauleses dubro-dubra, apa, ab(a), renos, rinos, nantos, entre outros. Veja-se, além disso, as observações que acompanham suas pesquisas etimológicas:

> "De tous temps, nombre de cours d'eau n'ont pas porté un nom caractéristique, mais se sont appelés simplesment "l'eau", "le ruisseau" ou "la rivière". Le fait est encore fréquent, à l'heure actuelle, pour les cours d'eau peu importants auxquels les géographes donnent parfois des appellations artificielles pour les besoins de la nomenclature; ainsi, au sud-est d'Issoire, le ruisseau désigné sur la carte de l'État-Major, sous le nom de "ruisseau de Bansat" et qui arrose quatre villages, n'a pas de nom en réalité et est appelé par les riverains "le ruisseau" tout court" (367). (O grifo é nosso).

A importância da constatação de DAUZAT para a Toponímia, ao enfocar o problema da vernaculização de topônimos de línguas diversas, vem em prosseguimento:

> "On conçoit que, par suite de changement de langue ou de modifications dans le vocabulaire, des appelations de ce genre, du jour où elles ont cessé d'être comprises, se soient cristallisées pour devenir de véritables noms propres. Pour ne citer que quelques exemples topiques, les Aa du Nord et de la Suisse représentent un germanique aha, eau, éliminé, par la suite, du lexique flamand et alémanique; les Bec de Normandie attestent un norois bekk-, ruisseau, qui a disparu comme nom commun avec la francisation des Northmans;(...).
>
> Les noms de l'eau et de l'eau courante peuvent, en outre, être munis d'un suffixe ou accompagnés d'une épithète qui les precise: c'est déjà un début d'individualisation, qui hâte la cristallisation en noms propres" (368).

Tomando-se como base, assim, a cristalização dos nomes, desde que seus elementos formadores não sejam mais compreendidos por falantes de outros sistemas lingüísticos, não se pode aceitar o fato da existência de nomes indígenas compostos, em que o segundo elemento represente um nome genérico de curso

---

367- DAUZAT, A.- La toponym. franç., p. 104

368- Idem, Ibidem, p. 104

d'água, de modo que este designativo indique a alegada influência da "água" na toponímia, tal qual uma verdadeira fonte motivadora.

A colocação feita pelo autor não deveria ter sido posta na forma pela qual o foi. Na realidade, a expressão toponímica é simples, e não composta, porque o topônimo, da maneira pela qual deva ser entendido, é um só: ou indica uma índole animal ou uma índole vegetal, nos termos da própria hipótese colocada pelo Padre TASTEVIN, e o signo linguístico subsequente ou antecedente y ou parana — é apenas o acidente hidrográfico que foi nomeado ou recebeu a denominação de origem zoo ou fitonímica, por exemplo (369).

Assim:

TATU	+	Y
topônimo		ac. geográfico
(animal)		(rio)
(or. zoonímico-associativa)		

Y	+	PIXUNA
ac, geográfico		topônimo
(rio)		(negro)
		(or. cromonímico-descritiva)

O desconhecimento da língua originária é que levou a incorporação dos dois termos analisados (determinado e determinante) em único bloco significativo e, na decomposição dos

369- Segundo o sistema ortográfico vigente no país, o y indígena deve ser substituído por i .

elementos aglutinados, para efeitos etimológicos, interpretou-se a presença do y, e, conseqüentemente, a do genérico paraná, como reveladora de uma influência hidronímica, no vernáculo. Na realidade, do ponto de vista toponímico, não houve, como se viu, essa influência, porque o topônimo, em si, não reveste tal origem. A assimilação lingüística de expressões dessa tipologia faz surgir, por certo, no vernáculo, exemplos de redundância denominativa ou reduplicação de formas, desde que se está conferindo a um nome o mesmo conceito que já o integra.

Aceitando-se como válida esta ponderação de BACKHEUSER, o entendimento do que se expôs resultará mais objetivo:

> "Entre os povos de vida rudimentar, como já deixamos visto, não há propriamente uma designação explícita para os acidentes geográficos, em particular para os acidentes físicos. O estrangeiro ignorante da língua local, ao ouvir a palavra, considera-a como peculiar àquele dado acidente e passa assim a nomeá-lo nas descrições e levantamentos. Ganha o vocábulo bizarro foros geográficos. É típico exemplo de antonomásia, figura de retórica pela qual se toma o substantivo próprio por comum e vice-versa.(...). É muito mais abundante do que à primeira vista se supõe: Niger (rio), Ural (bacia), Vístula (queda d'água), Tchad (lago)(...), Pará, Paraná, Parima (rio), (...), Beirut(fonte),etc. .
>
> Na extensa nomenclatura dos mapas colaboram assim centenas de línguas de modo a fazer da toponímia universal um mosaico lingüístico que, se traduzido fora para um só idioma, figuraria afinal por bem modesto rol glotológico. Resulta disso que, em um sem número de vezes, o simples enunciado de um acidente leva à prática de uma outra figura, o pleonasmo (...). Dizer rio Don ou rio Paraná é dizer "rio rio", porque Don e Paraná já significam rio. Por vezes pode a repetição tornar-se tríplice, como Me-kong, por exemplo, que quer dizer, segundo a dupla origem desses radicais, rio rio, quando escrevemos rio Me-Kong, estamos a falar: rio, rio, rio " (370).

f - O genérico rio em outros dialetos indígenas do Brasil

Outros dialetos indígenas como o Karib, o Arwak,

370- "ToponímiA., etc...", p.169-170

e o Bororo, por exemplo, também contribuiram com seus termos genéricos designativos de cursos d'água, para esse entendimento errôneo de uma influência hidronímica na nomenclatura geográfica do Brasil. Esta, verdadeiramente, como se viu, só acontece nos nomes ditos descritivos, ou seja, aqueles em que o acidente — y, u, pará/paraná — é interpretado como um nome próprio ou é especificado por um determinante que o define e o caracteriza, singularizando-o entre os demais.

LEVY CARDOSO resume algumas das principais denominações de cursos d'água em dialetos brasílicos. Assim, além daquelas mencionadas, de origem tupi, contam-se paru, tunã, curú, do Karib, e ári, uáu, áua, uêni, úni, uiná, iáco, do Arwak, significando, genericamente, "água" ou "rio" (371).

Um curso d'água da bacia amazônica exemplifica bem a chamada superposição lingüística na toponímia, pois incorporou as denominações correspondentes a alguns desses designativos:

> "O rio Negro, por exemplo, cuja toponímia derivada da coloração de suas águas teve uma superposição toponímica correspondente a uma superposição lingüística — ele foi o Curiguacurú e o Carumã dos Caribes; o Iuna dos tupis, segundo a informação insuspeita de Cristóbal de Acuña; foi ainda o Quiári e o Guaínia dos Aruacos" (372).

O designativo paru, segundo LEVY CARDOSO, é também "um vocábulo que continua absolutamente vivo na corografia paraense, verificando-se até uma duplicata de nomenclatura(...) fato que, no sentido de evitar confusões, levou os geógrafos a denominar — ao Parú, afluente do Amazonas, de Parú de Leste, ao Parú, formador do Cuminá, de Parú de Oeste" (373). Com esse

---

371- Toponím. brasíl., p. 160

372- LEVY CARDOSO, A.- Toponím. brasíl. p. 163

373- Idem, Ibidem, p. 160-161

significado, do Karib antigo, o autor cita uma série de rios, tais como o Ará-Paru (R.AM); Cuarã Paru (R.AM); Imotá-Paru (R. AM); Parucotó (R. PA); Tucá-Paru (R.AM) (374).

Mas no Karib moderno, segundo expressão do autor, o vocábulo que designa, também, genericamente, água e rio, é a palavra tunã, que entra, igualmente, de maneira abundante, na nomenclatura de uma série de rios da Amazônia, entre os quais se notam os seguintes: Conobô-tunã, rio afluente do Urucuiana, da bacia do Trombetas, constituído de conobô, chuva, e tunã, rio; Pacorô-tunã, rio afluente do Maiuarú, contribuinte do Marapi, da bacia do Trombetas, de pacorô, cabana, e tunã, rio.

Quanto ao Arwak e suas terminações genéricas para acidentes hidrográficos, LEVY CARDOSO cita um exemplo dos mais conhecidos:

> "Em alguns dialetos aruacos aquela designação, de maneira geral, de água e de rio, é ári, vocábulo esse que aparece, inúmeras vezes, em topônimos brasílicos, entre os quais citaremos, como exemplo já citado — o rio Ucaiále das cartas geográficas, derivado do manau, línguajar de origem aruaco, onde tem para étimo ucái, claro, branco, e ári, rio, de que a terminação âle (...) é mera corruptela" (375).

Já se referiu, nesta tese, ao mais importante rio de águas claras da bacia amazônica, o conhecido rio Branco, que "foi, primitivamente, entre o gentio aruaco, o Queceuêne, topônimo esse que expressava, para a grande corda líquida, a mesma denominação dada pelos portugueses, decorrente da coloração clara de suas águas, sobretudo em comparação com as águas do rio Negro" (376).

374- No Índice dos Topônimos figuram, ainda, estes acidentes: Paru (Lo. PA); Paru Novo (Ig. PA); Paruaína (Ig. AM); Paruzinho (Ig. PA).

375- Toponím. brasíl., p. 157

376- Ibidem, p. 145

Quanto aos demais étimos de origem arwak, LEVY CARDOSO cita estes topônimos:

Ári	(R. AM)	/	Amajári	(R. AM)
Caiári	(R. AM)	/	Curicuri-Ári	(R. AM)
Aná Uiná	(R. MT)	/	Calicê-Uiná	(R. MT)
Camê Uiná	(R. MT)	/	Corê - Uiná	(R. MT)
Cozuí-Uiná	(R. MT)	/	Tolorê-Uiná	(R. MT)
Juína	(R. MT)	/	Uiná	(R. MT)
Sacorê-Uiná	(R. MT)	/	Sauerô-Uiná	(R. MT)
Sauê -Uiná	(R. MT)	/	Taurú -Uiná	(R. MT)
Uatiá -Uiná	(R. MT)	/	Xacuruiná	(R. MT)
Zolá - Uiná	(R. MT)	/	Zuí - Uiná	(R. MT)
Aruáu	(R. AM)			
Badecure Uáu	(R. MT)			
Baé Uáu	(R. MT)			
Poduáua	(R. AM)			
Beni	(R. AM)	/	Juruena	(R. MT)
Guiêna	(R. AM)	/	Queceuêne	(R. AM)
Uêne	(R. AM)			

Com exceção dos rios Amajári, Ári, Bêni, Guiêna, Poduáua, Queceuêne, Taurú-Uiná e Uêne, que incorporam o significado hidrotoponímico verdadeiramente, os demais prendem-se a diversas origens semânticas, não caracterizando, apesar de apresentarem o genérico "rio" ou "água" no conjunto onomástico, a categoria taxeonômica enfocada.

Já no sistema hidronímico bororo, encontram-se os termos genéricos bo e iáo, para "rio", po ou poba, para "água", paro, "foz" ou "embocadura", paga, "ribeirão", por exemplo.

Relativamente a esse grupo, o estudo de DRUMOND sobre a sua toponímia (377), já citado nesta tese, vem de encontro à caracterização dos topônimos nos moldes pelos quais aqui foi colocado. Ao separar os hidrotopônimos em categorias distintas, resultantes dos nomes de animais, de plantas e de o

---

377- Cf. Contrib. do Bororo à toponím. brasíl. .

rigens diversas, não considerou, como fonte motivadora, à maneira de TASTEVIN, o termo genérico indicador de curso d'água em questão. Valorizou, apenas, o nome geográfico propriamente dito, e não o acidente por ele nomeado. Decompondo o conjunto denominativo em seus elementos formadores, isolou, assim, a parte não integrante do onomástico, e obteve, com esse procedimento, correto do ponto de vista etimológico, um quadro bastante representativo das reais características dos cursos d'água bororos.

Dentre os designativos relacionados, citem-se estes que, de fato, revelam, em seu significado, uma origem hidronímica:

Borereu (de: bo, água e rereu, que corre)
Core-Iáo (de: córe, fétido e iáo, rio)
Cugaru Poxoreu (de: cugaru, praia; po, água; xeréu, escura)
Cujágo-Iáo (de: cujágo, vermelho e iáo, rio)
Ituguro (cabeceira do rio)
Padarôbo (de: padáro, espuma e bo, água)
Pagaquirêu (de: paga, ribeirão e quirêu, enxuto)
Pagorogo (de: paga, ribeirão e rôgo, pequeno)
Poba-Curirêu (de: poba, água e curirêu, grande)
Pobo-Jocurêo (de: pobo, água e jocurêu, limpa)
Pobore (de: pobo, água e re, que corre)
Pocorêu (de: po, água e corêu, funda)
Pocurirêu (de: po, água e curireu, grande)
Poúro (de: po, água e uru, quente)

Sem dúvida alguma, a importância dos rios e dos riachos, dos córregos e dos ribeirões, para a toponímia, está patente no índice quantitativo dos acidentes geográficos que participam, estruturalmente, dessas formas toponomásticas, razão por que serão lembrados, aqui, apenas algumas de suas inúmeras possibilidades de composição:

- córrego

Córrego (AH PR) / Córrego Alto (AH ES)
Córrego da Luz (AH RJ) / Córrego D'Anta (AH MG)
Córrego Grande (AH ES) / Córrego do Ouro (AH GO)
Córrego Novo (AH MG) / Córrego Rico (AH GO)
Córrego Seco (AH SP) / Córregos (AHMG)

- riacho

Riacho (AH AL BA EG GO) / Riacho da Cruz (AH MG)
Riacho do Barro (AH MG) / Riacho do Fogo (AH MG)
Riacho do Sertão (AH AL) / Riacho Grande (AH SP)
Riacho Seco (AH BA) / Riachinho (AH PI)
Riachãozinho (AH BA) / Riachão (AH BA)
Riachão das Neves (AH BA) / Riachão do Utinga(AH BA)

- ribeira

Ribeira (AH MA MG SE SP) / Ribeira de Cima (C. da,BA)
Ribeira de Iguape (R. SP) / Ribeira do Pombal(AH BA)

- ribeiro

Ribeiro (AH BA MG RS) / Ribeiro do Amparo(AH BA)
Ribeiro Pequeno (Ar.RS) /

- ribeirão

Ribeirão(AH BA GO MA MG MT PA PE RO SP; R. ES GO)

Ribeirão Branco (AH SP) / Ribeirão Claro (AH SP)
Ribeirão Corrente (AH SP) / Ribeirão da Mata(AH BA)
Ribeirão das Neves(AH MG) / Ribeirão de Cima(AH ES)
Ribeirão do Cruzeiro(AH ES)/Ribeirão do Pinhal(AH PR)
Ribeirão do Salto (AH BA) / Ribeirão Grande (AH SC)
Ribeirão Pires (AH SP) / Ribeirão Preto (AH SP)
Ribeirãozinho (AH MG)

- rio

Rio Acima (AH SC) / Rio Alegre (AH MT)
Rio Azul (AH PR) / Rio Bom (AH PR)
Rio Bonito (AH PR) / Rio Branco (AH AC)
Rio Claro (AH SP) / Rio Claro do Sul(AH PR)
Rio das Flores (AH RJ) / Rio das Pedras (AH SP)
Rio do Fogo (AH RN) / Rio do Meio (AH PR)
Rio Doce (AH ES) / Rio dos Anjos (AH BA)
Rio Espera (AH MG) / Rio Negrinho (AH SC)
Rio Pardinho (AH RS) / Rio Pequeno (AH SC)
Rio Quinze (AH PR) / Rio Seco (AH BA)
Rio Tinto (AH PA) / Rio Vermelho (AH MG)
Riolândia (AH SP) / Riozinho (AH AM)

Quanto aos acidentes fluviais que surgem nos cursos de um rio, vários deles integram a nomenclatura geográfica brasileira, em maior ou menor proporção toponomástica.

De acordo com IVAN LIND, as correntes dos rios, sem quedas d'água, podem ser chamadas de carreira, corrida, corridinha, corredeira, correnteza e pararaca ou bariri. Uma palavra com o mesmo significado, segundo seu entendimento, é ligeiro ou rápido, que, no entanto, tem menor utilização. Para ele, "a mais próxima correspondência a esse termo deve ser o termo dialetal norueguês e sueco stryck, strak, que significa uma corrente bastante forte sem empecilhos de maior importância para os barcos. (...). Aqui encontramos como termo mais utilizado, a cachoeira ou cachoeirinha. Esta pode ser um aumento na força da corrente causado por um travessão, quer dizer, um banco de pedra ou de areia atravessado no rio, ou mesmo uma queda estendida sobre um trecho onde os grandes blocos e as pedras soltas concorrem para tornar a agitação da água ainda mais furiosa. Naturalmente, as cachoeiras são grandes empecilhos para a navegabilidade, mas, de acordo com alguns autores, sobretudo os mais antigos, "cachoeira" todavia significa um local onde podemos ancorar o barco, principalmente antes de uma queda. De passagem, podemos mencionar que os nativos brasileiros utilizam as expressões: "cabeça", "corpo" e "rabo" da cachoeira, comparando-a com dragões" (378).

A pesquisa relativa a esses designativos mostra este quadro aproximado:

- cachoeira

Cachoeira (AH AC AM BA CE MG GO MA MG MT PA PI PR SP; Ar. da, RS; C. GO MT RJ SP; I.BA; Ig. AC AM; R.MG)

Cachoeira da Ema	(AH SP) /	Cachoeira de Goiás	(AH GO)
Cachoeira de Macacu	(AH RJ) /	Cachoeira do Arari	(AH PA)
Cachoeira do Mato	(AH BA) /	Cachoeira do Sul	(AH RS)
Cachoeira Grande	(AH AP) /	Cachoeira Paulista	(AH SP)
Cachoeira de Pedra	(AH MT) /	Cachoeira Progresso	(Ig.AC)
Cachoeiras	(AH RO) /	Cachoeirinha	(C. GO)

378- Varadouro. Lisboa, "Casa Portuguesa", 1957, p. 20-21

- carreira

Carreira (AH MG) / Carreira Comprida (Cach. GO PA)

- corredeira

Corredeira (AH AM) / Corredeiras (AH RO SP)

- corrente

Corrente (AH PI; C.MG; R. BA GO MA MG PI; Rb. GO SP)
Corrente Grande (AH MG)
Correntes (AH MT PE; Ar.RS; C. GO; R. MA MT SC; Rb. SP)

- correnteza

Correnteza (AH MG) / Correntezas (AH RJ)

- corrida

Corrida (AH MG)

Dentro do sentido geral de "corredeira" pode ser incluído o caldeirão que, na toponímia, aparece tanto na forma singular como na pluralizada:

Caldeirão (AH BA MA PI RO; Ar. RS; Cach. PA; C. do, PA; I. AM PA; La. do, SE; R. GO BA; Rcho. PI)
Caldeirões(AH PE; Rcho. dos, RN)

Em relação opositiva, aparecem os remansos, igualmente toponimizados:

Remanso (AH AC AM BA MT PI SP; Cach. PI; I. RR)
Remanso Grande (AH AM)

Continuando suas citações sobre os acidentes fluviais, diz IVAN LIND que "o maior empecilho para um viajante fluvial, diante do qual a única coisa a fazer é descer à terra

e puxar o barco a braços é um salto, tombo ou queda, onde a inclinação do rio se aproxima dos 40º. Frequentemente, um salto é constituido por várias "quedas"; uma conhecida série de "quedas" que não recebeu o nome de "salto" são as conhecidas Sete Quedas do Paraná. "Salto" e "queda" têm o mesmo sentido que as palavras, mais raramente usadas, catadupa, catarata e cascata, que aliás têm um sentido mais internacional. O inglês water fall e o francês chute d'eau e saut são conhecidos sinônimos em outras línguas" (379).

O levantamento toponímico nos mostra os seguintes resultados, de maneira aproximada:

- cascata

Cascata (AH BA RS) / Cascatinha (AH PR RJ)

- queda

Queda (AH MT) / Quedas (Rb.das,SP)

- salto

Salto (AH BA MA MG MT PR SC SP; Ar. do, PR; C. GO MG; Ig.do, PA; Cach. do,MG; R.do, BA PR; Rb.do,BA)

Salto da Divisa (AH MG) / Salto da Pedra (AH PI)
Salto da Quatiara (AH SP) / Salto de Pirapora (AH SP)
Salto do Itararé (AH SP) / Salto do Urubupungá (AH MT)
Salto Grande (AH PA) / Saltos (Lj. dos,SC)
Saltos do Iguaçu (AH PR) / Saltinhos (AH MT SP; C. MT)

Explicando o significado de sua obra, que serviu de apoio a esta pesquisa, diz IVAN LIND que "a mais importante derivação de "varar" é varadouro/varadero que, para começar, significa uma rampa onde o barco é puxado para terra e também um estaleiro. Em relação com uma queda d'água, esta palavra originalmente foi usada referindo-se aos dois locais, logo abai

379- Varadouro. Lisboa, "Casa Portuguesa", 1957, p. 20-21

xo e acima da queda, onde os barcos deviam ser retirados do rio, mas, mais tarde, ela veio a significar todo o caminho entre esses dois pontos, sendo por vezes um trecho bastante grande. Só muito raramente, o varadouro dava razão ao seu verdadeiro significado, "arrastar sobre rolos", pois o mais frequente era só "arrastar/arrastrar". Muitas vezes era necessário arrastar o barco por um pedral com consequente desgaste bem grande dos cascos" (380).

Na nomenclatura geográfica, apenas dois acidentes receberam essa denominação: um acidente humano em Minas Gerais e um igarapé em Rondônia.

As cabeceiras e as nascentes do rio receberam designações toponímicas, encontradas em:

Cabeceira (AH BA MA MT; I. MG)

Cabeceira do Salsa	(I. AM) /	Cabeceirão	(AH BA)
Cabeceira Nova	(R. BA) /	Cabeceira Velha	(R. BA)
Cabeceiras	(AH GO) /	Cabeceiras do Paraguaçu	(AHBA)

Nascente (AH MT PE RR; Rb. MT)

A foz, ou desaguadouro dos rios que se lançam no oceano, surge na nomenclatura apenas em formas compostas:

Foz do Breu	(AH AC) /	Foz do Copéia	(AH AM)
Foz do Gregório	(AH AM) /	Foz do Iguaçu	(AH PR)
Foz do Jamari	(AH RO) /	Foz do Jordão.	(AH AC)
Foz do Jutaí	(AH AM) /	Foz do Macacoari	(AH AP)
Foz do Mamoriá	(AH AM) /	Foz do Pauini	(AH AM)
Foz do Riozinho	(AH AM) /	Foz do Tarauacá	(AH AM)

Entre as designações que subentendem a idéia de passagem ou ligação entre cursos d'água, citam-se:

- canal

Canal	(R.do, MG) /	Canal do Inferno	(Cach.RO)
Canais	(Pta.dos,PA) /		

380- Varadouro, p. 24-25

- furado

Furado (I. do, RS; R. MT) / Furado Olhos d'Água (AH MG)
Furado Grande (Sa. do, BA) / Furados (AH BA)

- furo

Furo (AH AM) / Furo do Geraldo (AH AM)
Furos (Cach. dos, PA)

Já o estirão compreende uma idéia um tanto oposta, desde que, segundo a Terminologia físico-geográfica do Brasil, "é um extenso trato retilíneo do curso de um rio, compreendido entre duas voltas". A toponímia registra duas formas: Estirão (I. do, PA; Ig. AM) e Estirão Grande (Ig. do, PA).

Os escoadouros das águas dos rios estão representados na toponímia pelas corixas e sangradouros:

Corixa (AH MT)
Corixo (AH MT)
Corixão (Cx.MT)

Sangradouro (AH MT; La. RS)
Sangradouro Grande (R. MT)
Sangradourozinho (C. MT)

Também as sangas, apesar do pouco emprego na nomenclatura, constituem-se em fonte de motivação toponímica:

Sanga Puitã (AH MT)
Sangão (AH SC; Bdo. RS; Ig. AM)

Finalmente, surgem, ainda, na hidrotoponímia brasileira, com expressivos índices de exemplificação, as fontes, os olhos d'água, os lagos, as lagoas, e a própria água, em formas compostas, porém:

- fonte

Fonte Boa (I. AM) / Fonte de Pau D'Água (AH MT)
Fonte Nova (AH BA) / Fonte Termal de Pouro (AH MT)
Fontes (AH RJ) / Fontinha (Sa.BA)

- olho d'água

Olho D'Água (AH BA CE GO MA MT PB PI PR RN RR; R. GO)

Olhos D'Água (AH AL BA GO MG PE SE; C. MT; Sa. BA)

Olho D'Água da Bica (AH CE)/Olho D'Água da Canoa (AH AL)
Olho D'Água de Dentro(AH MG)/Olho D'Água do Basílio(AH BA)
Olho D'Água do Borges(AH RN)/Olho D'Água Grande (AH PI)
Olho D'Água do Pingo (AH PI)/Olho D'Água Seco (AH BA)
Olho D'Água dos Bois (AH CE)/Olho D'Água do Serafim(AH BA)

- lago

Lago (AH BA PR; C.do, CE; Ig.do, AP MT)
Lago Acará (AH AM) / Lago da Pedra (AH MA)
Lago de Areia (I.do,GO / Lago de Santo Antonio (AH AM)
Lago do Carão (I. AM) / Lago Grande (Rb.GO)
Lago Verde (AH RO) / Lago Vermelho (Ig.PA)
Lagolândia (AH GO) / Laguinho (AH MA)

- lagoa

Lagoa (AH BA ES MA MG MT PB PE PI PR RN SP; C. MT SP;Rb. MT; Rb. da, MG PR; Rcho. da, BA PI)

Lagoa Azul (AH SP) / Lagoa Bonita (AH PR)
Lagoa Branca (AH SP) / Lagoa Cervo (AH MG)
Lagoa Clara (AH BA) / Lagoa da Prata(AH MG)
Lagoa do Mato (AH MA) / Lagoa do Morro(Sa.da,BA)
Lagoa dos Patos(AH MG) / Lagoa Dourada (AH MG)
Lagoa Formosa (AH MG) / Lagoa Grande (AH BA)
Lagoa Nova (C. CE) / Lagoa Preta (AH BA)
Lagoa Real (AH BA) / Lagoa Rica (AH MT)
Lagoa Seca (AH PA) / Lagoa Verde (AH MT)

Lagoão (AH MG PR RS; R. RS; Sa.do, MG)
Lagoas (AH BA PI)
Lagoinha (AH AM BA MA MG MT PI PR RS SP; C. MG MT)

- laguna

Laguna (AH SC; Fu.da,PA; I.da,PA; R.da, PA)
Laguna Carapa (AH MT) / Laguna Pora (AH MT)
Laguna Vera (AH MT) / Lagunita (AH MT)

- água

Ázua Azul (AH PR) / Água Amarela (AH GO)
Água Bela (AH BA) / Água Boa (AH BA)
Água Bonita (R. PR) / Água Branca (C. MG)
Água Clara (Ig.PA) / Água Comprida (R. BA)
Água Doce (AH ES) / Água Emendada (AH MT)
Água Fétida (AH BA) / Água Fina (AH MT)

Águas Belas	(AH BA)	/	Águas Brancas	(AH RS)
Águas Formosas	(AH MG)	/	Águas Novas	(Rb.MT)
Águas Negras	(Rb.SC)	/	Águas Pretas	(Bço.LE,SC)
Águas Santas	(AH MG)	/	Águas Virtuosas	(R. SC)
Águas Vermelhas	(AH MG)	/	Águas Verdes	(Rb.das,MG)
Águas da Prata	(AH SP)	/	Águas de Lindóia	(AH SP)
Águas da Serra	(AH MG)	/	Águas de S.Pedro	(AH SP)

Quanto aos acidentes hidrográficos de origem tupi, o Vocabulário geográfico brasílico, de THEODORO SAMPAIO(381), aponta, entre outros, os seguintes: bariri ("cousa que corre, flue, se agita(...); (...), nome aplicado às corredeiras ou rápidos), guapira ("as cabeceiras, as nascentes"), guapiassú("cabeceira grande"), guapimirim ("cabeceira pequena"), ynhangá("o curso d'água, a corrente, o ribeiro, o riacho"), ibu (ou ipu) ("o olho d'água, o minadouro"), icerica("água veloz, o rápido, a corredeira"), icapara ("água, rio ou canal"), ipiaba ("direção ao rio, caminho que leva à água"), ipioca ("a raíz d'água"), ipueira ("água que foi, curso d'água extinto, braço ou canal de rio que não corre, saco, baía fluvial"), itiquira ("a água vertente, o minadouro"), itu ("tombo ou queda d'água, salto, catadupa"), itu-açu ("a fonte grande, o olho d'água grande"), itupeva ("a queda d'água rasteira, a corredeira, a cachoeira rasa"), upá ("(...), a lagoa, o lago, o empoçado").

Na toponímia, encontram-se estes denominativos, que expressam as fontes indicadas:

Bariri	(AH SP)			
Guapiaçu	(AH SP)	/	Guapimirim	(AH RJ)
Inhangá	(AH MG)	/	Inhangapi	(R. PA)
Icapara	(Br.de,SP)			
Ipiaba	(AH RJ)			

381- SAMPAIO, Theodoro- Vocabul. geogr. brasíl.. IN: O Tupi na Geogr. nacion. .

Ipoeira (AH MT) / Ipoeiras (AH PI)
Ipueira (R. BA) / Ipueira do Macio (AH BA)
Ipueira Grande(I.da,BA)/ Ipueiras (AH CE)

Ipu (AH CE MA; Rcho. CE)
Ipumirim (AH SC)
Ipuaçu (AH BA)

Itu (AH SP; C. do, BA; I. do,AM; R. AM RS)
Ituaçu (AH BA) / Ituberaba (AH BA)
Ituetá (AH MG) / Itueté (Rb.MG)
Ituguaçu (AH PE) / Ituí (R. AM)
Ituim (Ig.AM) / Itumirim (AH MG)
Itupiranga (AH PA) / Ituporanga (AH SC)
Ituverava (AH SP) / Ituzinho (Ar.RS)

Itupeva (AH BA MG; R. SP)

Upamirim (AH BA)

A diversidade das circunstâncias histórico-geográficas e sociais, abrangidas no capítulo dedicado aos rios ou aos cursos d'água em geral, e das quais a extensão do conteúdo só permitiu a abordagem superficial, deixa entrever a importância deste estudo para a ciência toponímica.

Por si só, a nomenclatura hidrotoponímica brasileira justificaria uma pesquisa isolada (382), visando ressaltar, em profundidade, os principais fatores que a estruturam, seja do ponto de vista da filiação lingüística ou da motivação originária. Todavia, apenas o estudo diacrônico de todos os componentes culturais que se entrecruzam nesta categoria onomástica, nela influindo e conformando-a, por assim dizer, levaria ao conhecimento global da potamografia brasílica.

Ressalte-se, além disso, que, nesta tese, foram demonstrados, exemplificativamente, só os topônimos que trazem em sua natureza constitutiva uma origem hidronímica flagrante; não se quís, aqui, nem seria cabível, apresentar um levantamento histórico-geográfico dos nomes dos cursos d'água, em senti-

---

382- Cf. fls. 216 desta tese, nota nº 365

do genérico. Qualquer conclusão, portanto, a que se possa chegar, estará relacionada, quanto ao aspecto toponímico, unicamente a esse caráter. Por isso mesmo, na pesquisa realizada, foram incluídas localidades ou agrupamentos humanos que revelaram essa origem,e não apenas acidentes hidrográficos.

4.1.5. - Zootopônimos

A presença dos animais entre as fontes motivadoras da toponímia brasileira reflete a circunstância já salientada por BACKHEUSER (383), relativamente ao Brasil, e por DAUZAT (384), em relação à França, e que diz respeito à menor freqüência denominativa diante de outras categorias de uso mais difundido.

IVAN LIND também não difere desse entendimento comum, reforçando-o até, ao mesmo tempo que indica outra direção a seguir nos estudos onomásticos brasileiros, voltada ainda para os zoônimos indígenas, que configuram uma indiscutível realidade:

> "A caça e a pesca parecem ter deixado o menor rasto nos nomes de povoações brancas, mais nos nomes de rios e montanhas e, sobretudo, nos nomes de origem índia" (385).

383-"Toponímia., etc...", p. 172: "Os de índole zoológica são aqui e alhures menos numerosos. Louvres vem de lobo; La Renardière, de renard, raposa. No Brasil, entre outros: Araras, Jacareí (rio dos jacarés), rios dos Peixes, Antas, Anta Gorda, Caçador, Capivari (rio das capivaras), Patos, Patos Velhos, Piabas, Tatuí, Touros, Vacaria, Veados, Pastos Bons, Jacuí, Jacuípe, Jaguaribe".

384- Les noms de lieux, p. 28: "Sans être très fréquents, les noms d'animaux méritent d'être mentionnés. Le loup a joué un rôle important, comme l'attestent des formations gallo-romains (Lupara-Louvres), puis romaines (Louviers, Louvières: Loubière, Loubaresse-Midi, etc.); l'ours figure dans le pays de montagnes (Orsières, Valais). Si renard est limité aux lieux-dits et aux écarts récents (La Renardière...), c'est que le mot a remplacé tardivement le dérivé du latin vulpes, qu'on trouve dans Goupillières, Volpillière, etc.. Parmi les noms d'oiseaux, citons Montfaucon (it. Monfalcone), quelques dérivés et composés d'aigle et, surtout, dans les lieux-dits, des composés, parfois ironiques, comme Chantelauze (chante, alouette!), Chantemerle, etc. .".

385- De Portug. ao Bras., p. 46-47

Relativamente ao conteúdo dos nomes nativos, explicita o autor, a seguir, que "são as plantas e animais, sobretudo, que se relacionam com os rios, e, naturalmente, é o peixe que tem o maior interesse: Piraí ("rio do Peixe"), Pirapó (S.Paulo, "nascente de peixe"). Do mesmo gênero é Léritiba ("existência de ostras"), mas aparecem também outras espécies de animais como porco marinho (Rio de Capivari, e muitos outros), garça(Guaratiba, Rio de Janeiro), "grande serpente" (Mojiguassu, São Paulo), rã (Gurupima - kururu, "rã" e pi, "zeloso", por conseguinte "zelosas no coaxar") e formiga comestível (Içá)"(386).

Já THEODORO SAMPAIO, ao discorrer sobre as "alterações fônicas no tupi sob a influência da língua portuguesa", dedica algumas páginas à influência dos nomes indígenas de animais na toponímia brasílica, demonstrando com isso que, apesar de os registros não chegarem a abarcar toda a múltipla variedade das espécies zoológicas — o que seria mesmo muito difícil de acontecer — nem por isso deixam de se revestir de importância e significação, uma vez que se encontram vinculados a dados existenciais das próprias populações, assim também à presença física do animal lembrado. Dificilmente um nome dessa categoria estaria desvinculado da existência real da espécie, na localidade. O processo denominativo, segundo se depreende dos conceitos do autor, estaria, assim, em estreita aproximação ao meio geográfico, desde que cada habitat possui uma "comunidade animal ou flo-

---

386- LIND, I. - De Portug. ao Bras., p. 68

Esclareça-se, na oportunidade, que as etimologias apresentadas pelo A. podem ser discutíveis, mas, desde que integravam o parágrafo transcrito, seria desaconselhável qualquer alteração .

rística peculiar" (387).

Os Bororo do Brasil Central, por exemplo, costumam ser identificados por etnologistas e antropólogos como uma típica "sociedade de caçadores", tanto que LÉVI-STRAUSS já salientara ter sido essa habilidade "despertada ou favorecida pela vizinhança do pântano, rico em caça do curso médio do Paraguai", fato esse já mencionado nesta tese (388). Se o ambiente os conduziu a uma atividade distinta dos grupos vizinhos, também se refletiu em sua nomenclatura geográfica, de origem consideravelmente zoonímica. O levantamento de DRUMOND (389) na oronímia revela uma série de nomes de animais a eles familiares que motivaram topônimos: "onça pintada", adúgo; "lagarto", amema; "cágado", jerigígi; "macaco", júko; "araraúna", kudóre; "gavião", kurugúgwa; "arraia", merú; "ariranha", pirójo; "bagre", jarúdo ; "peixe-elétrico", kuríge, entre tantos outros.

Os primeiros relatos sobre o descobrimento da terra traziam, costumeiramente, informações a respeito da flora e da fauna. STADEN, LÉRY, GABRIEL SOARES DE SOUSA, o Padre ANCHIETA e, mais tarde, o Padre JOÃO DANIEL, além de naturalistas como MARTIUS, incluem-se entre os que discorreram sobre o assunto.

Na obra de LÉRY, a "descrição dos animais, vegação, lagartos, serpentes e outros animais monstruosos da América", retrata, objetivamente, algumas das espécies envolvidas e

---

387- Note-se, como diz STEWART, que a presença do animal em uma área qualquer não pressupõe, necessariamente, que ela constitua seu habitat natural. Basta a simples ocasionalidade do encontro pelo denominador, no ato da nomeação, quando o toponomástico resultante configuraria, segundo a classificação que propôs, o chamado incident name.

388- Cf. fls. 45 desta tese

389- Cf. Contrib. do Bororo à toponím.brasíl.

que mais o teriam impressionado:

> "Direi, desde logo, ao iniciar este capítulo, que não existe no Brasil nenhum quadrúpede em tudo e por tudo semelhante aos nossos. Por outro lado convém acrescentar que os tupinambás muito raramente se alimentavam com animais domésticos. Na descrição dos animais silvestres do país, chamados genericamente soó, começarei pelos que lhe servem de alimentação. O primeiro e mais comum é o tapirussú de pelo avermelhado e assaz comprido, do tamanho mais ou menos de uma vaca, mas sem chifres, com pescoço mais curto, orelhas mais longas e pendentes, pernas mais finas e pé inteiriço com forma de casco de asno. Pode-se dizer que, participando de um e outro animal, é semi-vaca e semi-asno" (390).

Entre os animais maiores, inclui o soó-uassú, espécie de veado ou de corça, o taiassu' ou javali (391). A aguti (ou cotia) está incluida entre as espécies bravías, assim também os tapitis ou coelhos silvestres. O tatu figura como exemplar de alimentação habitual, apesar de os índígenas comerem também crocodilos chamados jacarés e tuiús ou lagartos, "que são como os nossos, mas cinzentos, de pele áspera como a das lagartixas" (392).

A onça, denominada pelos Tupi jaguara, iaguara, iauára ou yaguára, e transcrita ian-u-are por LÉRY, foi por ele assim caracterizada:

> "Existe nesse país um animal chamado Ian-u-are pelos selvagens, o qual tem pernas quase tão altas e é tão veloz na carreira quanto o galgo; muito se parece porém com a onça, com pelos no mento, e a pele lindamente manchada. Os selvagens temem essa fera, pois vive de presa como o leão, e quando pode agarrar algum índio o mata, despedaça e devora. E como os selvagens são cruéis e vingativos contra tudo o que os prejudica, quando pilham nas suas armadilhas uma dessas feras, (...), flechan-na e a golpeiam e a deixam nos fossos durante muito tempo antes de acabar de matá-la" (393).

390- Viagem à Terra do Brasil, p. 95

391- Ibidem, p. 97

392- Ibidem, p. 99

393- Ibidem, p. 101

Antes de passar ao relato das aves, diz LÉRY que, "embora eu confesse que apesar de minha curiosidade não notei todos os animais dessa terra da América, como o desejara, descreverei para terminar dois outros de forma extraordinária e singular. O maior chamado hay (a preguiça) pelos selvagens é do tamanho de um cão d'água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano(...). O outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam coatí é do porte de uma lebre grande, tem pelo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, eretas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos, tem mais de um metro de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da boca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que esse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles(...) . Por ser tão estranho, em comparação com os animais da Europa,mais de uma vez pedi a um tal João Gardien, perito desenhista da nossa comitiva, que me desenhasse juntamente com outros animais desconhecidos na Europa; infelizmente, ele nunca me atendeu"(394).

A queixa de LÉRY, se bem medida, realmente tinha sua razão de ser, diante da descrição de um tal animal, desconhecido dos europeus, cuja existência seria de difícil credibilidade, a tal ponto que estava a exigir se reproduzissem, no desenho, os seus contornos. Ao que tudo indica, porém,— e as notas explicativas de SERGIO MILLIET o esclarecem — houve confusão do autor, que estaria se referindo, propriamente, não ao coati e,sim, ao tamanduá (395).

Quanto às aves, denominadas genericamente pelo autor de urá, a extensa variedade das espécies impede referências

---

394- Viagem à Terra do Brasil, p. 102-103

395- Ibidem, p. 103

pormenorizadas, no conjunto. Mencionem-se, apenas, os designativos de algumas: arinhan-assú, "galinhas-grandes, ditas das índias"; ypec, "patos selvagens"; iacutin; inambu-uassú e inambu-mirim; iacú-assú; pegassu e paiacaru, "semelhantes ao pombo e à rola"; canindé; ajuru ou "papagaio"; tucan; gonamby, talvez "o menor pássaro do mundo" (396), além da arara, de cuja plumagem diz não crer "que se encontre no mundo coisa mais deslumbrante; contemplando essas aves, somos forçados a exaltar não a natureza, como fazem os profanos, mas o admirável criador dessas maravilhas", e "quando essa ave se expõe ao sol, como sempre acontece, não se fartam os olhos humanos de contemplá-la" (397).

Já dentre os peixes, foram por ele relacionadas diversas espécies particulares, a partir do genérico pirá (398).

GABRIEL SOARES DE SOUSA inicia a descrição da fauna brasileira segundo o "princípio ecológico" da distribuição dos animais em três classes, a dos aéreos, a dos aquáticos e a dos terrestres.

Assim, "aves que se criam nos rios e lagoas de água doce" ou "em águas salgadas"; ou "aves de rapina que se criam na Bahía"; "natureza de algumas aves noturnas" e "pássaros de diversas cores e costumes", são alguns dos ítens que integram a descrição dos animais aéreos, entre os quais se podem perceber as minúcias do tratamento dispensado a alguns deles, como no capítulo em "que trata de alguns bichos menores que têm asas e têm alguma semelhança de aves", tal qual o tacura ("gafanhoto"), o ará ("bichinhos como formigas, com asas brancas"), o sarará ("ma-

---

396- LÉRY, J. de- Viagem à Terra do Brasil, p. 111

397- Idem, Ibidem, p. 107

398- Idem, Ibidem, p. 118 e ss.

riposa"), o panamá ("borboletas grandes") (399).

No ítem relativo aos animais marinhos, salienta a natureza especificamente pródiga do meio:

> "Pois queremos manifestar as grandezas da Bahia de Todos os Santos, a fertilidade da terra e a abastança dos mantimentos, frutos e caça dela, convém que se saiba se tem o mar tão abundoso de pescado e marisco como tem a terra do muito que se nela cria, como já fica dito (...)" (400).

Algumas das espécies por ele mencionadas justificam o interesse no relato, principalmente pela novidade que despertava o seu encontro; é o caso do boyupirá, camurupi, carapitanga, panapaná, jaguaraçá, baiaçu, entre outras apontadas.

Quanto aos animais terrestres, SOARES DE SOUSA também inicia o seu relato pela "maior alimária que esta terra cria", e que é, como já se sabe, o tapiruçu (401). Jaguaretê seria a denominação reservada para a onça; da mesma família seriam o jaguanuçu, o jaguaracanguçu e a suçuarana. Dos maracajás diz serem "uns gatos bravos, tamanhos como cabritos de seis meses; são muito gordos, e na feição pontualmente como os outros gatos, mas pintados de amarelo e preto em raias, coisa muito fermosa" (402).

Chamou-lhe a atenção o conhecido tatu ou tatuaçu, de quem diz "ser um animal estranho, cujo corpo é como um bácoro, tem as pernas curtas cheias de escamas, o focinho comprido cheio de conchas(...)"(403). Dos bugios das matas baianas relaciona os guigós, os guaribas, os saguis, os saí-anhangá (ou "bugios-diabo"). Igual interesse despertaram-lhe as diferentes espécies de

---

399- Notíc. do Bras., p. 123 a 130

400- Ibidem, p. 151

401- Ibidem, p. 132

402- Ibidem, p. 134

403- Ibidem, p. 136

cobras, relacionando, entre outras, a gibóia, a sucuri, a boiúna, a arabóia, a taraibóia, a jararaca, a ururuboca, a boicininga, a u bojara (ou "cobra de duas cabeças"), a surucucu, a caninana, a boiubu, a urapiagara, por exemplo (404).

THEODORO SAMPAIO resume a presença do animal na geografia brasileira, salientando as denominações mais comuns que ora "lembram a abundância ou frequência dos felinos, ou a presença dos cães já introduzidos pelos europeus e que os selvagens tanto apreciaram depois"; ora"os roedores dos mais bem representados na fauna do pais"; ora os "desdentados, pelos seus mais característicos representantes"; ora "exprimem que nessas paragens abundavam os paquidermes americanos"; ou, então, "recordam os cetáceos mais abundantes nos mares brasílicos" ou "lembram a nossa riqueza ornitológica", podendo, ainda, relembrar "a frequência de répteis" ou "trazer à idéia a fauna ictiológica" e, em certos casos, ainda, "os depósitos antiquíssimos, formados de cascas de ostra, de restos de cozinha, de resíduos de várias procedências, acumulados por um povo selvagem que habitou a zona litorânea em período pré-histórico" (405).

O animal, porém, não participa apenas utilitariamente de uma comunidade primitiva, na medida em que lhe serve de fonte alimentícia. Sua função, quase sempre, vai mais longe, figurando em um eixo relacionante integrado por ele mesmo e pelo próprio homem que o personifica. Tanto que B. MALINOWSKI, estu -

---

404- Notíc. do Bras., p. 138 a 144

405- O Tupi na Geogr. nacion., p. 129 a 132

Como exemplos dos fatores zoonímicos apontados pelo A. em emprego na toponímia, citem-se estes designativos: Jaguaraíva (R.PR); Pacatuba (AH CE); Tamanduá (Rb. MT); Taiaçu (AH SP); Guarapari (AH ES); Guaraí (Ig. PA); Cururu (AH RN); Piracanjuba (AH GO); Tambaqui (AH PA); Tambaú (AH SP); Samba - qui (AH SC).

dando o problema do significado nas línguas primitivas, chegou a traçar um paralelo entre a atitude da criança e a do selvagem, relativamente ao interesse de ambos pelo animal; e concluiu que este desperta naquele uma atenção bem maior que as plantas e os minerais, principalmente os crustáceos e os insetos voadores (406).

Se nos mitos e ritos totêmicos, cada espécie preenche um número de funções simbólicas, a avaliação de cada uma delas, dentro das respectivas culturas, é outra das facetas que envolvem o amplo capítulo da zoolatría. Como advertiu LÉVI-STRAUSS, "não basta identificar com precisão cada animal, cada planta, pedra, corpo celeste ou fenômeno natural evocados nos mitos e no ritual — tarefas múltiplas para as quais o etnógrafo está raramente preparado — é preciso também saber qual o papel que cada cultura lhe atribui dentro de um sistema de significações"(...)(407).

O posicionamento de cada grupo frente ao animal totemizado ou reverenciado foi submetido à uma amostragem seletiva da qual alguns ítens são aquí transcritos: "Os iban ou dayak, do mar, ao sul de Bornéu, fazem presságios interpretando o canto e o vôo de várias espécies de aves; O canto precipitado do galo de crista (...) evoca, dizem eles, o estalo das brasas e augura, pois, favoravelmente, o sucesso da queimada de um campo inculto" (408). Num sentido aproximado, "os índios do sudoeste dos Estados Unidos da América, que vivem da agricultura, consideram o corvo, principalmente como um devastador de hortas; enquanto que os índios da costa noroeste do Pacífico, que são, exclusivamente,

---

406- MALINOWSKI, Bronislaw - "El problema del significado en las lenguas primitivas".IN: OGDEN e RICHARDS - El signif. del signif., p. 347

407- O pensam. selvag., p. 76

408- Ibidem, p. 76

pescadores e caçadores, vêem, na mesma ave, um comedor de carniça e, portanto, de excremento. A carga semântica de corvus é diferente nos dois casos: seja vegetal, seja animal; e de rivalidade com o homem, na similaridade ou de antagonismo, numa conduta inversa" (409). A abelha, continua o autor, "é um animal totêmico, tanto na África quanto na Austrália. Mas entre os nuer trata se de um totem secundário, ligado ao píton, porque as duas espécies têm o corpo igualmente marcado" (410). Entre as formas totêmicas encontradas na Melanésia, relata estudos e pesquisas efetuados em grupos australianos, nos quais os indivíduos " pensam que suas existências estão ligadas à de uma planta, de um animal ou de um objeto". Em tais circunstâncias, "a relação entre o homem e o objeto é tão íntima que o primeiro possui as características do segundo: conforme os casos, a criança será fraca e indolente como a enguia e a cobra d'água, colérica como o bernardo-eremita, doce e gentil como o lagarto, estouvada, precipitada e insensata como o rato(...)"(411). Outras vezes, pode ocorrer que "um homem indique, antes de morrer o animal — ave ou borboleta — sob a forma do qual reencarnará. O consumo deste animal, ou sua destruição, tornam-se proibidos a todos os seus descendentes: "É nosso antepassado", dizem e fazem-lhe uma oferenda" (412).

Confrontando-se esses dados, pode-se entender qual a função de uma tipologia zoológica em uma comunidade qualquer, pois, como conclui LÉVI-STRAUSS, "proibir certas espécies não é mais do que um meio de afirmá-las como significativas"(413).

409- O pensam. selvag., p. 78

410- Ibidem, p. 79

411- Ibidem, p. 99-101

412- Ibidem, p. 101

413- Ibidem, p. 126

Os índios brasileiros também dedicaram aos animais uma parte importante de sua cultura espiritual. No lendário indígena, diz COUTO DE MAGALHÃES, é interessante notar que os relatos não são africanos nem europeus "pois os animais que neles figuram são animais sul-americanos, assim como americanos são as árvores, as circunstâncias, os hábitos e os costumes que aí se descrevem, com tão admirável singeleza e propriedade"(414).

No conjunto das lendas por ele recolhidas na região amazônica, ganha o relevo o fato que aponta sobre o seu conteúdo genérico:

> "Notei no entretanto que entre as tais histórias havia um tema singular, o qual consistia em mostrar o jabuti, que aliás é um dos animais mais fracos de nossa fauna, vencendo aos mais fortes quadrúpedes, a custa de astúcia e inteligência" (415),

e a finalidade específica desses contos míticos, que quase sempre transcendiam à própria narrativa em si:

> "Cada vez que reflito na singularidade do poeta indígena de escolher o prudente e tardo jabutí para vencer aos mais adiantados animais de nossa fauna, fica-me evidente que o fim dessas lendas era altamente civilizador, embora a moral nela ensinada divirja em muitos pontos da moral cristã" (416).

EGON SCHADEN, partindo do princípio sociológico que define os Bororo como uma coletividade determinada, mostra como a mitologia heróica desse grupo "se preocupa sobremodo com os aspectos e os modos de vida dos animais, salientando a oposição entre o mundo animal e a sociedade humana, o que diminui um pouco a flutuação e a incerteza entre esses dois grupos. De um lado, os homens entram, sem dificuldade, na categoria dos animais,pois

---

414- O Selvagem, p. 152

415- Ibidem, p. 149

416- Ibidem, p. 157-158

B I B L I O G R A F I A

- ADONIAS, Isa

  - A cartografia da região amazônica. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, V. 1 .

- ALMEIDA NOGUEIRA, Baptista Caetano de

  - "Gramatica Gura

a diferença entre uns e outros é de natureza secundária: a alma humana, após a morte, se encarna em animais,que são considerados como semelhantes. e com frequência os Bororo falam também na transformação passageira de homens em animais. De outro lado, os mitos estabelecem uma distinção importante entre uns e outros, e que, em última análise, é a que também nós consideramos essencial: é a cultura que caracteriza o homem" (417). A personificação dos animais comporta um outro aspecto acentuado pelo autor, qual seja o castigo ou a reprovação. Por exemplo, "os índios que fumaram as folhas de tabaco retiradas da barriga do peixe Kudogo,sem primeiro oferecer a fumaça aos maéréboe, amanhecem quase cegos , e transformados em ariranhas", mas, num sentido inverso, "encontram-se animais míticos possuidores de elementos culturais, ou mesmo na qualidade de heróis civilizadores. Mas imaginam-se esses animais com caracteres predominantemente humanos" (418).

A importância consagrada ao animal era tão acentuada que, na estrutura da aldeia bororo, os seus oito clãs, distribuidos em dois grupos de quatro, em cada uma das metades exógamas que a compõe, receberam denominações zoonímicas: Baddogeba Xobuguiúge, Bokodori (tatu canastra), Kie (anta), Baddogeba Xebeguiúgue, Paiwoe (bugio), Apiboregue, Aróroe (larvas), Ivuagududoge (gralha).

LÉVI-STRAUSS também comenta o fato das denominações clânicas das sociedades tribais; assim, "dos sauk (...) se diz que seus nomes próprios têm sempre relação com o animal clânico: quer porque o mencionem expressamente, quer porque evoquem um hábito, um atributo, uma qualidade característica (verdadeira

---

417- A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil. Ensaio etno-sociológico. Rio de Janeiro, Minist. da Educ. e Cult. , 1959, p. 89

418- Ibidem, p. 89

ou mítica) do epônimo, quer, enfim, porque se refiram a um animal ou objeto que lhe é associado.(...). Contaram-se 66 nomes do clã do lobo, 23 do clã do peru, 42 do clã do peixe (...), 14 do clã da raposa, 34 do clã do cervo" (419).

PROTÁSIO FRICKEL, estudando os grupos indígenas do Pará setentrional, "habitado quase exclusivamente por uma população karib", aponta aqueles, dentre outros, que trazem como designativos nomes de animais: Aramayám ou Aramajató (índios Abelha-Preta), "apelido que lhes provém da sua tez um pouco mais escura"; Arimiyána ou Apiminotó (índios Cuatá); Pianokotó (índios Gavião-Real); Rêrêyána (índios Vampiro); Ewarho-yána (índios Anta), "porque moram no igarapé da anta" (ewarhotuna)"(420).

A oposição que se pode estabelecer em relação aos exemplos anteriores é que no caso dos Karib atuais, as denominações zoonímicas não significam sujeição a sistemas clânicos ou totêmicos, como ressalva o autor:

> "Quanto a essas tribos com nomes de animais, quero ressaltar que seria errôneo enxergar, nesses nomes tribais, grupos ou sistemas totêmicos. As atuais tribos Karib da região que conheço, não possuem em vigência idéias e tradições totêmicas. Provavelmente algumas de suas idéias sócio-religiosas podem ser consideradas como retenções de um totemismo outrora existente" (421).

Expostos, assim, alguns dos pontos princip que podem justificar os motivos de uma integração homem-animal, em termos de culturas nativas, verificar-se-á que, na toponímia, também ocorre o mesmo fenômeno associativo, onde algumas espécies ganham maior emprego que outras.

419- O pensam. selvag., p. 201

420- "Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes". Separ. da Revista de Antropologia. São Paulo, Facul. de Filos. Ciênc. e Letras da Univ. de São Paulo, 6 (2):126, dez. de 1958

421- Ibidem, p. 126

Nos designativos indígenas de aves, os maiores registros ocorrem relativamente à arara, tanto na forma simples como na pluralizada, além de expressões compostas. Nessa categoria, inclui-se o genérico ará ("papagaio").

Arara (AH AM PA; Cach. AM; Ig. AM; I. AM; Lo. AM; Pa. AM : Rb. MT; R. AC AM; Sa. da, CE PB PE SE; Trav.da, PA)
Araras (AH AM MA MG MT PA RO SP; Ac. CE; C. GO MT; C. das , MT PA; Cach. PA; La. SP; Mo. das, MT PA; R. das, RJ SP; Sa. das, MG MT PR RJ SP).

Arara Grande	(Lo. AM) /	Ararapira	(AH MG)
Arari Grande	(Ig. PA) /	Arari	(AH MA)
Araraquara	(AH SP) /	Araranguá	(AH SC)
Araraí	(AH ES) /	Araquá	(AH PA)
Araruama	(AH RJ) /	Araruna	(AH PR)
Araguá	(Rb. SP) /	Araguara	(R. GO)

Tucano (AH AM; Cach. AM; C. AM; Sa. do, RR) e Tucana (AH AM; I. AM) têm emprego exclusivo na região norte. Por exemplo, o grande rio Tocantins, da bacia fluvial amazônica, traz em seu significado um étimo filiado a essa origem. Segundo THEODORO SAMPAIO, provem de tucan-tin, "nariz de tucano, ponta de tucano" (422).

A garça vermelha ou "ave aquática" conta com formas simples e compostas, na toponomástica brasílica:

Guará (AH GO PR SP; Ar. RS; Ig. AM; La. do, MG; Pta. do , AP; R. BA; Rcho. do, MG)

Guaraí	(Ig. PA) /	Guaraú	(AH SP)
Guaratuba	(AH PR) /	Guaratiba	(Pta.de, BA)
Guaratinga	(AH BA) /	Guaratinguetá	(AH SP)

O genérico guirá, "pássaro", não surge na toponímia, apesar da quantidade das diversificações na fauna. Apenas guiratinga, "o pássaro branco, a garça", nomeia um acidente humano em Mato Grosso.

Araponga distribui-se em Minas Gerais e no Espí-

422- Vocabul. geogr. brasíl.. IN: O Tupi na Geogr. nacion..

rito Santo, em acidente humano, cachoeira e serra, respectivamente, e nos Estados do sul, no Rio Grande do Sul (arroio) e no Paraná (acidente humano).

Outro pássaro bastante empregado como fonte motivadora é o jacu, tanto na forma simples ou composta, como em híbridos:

Jacu (AH BA GO MA MG PB PE PI RN SP; C. do,GO MT SP;R. MG; Rb.do, SP; Rcho. CE PI)

Jacu Mirim	(R. RN) /	Jacuecanga	(AH RJ)
Jacuí	(Ig. PA) /	Jacuí Mirim	(R. RS)
Jacuinha	(C.do,MG) /	Jacuípe	(R. BA)
Jacuízinho	(Ar. RS) /	Jacutinga	(C. MT)
Jacuzão	(Trav.GO) /	Jacuzinho	(Trav.PA)

Dentre outras aves que ocorrem na toponímia, citem-se, ainda, as seguintes: anhumas (Anhumas, AH MT; C.PR); anum (Anum, AH AL); ati, "gaivota" (Ati, Ig. AM; Pa. AM; R. AM; Ati-Mirim, AH RS; Atiguaçu, R. RS); biguá, "corvo-marinho" (Biguá, AH MG; Biguaçu, AH SC; Biguatinga, I.do, MT; Biguazinho, AH SP); canindé (Canindé, AH AM CE PA SP; C.MT; Ig.AM; R.CE PI; Canindé-Açu, Cach. AM; Canindé de S. Francisco, AH SE; Canindezinho, AH CE); graúna (Graúna, R. RJ).

Relativamente aos animais terrestres, podem ser mencionados os que se seguem:

Cutia	(I.da,PI)/	Cutia Fria	(AH MA)
Cutias	(AH MA)/	Cotia	(C.da,BA)

Capivara (AH AL BA MG MT PI SP; Ar. RS; C.GO MG; Cach. PA RR; I. AM GO; Ig. RR; Lo. AM; R. AL GO MG PI RO SP; Sa. da, BA PI; Trav. da, GO)

Capivara Alta(AH SC)
Capivaras (Ar. RS; Cach. das, Pa; St. das, MT; Sa. das,RS)

Capivari (AH BA) / Capivari Mirim (AH MG; R.SP)

Guariba	(I. PA) /	Guaribas	(AH AL)
Guaribinha	(C. MG)		

Uma das espécies mais empregadas entre os grandes mamíferos carnívoros é o jaguar ou jaguara ("onça"), de que ocorrem, na toponímia, as seguintes especificações:

Jaguar	(Rb.do,SP)	Jaguará	(Rb. MG)
Jaguaras	(AH MG)	Jaguariaiva	(AH PR)
Jaguarão	(Ar. RS)	Jaguarão Chico	(Ar. RS)
Jaguaquara	(AH BA)	Jaguaré	(AH PE)
Jaguari	(AH RS)	Jaguari Mirim	(Ar. RS)
Jaguaribe	(R. CE)	Jaguaripe	(R. BA)
Jaguaruna	(AH SC)	Jaguatirica	(Ar. RS)

A "maior alimária do Brasil", como chamavam os antigos cronistas à anta ou tapir, deu origem a diversos toponomásticos:

Tapir	(AH MG)	Tapiira	(Ig. AM)
Tapira	(Ig. AM)	Tapiraí	(AH SP)
Tapiraim	(AH PE)	Tapirapuã	(AH MT)
Tapiratiba	(AH SP		

Também o veado ou suaçú ocorre na toponímia, mas em um pequeno número de ocorrências: Cach. AM; Ig. AM; AH MG.

Tamanduá e tatu aparecem nos seguintes acidentes geográficos:

Tamanduá (AH AM PE BA CE MG MT PI PR RS; Ar. PR RS; C. GO; Cach. AM PA; I.AM; Ig.AM; La. MG; R.MT RR RO SC)
Tamanduazinho (AH SP)
Tamanduetê (Rb. PR)

Tatu (AH SE SP RR; C.do, MG; Cach.do, AP PR; I.AM;Ig. AM; R.SP; Rcho.CE PI; Sa.do, MG)
Tatuí (AH SP; R. PR RS SP)
Tatupeba (Rb. PR)

Dentre os répteis, destaca-se, pelo maior número de ocorrências, o jacaré:

Jacaré (AH AM BA ES MA MG MT PA PE PI RO RS; Ar.RS; C. GO SP MG; Cach. ES PA MG RR; Fu. AM; I.AM PA;Ig. AC PA RO; La.do, MG PA; Lo. PA; Pta.do, RS; R. AL AM BA MG PA PR SE GO MG SP PE PI RN)

Jacaré Catinga	(AH SP)	Jacaré dos Homens	(AH BA)
Jacaré Grande	(AH MG)	Jacaré-Guaçu	(R. SP)

Jacaré Pepira	(R. SP) /	Jacareacanga	(AH PA)
Jacareí	(AH MT) /	Jacarequara	(Ig.PA)
Jacaretinga	(AH AM) /	Jacarezinho	(R. PR)

BIBLIOTECA GEOGRAFIA - FFLCH USP

A cobra surge na toponímia não só em sua forma genérica, mboy, já vernaculizada, porém, como em especificações, a saber:

Boiaçu	(Ig.AM) /	Boiuçu	(AH PA)
Boipeba	(I. BA) /	Boiuçucanga	(AH PA)
Boituva	(AH SP) /		
Gibóia	(I.da,RJ)		
Sucuri	(AH MT RJ SP; C.MT; I.PA; R.SP; Rb.GO MG)		
Sucurizinho	(AH SP)		
Sucuriju	(AH AP; Ig. AM; Lo. AM; R.PA)		
Sucuriú	(AH BA; C.GO MT; Cach. AM MA; R.MG MT; Rcho. do, PI)		
Urutu	(Rb. do, MT)		

A grande diversidade das espécies de peixes, impede o seu relato exaustivo, razão por que apenas algumas delas serão aqui mencionadas:

Corumbataí	(R. PR)
Jaú	(AH SP; Cach. GO; C.PR; R.GO SP AM)
Jaú Grande	(C. GO)
Jundiá	(AH AL ES; C.ES; Cach.RR; I.PA;R.BA RJ PR SC)
Jundiaí	(AH PP SP; R.RN SP;Rb.PR)
Jundiatuba	(I. AM; R. AM)
Jundiapeba	(AH SP)
Piau	(AH MG RN; C.MT; R.BA;Rcho.do, GO)
Piauí	(Ar.RS; R.AL MG PI SE; Rb.MG; Rcho.CE)
Piabas	(R. das, MT)

O genérico pirá ("peixe") é o termo que maior número de registros acusa:

Pirá	(AH AM BA; Ig. AM)		
Pirá-Mirim	(Ig. AM) /	Piracaia	(AH SP)
Piracema	(AH ES) /	Piracicaba	(AH SP)
Piracuruca	(AH PI) /	Piraí	(Ar.SC)
Piraim	(R. MT) /	Piraju	(Ar.RS)
Pirapó	(R. PR) /	Piracanjuba	(R. GO)
Pirapora	(Ig. AC) /	Pirapora do Bom Jesus	(AH SP)
Pirapozinho	(R. SP) /	Piraquara	(Ig.AM)
Piratininga	(R. GO) /	Piratuba	(Ig.PA)

Nos zootopônimos portugueses, a variação qualitativa, tal qual ocorre com os de origem indígena, também se faz notar acentuadamente, dificultando uma pesquisa completa e abrangente. Muitas das espécies são bastante comuns em qualquer relato toponomástico, por participarem de diferentes ambientes ecológicos; daí por que a pesquisa fez referência apenas a alguns dos mais significativos, em termos numéricos, à realidade brasileira:

Onça (AH BA MA MG MT PA SP; C.GO; C.da, BA ES MG MT SP; Cach.da, AM MG PA SP RO; I. MT PA; Ig.PA; Ig.da, AC RO; La.da, RJ; Lo.da, AM; Mo.da, MT PI; R. da, PI PR SP; Rb.GO; Rb.da, BA GO MG MT SP; Rcho. da, BA CE MA PB; Sa. da, BA MG PE; Trav. da, PA)

Onça Brava (C. MT) / Onça de Pitangui (AH MG)
Onça Magra (C. MT) / Onças (AH AM SP; C.das, MT; I. AM PA)

Tigre (AH AM MG MT PE RS; Ar.do, PR RS; C. GO; I.do, MT; Ig. AM; Mo. MT; Mo.do, MG; R.do, PR; Rb.do, PR; Rcho.do, CE PE; Sa.do, PB SC)

Tigres (Ig.AM)
Tigrinho (AH RS)

Veado (AH MG PI; Cach.GO; Cach.do, AP; I. RR; LJ.do, PR; Rb.do, PR SP; Sa.do, SC SP)

Veado Branco (AH PA) / Veado Gordo (AH MT)
Veado Preto (R. RO) / Veados (AH MG PI; C.dos, MT. I.dos, RO; R.dos, SP)

Anta (AH RJ; Ar. PR; C.da, GO MG MT; Cach. AP AM GO PA; Cach. da, AM AP PA; Ig.da, PA; I. MT; Rb. SP; Rb. do, GO; Sa. da, MG SC)

Anta Brava (Rb.SP) / Anta Atirada (Rb. RO)
Anta Gorda (AH RS) / Anta Pobre (Rcho.BA)
Antas (AH BA) / Antinha (AH PR)
Antinhas (Rb.das, MT)

Dentro, ainda, do contexto cultural brasileiro, duas espécies ganharam relevo pela função desempenhada no processo histórico da colonização.

Boi e cavalo, participando ambos do desbravamen-

to de áreas, e levando consigo as correntes de civilização, através dos campos e cerrados e das zonas ribeirinhas, foram os promotores de "fecundos panoramas da geografia linguística brasileira", no dizer de EUGENIO DE CASTRO, representados pela "Geografia do Gado" do vale do rio São Francisco e sertões mineiros e goianos e pela "Montaria" das "coxilhas, pampas e rincões" do Rio Grande do Sul:

> "No nordeste brasileiro, o colonizador para a conquista do sertão, nas suas penosas jornadas, teve de levar o gado por companhia, afazendar-se e encurralá-lo; nos campos riograndenses, surpreendeu o aventureiro manadas selvagens de cavalos bravios ou baguaes, de gado vacum alçado ou chimarrão(...)" (423).

Tipos humanos opostos em suas semelhanças nasceram, assim, dessas duas linhas de forças sociais: o vaqueiro e o gaucho, temperados, um, na aridez do clima nordestino, o outro, nos descampados a se perderem de vista, no sul, convidando ao nomadismo e à aventura, ambos, porém, dependentes dos polos naturais de irradiação dos usos e costumes: lá, a Casa Grande, aqui, a Estância:

> "Não lhe será, entretanto, inferior como cavaleiro, o vaqueiro do Nordeste, montado em cavalo de pequeno porte, criado em pastagem mais pobre, sujeito a clima escaldante, sem bom cruzamento para apuro da raça, mas de resistência invulgar em provas de intrepidez e fôlego, como é a da "vaquejada". No sul, o gaucho no seu pingo ou no seu fléte, o ganderio no seu pilungo(...) ou matungo, o bravo piá na faina de mangucar ou ir em recruta às rezes para trazê-las aos potreiros, têem sua vida de maior bravura hípica excepcionalmente assinalada no rodeio, que é a "vaquejada" do sul, ou no entrevero, que e a peleja, sem ordem e disciplina, cometida entre forças contrárias" (424).

Do emprego do cavalo como montaria foi surgindo uma terminologia específica para as diferentes espécies e certas características peculiares. Assim,"pingo é bom cavalo; pingaço é

423- Ensaios de geogr. linguíst., p. 141
424 - Ibidem, p. 144

cavalo fogoso, bom é de boa estampa, como o flete é cavalo bom e bonito; peceta, cavalo feio; pilungo, cavalo ruim; porrengue, quando imprestável para o serviço, ruim, acobardado. (...). Matungo, é cavalo velho, imprestável; changueiro, má promessa de cavalo de carreira; (...) guecha, a mula (...). Cavalo petiço é o cavalo pequeno, ananicado; cavalhada em repente é cavalhada tocada ou enxotada de um lugar e a caminho de outra direção; (...); cavalo alçado é bagual (...); picasso, do termo platense picazo, é cavalo preto de testa e pés brancos, ou todo preto e somente de testa branca" (425).

Na toponímia, o genérico cavalo deu origem a vários toponomásticos, distribuidos nas áreas específicas do criatório:

Cavalo (AH MT; C. MT; C.do, MG; Mo.do, GO; Rb. MT MG GO; Sa.do, ES MG; Rcho. MA)

Cavalos (I.dos, PA; La. BA; La.dos, PI; Rb.dos, GO MG ; Rcho. dos, CE MG PB PI RN; Sa. dos, GO PB)

Cavalinho (Sa. do, RS)

Por sua vez, a forma cavaru, deturpação indígena do termo, designa um acidente humano no Estado do Rio de Janeiro.

Burro, burra, égua e mula se incluem, igualmente, como fontes motivadoras, apesar de os registros respectivos serem menos expressivos, do ponto de vista da quantidade:

Burro (Rb.do, PR)
Burro Branco (R. do, SC)
Burra Morta (Ig. RO)

Égua (Cach. da, PA)
Éguas (C.das,MT; AH GO; Pto.das, MT; R.das,BA; Rb. GO)

Mulas (C. das, MT)

425- CASTRO, E. de- Ensaios de geogr. linguíst., p. 146

Entre as especificações e fatos relativos a cavalo, citem-se como topônimos os seguintes:

Pingo (Sa. do, PE)

Potreiro (AH MT)
Potreirito (AH MT)

Rodeio (AH MG SC)
Rodeio Doze (AH SC)
Rodeio Bonito (AH RS)
Rodeio Chato (AH SC)
Rodeio Colorado (AH RS)

Tropeiros (Sa. dos,MG)

No nordeste, a conquista da terra iniciou-se através da concorrência de dois fatores econômicos distintos, a cana de açúcar e o gado, que repartiram a região em duas áreas típicas: a zona agrária do litoral e o mediterrâneo pastoril. Neste, o "rio São Francisco, ponto de irradiação da criação do gado, converteu-se em eixo de comunicação entre as povoações litorâneas e as do sertão piauiense; daí o fato original na nossa história, de ter sido o Piauí povoado do centro para o litoral. Na "Passagem de Juázeiro", nome primitivo do atual Juazeiro, na Bahía, passavam os que se destinavam ao centro do Piauí e de Pernambuco, ou daí para a Bahía(...). Outro ponto de passagem, onde as tropas faziam pouso, foi a fazenda Nossa Senhora do Rosário, origem do atual município de Remanso(...). Mais acima, outro ponto de trânsito era a "Passagem da Boa Vista" (...). Outras passagens ainda havia (...) no porto da Malhada(...). Passagem tornou se, assim, nome comum nas margens do rio São Francisco, perdurando ainda hoje em algumas localidades" (426).

De fato, a toponímia pastoril acusa a permanência desse denominativo nas seguintes expressões, que ocorrem ex-

---

426- DIÈGUES JUNIOR, M.- Regiões cultur. do Brasil., p. 146

clusivamente nas zonas pastoris:

Passagem (AH BA CE MA MG PA PB PE RN SC; C.da, MT; R. da, MT; Rb.da, GO; Rcho. MA)

Passagem Boa (C. MG)
Passagem da Limeira (AH MG)
Passagem de Cima (Rcho.BA)
Passagem do Sono (AH BA)
Passagem Nova (AH PI)

O processo de ocupação humana da zona mediterrânea nordestina estruturou-se, assim, em torno da pecuária, " o grande fator que possibilitou a penetração das correntes de ocupação humana para o interior, povoando (...) a chamada região sertaneja. O seu papel ainda hoje repercute através das sobrevivências populares do culto do boi, revelado em folguedos, danças e cantos, que constituem a essência da mística do boi, e, também, no nome de rios, de localidades, de apelidos de pessoas ou dos simbolismos dos fatos. Verdadeira consagração totêmica" (427).

Viveu-se, desde fins do século XVI, uma verdadeira "idade do couro", conforme a definiu CAPISTRANO DE ABREU(428), caracterizando o gado um verdadeiro estágio de civilização, com hábitos e costumes definidos em torno de um elemento sócio-econômico tornado vital para o homem, não só daquela época mas dos tempos subseqüentes.

Todo um linguajar característico, relativo a esses usos e costumes regionais foi-se instalando, pouco a pouco, na zona da pecuária e firmando-se, significativamente, no vernáculo. Ainda em termos de contribuição lingüística, explica DIÈGUES JUNIOR o conceito primitivo do termo vaqueiro, aplicado aos proprietários das grandes boiadas, só com o tempo é que caracterizou o trabalhador de gado, propriamente. Uma toponímia diver-

---

427- DIÈGUES JUNIOR-M.- Regiões cultur. do Bras., p. 146

428- Capítulos de História Colonial, p.143. IN: DIÈGUES JUNIOR, M. Regiões cultur. do Bras., p. 150

sificada pôde, assim, ter origem em torno dos fatos e elementos relativos à criação e à pecuária; e das denominações específicas, espontaneamente surgidas ou não, apontam-se, entre outras, as seguintes:

Campeiro (AH MT; C.MT)

Candeeiro (C.GO; Ig.PA)

Garrote (AH CE; La.do, MG; Sa.do, MG)
Garrotes (AH PB)

Marruá (AH BA)
Marruás (AH BA CE PI; Sa. dos, CE)

Mocambeiro (AH MG)

Novilhos (Ar. dos, RS)
Novilho de Cima (R. GO)
Novilhona (AH MG) (429)

Vaqueiros (Bdo. dos, RS)
Vaquejador (AH MT)

O genérico boi originou uma série de topônimos disseminados na zona típica do criatório:

Boi (C. do, GO; Cach.do, SP; La.do, GO PI; Rb.MG; Rcho. MG RN; R.do, MG; Sa.do, PA)

Boi de Carro (AH MT)
Boi Morto (AH MT)
Boi Piguá (R. PR)
Boi Preto (R. PR)
Boi Velho (AH PB)

Bois (AH MG; C.dos, MG; I.dos, MG; La.dos, MT; R.dos, BA GO; Rb. MT GO BA; Rcho.dos, BA CE PB PI; R.dos, GO; Sa. dos, CE)

Boiadeiro, por sua vez, nomeia um ribeirão no Estado de Mato Grosso e uma serra em Minas Gerais, assim como boiada um ribeirão em São Paulo.

429-DIÈGUES JUNIOR,M.-Regiões cultur.do Bras., p.97: Marroá,"touro"; mocambeiro: "boi gordo, com manchas"; novilho: "boi não castrado"; p. 154: candeeiro: "vaqueiro chefe, o que comanda a tropa" ou "cabeça de campo" ou "guia" porque "vai na frente tangendo o gado"; p.155: campeiro:vaqueiro "que cuida do gado nos campos ou pastos".

Touro e vaca ocasionaram uma série menor de designativos, como se pode perceber nos exemplos transcritos:

Tourão	(Rcho. BA CE; Sa. CE)
Tourinho	(R. PR)
Touro Morto	(AH MT)
Touro Passo	(AH RS; Ar. RS)
Touros	(AH RN; R.dos, SC)
Vaca Brava	(AH MG; R. MG; Rcho. CE)
Vaca Morta	(AH BA PI; Rcho. da, PI)
Vaca Seca	(AH BA)
Vaca Selada	(AH MG)
Vacaria	(AH BA PA RS; C. MT; R.MG MT)
Vacas	(I.das, BA; Rcho.das, CE; Vda.das, PI)

O termo gado, genérico, transparece em designativos que trazem como característica a circunstância de duas tipologias únicas, distribuidas em diferentes Estados, mas restritos à área especificamente de rebanhos:

Gado	(AH CE; I.do, PA; Mo.do, PI; Sa.do, BA)
Gado Bravo	(AH BA PI SE; C.do, BA; I.do, BA; Rcho. PB ; Sa.do, BA MA MG)

A extensão dos pastos e currais no nordeste deixou sua marca na nomenclatura geográfica do país:

Pastinho	(AH BA; C.do, MG)
Pasto da Mata	(AH BA)
Pasto das Éguas	(Rb.GO)
Pasto de Fora	(AH BA)
Pasto Grande	(AH AM)
Pasto Ruim	(Ar.RS)
Pastos Bons	(AH CE MA) (430)

430-DIÈGUES JUNIOR, M.-Regiões cultur.do Bras., p.147-148 : A respeito deste último topônimo, salientou o A. que, na parte piauiense do mediterrâneo, "o contínuo crescimento de currais foi fomentado pelos criadores do vale sanfranciscano, cuja penetração atingiu até ao atual município de Pastos Bons, já no Maranhão, transpondo o rio Parnaíba. Pastos Bons, aliás, não foi denominação regional, restrita a um sítio, fato tão comum na história nordestina; mas sim expressão generalizada a uma área ampla, abrangendo imensa extensão de terra, cujos limites podem ser mais ou menos estabelecidos por São José dos Matões, ao norte, além do Tocantins ao oeste, e até às cabeceiras do Paratinga(...) e do Paraíba do Sul. De Pastos Bons o expansionismo prosseguiu para a descoberta dos rios Tocantins, Grajaú e Pindaré (...)".

Currais (AH MG PI; Rcho. PB)

Currais Novos (AH RN; R. RN)

Curral (C. GO; Cach.do, MG; Sa.do, MG)
Curral D'Arroios (Ar. RS)
Curral da Igreja (AH MA)
Curral das Varas (Rb. MG)
Curral de Arame (AH MT)
Curral de Dentro (AH MG)
Curral de Pedras (AH BA)
Curral de Vacas (AH GO)
Curral de Varas (AH MG)
Curral do Gato (AH BA)
Curral dos Bois (AH SE)
Curral Feio (Sa.do, BA)
Curral Novo (Sa. CE)
Curral Preto (AH RN)
Curral Queimado (AH PE)

Dentro, ainda, da motivação relacionada aos fatos pecuários, os designativos que indicam locais de reunião do gado foram, também, transformados em topônimos. Assim:

Mangueira (AH MA PA RR; C. BA; La. RS)
Mangueira da Pedra (AH RS)
Mangueirão (R. RS)
Mangueirinha (AH PR)
Mangueiras (AH PA)

Invernada (AH MG; C. GO; R.da, GO)
Invernada do Machado (AH PR)
Invernada Grande (AH PR)
Invernadinha (Rb.GO)

Outro exemplo de fonte motivadora circunstancial, isto é, não estreitamente vinculada à natureza lingüística do topônimo e, sim, à influência do animal na técnica denominativa, por força do momento histórico decorrente, pode ser encontrado nas conhecidas feiras de gado. Delas, DIÈGUES JUNIOR diz o seguinte: "O ponto de encontro dos criadores de gado é a feira; a feira de gado. Várias cidades no Nordeste nasceram de feiras de gado; e ainda hoje constitui um grande acontecimento em Campina Grande, em Feira de Santana, em Cajazeiras. Todos os criadores e vaqueiros das vizinhanças se movimentam para a feira de gado. Aí se fazem todos os negócios possíveis com os animais. A

história conserva notícia de grandes feiras de gado. Um documento de 1785 refere-se à da Mata de São João, nas proximidades de Salvador(...). Em Igaraçu, Pernambuco, houve também uma das primeiras feiras de gado do Nordeste. (...). Aliás, em algumas localidades, o nome da feira conservou-se na toponímia: Feira, Feira Nova, Feira Grande, Feira Velha, Feira de Santana" (431).(O grifo é nosso).

Se a presença de toponomásticos relativos à pecuária, nos centros de sua convergência sócio-cultural, conduz à constatação de uma área toponímica típica, em confronto à respectiva área geográfica, nem sempre é possível aplicar-se idêntico procedimento em relação aos zootopônimos restantes. A difusão, maior ou menor, de uma determinada espécie em pontos diversos do território, impede, muitas vezes, que se considere esta ou aquela zona ambiental como o seu habitat próprio.

A mobilidade do animal, afastando-se dos primitivos locais de aparecimento, pode concorrer para essa circunstância. Tanto não difere da linha de conduta traçada por C. DE MELLO LEITÃO ao referir que "quando estudamos qualquer espécie ou qualquer comunidade animal, um dos primeiros problemas que vem ao espírito é o da dispersão dos movimentos dos animais em busca de alimento, de abrigo ou respondendo aos apelos do amor"; porque, como salienta, reforçando a opinião emitida, "não há região do Globo com possibilidades de vida, que não seja desde logo ocupada por plantas e animais" (432).

431-Regiões cultur. do Bras., p.190. O índice dos Topônimos registra, dos designativos citados, os seguintes: Feira de Santana (AH BA), Feira Grande (AH AL), Feira Nova (AH PE).

432-MELLO LEITÃO, C.de- Zoo-Geografia do Brasil. São Paulo, Comp. Edit. Nacion., 1937, p. 37 (Bibliot. Pedagóg. Brasil.-Série Brasiliana, 77).

Os meios de locomoção dos diferentes indivíduos estão relacionados, conforme explica o autor, às suas características tipológicas. Assim, "são os animais de grande porte os que, por sua melhor aptidão para a marcha, apresentam mais extensa distribuição geográfica. Tal é o caso do elefante, o único dos grandes mamíferos da região etiópica que se tenha espalhado por todo o continente e que ainda era encontrado na Tunísia em princípios da Idade Média. As duas grandes onças americanas, o jaguar e a sussuarana, são encontrados desde os Estados Unidos até os pampas argentinos, uma área muito mais ampla que a dos pequenos gatos, à semelhança do que se observa na África e Ásia com o leão e o tigre" (433).

Ao tratar dos obstáculos naturais à distribuição de uma espécie em áreas distintas, lembra o autor que esse processo disseminativo é "simplesmente o efeito de suas necessidades de alimentos ou busca de esconderijo e não qualquer intuito de conquista de um campo maior", razão pela qual "essa dispersão se extende até que sejam encontradas barreiras que estabeleçam os limites da área geográfica da mesma" (434). Por isso, diz ele, "algumas correntes d'água doce de maior importância podem formar igualmente limite a certas espécies; daí a diferença faunística, mais ou menos nítida, das duas margens do Amazonas. O Rio da Prata constitui o limite sul da capivara(...)" (435).

Tomando-se esta última afirmativa como ponto de apoio, verificar-se-á, através do levantamento toponímico realizado, que os topônimos constituidos pelo termo capivara apresentam maior densidade nas regiões norte e nordeste, rareando significativamente à medida que se vai aproximando da região sul, onde são poucos os seus registros.

433- Zoo-Geogr. do Bras., p. 42

434- Ibidem, p. 38

435- Ibidem, p. 41

Outros exemplos de correspondência zootoponímica e zoogeográfica exigiriam, porém, que se imprimisse à pesquisa uma orientação diversa, buscando o estudo e o conhecimento não só das comunidades animais e das características do meio-ambiente que lhes sejam favoráveis ou peculiares, excedendo, dessa forma, em muito, o âmbito normal da presente tese. De qualquer modo, porém, os dados apresentados permitem que se tenha uma idéia do papel exercido pelos animais, como fontes motivadoras de topônimos, no Brasil.

4.2.- Taxeonomias de natureza antropo-cultural

4.2.1.- Antropotopônimos

Dentre as taxeonomias de natureza antropo-cultural, sobressaem-se, pela expressividade das formações onomásticas, os chamados antropotopônimos, ou nomes de lugares constituidos a partir dos designativos pessoais, seja em prenomes ou em apelidos de família, combinadamente ou não.

O que caracteriza, portanto, esta categoria é o emprego do nome individual como técnica de nomeação de acidentes geográficos.

Muita coisa já foi escrita a respeito da origem e do significado dos nomes próprios de pessoas e da ciência que os compreende, a Antroponímia. Toda uma teoria foi construida com o objetivo de evidenciar os princípios constitutivos dessa classe particular de signos lingüísticos e, aqui mesmo, nesta tese, já foi dada ênfase aos postulados que procuram interpretar os nomes próprios como elementos meramente identificadores ou distintivos dos homens entre si, ainda que privados do seu conteúdo semântico (436).

O alto grau de fossilização ou petrificação de seu sentido primitivo justificaria, assim, por si só, o interesse do estudo antroponímico, mesmo porque "o sentido originário dos nomes próprios, só revelado por inteiro através da recomposição das formas de linguagem precedentes, oculta-se, sem sombra de dúvida, na opacidade dos registros contemporâneos quando os designativos são escolhidos, na maioria das vezes, muito mais pe

---

436- Cf. fls. 15 e 16 desta tese.

los modismos atuantes no momento do que por qualquer outra preocupação com o seu legítimo significado; aliás, o dinamismo natural da língua esvazía-os, repaidamente, de seu verdadeiro sentido etimológico" (437).

Exercendo o papel de verdadeiros registros do cotidiano, revelado em atitudes e posturas sociais, específicas de determinados grupos humanos, preservam, por isso mesmo, a memória coletiva, principalmente nas sociedades ágrafas, onde sua importância é mais notável pela ausência de outras fontes de análise.

Os aspectos semânticos que podem ser encontrados nos nomes de pessoas ligam-se, portanto, ao papel que exercem de verdadeiras manifestações culturais dos povos, e onde transparecem os mais diversos motivos determinantes de sua escolha. Talvez a própria maneira pela qual se concebía o nome, em épocas remotas, como uma substância revestida de poderes místicos, seja a responsável pela variedade das motivações, em uma ou em outras sociedades.

OGDEN & RICHARDS, estudando as concepções místicas que cercam o nome, deixam claro a importância que os grupos humanos em geral dispensam ao problema:

> "La mayoría de la humanidad debe haber creído alguna vez que el nombre es esa parte integrante de un hombre que se identifica con el alma, e constituye una posición tan importante de él, que podría reemplazar al todo, como en el caso de los empleadores que hablan de brazos. En el Apocalipsis leemos "Murieron el terremoto siete mil nombres de hombres (...).
>
> "Por qué preguntas por mi nombre, si es secreto?" (o inefable, según el prof. G.F.Moore), dice el ángel de Señor a Manoah en el libro de los Jueces. Casi todos los pueblos primitivos muestran gran disgusto por que se mencionen sus nombres; cuando un jefe neozelandés fué llamado Wai, que significa "água", se debió dar un nuevo nombre al agua; (...). El verdadero u gran nombre de Alá es un nombre secreto, (...). Los judíos orto

---

437- DICK, Maria Vicentina de P.do-"Aspectos funcionais da Antroponimia". IN: Suplemento Cultural de "O Est. de São Paulo". São Paulo, 15 de out. de 1978, nº 102, p.3

> doxos evitan por completo, como es notorio, el nombre Jahweh(...). Los antiguos egipcios tenían dos nombres por persona — uno para el mundo y otro por el cual eran conocidos por los poderes superiores. El segun nombre del abisinio cristiano, dado en el acto del bautismo, no debe divulgarse nunca. La deidad guardiana de Roma tenía un nombre incomunicable, y en algunas zonas de Grecia antigua, para proteger contra la profanación los nombres sagrados de los dioses se los grababa en láminas de plomo que se arrojaban al mar" (438).

Da mesma forma, entre os indígenas brasileiros, não dizer nunca o seu verdadeiro nome a um estranho era norma seguida tradicionalmente por todos os do grupo, porque isto acarretaria infortúnios e males, não só ao portador do nome revelado como aos demais. Os Tiriyó, grupo Karib do Alto-Paru do Oeste, na serra de Tumucumaque, possuiam, para contornar essa circunstância, dois nomes: um, "dado pelos pais, para uso em família", e, outro, "que o pajé ía buscar no além, entre os ancestrais, nome que não se usava na vida comum" (439). Também os Bororo da região centro-oeste conservavam, secretamente, o nome oficial e clânico, que é sempre o primeiro dado logo após o nascimento.

Em um outro grupo Karib, fora dos limites territoriais do Brasil, localizado em reservas das Ilhas Dominica, a norma da não revelação do nome persiste como princípio costumeiro, até os dias atuais, chegando a levar os nativos, quando se afastam de seus pontos de oirgem, mesmo para viagens curtas, a substituir o antropônimo verdadeiro por um falso, o chamado "nom de voyage", cuja função cessa, automaticamente, por ocasião do seu retorno (440).

438- OGDEN & RICHARDS - El signif. del signif., p. 52-53

439- FRIKEL, Protásio - Dez anos de aculturação Tiriyó - 1960 - 1970. Belém, Instit. Nacion. de Pesq. da Amazôn., 1971, p. 85 (Public. avuls. do Museu Paraens. Emílio Goeldi, 16).

440- TAYLOR, Douglas- "The Caribs of Dominica". IN:Anthropological Papers. Washington, Smithsonian Institution - Bureau of American Ethnology, 3: 118, 1938

Em relação aos Tupi quinhentistas, teve-se já oportunidade de demonstrar que "o nome individual desempenhava uma importância tão efetiva que, em dois momentos distintos de sua vida, era-lhes assegurado o direito à nomeação: o primeiro batismo vinculava-se, cronologicamente, ao nascimento, através de escolha do pai, de algum parente mais idoso ou do próprio pajé; o segundo, recebía-o o índio em circunstâncias especiais, já na adolescência, mediante um ritual denominado "cerimônia de renomação", que se prolongava de alguns meses a mais de ano. (...) Cada inimigo morto dava-lhe o direito de usar um novo nome, revelado por inspiração mística, durante o período de enclausuramento, que integrava as chamadas provas de iniciação. As incisões feitas no corpo do guerreiro ligavam-se, assim, diretamente, aos onomásticos recebidos em função dos feitos em combate. E o seu valor humano, dentro da tribo, media-se, dessa forma, pelo número de nomes pelos quais viesse a ser conhecido" (441).

Do mesmo modo, as mulheres índias de alguns grupos indígenas da América do Sul se sujeitavam a cerimônias rituais para recebimento do nome de adulto, geralmente por ocasião do primeiro mênstruo. ALFREDO MÉTRAUX interpretou os assim chamados ritos de trânsito como um período de reclusão em que as adolescentes eram submetidas a certas restrições em forma de tabus alimentícios, provas físicas e de purificação. Entre os Omagua, por exemplo, diz ele, "la joven, al final de su encierro, era tambien llevada al río donde se lavaba, se pintaba la mitad del cuerpo y se adornaba con plumas. Después de este, la llevaban a casa, en una angarilla, donde las mujeres del lugar le servián chicha hasta que ésta le producía náuseas. Durante la cerimónia, un anciano le golpeaba los hombros con un palo y le imponía su

---

441- DICK, Maria V.P.A.do- "Aspect. funcion. da Antropon.",p. 4

definitivo nombre de adulto" (442).

Na antigüidade romana também era costume se cercar a doação do nome de requisitos especiais:

> "El praenomen se ponía a los niños a los nueve días de su nascimiento y adquiría valor oficial cuando el adolescente vestía la toga viril. Verdadero nombre personal, era sólo usado por las personas de confiança. El prenombre se escribia con todas las letras unicamente cuando iba solo; usado ante el nomen y cognomen, se escribía abreviado, quizá por medo al mal de ojo" (443).

O sistema identificativo pessoal, porém, sofreu as conseqüências do Cristianismo, que veio alterar a maneira pela qual os indivíduos recebiam a sua designação:

> "Durante la época de las persecuciones no se tiene una verdadera "antroponimia cristiana": hubiera sido imprudente dar con el nombre un indicio y una prueba inmediata de la propia religión. Desde fines del siglo III el cristianismo, gracias a la institución de los nomina singularia, diáfanos por su sentido, y en consecuencia, mas apropiados para expresar las aspiraciones de la nueva fe; sin embargo, el antiguo sistema del triplo nombre, o por lo menos del doble, deja vestigios hasta los postrimerías del siglo V, y en ciertas familias nobles hasta el siglo VI" (444).

Os estudos antroponímicos em Portugal tiveram realce com LEITE DE VASCONCELOS que, examinando os conjuntos onomásticos individuais, em suas diversas configurações, procurou precisar cada uma das características apresentadas. Assim, de acordo com sua interpretação, o sobrenome que, no Brasil, vulgarmente, consubstancia o apelido de família, deve ser entendido como um "patronímico, nome de pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio"; o apelido seria "uma denominação de família, transmitida ordinariamente de geração em ge-

---

442-MÉTRAUX, Alfredo-"Ritos de tránsito de los indios sudamericanos". IN: Anales del Instit. de Etnol. Americ., Cuyo, 1946, p. 126.

443-DOLÇ, Miguel - "Antroponimia latina". IN: Enciclop. Lingüíst. Hispán., p. 391.

444-Idem, Ibidem, p. 400

ração", e a alcunha comportaria "um epíteto, bom ou mau, que outros aplicam a um indivíduo, em virtude de qualidades físicas ou morais que reconhecem nele ou de certas particularidades de sua vida" (445).

Nota-se, assim, que, na estruturação do sistema denominativo individual português, o apelido de família incorpora a idéia de casta ou de filiação hereditária, a mesma que se fazia presente na substância da gens romana (446). Por transmissão cultural, a fórmula brasileira de nomeação pessoal, baseada no direito romano, incorpora dois temas básicos: o prenome e o nome ou apelido de família que, como todas as demais formas de nomeação das diversas culturas, pode revestir os mais variados aspectos semânticos.

Assim, a partir do século V da era cristã, de um modo geral, começaram a se vulgarizar "los nombres bíblicos e evangélicos (Ieremias, Daniel, Abraham, Isaías, Susanna), particularmente en el Oriente, y otros propios de los cristianos de lengua griega, favorecidos por la difusión de la población helénica y, aún más, por la formación helénica del cristianismo primitivo. Se impone lentamente la costumbre de dar nombres de apóstolos y de mártires; desde el siglo III encontramos en las comunidades cristianas los nombres de Pedro y Pablo: esta práctica se generaliza con el culto de los santos. Es más: de la propia esencia de la lengua latina, la imaginación popular, impregnada por una nueva concepción de la vida, consiguió extraer una interminable serie de nuevos antropónimos", como, por exemplo, "los nombres de-

---

445- LEITE DE VASCONCELOS, J.- Opúsculos. Coimbra, 1931, V.3, p.4

446- DOLÇ, M. - "Antropon. lat.", p. 28º: "se entiende por gens la agrupación de todas aquellas personas que se entroncan por línea paterna con un antepasado epónimo".

rivados de los meses y los días da semana", "de formas verbales", "de nombres de animales", "de piedras preciosas", "de temas marítimos", "de cualidades y defectos morales e físicos", "de dogmas y fiestas de la Iglesia", "de virtudes cristianas", "del nombre de Dios", "de sentimientos de alegría y de humildad", "de nombres étnicos", "de profesiones" (447).

Entre as causas que podem dar origem a nomes pessoais, arrola MANSUR GUÉRIOS várias delas, das quais algumas envolvem os mesmos aspectos já mencionados, como as particularidades físicas individuais ou as referentes a profissões e ofícios. Relevem-se, entretanto, os antropônimos que indicam "influências históricas ou de instituições", "influências ou motivos políticos", "circunstâncias do nascimento", "circunstâncias do tempo do nascimento, do lugar do nascimento ou proveniência", "cor da tez, dos olhos ou dos cabelos", "qualidades morais e físicas ou metáforas", "cronologia dos nascidos", "motivos de família ou amizade", "motivos diversos", além daqueles que revelam uma estrutura formal curiosa ou excêntrica (448).

Por outro lado, enfatiza DAUZAT, dentre os aspectos semânticos dos antropônimos, o fator conservador das "tradições familiares", que visam a perpetuar o uso de certos nomes, passando-os de pais a filhos, e as "influências da moda", uma das mais importantes fontes geradoras de nomes, inovando o sistema onomástico ou simplesmente fazendo ressurgir determinados designativos que se encontravam, temporariamente, em esquecimento. Como se afirmou em oportunidade anterior, "ela, de fato, tem sido entre nós a responsável pela excessiva quantidade de determinados nomes que se tornaram conhecidos pela força dos meios de

---

447- DOLÇ, M. - "Antropon. lat.", p. 401

448- MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farâni - Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1973, p. 25

comunicação atuais. Geralmente eufônicos e harmoniosos, como formas de língua, ganham, por isso mesmo, popularidade, apesar da monotonia que a repetição indiscriminada acarreta a tais conjuntos. É o que vem acontecendo com antropônimos como Marcos, Marcelo, Rodrigo, Alexandre, Claudia, Daniela, entre tantos outros" (449).

Já em algumas sociedades animistas, como a de certos grupos africanos da Guiné Portuguesa — balanta, felupe, manjaco, mandinga, a exemplo —, os nomes, evidentemente, apresentam características semânticas distintas daquelas oferecidas pelas culturas ocidentais, em diversos pontos, porque o antropônimo, nos núcleos ágrafos, ajusta-se diretamente à função registradora da mentalidade antropo-sociológica dominante. É o que esclarecem CARREIRA e QUINTINO, a respeito do assunto:

> "Em geral, são os eventos ocorridos na altura do nascimento, ou durante o aleitamento, que servem de motivos para a imposição: se a criança nasce na altura em que chove, recebe o nome de Chuva; se o nascimento coincide com a chegada de um hóspede, recebe o nome de Hóspede; se, no decurso de um parto, alguém profere uma locução bem soante, esta mesma locução serve de nome à criança que nascer.
>
> Tudo é aproveitado para nomes.
>
> Estamos, claro, a referir-nos a povos animistas. Os islamizados, esses, vão buscar a maior parte dos seus nomes ao hagiológico muçulmano ou ao vocabulário onomástico árabe. Usam nomes árabes ou arabizados"(450).

Complementando essa informação, lembre-se que tais sociedades, costumeiramente, acreditam na força dos espíritos malígnos, em constante interferência nos destinos humanos, trazendo, pois, ao mundo material, sofrimentos e desgraças irreversíveis. O único modo de contorná-los, dentro dos limites de

---

449- DICK, Maria V.P.A. do-"Aspect. funcion. da Antropon.",p. 3

450- CARREIRA, António e QUINTINO, Fernando- Antroponímia da Guiné Portuguesa. Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 1964, 1 V., p. 19

sua crença, consiste em uma estratégia ou artifício traduzido no batismo das crianças com nomes que consideram "repulsivos" a tais entidades que, enojadas, se afastariam do local. Assim se explicam designativos como Bâbâ (nome fula, "burro"), Babum-ó(nome mandinga, "curral de cabras"), Bual (nome balanta, "desgraça") Kedacta (nome balanta, "percevejo"), Klodé (nome balanta,"morte"), Koranhe (nome bigajó, "estrume"), Montudo (nome criolo, "estrume") (451).

A diversidade da motivação na escolha dos nomes próprios, denota, portanto, em última análise, um reflexo da natureza psico-social do homem, das tendências e costumes dominantes em sua época e em seu meio. A identificação individual, através dos apelativos, é, ainda, pelo menos no atual estágio de desenvolvimento da civilização, a melhor maneira de se designar os elementos de um grupo humano qualquer. Não possuir nomes será, assim, a exceção e se isso viesse a se transformar em norma comportamental, ainda que por hipótese, por um longo lapso de tempo, até a sua habitualidade, os indivíduos se movimentariam em um verdadeiro caos. O mesmo aconteceria, sem dúvida alguma , se os lugares deixassem de apresentar uma forma denominativa (452).

Num outro sentido, o emprego dos nomes próprios na toponímia de uma determinada zona geográfica e a existência de topônimos como fonte geradora daqueles, constitui o dado principal a marcar a interrelação das duas disciplinas.

De fato, no grande conjunto onomástico, locali -

451- CARREIRA e QUINTINO- Antropon. da Guiné Portug., p. 29

452- ULLMAN, S.- Semânt., p.148-149: "Heródoto, e Plínio depois dele, mencionam como uma aberração da natureza os Atarantes (ou Átlantes), do norte da África, únicos seres humanos conhecidos, que não possuem um nome para cada um" (O grifo é nosso).

za-se um ponto do seu conteúdo em que Toponímia e Antroponímia estão interseccionadas, permitindo que os respectivos campos de trabalho se sintam tocados mais de perto. Tal elemento é, exatamente, o nome próprio, em sentido genérico, possibilitando a permuta de subsídios de uma ciência para a outra. Por isso mesmo, Amérigo Vespúcio pôde emprestar o seu nome pessoal ao Novo-Mundo, da mesma forma que a República da Argentina transforma-se em antropônimo comum a tantas pessoas de diferentes localidades.

A sistematização dos preceitos referentes aos topônimos de origem antroponímica, encontrados dispersos nas obras de DAUZAT, foi proposta por BACKHEUSER, em uma regra normativa assim explicitada:

> "Os topônimos antroponímicos revelam no povo que os escolhe: ou acanhado horizonte mental, ou oportunidade e autolatria, ou modéstia e espiritualidade, ou acentuada intelectualidade e sentimento cívico consoante os nomes escolhidos sejam respectivamente de pessoas anônimas ou de potentados, ou de santos e efemérides religiosas, ou de homens ilustres nas letras, artes e ciências ou de relevo histórico".
>
> (Regra de Dauzat-Backheuser) (453).

Analisando-se o enunciado, pode-se depreender de sua primeira parte que os acidentes identificados simplesmente, pelo nome de um morador, revelam uma técnica denominativa característica de pequeno horizonte geográfico. É possível, porém, discordar-se dessa interpretação, porque tais casos retratam o que costumeiramente se chama, em Toponímia, denominação espontânea, distinta daquela imposta por autoridades ou eventuais detentores do poder de mando e que, tantas vezes, se distinguem pelo distanciamento da realidade ambiental ou do gosto popular.

É o que está contido na própria nomenclatura ci-

453- BACKHEUSER, E.- "Toponímia. etc...", p. 180-181

tada pelo autor:

> "Quase todos os morros e praias do Rio de Janeiro não têm hoje os nomes que tiveram em outros tempos. De "Manuel Brito", de "Pedro Dias", "do Desterro", chamaram-se nos tempos coloniais os morros que depois foram conhecidos por "São Bento", do "Senado", de "Santa Tereza" (454).

Também já houve ocasião de se ressaltar, em trabalho precedente, a existência dos antropônimos na formação espontânea dos nomes de lugares da antiga vila de São Paulo dos Campos do Piratininga, e que vem em apoio do que foi dito acima:

> "Por volta de 1600, ensina GABRIEL MARQUES (Cf. Ruas e Tradições de São Paulo, 1966), os caminhos do vilarejo já estavam abertos, possibilitando o surgimento de casas e estabelecimentos em ruas, trilhas, pátios e becos, que iam adquirindo uma nomeação conforme ao costume da época e à mentalidade de seus moradores — Rua do Meu Irmão Fernão Dias, Rua Onde Mora Pedro Furtado (...), Rua do Martim Afonso(...),Rua do Defunto Aleixo, Rua da Nhá-Maria Paneleira, Rua do Padre Capão, etc". (455).

Na toponímia brasileira, de um modo geral, é constante o aparecimento dessa nomeação anônima, concretizada, às vezes, pelo prenome, seguido, ou não, de alcunha, ou pelo hipocorístico, ou pelo apelido de família, ou, ainda, pelo conjunto onomástico completo.

Mas, nesses casos, a razão de ser de seu emprego, não extrapola as cercanias da localidade que lhe deu origem, por não possuirem, evidentemente, a força e o prestígio dos nomes históricos ou de projeção nacional, facilmente identificá-

---

454- BACKHEUSER, E.- "Toponímia.etc..", p. 181

455- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral-"O espontâneo e o popular na Toponímia". IN: Suplemento Cultural de "O Est. de São Paulo". São Paulo, 20 de nov. de 1977, nº 58, p.5

veis porque conhecidos, senão de todos, pelo menos da maioria.

Citem-se, como exemplos, os antropotopônimos seguintes, ressalvando-se, porém, que o levantamento, realizado do ponto de vista sincrônico, torna difícil, muitas vezes, o alcance do real emprego do nome — tratando-se de uma alcunha ou de um apelido de família, principalmente —, o que, só em uma perspectiva diacrônica, seria possível atingir:

- prenome

Abel	(AH MG) /	Abraão	(C.do,MG)
Benedito	(Ig. MT) /	Benjamin	(Sa. PR)
Bento	(Rb. MT) /	Clarindo	(AH MG)
Damasio	(AH MA) /	Damasceno	(Ig. AM)
Eduardo	(Rb. RJ) /	Egídio	(AH SP)
Fátima	(AH MT) /	Felício	(Ig. AM)
Gabriel	(Rb. MG) /	Gaspar	(AH SC)
Nilo	(Ig. AC) /	Onofre	(I. RR)
Quirino	(R. ES) /	Quintino	(AH AM)
Roque	(AH AM) /	Rafael	(Lo. AM)
Simplicio	(AH MG) /	Teresa	(AH RS)
Ubirajara	(Ig. RO) /	Vasco	(La. PI)

- hipocorístico

Bentinho	(AH MG) /	Bertinho	(AH PA)
Chico Antonio	(Lo.MT) /	Chico Domingos	(Ig.PA)
Chiquita	(I. MT) /	Chiquito	(AH GO)
Chiquinho	(AH MA) /	Francisquinho	(Ar.RS)
JOanico	(AH AM) /	Pedrinho	(R. PR)
JOaninha	(Sa. CE) /	Laurinha	(AH MG)
JOaquinico	(RchoBA) /	Jordãozinho	(AH PR)
Josezinho	(AH PA) /	Nico	(Ig. AC)
Malu	(AH PR) /	Maricota	(I. SP)
Maneco	(AH MT) /	Manuelzinho	(AH PA)

- prenome + alcunha

Fernão Velho	(AH AL)/	Joaquim Preto	(Ig.do, PA)
Jorge Grande	(Rb.MG)/	Jorge Pequeno	(Rb. MG)
JOrge Grego	(I. RJ)/	Josefa Mocó	(Rcho., BA)
JOsé Grande	(I. AC)/	José Menino	(AH MT)
José Grosso	(AH BA)/	José Preto	(AH MG)
Lourenço Preto	(AH MG)/	Lourenço Velho	(R. SP)
Manoel Grande	(C. MT)/	Maria Farinha	(AH PE)
Maria Gorda	(AH PR)/	Maria Magra	(Sa.da, MG)
Maria Preta	(R. SC)/	Maria Velha	(Chap., GO)
Pedro Ligeiro	(AH GO)/	Pedro Rico	(I. GO)
Rosa do Felício	(AH RS)/	Simão Pequeno	(R. RS)

- apelido de família

Abreu	(AH	RS) /	Aires	(Ar.dos,	RS)
Barbosa	(Ar.	RS) /	Camargo	(AH	RS)
Dias	(AH	SP) /	Fagundes	(AH	MG)
Ferreira	(C.	MT) /	Fonseca	(I.	RR)
Gama	(I.	AM) /	Gomes	(Mo.do,	BA)
Keller	(Rb.	PR) /	Kroeff	(AH	RS)
Martins	(AH	GO) /	Medeiros	(AH	PR)
Miranda	(AH	MA) /	Morais	(AH	PE)
Oliveira	(AH	PA) /	Padua	(AH	AM)
Rodrigues	(AH	AM) /	Silva	(AH	AP)
Silveira	(AH	SP) /	Tavares	(R.	SP)

Muito embora os topônimos citados, sob a forma de prenomes, seguidos ou não de alcunhas, ou de apelidos de família, deêm uma amostra da influência dos antropônimos na denominação geográfica, os conjuntos individuais completos (prenome + apelido de família) são bastante comuns na toponímia, ressaltando-se o maior número daqueles formados com Antonio, Francisco, João, José, Pedro e Manuel. Apesar de ser bastante difícil, pela própria natureza dos nomes próprios, a localização de áreas toponímicas, nos conjuntos referidos, nota-se maior concentração desses apelativos no Estado de Minas Gerais, seguido pelo de Goiás e Mato Grosso, na ordem preferencial:

- prenome + apelido de família

Antonio Amaral	(AH MG)
Antonio Borges	(AH MG)
Antonio Correia	(Rb. MT)
Antonio Dias	(AH MG)
Antonio Ferreira	(AH MG)
Antonio Garcia	(AH MG)
Antonio Gonçalves	(Rb. GO)
Antonio Olinto	(AH MG)
Antonio Pereira	(AH MG)
Antonio Rosa	(Rb. MT)

Francisco Brás	(AH MG)
Francisco Dantas	(AH RN)
Francisco do Badaró	(AH MG)
Francisco Dumont	(AH MG)
Francisco Horta Barbosa	(R. MT)
Francisco Monteiro	(AH MG)
Francisco Sá	(AH MG)
Francisco Sousa	(AH BA)

João Aires (AH MG)
João Alves (AH GO)
João Branco (AH GO)
João Correia (Rb. MT)
João Dias (Mo. MT)
João Ferreira (AH MT)
João Gomes (AH MT)
João Martins (AH MG)
João Monlevade (AH MG)
João Pinheiro (AH MG)
João Ramos (AH MG)

José Alves (AH MG)
José Brandão (AH MG)
José Bravo (AH MG)
José Carvalho (AH MG)
José de Melo (AH MG)
José Deodoro (AH MG)
José Dias (AH GO)
José França (AH MT)
José Gonçalves (AH MG)
José Martins (AH MG)
José Pinto (La. MT)

Manuel Alves (R. GO)
Manuel Alves Grande (R.GO)
Manuel Alves Pequeno (R.GO)
Manuel Barbosa (R. GO)
Manuel Barros (AH MG)
Manuel Botelho (AH GO)
Manuel Branco (AH MT)
Manuel Gomes (Rb. MT)
Manuel Pereira (AH MG)
Manuel Ribas (AH PR)
Manuel Santos (Sa. PE)

Pedro Alves (Ba. MT)
Pedro Celestino (AH MT)
Pedro Gomes (AH MT)
pedro Marinho (AH MG)
Pedro Moreira (Rb. MG)
Pedro Palacios (AH ES)
Pedro Pereira (AH MG)
Pedro Severo (AH MT)
Pedro Teixeira (AH MG)
pedro Versiani (AH MG)
Pedro Xavier (AH MT)

As circunstâncias seguintes referidas na regra de BACKHEUSER dizem respeito aos nomes que denotam autolatria, ou oportunismo, os quais, para o autor, se revestem de um caráter de escolha voluntária, distinto, portanto, do caso ante

rior, caracterizado pela espontaneidade da eleição:

> "Quando a humanidade atravessa períodos de decadência e descrença, a autolatria e o oportunismo, reflexo da vaidade e da lisonja, se manifestam de múltiplas maneiras: no arco triunfal, no bronze das estátuas a heróis ainda vivos, nas saudações laudatórias, nas atitudes de apoio incondicional. E ~~também~~ na toponímia.
>
> Teve essa autolatria seu apogeu no império romano, particularmente na época da decadência. Os nomes dos imperadores e potentados batizavam cidades e acidentes por proposta de áulicos ou determinação deles mesmos. O nome do imperador repartir-se-ía em vários pontos do império. Houve, por exemplo, várias Cesareas e Julias. Com o nome Augusto formaram-se também muitas cidades: Aosta, no Piemonte, Augsburg, na Austria, Augst, na Suíça, Aoste, Aouste, Oust, em França.(...). A Russia bolchevista tem sido fértil nessa toponímia (Leningrad, Stalingrad, Gorki, Voroschilovgrad), como, aliás, já o havia sido a Russia imperial (St. Petersburg, Ekaterinburg, homenagem a Pedro Grande e Catarina II) (...).
>
> No Brasil, os topônimos antroponímicos superabundam tomando seu crescimento, de uns tempos a esta parte, feição alarmante, pois que pela inconstância tropical são mudados de tempos a tempos, à proporção que os governantes saem do poder(...).O hábito da autolatria e lisonja generalizou-se. Estações de estrada de ferro, túneis, pontes, edifícios, povoados, vilas, cidades, tudo recebe no Brasil nomes de pessoas vivas, em regra de pessoas no exercício do poder ou em situação de distribuir graças e favores" (456).

Ainda que, hoje, a situação descrita pelo autor, relativamente ao Brasil, tenha sido corrigida por posturas governamentais que impedem a doação do nome de pessoas vivas a acidentes geográficos e a estabelecimentos públicos ou oficiais, o certo é que tais fatos realmente ocorriam com relativa constância, num país da extensão territorial do nosso. Todavia, não há especificações, nos exemplos por ele citados, de quais topônimos teriam sido substituidos em virtude da mudança de governo ou quais dele teriam surgido antes da morte do homenageado.

456- BACKHEUSER, E.-"Toponímia.etc....", p. 182

A única exceção fica por conta de Petrópolis e de Pedro Segundo, o primeiro "dado ainda em vida do imperante, e, portanto, por evidente lisonja, ao passo que o segundo é homenagem póstuma ao velho imperador" (457).

Na impossibilidade, pelo menos momentânea, de se oferecer uma relação completa de topônimos nos moldes descritos pelo autor, ou seja, lisonja decorrente de homenagem prestada durante a vida pública, preferiu-se optar por aqueles que indicam reverência a personalidades políticas e históricas do país. Examinem-se, dentre outros, os seguintes denominativos:

Álvares Florence	(AH SP)	Bernardino de Campos	(AH SP)
Bias Fortes	(AH MG)	Benjamin Constant	(AH AM)
Brás Cubas	(AH SP)	Campos Sales	(AH CE)
Caxias	(AH MA)	Delmiro Gouveia	(AH AL)
Deodoro da Fonseca	(AH RN)	Epitácio Pessoa	(AH PR)
Fernando Prestes	(AH SP)	Flores da Cunha	(AH RS)
Floriano Peixoto	(AH AM)	G. Vargas	(AH PA)
José Bonifacio	(AH RO)	Julio Mesquita	(AH SP)
Nereu Ramos	(AH SC)	Nilo Peçanha	(AH RJ)
Pedro Toledo	(AH SP)	Pinheiro Machado	(AH RS)
Venâncio Aires	(AH RS)	Venceslau Braz	(AH PR)

457-BACKHEUSER, E.-"Toponímia.etc...", p. 183
A respeito do assunto, cf. ainda BARBOSA, Waldemar de Almeida- Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, Promoçao da Família-Edit., 1971, p. 16: "Essa insistência em homenagear pessoas foi levada a excessos, com relação a um vivo. Havia no município de Curvelo, o distrito de São Sebastião de Paraúna, que a lei nº 843 modificou para Paraúna; o decreto-lei nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, alterou a denominação para Ponte de Paraúna; pois bem, esse distrito foi elevado à categoria de cidade, pela referida lei nº 2764, com a denominação de Presidente Juscelino. Foi homenagem ao ex-Governador do Estado e ex-Presidente da República. Poderíamos acrescentar: homenagem justa. Acontece que a mesma lei criou o município de Presidente Kubitschek, denominação que foi dada ao distrito de Tijucal, do município de Diamantina. Bem, foi outra homenagem ao criador de Brasília. O pior, porém, é que a mesma citada lei nº 2764, ao elevar o antigo povoado de São José da Lagoa a sede distrital, no município de Curvelo, atribuiu-lhe a denominação de J.K., o que nos pareceu, além de homenagem desnecessária, em vista das duas anteriores, uma denominação supinamente ridícula, que só pode provar o excesso de mau gosto dos legisladores mineiros. Dá-se a uma localidade a denominação de J.K. como se fosse a marca de um café ou de um automovel ou de um canivete".

Entre os nomes que relembram personalidades do mundo das letras e das ciências em geral, citam-se:

Afonso Arinos	*(AH MG)*	*Afranio Peixoto*	*(AH BA)*
Amadeu Amaral	(AH SP)	Anchieta	(AH AM)
Bilac	(AH SP)	Carlos Chagas	(AH MG)
Casemiro de Abreu	(AH RJ)	Castro Alves	(AH BA)
Couto Magalhães	(R. RR)	Emilio Ribas	(AH SP)
Euclides da Cunha	(AH BA)	Fagundes Varela	(AH RS)
Humberto de Campos	(AH MA)	Joaquim Nabuco	(AH PE)
José de Alencar	(AH CE)	Monteiro Lobato	(AH SP)
Osvaldo Cruz	(AH SP)	Rio Branco	(AH AC)
Rui Barbosa	(AH BA)	Taunay	(AH MT)
Teodoro Sampaio	(AH SP)	Vicente de Carvalho	(AH SP)

Os antropotopônimos também costumam aparecer modificados por algumas desinências e, mesmo, formas sufixais. Entre aquelas, citam-se:

- lândia

Analândia	(AH SP)	Andrelândia	(AH MG)
Buenolândia	(AH GO)	Darcilândia	(AH SP)
Euclidelândia	(AH RJ)	Felixlândia	(AH MG)
Fidelândia	(AH MG)	Getulândia	(AH RJ)
Glaucilândia	(AH MG)	Herculândia	(AH SP)
Israelândia	(AH GO)	Mozarlândia	(AH GO)
Marilândia	(AH ES)	Marilândia Velha	(AH SP)
Orlândia	(AH SP)	Sodrelândia	(AH RJ)

- burgo

Boiteuxburgo	(AH SC)	Cordisburgo	(AH MG)
Felisburgo	(AH MG)	Luisburgo	(AH MG)

- polis

Altinópolis	(AH SP)	Ameliópolis	(AH SP)
Anápolis	(AH GO)	Alvinópolis	(AH MG)
Bertópolis	(AH MG)	Buenópolis	(AH MG)
Caetanópolis	(AH MG)	Davinópolis	(AH GO)
Eugenópolis	(AH MG)	Ferreirópolis	(AH MG)
Franciscópolis	(AH MG)	Iracemápolis	(AH SP)
Justinópolis	(AH MG)	Levinópolis	(AH MG)
Lucianópolis	(AH SP)	Marianópolis	(AH MG)
Mariápolis	(AH SP)	Mirandópolis	(AH MG)
Pehápolis	(AH SP)	Sabinópolis	(AH MG)
Salesópolis	(AH SP)	Vianópolis	(AH MG)

Nessa tipologia toponímica, em sua totalidade, salienta-se o predomínio do Estado de Minas Gerais, seguindo-se-lhe São Paulo e Goiás, principalmente. Outro fato a ser salientado é que, em tais conjuntos designativos, não se percebe o aparecimento de acidentes físicos.

Quanto às formas sufixais empregadas em antropotopônimos, destacam-se as seguintes, predominantemente no Estado de São Paulo:

Almadina	(AH BA) /	Amarantina	(AH MG)
Andradina	(AH SP) /	Antonina	(AH PR)
Cabrália	(AH BA) /	Florínea	(AH SP)
Getulina	(AH SP) /	Guimarânia	(AH MG)
Juliânia	(AH SP) /	Luiziânia	(AH SP)
Montalvânia	(AH MG) /	Olindina	(AH BA)
Paulínia	(AH SP) /	Rolândia	(AH PR)
Rondônia	(AH RO) /	Sandovalina	(AH SP)
Severínia	(AH SP) /	Silvairânia	(AH MG)
Silvânia	(AH SP) /	Sobrália	(AH MG)
Sodrélia	(AH SP) /	Teresina	(AH PI)

Ainda os topônimos de origem antroponímica podem se apresentar antecedidos de títulos indicativos de profissão, de patentes militares, nobiliárquicos ou de investidura em funções políticas e, mesmo, de dignidades ou honrarias, como os que se seguem (458):

- títulos indicativos de profissão

- doutor

Doutor Pedrinho (AH SC) / Doutor Serapião (Rb. MT)

- desembargador

Desembargador Drumond (AH MG) / Desembargador Otoni (AH MG)

458- Esclareça-se, entretanto, que esta classe de formações, em que o nome próprio vem acrescido dos respectivos títulos pessoais, figura na categoria dos axiotopônimos, onde não foram incluídas as dignidades eclesiásticas, mencionadas entre os hierotopônimos, conforme será demonstrado.

- engenheiro

Engenheiro Bacelar (AH SP)/Engenheiro Beltrão (AH PR)
Engenheiro Caldas (AH MG)/Engenheiro Camacho (AH PE)
Engenheiro Castilho (AH GO)/Engenheiro Dolabela (AH MG)
Engenheiro França (AH BA)/Engenheiro Gutierrez (AH PR)
Engenheiro João Tomé (AH CE)/Engenheiro Junqueira (AH RJ)
Engenheiro Lisboa (AH MG)/Engenheiro Madureira (AH RS)
Engenheiro Marsilac (AH SP)/Engenheiro O.B.Viana (AH RS)
Engenheiro Nóbrega (AH RJ)/Engenheiro O.Rocha (AH RS)
Engenheiro Passos (AH RJ)/Engenheiro Pontes (AH BA)
Engenheiro Taveira (AH SP)/Engenheiro Valente (AH GO)

- inspetor

Inspetor Lobo D'Ávila (AH RS)

- mestre

Mestre Albino (AH MG) / Mestre Almeida (AH RJ)
Mestre Caetano (AH MG) / Mestre Cook (Ig.RO)
Mestre Falcão (Rb.MT)

- professor

Professor Souza (AH RJ) / Professor Sperber (AH MG)

- patentes militares

- almirante

Almirante Tamandaré (AH PR RS)

- brigadeiro

Brigadeiro Tobias (AH SP)

- cabo

Cabo João (AH GO) / Cabo Severino (AH RJ)
Cabo Vitor (Ig.AC)

- capitão

Capitão Cardoso (R. MT) / Capitão Evaristo (AH MG)
Capitão Noronha (Rb.MT)

- coronel

Coronel Freitas	(AH SC)	/ Coronel Goulart	(AH SP)
Coronel Murta	(AH MG)	/ Coronel Vivida	(AH PR)

- general

General Câmara	(AH RS)	/ General Carneiro	(AH PR)
General Dutra	(AH SC)	/ General Góis	(AH SC)
General Osório	(AH SC)	/ General Rondon	(AH MT)
General Salgado	(AH SP)	/ General Sampaio	(AH CE)
General Tiburcio	(AH CE)	/ General Vargas	(AH RS)

- major

Major Dantas	(Ig.AC)	/ Major Ezequiel	(AH MG)
Major F. Vicente	(AH MT)	/ Major Isidoro	(AH AL)
Major Moreno	(AH MT)	/ Major Oscar	(AH PR)
Major Prado	(AH SP)	/ Major Vieira	(AH SC)

- marechal

Marechal Deodoro	(AH AL)	/ Marechal Floriano	(AH ES)

- sargento

Sargento Paixão	(Sa.do, RO)

- soldado

Soldado Ferrugem	(AH GO)	/ Soldado Esteves	(AH GO)

- tenente

Tenente Amaral	(Rb.MT)	/ Tenente A. Gomes	(AH RN)
Tenente Marques	(R. MT)	/ Tenente Noronha	(R. MT)

- títulos nobiliárquicos

- barão

Barão Ataliba	(AH SP)	/ Barão de Antonina	(AH SP)
Barão de Aquino	(AH RJ)	/ Barão de B.Jardim	(AH BA)
Barão de Cabo Frio	(Sa.AM)	/ Barão de Cocais	(AH MG)
Barão de Geraldo	(AH SP)	/ Barão de Grajaú	(AH MA)
Barão de Guaicuí	(AH MG)	/ Barão de Juparanã	(AH RJ)

Barão de Lucena (AH PR) / Barão de Mauá (Ar.RS)
Barão de Melgaço (AH MT) / Barão de Suassuna (AH PE)
Barão de Tromaí, (AH MA) / Barão de Vassouras (AH RJ)
Barão do Angra (AH RJ) / Barão do Rio Branco (AH AC)
Barão do Triunfo (AH RS)

- conde

Conde da Estrela (AH RJ) / Conde de Araruama (AH RJ)
Conde do Pinhal (AH SP) / Conde Prates (AH SP)

- duque

Duque Bacelar (AH MA) / Duque de Caxias (AH BA RJ)

- marquês

Marquês de Abrantes (Col.PR) / Marquês de Souza (AH RS)

- princesa

Princesa Isabel (AH PB)

- príncipe

Príncipe da Beira (AH RO)

- rainha

Rainha Isabel (AH PE)

- visconde

Visconde do Rio Claro (AH SP) / Visconde do Rio Branco (AHMG)
Visconde de Imbé (AH RJ)

- investidura em funções políticas

- conselheiro

Conselheiro Joviano (AH RJ) / Conselheiro Lafaiete (AH MG)
Conselheiro M.Francisco (AHSP) / Conselheiro Mata (AH MG)
Conselheiro Mayrinque (AH PR) / Conselheiro Pena (AH ES)
Conselheiro Paulino (AH RS)

- governador

Governador Lupion (AH PR)/Governador Lindenberg (AH ES)
Governador Portela (AH RJ)/Governador Ribas (AH PR)
Governador Valadares (AH MG)/
Governador Dix-Sept Rosado (AH RN)

- presidente

Presidente Alves (AH SP)/Presidente Barbosa (AH RS)
Presidente Bernardes (AH SP)/Presidente Castilho (AH PR)
Presidente Dutra (AH MA)/Presidente Epitácio (AH SP)
Presidente Getúlio (AH SC)/Presidente Hermes (AH RO)
Presidente Juscelino (AH MG)/Presidente Kubitschek (AH MG)
Presidente Murtinho (AH MT)/Presidente Olegário (AH MG)
Presidente Pena (AH MG)/Presidente Prudente (AH SP)
Presidente Tibiriçá (AH SP)/Presidente Venceslau (AH SP)

- regente

Regente Feijó (AH SP)

- senador

Senador Amaral (AH MG)/ Senador Canedo (AH GO)
Senador Cortês (AH MG)/ Senador Firmino (AH MG)
Senador Mourão (AH MG)/ Senador Pompeu (AH CE)
Senador Modestino Gonçalves (AH MG)

Pelo levantamento realizado, pode-se bem, assim, ter uma idéia da extensão do emprego dos antropotopônimos em todo o país. Acredita-se que a peculiar mobilidade dos nomes próprios, que acompanham o homem em todos os seus deslocamentos territoriais, dificulte, como já se fez sentir, a formação de áreas toponímicas específicas a determinados apelativos, tornando-se possível, apenas, em alguns casos, apontar-se as zonas em que certos tipos surgem com maior realce.

A conclusão que se pode retirar do estudo antroponímico na nomenclatura geográfica, em qualquer porção do território, certamente apontará a categoria estudada como a mais concorrida dentre as restantes. Cite-se, para ilustrar, o exa

me efetuado nas denominações municipais do Estado de São Paulo, que revelou cerca de 101 topônimos, dentre as 573 áreas políticas, como pertencentes à taxeonomia antropotoponímica. Se idêntico levantamento for efetuado em todas as demais divisões administrativas estaduais, o resultado não será, por certo, diferente.

O mesmo emprego de nomes próprios em acidentes geográficos ocorre em áreas da América do Norte, onde as denominações de ruas e de avenidas são derivadas de nomes de pessoas:

> "As one might expect, the oldest streets in San Antonio can be recognized because they still bear the names given them by the Spanish settlers of the area in the eighteenth century.(...). Therefore, we still find streets with names which have existed since the eighteenth century.(...). Other streets developed during the first half at the nineteenth century.(...). Navarro Street was named for the family of José Antonio Navarro, signer of the Texas Declaration of Independence and Constitution, who served in the first state Senate.(...). Losoya Street, recently renamed as an extension of Broadway, is another street named for a family which owned property and established a homesite in the eigtheenth century,(...). Castroville was founded by Henri Castro in 1844 for a colony of French, Germans and Alsatians. Fredericksburg was founded by German colonists in1846 and named for their Prussian ruler, King Frederick William IV" (459).

Ainda que, como disse BACKHEUSER, os nomes pessoais aplicados a localidades geográficas, possam revelar aspectos de autolatria, imodéstia ou desejo de perpetuação dos feitos individuais, não se pode por em dúvida de que, quando bem aplicados, procurando-se um vínculo aproximado entre as circunstâncias do lugar e o denominador que lhe permitiu a desig-

---

459- GILPIN, George H.-"Street-names in San Antonio: singposts to history". IN: Names. New York, The State University College, 18 (3): 192-194-195, set. 1970

nação, possibilitam, realmente, que uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida às gerações posteriores.

4.2.2.- Hierotopônimos

Na análise distintiva dos toponomásticos existentes, a toponímia de origem religiosa foi referida, genericamente, pelo denominativo de hierotoponímia, na qual se incluiram várias especificações, ou seja, nomes sagrados de diferentes crenças, de associações religiosas e de seus membros, locais de culto, além de datas ou efemérides relativas a tais circunstâncias. Os característicos da categoria justificaram as distinções em hagiotopônimos, ou topônimos referentes aos nomes de santos e santas do hagiológio romano, e mitotopônimos, ou nomes de lugares que recordam entidades mitológicas.

A terminologia empregada difere, um pouco, daquela usada em Espanha, por LUÍS LOPES SANTOS, para quem "es hagiotopónimo todo vocablo del léxico religioso convertido en topónimo, es decir, vinculado a lo geográfico y convertido en nombre de lugar" (460).

Mas a divergência não invalida a classificação brasileira; trata-se, tão somente, de uma inversão de conceitos: o que, para um, é visto sob uma perspectiva particularizante, para o outro é percebido sob um caráter global e abrangente, o que, em absoluto, não desnatura a substância de conteúdo dos elementos pesquisados.

A razão de ser dessa toponímia de origem religiosa encontra no homem, ou no denominador, a sua expressividade, objetiva e concreta. Legítimo produto de uma mentalidade de época, liga-se a todo um processo subjetivo de reflexão, muito mais próximo, portanto, do intangível, que das manifestações

---

460-LOPES SANTOS, Luís.-"Hagiotoponímia". IN:Enciclop.Lingüíst. Hispán., p. 580

reais do mundo sensível, a cercar o ambiente natural onde o indivíduo se movimenta.

Em pesquisa anterior, procurou-se demonstrar que "não se cogita, na toponímia de origem religiosa, da busca do equilíbrio e da (...) adequação entre "nome" e "objeto nomeado"(...). Tampouco se pode dizer que a motivação, extrínseca à natureza do acidente, não o define nem se ajusta à normatividade do sistema onomasiológico. Apenas o fenômeno associativo é de outra ordem, porque centralizado no doador; as circunstâncias locais pouco interferem na escolha desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos fatos místicos, à sua crença e à sua fé. Forças anímicas, portanto, estimulam-no e condicionam-no em todas as manifestações existenciais, sejam artísticas, políticas, éticas ou filosóficas" (461).

Todos esses fatores mencionados, porém, parecem ser devidos mais a causas de superfície, no sentido de se reportarem ao homem enquanto uma individualidade; mas há, sem dúvida, razões talvez mesmo atávicas, presas a causas profundas que ultrapassam o sentir e o querer, enquanto expressões do eu.

Ninguém ignora, por exemplo, que o Brasil nasceu sob o signo da Cruz e da Fé, e é justamente nesses elementos que se deve ir buscar as raízes da toponímia religiosa nacional, assentada, em seus primórdios, na Carta de Pero Vaz de Caminha, nos próprios preparativos da esquadra cabralina que culminaram na descoberta do Brasil, em motivos mais distantes,que impulsionaram o ciclo das grandes navegações portuguesas; e,recuando ainda um pouco mais, na própria filosofia medieval de exaltação dos bens espirituais e do desejo de propagar o San-

---

461- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral-"Um estudo de hierotoponímia".IN: Suplemento Cultural de "O Est. de São Paulo". São Paulo, 10 de abril de 1977, nº 26, p.7

to Nome de Cristo e Seus ensinamentos, entre os povos pagãos; posição contrária, portanto, à atitude renascentista, voltada para a materialidade e transitoriedade dos valores humanos.

A conquista espiritual no roteiro dos viajantes representava, assim, o mesmo papel de importância que o exercido pelas relações de troca, no comércio.

Não se pode esquecer, por outro lado, que a obediência de Portugal à Roma, como o grande país católico da Europa que era, transformou em realidade a intenção evangelizadora do Papa Alexandre VI, preconizada na Bula Inter-Cetera, de 4 de maio de 1493, retificada, depois, pelo Tratado de Tordesilhas, com vistas às terras do Novo-Mundo:

> "Entre as outras obras bem aceitas à divina Majestade, e pelo nosso coração desejadas, existe sobretudo esta: que seja exaltada, principalmente na nossa época, e em toda a parte se espalhe e se dilate a Religião Cristã, se cuide da salvação das almas, (e) se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à mesma fé.(...).
>
> . . . . . .
>
> §7º - E mais vos encarregamos, em virtude de Santa Obediência (conforme prometeis e não duvidamos que hajais de fazer, em razão da vossa grandíssima devoção e régia magnanimidade) que deveis enviar para as terras firmes e ilhas (...), varões honestos e tementes a Deus, doutos, peritos e experimentados, para instruirem os sobreditos povoadores e habitantes na Fé Católica e ensiná-los nos bons costumes, empregando toda a devida diligência nas coisas antes ditas" (462).

A escolha de Pedro Álvares Cabral para Capitão da armada portuguesa, no roteiro das Índias, atendeu, por certo, aos fatores que a Bula papal enaltecia e, sob a religiosidade desse militar e fidalgo católico, as cerimônias que antecederam a partida da esquadra ocorreram com a pompa e o necessário espírito cristão: missa na Ermida de Nossa Senhora do Belém, bênção da Bandeira de Cristo e das relíquias e cruzes que os nave

---

462- Bula Inter-Cetera de Alexandre VI - IN: BANDECHI, P.B. - Antolog. Histór. do Bras.p. 14 e 16

gantes deveriam transportar durante a travessia. Tendo como orientador espiritual do grupo Frei Henrique de Coimbra e colocados, todos, sob a proteção particular de Nossa Senhora da Esperança, não era de se estranhar que as naus portuguesas recebessem nomes como Anunciada, Espírito Santo, Santa Cruz, São pedro, Trindade, que se integravam, perfeitamente, no contexto místico que envolvia a aventura marítima então iniciada.

O descobrimento do Brasil legou à história-pátria um dos mais divulgados documentos da época, ou seja, a Carta do escrivão da armada ao seu Rei, D. Manuel, noticiando os fatos mais proeminentes da chegada ao Novo-Mundo.

Dos acidentes geográficos recém-nomeados, dois deles se enquadram na sistemática denominativa genérica, de se buscar os motivos nas inscrições do calendário religioso, costume, aliás, bastante difundido entre os viajantes. Assim é que o monte Pascoal teve o seu batismo relacionado à data da Páscoa cristã que então se celebrava, enquanto a origem do nome da terra, ilha de Vera Cruz, transformado, depois, em terra de Santa Cruz, também de natureza católica, foi explicada por CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS da seguinte forma:

> "Vera Cruz era apenas a "Cruz do Marmelar" (hasteada, por exemplo, na célebre batalha do Salado pelo prior da Ordem de São João do Hospital)visto que, encaixado nela, havia como relíquia, um estilhaço daquela que, segundo a Tradição, servira no Gólgota" (463).

Por outro lado, a mudança do nome de Vera Cruz para Santa Cruz prendeu-se, segundo ANTONIO BAIÃO, ao costume antigo de se "hastear uma cruz nas terras descobertas, datado

---

463- Apud DIAS, Carlos Malheiros-"A semana de Vera Cruz". IN : DIAS, C.M., dir.-História da colonização portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, 1921, V. 2, Cap.VII,p.99

do tempo do Infante D. Henrique" (464).

O Padre SERAFIM LEITE, relatando as primeiras entradas jesuíticas ao sertão brasileiro, transcreve fato semelhante a esse, relatado pelo Padre João de Aspilcueta Navarro, participante de uma expedição, no Brasil, comandada por Francisco de Espiñosa. Saindo de Porto Seguro, por volta de 1553, a entrada chegou a atingir o interior de Minas Gerais, depois de ultrapassar o rio São Francisco:

> "Aí fizemos uma cruz grande e fizemos uma ermida, onde fazia práticas de Nossa Senhora, e, com licença de todos, comecei a ir pelas aldeias" (465).

Pode-se, assim, dizer que a devoção da Santa Cruz foi uma das primeiras que aqui se instalou e progrediu. Uma idéia expressiva do fato se obtém desta imagem descrita pelo referido sacerdote:

> "Os padres nos seus caminhos levavam um bordão, costume antigo transmitido pela arte bizantina, aos Latinos, como símbolo dos anjos, mensageiros e peregrinos, dos que anunciavam o Evangelho (...). Os primeiros padres davam bordões de cruz aos índios adultos e queriam e desejavam bordões de cruz os meninos brasís.
>
> Os bordões de cruz eram curiosa e expressiva modalidade de uma intenção, mas o que triunfava era a cruz em si mesma. Os primeiros meninos da catequese levavam-na em suas mãos pequeninas; e por festa, na cabeça, em vez dos adornos indígenas de penas, ostentavam grinaldas de cruzes igualmente pequeninas como os meninos que as levavam. Entretanto, nos terreiros das aldeias erguiam-se cruzes altíssimas, (...); e, num movimento incessante, se implantou a cruz nos sertões próximos e longínquos e encheu o Brasil.
>
> (...). A evangelização do Brasil começou assim, continuou assim e, passados mais de quatro séculos, continuou assim. A Cruz de Cristo estava na bandeira da nação evangelizadora e no coração da Companhia(...)" (466).

464- BAIÃO, Antonio-"O comércio do pau-brasil". IN: DIAS, C.M- Histór. da coloniz. portug. no Bras., Cap. XI, p. 319

465- LEITE, Padre Serafim- Suma Histór. da Comp. de Jesus no Bras., p. 94

466- Idem, Ibidem, p. 137-138

Os primitivos topônimos históricos brasileiros, em sua maioria de origem religiosa, encontram-se registrados em cartas geográficas européias, que contêm o roteiro das diferentes expedições ao litoral do Brasil, no período de 1502 à 1509, por exemplo.

DUARTE LEITE, na pesquisa desse material cartográfico, restringe-se a quatro mapas manuscritos existentes, além do planisfério de Alberto Cantino, a saber: o francês de E. F. Hanny, o de Nicolau Canério, e os alemães de Kunstmann II e III (de acordo com a sua publicação no respectivo Atlas), figurando, ainda, o texto geográfico conhecido como "Tábua de ladezas ou latitudes do Esmeraldo de situ orbis", de Duarte Pacheco. Neste último, estariam registrados os seguintes nomes de natureza religiosa, conforme a ordem do seu descobrimento: ilhas da Ascenção e de Santa Clara; aguada de São Miguel; rio de São Francisco e angra de Todos os Santos; angra de São Roque; ilha de São Lourenço e ilha de Santo Amaro; cabo de Santo Agostinho; rio de Santa Luzia, ilha de Santa Bárbara e de Santa Maria da Arrábida (467).

No mapa de Canério, o Brasil tem, por limites conhecidos, no extremo norte, o cabo de São Roque e, no extremo meridional, o rio de Cananor ou Cananéa (468), relacionando, ainda, além daquela registrada no Esmeraldo, a seguinte nomencla-

---

467- DUARTE LEITE-"A exploração do litoral do Brasil na cartografia da primeira década do século XVI". IN:DIAS, C. M. - Histór. da coloniz. portug. no Bras., Cap.XIII,p. 420

468- Idem, Ibidem, p. 434. Segundo o entendimento do A. é em KunstmannII que se encontra a verdadeira origem do nome Cananor ou Cananéa, datado de 29 de fevereiro de 1504, "a quinta-feira seguinte ao primeiro domingo da quaresma e nesse dia se lê a pericopa do Capítulo XV do Evangelho de São Mateus, em que se descreve o encontro do Divino Mestre com uma mulher de Cananea, cuja filha sarou". (O grifo é nosso).

tura: monte de São Vicente, cabo de Santa Cruz, serra de Santa Cruz, serra de Santa Maria de Gracia (atual serra de Nossa Senhora da Graça), rio de São Jerônimo, rio de São Tiago, rio de Santa Helena, rio de São João, serra de São Tomé, pináculo da Tentação, rio Jordão, rio de Santo Antonio, porto de São Sebastião, porto de São Vicente (469).

A mesma motivação religiosa encontra-se, igualmente, representada em nomes de aldeias e vilarejos, os quais, ao lado das igrejas e estabelecimentos católicos, que se erguiam no princípio da colonização, em vários pontos do território, predispunham à divulgação da Fé, cujo ponto máximo ocorreu com a vinda da Companhia de Jesus, em 1549. Com o organizador da Missão do Brasil, Padre Manuel da Nóbrega, teve início, nos começos de maio desse ano, a "edificação da Cidade do Salvador da Bahía. Enquanto os Portugueses edificavam as outras obras da Nova Capital do Brasil, ergueu Nóbrega a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda (...); e não tardaram as cerimônias públicas. A 20 de Junho já se celebra o Corpo de Deus. Festas de igreja, e de arraial, procissão solene, salvas de artilharia, ruas enramadas e danças e invenções à maneira de Portugal. Um mês depois, outra festa, a do Anjo Custódio: missa solene(...), canto coral e procissão com grande música a que respondiam as trombetas" (470).

Realmente, aí teve começo a grande campanha de conquista espiritual ditada por Roma e que, no Brasil, encontrou campo propício à uma ampla divulgação desde que, como declarava o diretor da Companhia de Jesus, "esta terra é nossa

---

469- DUARTE LEITE- "A explor. do litor. do Bras. na cartogr. da prim. déc. do séc. XVI", p. 427 a 434

470- LEITE, Padre Serafim -Suma histór. da Comp. de Jesus no Bras., p. 3

empresa" (471).

Um rápido exame da toponímia de então mostra como os nomes geográficos poderiam contribuir para a divulgação desses objetivos catequéticos, fixando-os na mente do povo:

> "No dia do Anjo Custódio (terceira domingo de Julho de 52), Nóbrega, depois da festa, com os meninos do Colégio, foram em peregrinação pelas aldeias dos gentios até as pegadas de S. Tomé e rio Matoim (...). Iam em procissão, à frente da qual uma cruz emplumada e no alto dela um Menino Jesus(...). Entravam pelas aldeias com a cruz alçada, e em cada aldeia tocavam e cantavam à moda dos índios, nos seus tons e cantares, "mudadas as palavras em louvor de Deus"(...).Desta vez, Nóbrega fundou a aldeia de S. Tomé de Paripe" (472).

Em sua atividade pastoral, Nóbrega, em novembro de 1552,"deslocou-se para as aldeias do sul, passando,entre outras, pela Capitania do Espírito Santo, onde já havia o Colégio de Santiago; depois de passar por Angra dos Reis, aportou em São Vicente, a 17 de janeiro de 1553, onde instituiu a Confraria do Menino Jesus" (473).

Por essa época, celebra na aldeia de Piratininga, resultado da reunião de "3 aldeias pequenas de índios", "para melhor aprenderem a doutrina cristã", o ato "da admissão de 50 catecúmenos em vista do futuro batismo", e, em carta ao Rei D. João III, refere-se à "Casa ou Colégio da povoação de S. Vicente" e à "formosa povoação de Piratininga, a 2 léguas de Santo André"(474). A mudança do Colégio da Vila de São Vicente para a aldeia de Piratininga, segundo o Padre SERAFIM LEITE, deu-se a 25 de janeiro, porque, "como apóstolo que era da conversão do gentio, entre outros possíveis dias, Nóbrega escolheu o do "A

471- LEITE, Padre Serafim-Suma histór. da Comp. de Jesus no Bras., p. 3

472- Idem, Ibidem, p. 8

473- Idem, Ibidem, p. 9 e 10

474- Idem, Ibidem, p. 12 e 14

póstolo das gentes"; e por esse motivo a Casa da Companhia, em Piratininga, se chamou Casa de São Paulo" (475), nome que, depois, se estendeu a todo o vilarejo.

Ao retornar à Bahía, por volta de 1556, Nóbrega passou pelas povoações denominadas de Santo Amaro e da Ajuda, cuja origem toponímica remonta aos primórdios da colonização (476). Voltando a São Vicente, no ano de 1560, na esquadra de Mem de Sá, a sua presença "veio realizar a sua velha aspiração de consolidar São Paulo, reünindo os homens do Campo em Piratininga, aspiração que exprimira já a 2 de Setembro de 1557 e se tornara geral, operando-se a mudança da vila de Santo André da Borda do Campo para São Paulo de Piratininga" (477).

Esclarece, ainda, o Padre SERAFIM LEITE que, no intervalo de cinco anos, Nóbrega fundou outra aldeia com o nome de São Paulo, na Bahía, em 1558, que veio a ser escolhida para sua "residência habitual","constituindo-a, deste modo, e por então, cúria provincial do Brasil" (478).

Além desse apostolado inicial, também as devoções marianas e os primeiros cultos aos santos católicos mereceram do Padre SERAFIM LEITE diversas referências, principalmente se se levar em conta que, em torno deles, se formaram confrarias agrícolas e congregações ou ordens religiosas, consideradas como os verdadeiros sustentáculos do culto divino, no Brasil.

Relativamente à devoção mariana, várias aldeias da terra receberam, segundo o autor, o nome de Nossa Senhora da

---

475- LEITE, Padre Serafim-Suma histór.da Comp. de Jesus no Bras., p. 14

476- Idem, Ibidem, p. 24

477- Idem, Ibiden, p. 26

478- Idem, Ibiden, p. 71

Conceição, já introduzida no devocionário mais antigo aqui instalado, junto com o de Nossa Senhora dos 40 Mártires e o de Nossa Senhora das Missões, de "imagem itinerante e peregrina"(479).

As primitivas Irmandades de Nossa Senhora tiveram origem nas aldeias baianas, por volta de 1573-1574, mas, nos aldeamentos indígenas, eram nomeadas sem nenhuma invocação particular (480). O movimento das chamadas Congregações Marianas nos colégios das cidades, teria, oficialmente, sido iniciado em 1581, com a aprovação dos estatutos da Confraria ou Congregação de Nossa Senhora do Rosário, na Bahía e, em 1583, em São Paulo. Aos poucos, em lugar desse designativo, começou a surgir um outro, o da Anunciação, que é o primeiro mistério do rosário ou terço, aparecendo a Congregação do Terço unida às de Nossa Senhora da Luz e de Nossa Senhora do Socorro (481). No Colégio da Bahía também se apontava a Congregação de Nossa Senhora das Flores, depois denominada Congregação da Mãe de Deus chamada das Flores. Acrescente-se, ainda, que, na região baiana, a Congregação de Nossa Senhora da Anunciação também se tornou conhecida por Nossa Senhora da Encarnação, conotando as duas, entretanto, o já referido mistério mariano(482). A Confraria de Nossa Senhora da Paz, fundada em Pernambuco por volta de 1614, já apresentava alguma diversificação, desde que era composta de oficiais mecânicos; ainda no Recife, depois da revolução holandesa de 1630, fundou-se a Confraria de Nossa Senhora da Conceição para a classe nobre e, no século 18, no Maranhão, despontaram as Congregações de Nossa Senhora da Boa Mor

---

479- LEITE, Padre Serafim-Suma histór.da Comp.de Jesus no Bras., p. 124

480- Idem, Ibidem, p. 129

481- Idem, Ibidem, p. 131 e 132

482- Idem, Ibidem, p. 137

te, surgindo em Pernambuco, em 1757, uma outra congregação escolar, a do Puríssimo Coração de Maria (483). Todas essas organizações religiosas teriam por objetivo principal, além do culto à Nossa Senhora, fomentar "a piedade e a perfeição pessoal dos congregados estudantes", e, nas não escolares, "um estímulo permanente ao exemplar cumprimento dos deveres de estado e muitas vezes a caridade para com o próximo e doentes de hospital" (484).

Quanto ao culto dos santos, "os primeiros a serem venerados pelos Jesuítas, como padroeiros das aldeias", diz o autor, "foram os princípes dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, também S. João Evangelista e Sant'Iago; e com S. João Baptista, entre os primeiros, o português Santo Antonio. A devoção a S. José não estava ainda generalizada na Igreja, mas conquistou depois lugar de eleição entre as devoções da Companhia no Brasil, assim como o alcançaram os santos da mesma Companhia, a começar por Santo Inácio, S. Francisco Xavier e depois S. Francisco de Borja, e todos os mais à medida que se canonizavam até 1760" (485).

Dentre as manifestações externas de devoção, cite-se a principal delas que se referia à festa de Jesus, celebrada no dia 1º de janeiro, colocando-se, a seguir, os dias de Natal e de Reis; despertavam também interesse as cerimônias da Paixão e as da chegada do Espírito Santo. Mas a devoção ao Coração de Jesus ainda não existia; "quando surgiu na Igreja de Deus, celebraram-na os padres do Brasil segundo o espírito do tempo, com reflexos perduráveis na iconografia e na litera -

---

483- LEITE, Padre Serafim-Suma histór. da Comp.de Jesus no Bras. p. 136

484- Idem, Ibidem, p. 137

485- Idem, Ibidem, p. 125

tura" (486). No mesmo sentido, a "festa do Anjo Custódio de Portugal (S. Miguel) levou ao Brasil a devoção aos anjos, a qual se vai logo encontrar em São Paulo de Piratininga pouco depois da fundação. O anjo S. Miguel veio a constituir-se orago de diversas aldeias e do Colégio da Vila de Santos"(487).

Definido, assim, o campo místico-religioso que, por influência dos padres católicos da Companhia de Jesus e do próprio espírito cristão do português aqui radicado, se espalhou em todas as porções do território, convertendo aos novos ritos parte considerável da população indígena, pode-se passar ao exame dos aspectos gerais oferecidos pela toponímia religiosa, principalmente procurando-se a confirmação, na nomenclatura, do culto e da reverência a, pelo menos, algumas das entidades mencionadas.

Assim é que, apesar da grandeza da devoção popular à Nossa Senhora, são poucos os topônimos consagrados, explicitamente, ao seu culto. A lexia simples aparece em posição determinante apenas no acidente humano do Estado da Bahía, denominado Ponta de Nossa Senhora. Mas, mesmo quando acompanhada de qualificativos, não há muita expressividade ou realce no seu emprego, em confronto às manifestações externas pelo fervor natural à Mãe de Cristo. Os maiores índices ficam com Nossa Senhora da Guia, nomeando três acidentes humanos nos Estados do Amazonas, Mato Grosso e Pará, e com Nossa Senhora da Glória, em dois acidentes humanos no Amazonas e em Alagoas. Uma única vez a nomenclatura acolheu Nossa Senhora do Amparo(AH RJ), Nossa Senhora do Carmo (AH BA), Nossa Senhora das Candeias (AH BA), Nossa Senhora das Dores (AH SE), Nossa Senhora

---

486-LEITE, Padre Serafim-Suma histór.da Comp. de Jesus no Bras., p. 124

487- Idem, Ibidem, p. 125

das Graças (AH PR), Nossa Senhora do Livramento(AH MT PA), Nossa Senhora de Lourdes (AH AL), Nossa Senhora dos Milagres (AH BA), Nossa Senhora do Ó (AH PE), Nossa Senhora da Penha (AH RJ), e Nossa Senhora do Socorro (AH SE).

O levantamento, assim, deixou comprovado que os primeiros cultos em honra à Virgem Maria não foram acolhidos pela toponímia, como Nossa Senhora do Rosário, da Paz ou da Luz, por exemplo. Entretanto, uma das mais antigas devoções, aquela consagrada à Nossa Senhora da Conceição, guardou apenas a forma específica, surgindo em ocorrências simples ou com determinativos das mais diversas procedências semânticas, deixando entrever, em algumas delas, o gosto bem popular pelas formações espontâneas, a saber:

Conceição (AH AM BA ES GO MA MG MT PA PB PI PR RJ RO SC SP; Ar. RS; Cach. RO PI; I. PA PI; Ig. AC RO; La. RR; Pto. MT; R.GO MG; Rb. GO; Sa. da, BA GO MG PE PI)

Conceição da Barra (AH ES)/ Conceição da Feira (AH BA)
Conceição da Vargem (AH MG)/ Conceição das Crioulas (AH PE)
Conceição das Lagoas (AH MG)/ Conceição do Jacuípe (AH BA)
Conceição de Jacareí (AH RJ)/ Conceição de Macabu (AH RJ)
Conceição de Tronqueiras (AHMG)/Conceição do Pará (AH MG)
Conceição do Canim (AH MG)/ Conceição do Castelo (AH ES)
Conceição do Coité (AH BA)/ Conceição do Araguaia (AH PA)
Conceição do Galo (AH BA)/ Conceição do R. Verde (AH MG)
Conceição do Mau (AH RR)/ Conceição dos Ganchos (AH AM)
Conceição do Nºorte (AH GO)/ Conceição Culuene (R. MT)
Conceição das Pedras (AH MG)/ Conceição dos Ouros (AH MG)

O predomínio da forma simples ocorre em acidentes físicos, enquanto que a preferência pelos sintagmas compostos fica por conta dos acidentes humanos, sobressaindo-se o Estado de Minas Gerais como aquele onde ocorre o maior número destas lexias.

A consagração de Nºossa Senhora da Aparecida como Padroeira do Brasil não foi suficiente para que a expressão fosse acolhida, integralmente, na toponímia. A nomenclatura geográfica encerra um único registro de denominativo, no Estado

do Rio de Janeiro; mesmo o determinante Aparecida não teve muita aceitação, seja no sintagma simples ou em compostos, a saber:

Aparecida (AH GO MT SP)
Aparecida d'Oeste (AH SP)
Aparecida do Monte Alto (AH SP)
Aparecida de São Manoel (AH SP)
Aparecida do Tabuado (AH MT)

Essa mesma técnica de nomeação de lugares, a partir do qualificativo da Virgem, apenas, aparece, porém, em outros exemplos, como estes:

Amparo (AH BA MT PB RJ SP; Rcho. do, CE; Sa. do, RJ)
Amparo da Serra (AH MG) / Amparo do Sítio

Carmo (AH AP GO MA PA PE RJ; C. MG; Cach. do, RO; I. RJ)
Carmo da Mata (AH MG) / Carmo da Cachoeira (AH MG)
Carmo de Minas (AH MG) / Carmo do Paranaíba (AH MG)
Carmo do Cajuru (AH MG) / Carmo do Rio Verde (AH GO)

Consolação (AH MG)

Dores (AH GO)
Dores de Campos (AH MG) / Dores da Vitória (AH MG)
Dores de Macabu (AH RJ) / Dores do Paraibuna (AH MG)
Dores do Indaiá, (AH MG) / Dores dos Canhões (AH MG)
Dores do Turvo (AH MG)

Fátima (AH BA)
Loreto (AH AM BA MA RS SP)
Mãe dos Homens (AH MG)
Medianeira (AH PR)

Mercês (AH MG) / Mercês da Água Limpa (AH MG)

Milagre (AH BA) / Milagres (AH MG)

Misericórdia (AH RO; Cach. RO; Cach. da, AM; Rb. MG)

Nazaré (AH AC AM AP BA GO MA MG PA PI RN RO; C.MG; I.RR)
Nazaré da Mata (AH PE) / Nazaré do Badaró (AH AM)
Nazaré do Piauí (AH PI) / Nazaré do Retiro (AH AM)
Nazaré Paulista (AH SP) / Nazaré dos Patos (AH PA)
Nazarezinho (AH PB) / Nazareth (Cach. RO)

piedade (AH MG PE SP; Rb. GO MG SP; Sa. da, MG, PE)
Piedade do Paraopeba (AHMG)/ Piedade da Ponte Nova (AH MG)
Piedade dos Gerais (AHMG)/ Piedade do Rio Grande (AH MG)

Socorro (AH MG) / Perpétuo Socorro (AH PE)

Prazeres (AH BA PE RR)

Registra, ainda, a toponímia algumas outras possibilidades de identificação de Nossa Senhora que, no entanto, não chegam a atingir índices significativos, como Virgem, que nomeia, na expressão simples, um córrego no Estado do Rio Grande do Norte, e na composta, Virgem da Lapa e Virgem Maria, um acidente humano em Minas Gerais e uma serra nos Estados do Pará e do Paraná. Imaculada está registrada em dois topônimos do Estado da Paraíba, um humano e outro físico - serra, mais precisamente. Madre de Deus localiza-se na Bahía (AH), em Pernambuco (Rcho. da,) e em Minas Gerais (AH). O qualificativo Senhora é outra disponibilidade toponímica, sensível em Senhora da Penha (AH MG), Senhora da Glória (AH MG), Senhora do Carmo (AH MG) Senhora do Porto (AH MG) e Senhora dos Remédios (AH MG). Relativamente a este designativo, saliente-se que os toponomásticos, todos eles, localizam-se na região mineira, formando, portanto, uma área de incidência hierotoponímica considerável.

Outras expressões registradas toponimicamente podem sugerir uma inclusão no quadro devocional de Nossa Senhora, e das quais se fixaram apenas os elementos determinantes. Trata-se de Bom Sucesso (Nossa Senhora do Bom Sucesso), Bom Conselho (Nossa Senhora do Bom Conselho) e Boa Morte (Nossa Senhora da Boa Morte), apresentando, a primeira delas, um índice significativo em vários Estados brasileiros, em contraste com as duas outras, que acusam ocorrências únicas:

Bom Sucesso (AH AM BA CE GO MA MG MT PA PB PR RJ RR SP ; C. BA; R. PR BA GO; Rb. GO MG MT RN; Rcho do, PE; Sa. CE; Sa. do, MG)
Bom Sucesso dos Milagres (AH RN)
Bom Conselho (AH PE)
Boa Morte (AH MG)

A Natividade da Virgem Maria, também consagrada devocionalmente, deixou alguns índices na nomenclatura geográ-

fica, do mesmo modo que a Assunção da Senhora. Assim:

Natividade (AH GO; Ig. RO; Sa. da, BA GO)
Natividade da Serra (AH SP)/Natividade do Carangola (AH RJ)

Assunção (AH AM CE PI RN RO; I. da, PE; Ig. AM)

A reverência ao Coração de Jesus e ao Coração de Maria, conforme esclareceu o Padre SERAFIM LEITE e já foi, aqui, referido, foi introduzida posteriormente aos primeiros cultos cristãos; mas os "reflexos perduráveis" por ele mencionados, tanto na "iconografia" como na "literatura", não deixaram vestígios expressivos na toponímia. Apenas duas ocorrências são encontradas com esses denominativos, nomeando acidentes humanos nos Estados da Bahía e de Minas Gerais e Bahía e Pernambuco, respectivamente.

Já o batismo de acidentes com o nome de Deus ou de Cristo, em posição sintagmática inicial, parece ter encontrado nos denominadores uma espécie de resistência, motivada, talvez, pelo conteúdo místico e, até certo ponto, incompreensível, mesmo nos dias de hoje, que envolve a criação do universo e do próprio homem, como seu elemento natural. Por isso mesmo a nomenclatura não acusa tais apelativos em seus quadros, a não ser em formação compostas como Dedo de Deus (AH RJ) e Menino Deus (AH PA). Todavia, expressões populares consagram o nome do Criador, como ocorre em Espero em Deus (AH AM), Deus me livre (AH BA; Chap. GO; Sa. MG; Sa. de, RJ) e Graças a Deus (AH BA). Cristo-Rei denomina um único acidente humano no Estado do Paraná e, em posição sintagmática final, cite-se Mônte Cristo (AH AM ES PA; Cach. AM RO). Por sua vez, Jesus batisa um acidente fluvial em Goiás. O tratamento de Salvador, que se aplicou ao Cristo, foi, porém, consagrado em um número um pouco maior de acidentes, quais sejam os acidentes humanos dos Estados da Bahía, Goiás e Santa Catarina, o córrego de Goiás, o i-

garapé no Acre e os rios no Pará e em Goiás. Crucificado é nome de um igarapé no Estado do Pará e Senhor do Bom Fim nomeia um único acidente humano, na Bahía.

O toponomástico Bom Jesus parece contradizer a afirmação do tabu lingüístico que se mencionou acerca do nome de Jesus; o aspecto reverencial dedicado pelo povo ao Senhor não se acha ferido pelo emprego desta forma, inclusive em combinações das mais diferentes e variadas procedências semânticas:

Bom Jesus (AH AM CE GO MA MG PA PB PI RS SC; R. BA RN ; Rb. MG GO; Rcho. CE PI RN; Sa. CE PB)

Bom Jesus da Lapa	(AH BA)	Bom Jesus da Floresta	(AH MG)
Bom Jesus da Penha	(AH MG)	Bom Jesus da Cachoeira	(AH MG)
Bom Jesus das Pedras	(AH MG)	Bom Jesus da V. Alegre	(AH MG)
Bom Jesus de Madeira	(AH MG)	Bom Jesus de Mantenas	(AH ES)
Bom Jesus do Amparo	(AH MG)	Bom Jesus do Barracão	(AH PR)
Bom Jesus do Bagre	(AH MG)	Bom Jesus do Galho	(AH MG)
Bom Jesus do Itaveira	(AH PI)	Bom Jesus do Itabapoana	(AHRJ)
Bom Jesus do Manhuaçu	(AH MG)	Bom Jesus do Mundo Novo	(AHMG)
Bom Jesus do Norte	(AH RJ)	Bom Jesus dos Perdões	
Bom Jesus dos Pobres	(AH BA)	Bom Jesus da Gurguéia Serra	(AH PI)

A divindade de Cristo, representada pela lexia Divino, simplesmente ou em composição, oferece alguns registros:

Divino	(AH MG)
Divino das Laranjeiras	(AH MG)
Divino de Ubá	(AH MG)
Divino do Cibrão	(AH MG)
Divinolândia	(AH SP)
Divinolândia de Minas	(AH MG)
Divinópolis	(AH MG)

O predomínio do topônimo em Minas Gerais constitui outra área de conteúdo hierotoponímico de realce, ainda mais porque a forma lexical não aparece em outras regiões, a não ser uma única vez no Estado de São Paulo. Note-se, entretanto, que o termo pode ser interpretado como uma abreviação da expressão mais completa, isto é, Divino Espírito Santo, de grande penetração no culto popular católico, mas consagrado em alguns topônimos apenas como Espírito Santo, podendo, ainda, aparecer com

alguns qualificativos:

Espírito Santo (AH AM AP CE ES MA MG PA PE PI RJ RN RO RR; Cach. do, PI; I.do, AM; La.do, SP; R. BA ; Rb. SP; Rb. do, SP)

Espírito Santo do Dourado (AH MG)
Espírito Santo do Turvo (AH SP)

Em posição sintagmática final, citem-se os seguintes topônimos:

Minas do Espírito Santo (AH BA)
Tapera Espírito Santo (AH MT)
Mocambo do Espírito Santo (AH PA)

A Ascenção do Senhor figura em um único acidente humano, em Minas Gerais, enquanto que o Nascimento de Cristo é comemorado em maior número de ocorrências: Natal (AH AC AM GO MG PI RN; Ig. AC AM; Rcho. de, PI; Rf. de, RN).

Por outro lado, o gosto popular enriqueceu a hierotoponímia pátria com um número expressivo de Santa Cruz em acidentes geográficos, seja na forma simples ou com determinantes:

Santa Cruz (AH AC AM ES MG MT PA PR RN SP; C. MT; Ig.RO; Rb. MG; Sa. MT; Sa. da, MG).

Santa Cruz do Ijoval (AH MT)
Santa Cruz do Monte Castelo (AH PR)
Santa Cruz do Rio Clarinho (AH SP)
Santa Cruz dos Lopes (AH SP)
Santa Cruz dos Motas (AH SP)

Sem o determinante Santa, a lexia Cruz acusa um significativo contingente de topônimos, seja em posição sintagmática inicial ou final, além de apresentar também algumas expressões derivadas, como Cruzeiro, Cruzeta, Cruzália, Cruzinha, por exemplo:

Cruz (AH BA CE MG PI RN RS; Ar.da,RS; Bjo. da,GO; C. da, MG; I.da, RS; R. da,MG; Rb.da, PR; Rcho. da, CE MA; Sa. da, RS)

Cruz Alta	(AH SP)	/ Cruz Altinha	(AH RS)
Cruz da Esperança	(AH SP)	/ Cruz das Almas	(Mo.MG)
Cruz das Posses	(AH SP)	/ Cruz de Alverne	(AH MG)
Cruz de Malta	(AH SC)	/ Cruz do Esp. Santo	(AH PA)
Cruz do Bento João	(AH MG)	/ Cruz Vera	(AH MG)

Cruzália	(AH SP)

Cruzeiro	(AH AM MG PR RR RS SP)		
Cruzeiro da Paz	(AH BA)	/ Cruzeiro do Vale	(AH AC)
Cruzeiro do Oeste	(AH PA)	/ Cruzeiro do Norte	(AH PR)
Cruzeiro do Sul	(AH PR)	/ Cruzeiro dos Peixotos	(AH MG)

Cruzeirinho	(AH CE)
Cruzes	(AH PE SP: C.das,GO; Cach.das, MT)
Cruzeta	(AH RN)
Cruzília	(AH MG)
Cruzinha	(AH RS)

Em posição final, nota-se a junção da lexia a outras de diversificados conteúdos semânticos que sugerem, assim, motivação bastante variada, não estritamente presa a fatores religiosos, como nos topônimos seguintes:

Bela Cruz	(AH MG)	/ Brejo da Cruz	(AH BA)
Capão da Cruz	(AH SP)	/ Grande Santa Cruz	(I. PA)
Ibicuí da Cruz	(R. RS)	/ Lagoa da Cruz	(AH PI)
Malhada da Cruz	(AH RN)	/ Mogi das Cruzes	(AH SP)
Nova Cruz	(AH BA)	/ Poço da Cruz	(AH CE)
Primeira Cruz	(AH MA)	/ Riacho da Cruz	(AH MG)

A toponímia ainda conservou da língua tupi o sig no curuçá, considerado deturpação fonética de cruz, desde que os grupos consonantais, comuns ao português, não apareciam no sistema linguístico indígena. Assim, notam-se os seguintes topônimos originados desse fator:

Curuçá	(AH AM PA SO; Ig. AM;Lo. AM; Pta. PA)
Curuçazinho	(AH PA)
-Itacurussá	(AH RJ; I. de, RJ; Pta. SP)
Curuçu	(Ar. RS)

A respeito do emprego de Cruz e de Santa Cruz, na toponímia, compare-se a informação de LUIS LÓPES SANTOS relativamente à presença do topônimo, na Espanha:

"El calificativo "sanctus" también se aplica

> a cosas que estrictamente participan de la santidad y reportan, por tanto, título eclesiástico de veneración(...). El grupo más importante es el referido a la Santa Cruz, muy abundante en la forma castellana y gallego-portuguesa Cruz, Cruces, Cruzes precedido de determinantes como Aldea, Casa, Casal, Cerro, Cortijo, Huerta, Horta, Loma, Monte, Quinta, Sierra, Serra, o con la forma catalana Creu, Creus, precedida de Coll, Mas, Vall, Cap, o en forma compuesta, como Can-Creus, Cruzvella, Cruzsanta, Miracruz, Navalacruz, Oterocruz, Traslacruz, Son Creus. Resta la extraña forma Cruzul y Renta de Cruzul para los que puede allegarse un d. en -ulla"(488).

Toda essa gama toponímica, múltipla e variada, a respeito desse nome, nada mais significa, pois, que o reflexo do primeiro símbolo cristão implantado no Novo-Mundo e aqui frutificado. Como concluiu o Padre SERAFIM LEITE, em suas observações sobre as atividades missionárias da Companhia de Jesus e dos cultos por ela trazidos da Europa, "a Cruz de Cristo estava na bandeira da nação evangelizadora e no coração da Companhia; e no passado e no presente, numa forma ou noutra, é o objeto mais visível do culto no Brasil, como o certifica no Rio de Janeiro a estátua de Cristo Redentor a iluminar e a abençoar o Brasil, em que a própria imagem, de braços abertos, é a cruz" (489).

Outro nome que demonstra o sentimento de crença e fervor que animou o brasileiro, desde as suas origens mais remotas, é a expressão toponímica Santa Fé, nomeando acidentes em algumas regiões do país, seja em autonomia sintagmática (AH AC BA CE GO MA MT PB PR RR; Rb. MG) ou como determinante: Bonito de Santa Fé (AH PB), Santa Fé de Minas (AH MG) e uma forma contracta, Santafé (Ar. RS).

488- LÓPES SANTOS, Luis- "Hagiotopon.", p. 589

489- LEITE, Padre Serafim - Suma histór.da Comp. de Jesus no Bras., p. 138

Informa LÓPES SANTOS sobre esse topônimo que "el título de santidad estrictamente corresponde a las personas pero en sentido lato también se aplica a las cosas, valiéndose de los calificativos "sanctus" y "sacrus"", esclarecendo ainda que, entre outras aplicações, o primeiro termo pode ser empregado a "virtudes o nociones abstractas, como en Santafé, Santa Paz o Santapau, en casos en que no se refiera a santos así llamados" (490). Aproveita, então, o momento, para apontar os topônimos formados com sanctu-a, como: Aguas Santas, Casasanta, Cortijo Santo, Cueva Santa, Fontesanta, Fontsanta, Fuensanta, Monsanto, Monsant, Piedra Santa, Pino Santo, Porto Santo, Río Santo, Santo Varão (...); e com sacru-a: Sacra, Zagra, La Sacra, Sacramón, Sacramenia, Vilasacra (...). (491).

No Brasil, além dos já mencionados Santa Cruz e Santa Fé, o título de santidade aparece em formas isoladas como em Santa (AH MT; Ig. RO) e Santo (Cach. do, PA; Ig.do, RC; Lo. AM; R.do, BA; R.MG) e compostas, em posição medial, como Monte Santo de Minas (AH MG) e final, como Água Santa (AH MG-RS), Águas Santas (AH MG), Alto Santo (AH CE), Lagoa Santa (AH MG), Monte Santo (AH AP BA GO RO; R. GO; Sa. do, BA PE), Pedra Santa (AH GO), Porto Santo (AH MG), Terra Santa (AH PA).

O termo sacro foi acolhido em Sacra Família do Tinguá (AH RJ), aparecendo em outros topônimos com algumas modificações mórficas: Sagrado (AH MT), Sacres (AH SP) e Sacramento (AH MG; R.do, MG; Ste. CE).

É, porém, no conjunto hagiotoponímico brasileiro que o título personalíssimo de santidade aparece com maior significação, seja na forma plena santo, -a, ou na contracta são.

490- "Hagiotopon.", p. 589

491- Ibidem, p. 589

Com estes característicos se encontram, de fato, os mais representativos exemplos da tradição religiosa do país, como principal herança da cultura portuguesa aqui implantada. A variedade de formações toponímicas é bastante extensa, não só do ponto de vista quantitativo como qualificativo, tornando difícil, assim, uma pesquisa completa e abrangente.

Entre os primeiros cultos de que se tem notícia, no Brasil, foram citados pelo Padre SERAFIM LEITE, como já se mostrou, os dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, e os de São João Batista e Santo Antonio. Desses, o que mais se salientou na toponímia pátria foi o português Santo Antonio, sobrepujado, em termos numéricos, apenas por São José, cuja devoção, todavia, é de origem posterior. Seguem-se a esses, os nomes de São Francisco, São Sebastião, São Domingos, São Miguel, São Bento, São Lourenço, São Vicente, São Gonçalo, São Joaquim, São Luis, São Roque e São Mateus, como os mais empregados, respectivamente.

O exame do levantamento realizado dá uma idéia da variedade das composições toponímicas, em alguns dos nomes referidos:

São José (AH AM BA CE ES GO MA MG MT PA PB PI PR RJ RO RR RS SC SE SP; Ar.RS; Ba.de, MA; C.GO MG MT; Cach. PA RO; Chap.CE; I.AM MA MT RR; Ig. AM PA RO;R. BA ES GO MA MG MT RJ RN SP; R.de, BA; Rb. GO MA MG MT SP; Rcho. CE PB PI RN; Sa. BA; Sa.de,RN)

S. José da Barra	(AH MG)/	S. José da Bela Vista	(AH SP)
S. José da Boa Vista	(C. MG)/	S. José da Catinga	(AH SE)
S. José da Fortuna	(AH MG)/	S. José da Laje	(AH AL)
S. José da Safira	(AH MG)/	S. José da Soledade	(AH MG)
S. José da Varginha	(AH MG)/	S. José das Creolas	(AH MT)
S. José das Perobas	(AH MG)/	S. José das Tronqueiras	(AH MG)
S. José do Acacio	(AH MG)/	S.José do Barreiro	(AH MG)
S. José do Bugre	(AH MG)/	S. José do Buriti	(AH MG)
S. José do Divino	(AH MG)/	S. José do Galheiro	(AH MG)
S. José do Goiabal	(AH MG)/	S. José do Oratório	(AH MG)
S. José do Peixe	(AH MG)/	S. José dos Campos	(AH MG)
S. José do Prado	(AH BA)/	S. José do Prata	(AH MG)
S. José do Norte	(AH RS)/	S. José do Ribeirão	(AH RJ)

Santo Antonio (AH AC AM AP BA CE ES GO MA MG MT PA PE PI PR RJ RN RO SC RS SP; Ar.RS; C. GO MT MG; C.de, BA; Cach. MA MT PA RO; Cox.RS; I.AM; Ig.AC AM MA PA; La. CE GO; R. BA ES GO MA MG MT PA SC; Rb. ES GO MG MT; Rcho. BA CE PB RN PI; Sa.de, BA GO; Vda.de, BA PI)

S. Antonio da Alegria(AH SP)/S. Antonio das Mortes (Rb.MG)
S. Antonio da Estiva (AH SP)/S.Antonio da Glória (AH MG)
S. Antonio da Pindoba(AH CE)/S.Antonio das Trempes(AH PE)
S. Antonio de Baixo (Rb.GO)/S.Antonio do Amparo (AH MG)
S. Antonio da Posse (AH SP)/S.Antonio do Monte (AH MG)
S. Antonio de Jesus (AH BA)/S.Antonio de Lisboa (AH SC)
S. Antonio do Bonito (AH MG)/S.Antonio do Itambé (AH MG)
S. Antonio do Içá (AH AM)/S.Antonio do Imbé (AH RJ)
S. Antonio do Jardim (AH SP)/S.Antonio do Palmital(AH PR)
S. Antonio do Norte (AH MG)/S.Antonio do Pinhal (AH SC)
S. Antonio do Tauá (AH PA)/S.Antonio dos Alves (AH MA)

São Francisco (AH AC AM BA CE ES GO MA MG MT PA PB PE PI PR RR RS SE SP; C.MG MT; I.de, SC; Cach. PA; Ig.AC AM PA RO; La.do, MG PI; R. AC AL BA GO MG MT PE PR RJ RN RO SE; Rb. MT PR; Rcho. CE PB PI ; Sa.BA; Sa. de, MT PR SP)

S. Fracisco Cruz (Ig.RO)/S.Francisco da Glória(AH MG)
S. Francisco Xavier (C. MT)/S.Francisco de Sales (AH MG)
S. Francisco de Goiás(AH GO)/S.Francisco do Maranhão(AHMA)
S. Francisco de Paula(R. MT)/S.Francisco de Oliveira(AHMG)
S. Francisco do Arumã(AH AM)/S.Francisco do Conde (AH BA)
S. Francisco do Brasil(AH ES)/S.Francisco do Piauí (AH PI)
S. Francisco do Norte(AH SE)/S. Francisco do Terere(AHMT)
S. Francisco do Sul (AH SC)/S.Francisco Verdadeiro(R.PR)

São João (AH AC AM BA ES GO MA MG MT PA PE PI PR RO RS SC SP; Ar.RS; C. GO MG MT; Ig. AC RO; Mo.de, GO MG; R. BA GO MG MT PR RJ RO SC SP; Rb. MG MT SP; Rcho. BA CE MA PI; Sa. GO MT PR SP)

S. João Batista (AH SC)/ S. João Mirim (I. MA)
S. João Grande (AH MG)/ S. João Velho (R. RS)
S. João Novo (AH SP)/ S. João da Lagoa (AH MG)
S. João da Barra (AH RJ)/ S. João da Vereda (AH MG)
S. João da Chapada (AH MG)/ S. João da Ocalina (AH PR)
S. João da Lapa (AH SP)/ S. João da Serra (AH MG)
S. João da Mata (AH MG)/ S. João de Alegria (AH MG)
S. João da Ponte (AH MG)/ S. João do Capim (AH MG)
S. João da Vereda (AH MG)/ S. João do Cariri (AH PB)
S. João de Cima (AH SC)/ S. João do Piauí (AH PI)
S. João do Tigre (AH PB)/ S. João do Sul (AH SC)

S. Joãozinho (I. PA)

São Pedro (AH AC AM BA CE ES GO MA MG MT PA PI PR RN RO RS SC SP; Ar. PR; C. ES GO MG MT; Cach. AM; I.RR; I.de, RO; Ig. AC AM PA RO; Mo. MG; R. BA ES GO MG PR RO SP; R.do, PE; Rb. GO MG MT SC SP; Rcho. de, PI; Sa.,GO; Sa.de, MG PB RS SP; Sa. do, PI)

S. Pedro da Aldeia (AH RJ)/ S. Pedro da União (AH MT)
S. Pedro da Garça (AH MG)/ S.Pedro da Pedra Bonita(AHES)

S. Pedro de Caldas (AH MG)/ S.Pedro de Alcântara (AH RS)
S. Pedro de Glória (AH MG)/ S.Pedro de Itabapoana (AH ES)
S. Pedro de Ratos (AH RJ)/ S.Pedro do Desterro (AH AM)
S. Pedro de Viseu (AH PA)/ S.Pedro do Pontegi (AH RN)
S. Pedro do Ivaí (AH PR)/ S.Pedro do Timbaúba (Aç.CE)
S. Pedro do Sul (AH RS)/ S. Pedro do Avaí (AH MG)
S. Pedro do Turvo (AH SP)/ S.Pedro dos Ferros (AH MG)
S. Pedro de Jequitinhonha (AH MG)
S. Pedro de Nova Friburgo (AH RJ)

São Paulo (AH AM BA GO MA PE RR RS SP; C. MG MT; Cach.RO; I. AM; Ig. PA RO; La. SP; R. BA MG; Rcho. MA; Sa.de, MT)

São Paulo de Olivença (AH AM)

São Sebastião (AH BA ES GO MA MG MT PA PB PR RJ RO RR SC SP; C. GO; Cach.de, SP; Ig. AM;Rb.MT; Sa.de,RJ SP)

São Sebastião da Anta (AH MG)
São Sebastião da Bela Vista (AH MG)
São Sebastião da Boa Vista (AH PA)
São Sebastião da Vitória (AH MG)
São Sebastião das Laranjeiras (AH MG)
São Sebastião do Curral (AH MG)
São Sebastião do Imbuzeiro (AH PB)
São Sebastião do Monte Alegre (AH MG)
São Sebastião do Paraíba (AH RJ)
São Sebastião do Paraíso (AH MG)
São Sebastião do Rio Claro (AH GO)
São Sebastião do Rio Preto (AH MG)

São Miguel (AH AC AL AM AP BA CE GO MA MG MT PA PR RN RR RS SC SP; C. GO MG; Cach. AM PA; Chap.de, PI ; R. AL GO MG MT PA; Rb. GO MG; Rcho. PB CE; R. MG PR PI RO; Sa. GO MT)

S. Miguel Arcanjo (AH SP)/ S.Miguel das Matas (AH BA)
S. Miguel de Taipu (AH PA)/ S.Miguel das Missões (AH RS)
S. Miguel do Anta (AH MG)/ S.Miguel de Touros (AH RN)
S. Miguel do Tapuio (AH PI)/ S.Miguel do Araguaia (AH GO)
S. Miguel dos Campos(AH AL)/ S.Miguel dos Milagres(AH AL)
S. Miguel dos Macacos(AH PA)/ S.Miguel Paulista (AH SP)
S. Miguel D'Oeste (AH SC)/ S.Miguel da Roseira (AH PR)

São Domingos (AH BA CE GO MA MG MT PA PB PE PI PR RS SC SE; C.BA ES GO MG MT PR; Cach. MA MG RO; Chap.de , MG; I. MA PA; Ig. RO; Lj. RS; R. BA GO MA MG MT PA RO SC SP; Rb. GO MG MT; Rcho. PE PI; Sa. ES; Sa.de, BA GO MG)

São Domingos da Bocaina (AH MG)
São Domingos do Maranhão (AH MA)
São Domingos do Prata (AH MG)
São Domingos do Sul (AH RS)

Se estes nomes santificados são os mais correntes

do ponto de vista toponímico, inversamente há aqueles que figuram com registros únicos, justificando, talvez, a pequena difusão de seu culto, como ocorre com Santo Afonso (AH MG); Santo Alberto (AH RN); Santo Anselmo (R. PR); São Berto (AH SP); Sao Boaventura (AH PB); São Borja (AH RS); São Calisto (Sa.de, MG); São Camilo (R. PR); São Cândido (AH MG); São Custódio (AH MG); São Damião (AH CE); São Desidério (AH BA): Santo Emílio (AH BA); Santo Esidro (AH MT); Santo Espedito (AH SP); Santo Eugênio(AH PI); Santo Eustáquio (Ar. RS); São Fernando (AH RN); São Florêncio (Ig. MT); São Gaspar (AH AM); São Gerardo (AH CE).

Quanto ao emprego do nome de santas na toponímia, a dinâmica, tanto quantitativa como qualitativa, é um pouco menor em relação aos apelativos masculinos, recaindo a preferência popular em Santa Ana, sob a forma contracta Santana, desde que não se considere a posição ocupada pela Virgem Senhora,sob a especificidade de Santa Maria. A seguir, o quadro nomenclatural aponta Santa Rita, Santa Rosa, Santa Bárbara, Santa Isabel e Santa Luzia, além de outras com menores incidências:

Santa Ana (AH PA)

Santana (AH AM BA ES MA MG MT PA PB PI PR RJ RN RR RS ; Ar. RS; C.BA MG; Cach.GO MG; I.AP MA RO; I.de, BA RJ; R. BA ES MA MG MT PI PR RN; Rb.GO MA MG MT PA SP; Rb.de, MG; Rcho.BA CE PB RN; Sa. GO MG; Sa.de, BA MA RJ RN).

Santana da Vargem	(AH MG)/	Santana do Capivari	(AH MG)
Santana de Caldas	(AH MG)/	Santana de Parnaíba	(AH SP)
Santana de Patos	(AH MG)/	Santana de Pirapama	(AHMG)
Santana do Acaraú	(AH CE)/	Santana do Alfié	(AH MG)
Santana do Cariri	(AH CE)/	Santana do Barro	(AH MG)
Santana do Hilário	(AH AM)/	Santana do Deserto	(AH MG)
Santana do Ipanema	(AH AL)/	Santana do Garambéu	(AH MG)
Santana do Jacaré	(AH MG)/	Santana do Itararé	(AH PR)
Santana do Ouro	(AH BA)/	Santana do Paraís●	(AH MG)
Santana do Riacho	(AH MG)/	Santana do Paraopeba	(AH MG)
Santana dos Pilões	(AH SP)/	Santana dos Montes	(AH MG)

Santana Velha	(AH RS)
Santanésia	(AH RJ)
Santaninha	(I. MA)
Santanópolis	(AH BA)

Santa Maria (AH AM AP BA CE GO MA MG MT PA PI PR RJ RO SC SE; Aç. CE; C. CE GO; I. PA PR; I.de, BA; Ig. AC AP AM PA RO MT; Mo. RO; Pto. PR; R. ES GO PB RS SE PI; Rb.de, BA; Rcho. AL PB PI; Sa.de, MG; Cach. PA;RO)

S. Maria Chico (Ar.RS)/ S. Maria Volta (AH AM)
S. Maria de Baraúna(AH PA)/ S. Maria das Barreiras(AH PA)
S. Maria do Erval (AH RS)/ S. Maria de Itabira (AH MG)
S. Maria do Salto (AH MG)/ S. Maria Velha (Trav.PA)
S. Maria do Suaçuí (AH MG)/ S. Maria da Vitória (AH BA)
S. Maria do Boiaçu (I. RR)/ S. Maria dos Marmelos (AH AM)

Santa Rita (AH AC AL AM BA GO MA MG MT PA PI PR RS; Ar. RS; I. AM PA RR; Lo. AM; Pta.de, RN; R. MA MG; Rb. GO MG MT SP; Rb.da, SP; Rcho. BA CE MG; Sa. PB;Sa. da, CE; Sa.de, MG)

S. Rita da Estrela (AH MG)/ S. Rita da Floresta (AH RJ)
S. Rita de Caldas (AH MG)/ S. Rita de Jacutinga (AH MG)
S. Rita de Cassia (AH BA)/ S. Rita do Araguaia (AH GO)
S. Rita do Cedro (AH MG)/ S. Rita do Ouro Preto (AH GO)
S. Rita do Itueto (AH MG)/ S. Rita do Passa Quatro(AH SP)
S. Rita do Sapucaí (AH MG)/ S. Rita do R. Baixo (AH MG)
S. Rita do Weil (AH AM)/ S. Rita do R. do Peixe(AH MG)

Santa Rosa (AH AM BA CE ES GO MA MG MT PA PI PR RO RR RS SC; Ar. RS; Ba.de, PA; Bjo. BA; C. GO MG; I. AM PA; Fu. RR; Ig. RO PA; Ia. MG; Lj. SC Lo. AM PA; R.AC MT RS; Rb. GO PR SP; Rb.de, MG; Rcho.CE PB PI RN ; Sa.de, BA)

Santa Rosa da Serra(AH MG)/ Santa Rosa dos Dourados(AH MG)
Santa Rosa de Lima (AH MG)/ Santa Rosa de Viterbo (AH SP)
Santa Rosinha (Ig.AC)

Santa Bárbara (AH SP; C.SP; R.MT SP; Sa.de,MT; I.de,BA)
Santa Bárbara do Rio Pardo (AH SP)

Santa Clara (AH MT PA PR RJ SP; R. ES)
Santa Clara D'Oeste(AH SP)

Santa Helena (AH AM MA PA MT SP; Cach.RO; Cach.de, PA)

Santa Isabel (AH MT PA SE; Ig. AM)
Santa Izabel (Cach.de, PA)
Santa Izabel do Araguaia (AH PA)
Santa Isabel do Ivaí (AH PR)
Santa Isabel do Sul (AH RS)

Santa Luzia (AH AM MG PA PR MT SP; Sa.de, MG; Rb. MT)

Algumas vezes, o nome santificado denota o culto regional por influência de migrações estrangeiras, localizando

se, assim, em um ponto exclusivo do território, como ocorre com Santa Tecla, fruto da colonização alemã no Rio Grande do Sul. O mesmo acontece com Santarém, nome transplantado de Portugal, é que encerra uma deturpação do vocábulo Santa Irene. Transferido para a região norte do país, alí permaneceu, só ocorrendo uma única vez no Estado da Bahía. No Pará, aparece designando um acidente humano, uma ilha e uma ponta; no Maranhão, determina um acidente humano; no Amazonas, um igarapé e uma ilha, enquanto o topônimo Santarém Novo nomeia um acidente humano no Estado do Pará.

Ocorrências únicas de topônimos indicarão, por certo, a pequena difusão do culto da padroeira, em âmbito nacional, do que dão testemunho estes nomes: Santa Adélia (AH SP); Santa Albertina (AH SP); Santa Alda (AH PR); Santa Amélia (AH PR); Santa América (AH SP); Santa Estela (AH SP); Santa Eudóxia (AH SP); Santa Eugenia (AH AM); Santa Ilídia (AH MT); Santa Laura (AH AM); Santa Mônica (AH AM); Santa Silveria (AH SP); Santa Sofia (AH MT).

A importância dos hagiotopônimos na constituição dos nomes de lugares é tão notável que o estudo da repartição geográfica desses designativos possivelmente permitirá avaliar a extensão do culto dos respectivos padroeiros e, quem sabe, a época do seu aparecimento nas localidades implicadas, senão de todos, pelo menos de alguns deles.

No caso da França, por exemplo, DAUZAT mostrou que uma primeira série desses toponomásticos teve seu aparecimento anotado já na época franca, a partir do momento em que "certaines localités commencent à prendre le nom du saint patron de leur église, quand il s'agissait d'un sanctuaire plus ou moins vénéré"(492). Os primeiros nomes empregados seriam aqueles de

---

492- DAUZAT, Al- Les noms de lieux, p. 150

Pierre, Martin e Marie, precedidos do título de dom, abrev. de dominus, como ocorre em Dompierre-Dampierre; Dommartin-Dammartin; Dommarie, Dammarie, Dannemarie e Donnemarie (493). Foi, porém, na época feudal, que se atingiu o ponto máximo no emprego desses nomes, tanto assim que JEAN BRUNHES, em sua obre Géographie humaine de la France, chegou a elaborar duas cartas geográficas, reproduzidas por DAUZAT, as quais, segundo este,"donnent la répartition, avec densité départementale, des Saint-Jean et Saint-Martin, le second (...) apparaissant surtout comme un saint de l'Ouest, le premier surtout comme un saint du Sud-Est"(494), conforme já se fez sentir nesta tese (494-A)

Dentro, ainda, da situação toponímica espanhola, LÓPES SANTOS, no conjunto geral dos hierotopônimos, designados, segundo sua terminologia, por nombres apelativos religiosos,faz referência ao que chama de nombres reales e nombres personales (495).

No segundo caso, incluem-se frater, com o significado monacal de frade ou frei-frai, registrado em topônimos do tipo de Villafrades, Villar de Frades, Freire, Fraira, Freira; monachus-a, "na forma popular Monjos, Monga, Monjas"; abbas, "padre" ou "superior de una abadia", tal qual ocorre em Abad, Abades, Abadín, Vilar de Abad, Fuentebad; e domnus-a, equivalente a "sanctus", que aparece nas formas de tratamento, don, dom ou dueña, donde: Donas, Vilardonas, Povo de Dueñas,Higuera de las Dueñas, S. Pedro de las Dueñas, entre outros por ele citados (496).

493- DAUZAT, A.-Les noms de lieux, p.151

494- Idem, Ibidem, p. 163-164; 494-A - Cf. fls. 81 desta tese.

495- "Hagiotopon.", p. 582

496- Ibidem, p. 587

Tomando-se como paradigma o modelo espanhol, verificar-se-á que, na toponímia brasileira, dentro dessa categoria de títulos personalíssimos ou alusivos a dignidades da Igreja Católica Romana, há ocorrência dos seguintes elementos motivadores:

Abade (AH PA)

Dom Basílio (AH BA) / Dom Bosco (AH MG)
Dom Cavati (AH MG) / Dom Helvécio (AH MG)
Dom Joaquim (AH MG) / Dom Lara (AH MG)
Dom Marcos (Ar.RS) / Dom Maurício (AH CE)
Dom Quintino (AH CE) /

Frade (AH PI; Ar.do, RS; Ig.do, AC; Lo. AM; R.do, BA; Sa. do, BA PB RJ)
Frades (AH MA; I.dos, BA; Rb.dos, MA; Rcho. dos, BA)

Frei Eustáquio (AH MG) / Frei Gaspar (AH MG)
Frei Gonzaga (AH MG) / Frei Inocêncio (AH MG)
Frei Orlando (AH MG) / Frei Miguelinho (AH PE)
Frei Paulo (AH SE) / Frei Rogério (AH SC)
Frei Serafim (AH MG) / Frei Timóteo (AH PR)

Freiras (Sa. das, PI)

Padre (AH PA; Ar.do, RS; C.do, MG; La.do, BA; Lo. AM; Lj. do, SC; Mo.do, GO; Rcho.do, CE PB; Sa.do, PB)

Padre Anchieta (AH SP) / Padre Ângelo (Sa.MG)
Padre Azevedo (AH AC) / Padre Bento (Sa.BA)
Padre Bernardo (AH GO) / Padre Brito (AH MG)
Padre Chagas (AH PR) / Padre Cícero (AH CE)
Padre Felipe (C. MG) / Padre Fialho (AH MG)
Padre Linhares (AH CE) / Padre João Afonso (AH MG)
Padre Loua (AH RJ) / Padre Nicolino (I. PA)
Padre Nóbrega (AH SP) / Padre Pinto (AH MG)
Padre Pubo (Sa.CE) / Padre Viegas (AH MG)
Padre Vieira (AH CE)

Padres (AH RR)

Madre (AH SC; Rcho.da, MA)

Monje e monja não figuram como fontes geradoras de topônimos, no Brasil, embora sejam termos correntes na linguagem popular. Mas acrescentem-se, ainda, as seguintes formas línguo-toponímicas, que indicam hierarquias eclesiásticas:

Monsenhor Paulo (AH MG) / Monsenhor Hipólito (AH PI)
Monsenhor Horta (AH MG) / Monsenhor J.Alexandre (AH MG)
Monsenhor Tabosa (AH CE) /

Bispo (R.do, SC; Rcho.do, PI)

Cardeal (AH SP)

Cônego J. Pio (AH MG)
Cônego Marinho (AH MG)

Os designativos dos membros de ordens religiosas foram contemplados com pequena percentagem de topônimos, a saber: Beneditinos (AH PI), Missionário (AH MG).

O levantamento mostra, assim, que os termos indicativos das funções religiosas mais conhecidas, ou de maior domínio público, são os que, realmente, apresentam o maior índice de topônimos, como ocorre com frade e frei e padre. À medida que se sobe no escalonamento hierárquico, distanciando-se, conseqüentemente, do uso comum do povo, os designativos vão-se escasseando, como o demonstram as últimas formas recolhidas. Há um predomínio dos conjuntos onomásticos plenos, isto é, aqueles em que figuram, de modo expresso, o determinado e o determinante, embora as formas simples, sem o elemento antroponímico específico, não firam a índole denominativa genérica.

Relativamente aos nombres apelativos religiosos reales, LÓPES SANTOS situa "los que se refieren a edificios, cosas o instituciones eclesiásticas", os quais, segundo ele, "recibieron distintos nombres en cada época", a saber: "ecclesia", da qual "la voz latina ha dado lugar en la toponimia a cuatro tipos básicos: la semiculta "iglesia"; la gallega "eirexa" (...); la forma epentética "grixa" (...) y la vasco-románica común con el bretón "eliça". La portuguesa "eigreja, igreja" debe considerarse como cruce del tipo occidental u central", além de "basylica", "capella", "monasterium", "abbatia" e "altarium" (497).

497- "Hagiotopon.", p. 582 e 585

Quanto ao Brasil, os locais de culto e de recolhimento espiritual ou de práticas e instruções religiosas, não foram muito empregados na nomenclatura geográfica. Tendo em vista que basílica, ao contrário do que ocorreu em países da Europa, e mosteiro, não figuram, costumeiramente, nos relatos históricos do país, justifica-se, ao que parece, o seu nenhum emprego como denominativo, pelo menos em autonomia sintagmática. Entretanto, por razões que só a própria história local pode explicar, a toponímia acolhe abadia, também sem maior penetração popular, e a transforma em topônimo, designando acidentes humanos na Bahía e em Minas Gerais, na expressão simples do termo, enquanto que neste último Estado reveste uma forma composta, Abadia dos Dourados, além da derivada Abadiânia, em Goiás. Em posição final, existe o Sítio da Abadia (AH GO). Convento, designação mais comum no ambiente sócio-cultural brasileiro, nomeia dois acidentes humanos, um no Estado da Bahía, e outro, em Sergipe, enquanto a forma pluralizada, Conventos, denomina outro acidente humano no Estado sulino de Santa Catarina. Alguns poucos Oratório (AH MG PA; Mo.do, ES; R. SC; Sa. do, PA SC) e Igreja (Sa.da, PR), como sintagma autônomo, ou na forma derivada Igrejinha (AH RS), ou, ainda, em composição, Igreja Nova (AH AL RN), Morro da Igreja (AH SC), são suplantados na preferência da escolha por Capela (AH AL AM GO RS SE) e seus compostos: Capela de Santana (AH RS), Capela do Alto (AH SP), Capela do Jaraguá (AH MG), Capela Ivapurunduva (AH SP), Capela Nova (AH MG), e seus derivados, Capelazinha (AH MG), Capelinha (AH GO MG; Sa. da, AL), Capelinha do Amparo (AH RJ), Capelinha do Chumbo (AH MG), Capelinha do Embirazal(AH MG).

Os hierotopônimos comportam, ainda, como ficou expresso, a sub-classificação dos chamados mitotopônimos, ou no

mes de lugares de natureza mitológica.

A participação desses denominativos na toponímia francesa, por exemplo, é de origem antiga, pois desde a época do paganismo era comum encontrarem-se localidades postas sob a proteção de deuses da mitologia greco-latina, como é o caso de Herâkleia, Athênopolis, Nice, ou Nikaia (498).

Analisando as formações pagãs da época romana na história da França, mostra DAUZAT como os deuses do período gaulês se interpenetraram no meio romanístico, subsistindo na toponímia ao lado daqueles próprios aos costumes de Roma:

> "Les dieux gaulois adoptés par Rome se joignent aux divinités latines: Belenus, Beaune, Baulne, Beaulne; Belisama, Bellême, Blesmes; Borvone, Bourbon, au f. Bourbonne (dieux de sources); Vintius et Vintia, Vens et Vence; (...).
>
> Les noms des divinités latines sont naturellement plus nombreux, le paganisme s'étant de plus en plus romanisé. Le dieu le plus répandu en toponymie est Mercure, dont la forme populaire représente rarement Mercuriu(m) (...). Minerva apparaît dans Minerve (...), Ménerbes, Ménesbles; Diana dans Dienne(s);(...). Les autres n'apparaissent guère qu'en composition;(...). Jupiter n'est assuré que dans Fanum-Jovis-Fanjoux,Fanjeaux (...) et sans doute Montjoux (...). Mars subsiste dans Fanum-Martis Famars (...), Templum-Martis Talmas (...), Campum-Martis Chamars (...). Vénus subsiste isolée à l'accusatif, Venerem, Vendres (...), mais plus fréquemment dans les composés: Monte(m) Veneris, Montvendre; Portum Veneris, Port-Ventres (...)"(499).

O distanciamento brasileiro dessa fase mítico-pagã, por influência do cristianismo que Portugal legou à população, afastou a possibilidade de um cultivo de nomes oriundos dessa fonte. Pode se encontrar, aqui, uma única localidade sob o designativo Minerva (AM AP), cuja existência, porém, pode não estar vinculada, necessariamente, à figura da deusa, revestindo, apenas, uma natureza antroponímica.

Na realidade, as personagens míticas cultuadas nc

498- DAUZAT, A.- Les noms de lieux, p. 93

499- Ibidem, p. 120-121

Brasil estão muito mais próximas do lendário indígena que da cultura européia, razão pela qual os mitos dessa procedência foram consagrados, com maior variedade, na toponímia pátria. O levantamento realizado acusa as seguintes formações:

Anhangá	(AH PA)
Anhangaí	(AH SP; C. SP)
Anhanguera	(AH GO)
Caapora	(AH PE)
Caipora	(AH MG AC PE; C. ES; Ig. AC; Sa.do, PE)
Curupira	(AH AM CE; C.MT; I.AM RR; Ig. AM; Lo.AM;Sa. AM)
Jurupari	(AH AM; Cach. AM; Fu.do, PA; I. PA AM; Ig.AC AM; Lo. AM; R. AM)
Juruparipacu	(I. PA)
Saci	(Rb. do, ES)
Sumé	(AH PB)
Tamandaré	(AH AM PE)
Tupã	(AH SP)
Tupana	(Ig. AM; R. AM)
Tupanaoca	(AH RR)
Tupanatinga	(AH PE)
Yara	(AH RR)

Considerações sobre a mitologia indígena, principalmente a de origem tupi, e que explicam os topônimos acima referidos, foram anotadas por THEODORO SAMPAIO:

> "Tinham sua mitologia os povos da raça tupi, a despeito do que a princípio disseram os cronistas o escritores dos primeiros tempos que avançavam não ter o gentio nem fé, nem lei, nem rei (...). Todavia, era bastante singela ou rudimentar o que possuia esse povo da idéia religiosa. Tinha uma vaga noção do Ente Supremo, a que denominava Tupã, cuja voz se fazia ouvir por ocasião das tempestades - Tupã-cynunga ou o trovão e cujo reflexo ou claridade se denominava Tupã-beraba, ou relâmpago. O gênio mau residia em Anhanga ou Anhan.(...); Gerupary ou Jurupary era para uns o gentio mau, e para outros, segundo (...) Ives d'Evreux, um servo de Tupã.
>
> (...). Caapóra ou caipóra, gênio anão de um pé só, ou de uma banda só, que às vezes aparece cavalgando um caitetú, na clareira da mata, trazia a desgraça ou insucesso para quem o avistava.
>
> Curupira presidia aos maus pensamentos e fazia pesadelos.
>
> Sassy tinha a figura de uma ave pequena.

(...). Nas águas dos rios e lagos denominavam gênios femininos, ou Uyáras, dama das águas, ou mãe d'água, cujo canto seduzia os pescadores para os perder, mito idêntico ao das sereias dos marujos de todos os tempos.

Guardavam os tupis a lembrança de um benfeitor e legislador desaparecido a que chamavam Sumé, que lhes ensinara a viver em boa regra, como lhes ensinara a cultivar a mandioca, desaparecendo depois para o lado do mar em cujas praias deixara impresso nas rochas mais duras as plantas dos seus pés sagrados.(...).

Tinham a tradição do dilúvio a seu modo. Quando as águas cresceram, diz a lenda, cobrindo a terra, todos os viventes pereceram. Tamandaré, porém, com sua família, subiu para o olho de uma palmeira, cujos frutos o sustentaram por todo o tempo que durou a inundação, até que ele pôde descer para tornar a povoar a terra. O nome Tamandaré — da personagem mítica do dilúvio dos selvagens — encontra-se ainda no país designando mais de uma localidade.

Não esqueceu também a geografia brasílica o nome de Sumé, o ente misterioso, tão cedo desaparecido, com o qual o espírito eminentemente religioso daqueles tempos procurou identificar a pessoa de S. Tomé.

(...). Não poucas localidades no Brasil trazem nomes recordando os gênios da mitologia selvagem.

O português mesmo chegou a adotar entre nós o vocábulo caipóra, como sinônimo de desditoso, e dele fez ainda o caiporismo, que já conquistou foros de cidade" (500).

As relações de afinidade entre os significados de Anhanga e Jurupari foram evidenciadas por LEMOS BARBOSA, ao mesmo tempo em que aponta a diferença de seu emprego, em nível de distribuição geográfica propriamente dita, porém:

"Anhanga = gênio mau das matas = diabo"

"Jurupari = gênio mau das matas (mais conhecido no Norte) = diabo" (501).

Essa conotação tipicamente regional do uso de Jurupari é comprovada pela toponímia, pois, como se viu da pesquisa realizada, os designativos ocorrem, todos, na região setentrional, especificamente nos Estados do Amazonas e do Pará, ressaltando, assim, os nomes de lugares, uma vez mais, uma característica típicamente lingüística.

500 - SAMPAIO, Theodoro-O Tupi na Geogr. nacion., p.156-160

501 - LEMOS BARBOSA, Padre Antonio-Curso de Tupi Antigo, p.384-385

Já a cultura não-material dos povos africanos foi estudada por ARTHUR RAMOS, no capítulo dedicado à mitologia e práticas religiosas dos diversos grupos que se deslocaram para o Brasil (502).

Se, do ponto de vista étnico-social, essas práticas se mesclaram, aqui, aos cultos regionais cristãos, resultando no já conhecido — e bastante difundido — sincretismo religioso afro-brasileiro, outro tanto não ocorreu na toponímia, onde poucos nomes dessa procedência resultaram em denominações geográficas, como aconteceu com os seguintes designativos:

Catimbó (Sa. do, PE)

Exu (AH PE PI; Rcho. RN; Sa. do, PE)
Exu Velho (AH PE)

Zumbi (AH CE PA RN; Pta.do, MA; Rcho. CE)

Explica o autor o significado desses termos:

> "As denominações de candomblés, na Bahía, macumbas, xangôs e catimbós em outros pontos do Brasil, que inicialmente designariam os festejos religiosos, por extensão passaram a significar os próprios lugares ou centros onde se realizam as cerimônias do culto"(...).
>
> Um orixá poderoso é Exu, que os Negros assimilaram ao diabo dos cristãos, desde a África(...). Exu é também chamado Bará, Elegbará e Leba, nomes de origens daomeianas. É também chamado na Bahía, "o homem das encruzilhadas", porque onde há entrecruzamento de ruas ou estradas, lá está Exu, que é preciso despachar, dando-lhe pipocas e farinha com azeite de dendê" (503).
>
> (...). A crença no zumbi é muito difundida entre os negros brasileiros. Na crença popular, o zumbi é um fantasma que vagueia altas horas da noite. Não deve ser confundido com o Zambi, deus. O nosso zumbi, assim, seria muito semelhante ao zombie haitiano, fantasma com aparência de vida" (504).

A variedade da motivação religiosa, dentro do quadro distributivo dos hierotopônimos, coloca-os, assim, na-

---

502- Introd. à Antropol. Brasil., p. 332

503- Ibidem, p. 365 e 361

504- Ibidem, p. 471

quelas categorias mais expressivas da toponímia brasileira.

Numa perspectiva global de sua natureza, ainda que dados definitivos e completos não devam ser colocados como pontos básicos nesta abordagem da matéria, pois este não é o objetivo máximo da presente tese, alguns aspectos resultam nítidos:

- os motivos religiosos sempre foram uma constante nos diversos períodos da história do país, desde o seu descobrimento até os dias de hoje, como legado de um patrimônio sócio-cultural português, que se procurou conservar e respeitar como uma das tradições mais caras ao espírito da nação;

- o interesse pelos assuntos sagrados volta-se mais comumente para a hagiotoponímia, na qual se salientam os cultos de penetração popular, ou bastante difundidos, como os de Santo Antonio, São João e São José, entre os santos; e Santana, Santa Rita e Santa Rosa, entre as santas;

- o Estado de Minas Gerais, pela força de seus costumes tradicionalmente cristãos, realimentados nas inúmeras igrejas espalhadas em sua área, revela-se a região de maior densidade hierotoponímica;

- os motivos ligados às práticas religiosas, aos locais de culto, aos títulos e às dignidades eclesiásticas, apesar de figurarem como denominadores de lugares, oferecem os menores índices de escolha.

De qualquer modo, a atualidade sempre renovada da temática religiosa longa está, por certo, apesar de suas origens antigas no país, de inculcar-lhe a característica de fator ultrapassado no processo dinâmico da seleção dos nomes geográficos.

O homem, ainda e sempre, está destinado a reservar um espaço em seu espírito para a faceta mística, responsável por muitas de suas atitudes volitivas.

4.3.- Outras classificações antropo-culturais

No conjunto dos elementos que estruturam os topônimos de natureza antropo-cultural, vários deles indicam, ainda, diferentes estratos de motivação. Seja, porém, pelo próprio contéudo da substância que os reveste, seja pela dificuldade no estabelecimento de áreas toponímicas, em virtude de sua dispersão, o certo é que um estudo em separado de suas manifestações, nesta oportunidade, dificultaria, em muito, qualquer pesquisa voltada para os pressupostos teóricos que os consolidam.

Nem sempre, na Toponímia, se pode explicar, de modo objetivo, a existência de um determinado nome. Consegue-se, muitas vezes, vincular o fato onomasiológico a um motivo aparente, mas a verdadeira razão-de-ser do topônimo, a sua causalidade necessária e única pode estar ligada a fatores que transcendem ao procedimento da verificação momentânea. Assim é que, em certos casos, sabe-se que um designativo reveste-se de características tais que o vinculam a uma determinada compartimentação do ambiente físico ou social. Porém, ao se pretender justificar o fato amplo em que ele se inscreve especificamente, tal processo resultará ou em uma repetição de argumentos já expendidos em outras análises mais solidificadas ou,simplesmente, em nada, pela desnecessidade da própria explicação.

É o que ocorre com a categoria dos animotopônimos, por exemplo, que encerra os topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria prima, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física .

O próprio desdobramento da tipologia em questão

fala por si só, não sendo preciso acrescentar maiores dados, a não ser aqueles relativos à pesquisa mesma e que, em última análise, vêm comprovar a existência do fato genérico. Qualquer comentário a respeito recairia, segundo se acredita, ou no estudo dos elementos não materiais da atividade humana, opostos às sensações físicas e relacionados de perto aos sentimentos e desejos do homem, ou na descrição das qualidades do objeto pesquisado, conforme a percepção do observador, técnica essa já analisada nesta tese, quando se abordou o nome descritivo(505).

De um modo geral, ilustrariam essas especificações nomes como estes:

Afeto	(AH PI) /	Amizade	(AH PA)
Bondade	(AH MA) /	Bonança	(AH MG)
Cobiça	(AH ES) /	Confusão	(AH SP)
Dúvida	(Ig.da,PA) /	Encanto	(AH RS)
Engano	(AH AM) /	Esperança	(AH CE)
Falsa	(AH BA) /	Feliz	(AH RS)
Galante	(R. BA) /	Gentileza	(AH SE)
Harmonia	(AH RS) /	Ideal	(AH CE)
Ilusão	(I. MT) /	Inveja	(AH PB)
Liberdade	(AH AC) /	Maravilha	(AH AL)
Medonho	(R. MA) /	Meditação	(AH AM)
Paixão	(Rb.PR) /	Saüdade	(AH PA)
Triunfo	(AH AM) /	Vitória	(AH GO)

A natureza línguo-toponímica dos signos mencionados remete, portanto, quase necessariamente, à uma pesquisa local das circunstâncias ambientais que teriam influenciado a motivação; ou, o processo seletivo seria de responsabilidade única e exclusiva das condições subjetivas ou psíquicas do denominador, que teria projetado no nome do acidente não os aspectos reais de sua aparência e, sim, um determinado estado emocional, que o animava no momento do batismo.

Em situação oposta, encontra-se a série de nomes inscrita sob o termo genérico de ergotopônimos, desde que se

---

505- Cf. fls. 50 desta tese

referem, exclusivamente, aos topônimos relativos a elementos da cultura material do homem.

Esta camada onomástica avultaria em importância na medida que pudesse, de fato e comprovadamente, representar um determinado estágio da civilização de um povo ou, pelo menos, os mais significativos produtos de um grupo qualquer. Pois, como explicitou IMBELLONI, "la civilización está constituída por un determinado desarrollo de las facultades psíquicas del hombre, que confluyen hacia determinadas expresiones del arte, de la ciencia, de la moral social y de la religión, y ha sido obtenida mediante el enriquecimiento de invenciones materiales, la acumulación de la riqueza, la división del trabajo, la capitalización de conocimientos y experiencias, la estratificación de las clases y la organización estable de la fuerza disciplinada" (506).

Mas os avanços técnicos e o conseqüente acúmulo de objetos fabricados, mostrando a tendência diversificadora da atividade humana, dificilmente, em termos de uma técnica toponímica seletiva, permitirão eleger uns ou outros como reflexos sensíveis da época atual.

O quadro distributivo dos toponomásticos acusa exemplos dos mais diversos conteúdos semânticos, onde se inscrevem termos de origem indígena, estes, sim, mantendedores de um estágio cultural que se viveu no país:

Anel	(AH AL)	/	Arcos	(AH	MG)
Balsas	(R. BA)	/	Baú	(Ig.	PA)
Camisa	(La.GO)	/	Chapéu	(AH	MT)
Esteira	(AH RS)	/	Faca	(R.	GO)
Gancho	(AH MA)	/	Gangorra	(AH	MG)
Lança	(AH PR)	/	Leque	(AH	MA)
Maleta	(AH BA)	/	Moinho	(AH	GO)
Navalha	(AH MT)	/	Pião	(AH	SP)
Porteira	(AH PA)	/	Prego	(AH	PA)
Relógio	(AH PR)	/	Sapato	(C.	GO)
Tanque	(AH PI)	/	Tesoura	(AH	GO)

506- Epit. de culturol., p. 187

Entre os topônimos de origem indígena, citem-se, como exemplos, os seguintes:

Caiçara (AP AM AP BA CE GO MG PA PI RN; Pta.de, RN; R. RN; Rcho. BA CE PB BA PI; R. AM)
Caiçara de Baixo (AH BA)
Caiçarinha (AH CE)
Caiçarinha da Penha (AH PE)

Camocim (AH CE; Ba.de, CE)
Camocim de S. Félix (AH PE)

Cambuci (AH RJ)
Canitar (AH SP)
Carimã (AH PA)
Copiara (Rcho.PE)
Cuia (Sa.da, CE PA; Fu. AM)

Igaçaba (AH SP)
Igara (AH BA)
Inúbia (AH BA)
Itannaém (AH SP)

Jirau (AH BA PI RO; La.do, PI; Rcho.CE; Ste.do,RO)
Jirau do Ponciano (AH AL)

Maracá (AH AP; Fu.RR; I.de, AP RR; R. AP)
Maracá Açu (I. AM)

Mingau (AH BA; Cach.do, AM)
Moquém (I.do, PA)
Muquém (AH CE GO MG MT PI PR: C.MG; R. BA PA; Rb.GO)

Muquem Ferrado (AH BA)

Mundéu (AH RJ)
Paçoca (AH MT)
Pari (C. MT; Cach. AM; R. SP; Rb.do, SP)
Pari de Pedras (AH BA)
Pindá (AH MT)
Puçá (AH PI; Ig. AM)
Samburá (R. MG)
Tipiti (AH MG; Sa. RR)
Uru (AH MG SC SP; C.do, SP; R. GO)

Ao lado dos elementos integrantes da organização material ou da organização psíquica de um determinado organismo humano, encontram-se também os fatores de ordem sociológica que, ao serem transpostos para a toponímia, deram origem aos chamados sociotopônimos, que tratam dos nomes de lugares relativos aos aglomerados humanos (instituições resultantes das relações entre os membros de uma comunidade), aos movimentos de

cunho histórico-social e às atividades profissionais.

A diversidade dos característicos abrangidos na categoria está a sugerir, realmente, uma reformulação do critério genérico, principalmente no que diz respeito ao ítem dois, que poderia encabeçar um tópico distinto dos demais, como acontece com os cronotopônimos, ou nomes de lugares referentes a efemérides e a datas históricas.

Por ora, no entanto, a pesquisa toponímica foi orientada nessa linha já proposta, envolvendo as circunstâncias mencionadas nos termos por que o foram. Assim, como motivos causais dos toponomásticos, citam-se, entre outros, os seguintes:

a- aglomerados humanos

Aldeia	(AH BA)	/	Arraial	(AH MA)
Bairrinho	(AH SP)	/	Cabanas	(Mo.das, PE)
Casa Nova	(AH BA)	/	Castelo	(AH ES)
Cidade	(AH BA)	/	Estância	(Ar.RS)
Fazendinha	(AH MT)	/	Feirinha	(AH BA)
Fortaleza	(AH CE)	/	Paiol	(Rb.GO)
Presídio	(AH MA)	/	Rancho	(AH MT)
Sobrado	(AH BA)	/	Sobradinho	(AH PI)
Rua Nova	(AH AL)	/	Rua de Palha	(AH BA)
Vila	(C.da,MG)	/	Vilarinho do Monte	(AH PA)
Vila Nobre	(AH PA)	/	Vila Nova	(AH SC)

Entre os topônimos de origem indígena, relativos a aglomerados humanos, podem ser mencionados os que se seguem:

Maloca	(AH AC AM MT PA; Ig. AC PA)
Maloca de Índios	(AH MT RO)
Maloca do Baruema	(AH PA)
Maloca do Capieri	(AH PA)
Maloca do Chico	(AH AM)
Maloca do Gonçalo	(AH PA)
Maloca do Tajá	(AH PA)
Maloca Mandurucu	(AH AM)
Maloca Mundurucus	(AH MT)
Maloca Repy	(AH AP)
Maloca Salamaim	(AH RO)
Maloca Timbé	(AH PA)
Maloca Velha	(AH PA; Ig.da, PA)
Maloca Velha Araras	(AH PA)
Jabaquara	(AH ES)
Ocara	(AH CE)
Ocauçu	(AH SP)
Taubaté	(AH SP)

Tapera (AH AL AM BA MA MT PE PI RJ RR RS; Ar.RS; C.MG MT; I. da, BA; Ig. AM; La. ES; R. PE RR SC; Sa.MG PI)
Tapera Curare (AH PA)
Tapera Curuca (AH AM)
Tapera de Cima (AH CE)
Tapera do Jerônimo (AH PA)
Tapera do Matias (AH MT)
Tapera do Rocha (AH AM)
Tapera Pimenta (AH AM)
Tapera Piraquara (AH AM)
Tapera S. Antonio (AH AM)
Tapera St. Isabel (AH AM)
Tapera Sumaúma (AH AM)
Taperinha (AH PA)

Também os dialetos africanos concorreram com ter mos dessa natureza, como:

Cubatão (AH SC SP; C. MT; Cach.de, MG; R. SC SP; Rb.SP; Sa. do, GO MG PR)
Cubatãozinho (R. PR)

Mocambo (AH AP CE MA MG PI SE; C. GO MG; I.BA; Lo.do, AM; Mo. do, BA; R. GO SE; Rcho. BA PI; Sa. do, BA ; Vda. do, BA PI)
Mocambo do Espírito Santo (AH PA)
Mocambinho (AH BA MA MG PI)

Quilombo(AH MG R SC SP; Ar. RS; C. MG; R. SP MT; Rb. MT SP; Rcho. PI; Sa. do, RJ SP)

b - movimentos de cunho histórico-social

Bandeiras (AH MG PR)
Bandeirante (AH GO PR RN SC; Rb.SP)
Bandeirante do Sul (Rb. PR)
Bandeirantes (AH MG MT RJ SP; I. MT)
Bandeirantes do Norte(AH PR)

Canudos (AH AL AM PA RS; R. PI)
Independência (AH AC CE ES MA MT PA RS; Rcho. CE)
Inconfidência (AH RJ)
Inconfidentes (AH MG)
Insurreição (AH PE)
República (AH AC AM SP; Ig. AM)

Já os topônimos relativos a datas ou efemérides históricas, de âmbito regional ou local, foram destacados dessa categoria, na classificação proposta, e incluídos entre os cronotopônimos; mas, como trazem, na realidade, a mesma motivação dos que se citaram, achou-se melhor aqui os incluir. As-

sim, podem ser mencionados, entre outros, os seguintes:

1 de Abril	(Ste. MT)	1 de Março	(Cach. RO)
3 de Maio	(C. GO)	3 de Novembro	(C. RO)
4 de Março	(Cach.RO)	4 de Julho	(Ig. RO)
6 de Julho	(Cach.RO)	7 de Setembro	(Cach. RO)
9 de Abril	(Cach.RO)	14 de Abril	(R. MT)
14 de Julho	(Ste. GO)	14 de Maio	(I. MT)
15 de Novembro	(Cach.RO)	17 de Fevereiro	(R. RO)
18 de Abril	(Ar. PR)	25 de Agosto	(Rb. MT)
20 de Setembro	(Ald. MT)	22 de Outubro	(Rb. RO)

Primeiro de Maio	(AH PR)	Dois de Abril	(R. MG)
Três de Maio	(AH RS)	Três de Outubro	(AH SC)
Quatro de Setembro	(Ig.AC)	Cinco de Maio	(Cach. MT)
Sete de Setembro	(Rb. SP)	Dez de Maio	(AH PR)
Treze de Maio	(AH AC)	Quatorze de Abril	(Cach. PA)
Quinze de Agosto	(R. MT)	Quinze de Novembro	(AH RS)

c - atividades profissionais

Boiadeiro	(Rb. MT; Sa.do, MG)
Bombeiro	(Mo.do, MG)
Caçador	(AH RS SC; R. SC)
Carrasco	(AH GO; Cach.do,PA)
Carvoeiro	(AH AM)
Cirurgião	(AH PI)
Lavadeira	(AH MA; Cach. MA; R. GO)
Lavadeira de Baixo	(AH BA)
Lavador	(AH BA; C. MT)
Lavrador	(Rb. do, MT)
Marinheiro	(R.do, PE; Rb.SP)
Mascate	(Rb. MG)
Pastora	(AH BA)
Pescador	(AH MG)
Pescadores	(AH SC)
Porteiro	(Rb.do, SP)
Sapateiro	(Cach.do, PA; Lo. AM; Sa.do, SP)

Diga-se, ainda, que, na oportunidade em que se elaborou a classificação toponímica ora discutida, não foram incluídos nomes de lugares que revestem a modalidade de atos ou práticas sociais diversas, como:

Casamento	(La.do, RS; Sa.do, RS)
Dansa	(Sa. da, CE)
Desquite	(R. do, SC)

Entre os topônimos indígenas dessa procedência , citam-se:

Aruanã (AH AM GO; I. RR; Pa. RR)
Borá (AH SP)
Boracéia (AH MA SP; R. do, BA; Rb. MG)

Os dosignativos que envolvem datas históricas re vestem-se, evidentemente, de um conteúdo significativo diverso daquele constituido pelos adjetivos numerais, sem uma provável vinculação a circunstâncias nacionais ou religiosas que fizessem deles topônimos cronológicos ou sociológicos. A natureza semântica que integra estes numerotopônimos é da mais variada procedência, predominando, porém, ao que tudo indica, aquela de ordem física:

Dois Buritis	(AH BA)	Dois Córregos	(AH SP)
Dois Rios	(R. RJ)	Duas Barras	(Cach.RO)
Dois Vizinhos	(AH PR)	Duas Serras	(AH BA)
Duas Lagoas	(AH BA)	Duas e Dois	(AH BA)
Três Cerros	(Ar.SC)	Três Galhos	(Rcho.dos,BA)
Três Cruzes	(AH SP)	Três Morros	(AH BA)
Quatro Barras	(AH PR)	Quatro Bocas	(R. RJ)
Cinco Anzóis	(AH PA)	Cinco Folhas	(AH MG)
Cinco Portões	(AH ES)	Cinco Voltas	(R. SP)
Sete Léguas	(AH RS)	Sete Portas	(AH BA)
Sete Quedas	(St. PR)	Sete Saltos	(AH PR)
Sete Vargens	(AH BA)	Vinte Alqueires	(AH MG)

Em posição sintagmática final, aparecem as seguintes expressões denominativas, quase todas ligadas ao verbo passar, que denota a idéia ou de travessia ou da quantidade numérica que o mesmo acidente atravessa um determinado ponto:

Passa Dois (AH SC; R. PR)
Passa Três (AH RJ SP; R.GO; Rb. GO MG)
Passa Quatro (AH MG PR; Rb. GO; Sa. GO)
Passa Cinco (AH MG; C. MG; R. MT SP)
Passa Nove (Sa. do, GO)
Passa Dez (AH MG)
Passa Vinte (AH MG; R. MT)

Topônimos relativos a agrupamentos étnicos, a cidades, países, regiões, continentes, ou indicativos de proce -

dência geográfica, foram agrupados sob a designação genérica de etnotopônimos, a saber:

Aldeão	(Mo.do,MG) /	Baiana	(AH MG; R. BA)
Brasileira	(Rcho. PI) /	Bragantino	(Rcho. CE)
Castelhana	(AH MG) /	Europa	(AH AC)
Francês	(AH AL PA) /	Flórida Paulista	(AH SP)
Galiléia	(AH AM MG) /	Gaucha	(AH MT PR)
Índia	(AH GO MG) /	Indiana	(AH SP)
Montevidéu	(AH AM MA) /	Pirineus	(Mo. dos, RO)
Sebastopol	(AH RS) /	Uruguaiana	(AH RS)
Veneza	(AH AC BA)		

Grupos indígenas também aparecem na toponímia, tanto em acidentes físicos como em humanos:

Cadiueus	(Sa.dos,MT)/	Caeté	(AH MG)
Caiapó	(Sa. GO)/	Caingang	(Rb.SP)
Carajá	(Cach. PA)/	Cariri	(AH AM)
Goiás	(R. GO)/	Guaianazes	(AH SP)
Guarani	(AH AC BA)/	Guarulhos	(AH SP)
Macu	(AH AM)/	Manaus	(AH AM)
Nhambiquara	(AH MT;Rb.MT)/	Parecis	(AH MT)
Tapes	(AH RS)/	Tucano	(AH AM)
Tupi	(AH MG PE)/	Tupinambá	(AH BA)
Tupinambarana	(I.AM)		

Finalmente, quanto à categoria restante dos soma topônimos, já foram feitas algumas considerações, nesta tese, quando se tratou dos nomes metafóricos, tais como Pé de Boi, Pé de Galinha, Dedo Grosso, Mão Quebrada, desde que esses nomes podem ser interpretados como designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou de animal (507).

507- Cf. fls. 75 desta tese

C O N C L U S Ã O

Ao término deste trabalho, mais do que apresentar conclusões definitivas, melhor seria, sem dúvida, salientar alguns dos fatos examinados na análise da motivação toponímica, bem como o seu possível interesse para investigações complementares, dentro do quadro amplo das características do topônimo.

A diversificação de sua natureza, ligada a campos semânticos vários, como se pôde notar, põe em evidência a própria conformação dos motivos que o animam. Desde que se constituem na tônica principal do aparecimento das designações geográficas, não será exagero dizer que se afirmam como verdadeiros "adjetivos" dos nomes de lugares, qualificando-os e permitindo que se estabeleça a função identificadora que trazem consigo.

Identificar acidentes geográficos, significando, é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico.

Muitas vezes, entretanto, a significação oculta-se na opacidade de seus elementos formadores, distanciados no tempo ou no espaço, dando ensejo, assim, a que o topônimo venha a ser interpretado como um legítimo fóssil lingüístico. Entendê-lo dessa forma é permitir, pois, o descortínio de um feixe de fatos culturais, disseminados em sua substância de conteúdo, cujo estudo, porém, em sua globalidade, extrapola, em muito, os limites desta tese.

Se é certo que o topônimo não chega a se constituir em uma classe especial do léxico de uma língua, já que ,

de um modo geral, os signos lingüísticos podem exercer as funções de signo toponímico, tal constatação, por outro lado, sugere um duplo enriquecimento do seu emprego: à função denominativa da língua vem se acrescer aquela peculiar à Toponímia, isto é, a singularização de um determinado acidente.

Quando, porém, se projetam na denominação os aspectos típicos do local, de tal forma que um esteja subsidiado pelo outro, torna-se patente, sem dúvida, aquilo que se chamou de iconicidade toponímica, ou seja, o topônimo é um ícone na medida em que descreve o acidente, tornando objetiva a causa do próprio chamamento. As evidências onomásticas trazidas em abono da afirmativa concorreram para esse entendimento, que se torna perceptível nas designações descritivas puras, quando se chega mais facilmente ao domínio da significação do nome e do porquê de sua aplicabilidade.

Os três aspectos principais que se vislumbram, segundo nosso entendimento, no topônimo, estão, portanto, delimitados:

- a identificação dos lugares
- a interpretação como fóssil lingüístico
- a caracterização icônica.

Além dos fatos mencionados, dois outros dados básicos se interpenetrariam na averiguação da problemática aqui debatida: a intencionalidade do denominador, responsável imediata pela existência das designações; e o próprio designativo considerado em si mesmo, produto final de um processo de escolha paradigmática.

Enquanto o primeiro dos fatores, por se aproximar mais dos chamados "mecanismos" da nomeação, não estruturou, diretamente, os pressupostos teóricos que consubstanciaram esta

tese, outro tanto não se poderá dizer do segundo fator. Nele, realmente, na averiguação de sua causalidade, centralizou-se o âmago do assunto analisado.

Em conseqüência, dois planos de investigação se superpuzeram: o diacrônico ou histórico, remetendo à origem das denominações ou à razão do seu aparecimento como elemento identificador de uma localidade, próximo, assim, do ato volitivo individual, mas nem sempre conhecido, profundamente, em um primeiro momento de análise; e o sincrônico, permitindo o exame das séries motivadoras propriamente ditas, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antropo-cultural.

O estudo isolado das categorias taxeonômicas teve por objetivo, além da formulação de uma terminologia técnica, específica da matéria, dar destaque aos motivos que comandam a organização da nomenclatura geográfica.

Entretanto, conforme a ressalva que se apresentou, o estudo da motivação toponímica com apoio nesse critério vem a ser apenas uma dentre outras possibilidades de abordagem do assunto. Escolheu-se o que se formulou por se tratar de uma análise diretamente ligada a um setor da disciplina ainda destituido de estudos semelhantes. Como resultado prático, todo o conteúdo desta tese traz, em seu bojo, o significado de uma contribuição à pesquisa dos nomes de lugares; seu caráter experimental não lhe retira, porém, a validade de um modelo de trabalho que resultou exequível em sua aplicação.

Nas taxeonomias de natureza física, por exemplo, foram estudadas designações que envolvem motivos retirados das formas terrestres e da natureza do solo, dos cursos d'água, das plantas e dos animais. Algumas delas permitiram que se encontrasse, na sua substância, uma relação com o ambiente natu-

ral em que se inscrevem.

Assim, puderam os fitotopônimos revelar grupos de designações caracterizados por uma correspondência geográfica nítida. É o que ocorreu com os nomes de lugares oriundos de espécies como o buriti, o café, o caju, a castanha, por exemplo, cuja dispersão toponímica obedeceu, visivelmente, a critérios ambientais.

A mesma identificação entre o nome e os aspectos regionais tornou-se possível relativamente aos litotopônimos localizados na região de Minas Gerais. A natureza do solo, rico em minerais variados, proporcionou a concentração dos designativos tipológicos específicos nessa área, em oposição às demais zonas do país, onde não se nota o mencionado fator.

Já os hidrotopônimos demonstraram a ocorrência de fenômenos toponímicos particulares à região norte do Brasil:

a - o emprego, em acidentes geográficos, dos genéricos igarapé e paraná, cujo uso comum não se estendeu a outras regiões do território, definindo-os, dessa forma, como um traço hidrográfico típico;

b - a inexistência de igarapé em função toponímica propriamente dita, no Estado do Amazonas, apesar do elevado índice como acidente geográfico, além do uso generalizado de paraná, como topônimo, no restante do país, comprovando, assim, a sua fossilização lingüística.

No mesmo sentido de incidência de acidentes geográficos em áreas restritas, incluiu-se, opositivamente, o emprego de arroio, na região sul, o que o torna, também, repre-

sentante de uma feição peculiar do ambiente físico, reforçado pelo seu não aparecimento em outros pontos.

O estudo dos hidrotopônimos permitiu, além disso, a constatação de outro fato de importância acentuada para a Toponímia, qual seja a incorporação da lexia indígena y, em seu significado de "água", ou "corrente líquida", ou "rio", ao topônimo em questão, transformando, por conseguinte, a série resultante em um único bloco de significação.

Esse processo trouxe como conseqüência a alteração do próprio conteúdo dos conjuntos, interpretados, costumeiramente, como portadores de uma carga denotativa hidronímica.

Na realidade, entretanto, a alegada influência da "água" não representa a nota peculiar que se pretendeu discutir, uma vez que, nesses sintagmas, o acento básico acha-se no primeiro elemento componente (quando o y está em posição sintagmática final), enquanto o segundo — no caso, o y — representa, apenas, o acidente geográfico que recebeu a denominação.

Assim, não assiste razão aos que pretendem ver nos topônimos Tatuí ou Sergipe, por exemplo, uma motivação hidronímica, desde que ambos os casos revestem motivos zoonímicos, por excelência.

O estudo dos zootopônimos deixou clara, também, a dificuldade no estabelecimento de áreas geográfico-toponímicas correspondentes, não só, muitas vezes, pela extensão do habitat propício às espécies envolvidas, como pela própria mobilidade do animal. Seu aparecimento em um determinado ambiente nem sempre significa habitualidade, podendo ser atribuida ao mero acaso a presença no local. Por isso mesmo, esta categoria é uma das que está a solicitar um exame em separado de suas características mais marcantes.

Nas categorias de origem antropo-cultural, deu-se ênfase a duas delas: a dos antropotopônimos e a dos hierotopônimos.

Relativamente aos antropotopônimos, demonstrou-se ser uma tendência bastante disseminada entre as populações o emprego do nome de pessoas em acidentes geográficos. Se, muitas vezes, a origem desse emprego envolve aspectos de autolatria ou de lisonja, a verdade é que essa é uma das mais concorridas taxeonomias, chegando a atingir, atualmente, no Brasil, proporções bastante acentuadas. Principalmente porque as características de seu aparecimento recobrem tanto os conjuntos onomásticos completos (prenome + apelido de família) como os prenomes, apelidos de família, alcunhas e hipocorísticos, em uso isolado. A percentagem dos índices registrados, em qualquer das modalidades, torna difícil o estabelecimento de áreas toponímicas, muito embora aqueles de maior ocorrência, como as séries formadas por Antonio, Francisco, João, José, Manuel e Pedro acusem maior concentração nos Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Trazem, ainda, os antropotopônimos composições desinenciais como aquelas em burgo, lândia e polis, principalmente, além dos nomes próprios antecedidos de títulos indicativos de profissão ou nobiliárquicos, de patentes militares ou de investidura em funções políticas, que estruturam a classe dos chamados axiotopônimos.

Quanto aos hierotopônimos, a tônica mais marcante da categoria é dada pelos hagiotopônimos, ou topônimos formados a partir dos nomes de santos e santas do hagiológio católico romano. Dentre os primeiros, avultam em importância os conjuntos em que figuram Santo Antonio e São José, enquanto que

na segunda camada toponomástica releva o lugar ocupado por Santa Ana ou Santana. Acrescente-se que, no Estado de Minas Gerais, verifica-se uma das mais importantes áreas hagiotoponímicas do país, fato esse devido, talvez, à religiosidade da população mineira. Por outro lado, os menores índices de ocorrência são devidos aos locais de cultos religiosos e às dignidades eclesiásticas propriamente ditas.

As diferentes origens dos topônimos, como se viu, pois, não deixam dúvidas de que a escolha dos nomes dificilmente comporta a marca da impessoalidade, traduzida por algo aleatório ao ato denominativo em si mesmo.

São tantas, realmente, as causas implicadas na estruturação de um nome de lugar, que o estudo dos motivos geradores das designações se tornou matéria de conhecimento imprescindível ao toponimista.

O objeto desta tese foi, assim, reunir, de acordo com o modelo proposto, os agentes motivadores de nomenclaturas geográficas, a do Brasil, em particular, distribuindo-os em estratos onomásticos que evidenciassem o maior ou menor interesse do denominador, no seu emprego. E esse propósito resultou demonstrado, nos limites possíveis da pesquisa, e nos estritos termos de sua intencionalidade.

B I B L I O G R A F I A

- ADONIAS, Isa

  - A cartografia da região amazônica. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, V. 1.

- ALMEIDA NOGUEIRA, Baptista Caetano de

  - "Gramatica Guarani". IN: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1879, V. VI.

  - "Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A. Ruiz de Montoya". IN: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1879, V. VII.

- ANCHIETA, Padre Joseph de

  - Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil. Coimbra, 1595. Rio de Janeiro, Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1933.

- ANTONIL, André João

  - Cultura e opulência do Brasil pelas minas de ouro. São Paulo, Ed. Obelisco, 1964

- ARNAUD, Expedito

  - "Breve informação sobre os índios Assurini e Parakanan". IN: Antropologia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Bol. II, julho de 1961.

- AYROSA, Plinio M. da Silva

  - Estudos tupinológicos. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1967.

- AZEVEDO, Aroldo

  - "Vilas e cidades do Brasil Colonial. Ensaios de geografia urbana retrospectiva". IN: Geografia. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Bol. 208 (11), 1956.

- BACKHEUSER, Everardo

  - "Toponímia. Suas regras. Sua evolução". IN: Revista Geográfica. Rio de Janeiro, Instituto Pan-Americano de Geografia e História, V. IX, X (25), 1952.

- BAIÃO, Antonio

- "O comércio do pau-brasil". IN: DIAS, Carlos Malheiros, dir.- História da colonização portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, 1921, V.II, Cap. XI.

- BARBOSA, Waldemar de Almeida

- Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte, Promoçao da Família-Edit., 1971.

- BARBOSA RODRIGUES, J.

- Vocabulário indígena (Complemento da Poranduba amazonense). Rio de Janeiro, Tipografia Leuzinger, 1894.

- BERTONI, Guillermo Tell

- Fonologia, prosodia y ortografia de la lengua guarani. Assunçao, Impr. Sudamericana, 1926.

- BERTONI, Moises S.

- "La lengua guarani. Estructura. Fundamentos gramaticales y clasificacion (Apuntes póstumos)". Separata da Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Assunção, Ed. Guarany, T.V (1), 1940.

- BERTRAND, G.

- "Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique". Trad. de O. Cruz. IN: Caderno de Ciências da Terra. São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, nº 13, 1972.

- BOILEAU, Armand

- "Toponymie et contact des langues en Belgique".IN: DORION, Henri e MORISSONEAU, Christian-Les noms de lieux et le contact des langues - Place names and language contact. Québec, Les Presses de l'Univert. Laval, 1972.

- BORGES PEREIRA, João Batista

- Italianos no mundo rural paulista. São Paulo, Pioneira e Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1974.

- Bula Inter-Cetera do Papa Alexandre VI. IN: BANDECHI, Pedro Brasil, dir.- Antologia histórica do Brasil - Séculos XV e XVI. Sao Paulo, Serviço de Documentaçao da Reitoria da Universidade de São Paulo, 1973.

- CADOGAN, Leon

- Carobeni. Apuntes de toponimia hispanoguarani. Assunçao, Impr. Paraguay, 1954.

- CARREIRA, Antonio e QUINTINO, Fernando

- Antroponímia da Guiné Portuguesa. Lisboa, Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 1964, V. 1.

- Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel. Leit.de Leonardo Arroyo. IN: BANDECHI, Pedro Brasil, dir.-Antologia histórica do Brasil-Séculos XV e XVI. São Paulo, Serviço de Documentação da Reitoria da Universidade de São Paulo, 1973.

- CASTRO, Dario Paes Leme de

- Terminologia físico-geográfica do Brasil. Rio de Janeiro, A. C. Branco Filho - Edit., 1939.

- CASTRO, Eugenio de

- Ensaios de geografia lingüística. 2. ed. aum. da Geografia lingüística e cultura brasileira. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1941.

- CHILDE, V. Gordon

- O que aconteceu na História. Trad. de Waltensir Dutra. 2. ed.. Rio de Janeiro, Zahar Edit., 1966.

- A evolução cultural do homem. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Edit., 1966.

- COROMINAS, Joan

- "Toponomástica cuyana. Orientaciones". IN: Tópica hespérica. Estudios sobre los antiguos dialectos, I substrato y la toponimia romances. Madrid, Editorial Gredos, 1972.

- COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira

- O Selvagem. Ed. comemor. do Centenário da 1. ed. . São Paulo, Livraria Itatiaia e Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

- CUNHA, Antonio Geraldo da

- Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi. São Paulo, Melhoramentos e Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

- DANIEL, Padre João

- "Tesouro descoberto no Rio Amazonas". IN: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Divisão de Publicação e Divulgação, 1975, V. 1, T. 1.

- DAUZAT, Albert

- La géographie linguistique. Paris, Flammarion, 1922.

- Les noms de lieux. Paris, Delagrave, 1932.

- DAUZAT, Albert

- Les noms de personnes. Paris, Delagrave, 1934.

- La toponymie française. Paris, Payot, 1939.

- DIAS, Carlos Malheiros

- "A semana de Vera Cruz". IN: DIAS, Carlos Malheiros, dir.- História da colonização portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, 1921, V.II, Cap. VII.

- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral

- "O problema das taxeonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica". Separata da Revista de Letras. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, V.4: 373-380, 1975.

- "O sistema toponímico brasileiro". Separata da Revista de Letras. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, V. 5: 311-320, 1976.

- "Um estudo de hierotoponímia". IN: Suplemento Cultural de "O Estado de São Paulo". São Paulo, 10 de abril de 1977, nº 26, p. 7.

- "O espontâneo e o popular na Toponímia". IN: Suplemento Cultural de "O Estado de São Paulo". São Paulo, 20 de novembro de 1977, nº 58, p. 5.

- "Aspectos funcionais da Antroponímia". IN: Suplemento Cultural de "O Estado de São Paulo". São Paulo, 15 de outubro de 1978, nº 102, p. 3.

- DIÈGUES JUNIOR, Manuel

- Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960.

- DIÈGUES JUNIOR, Manuel - coord.

- História da cultura brasileira. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1973.

- DOLFUSS, Olivier

- O espaço geográfico. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 3. ed.. Rio de Janeiro-São Paulo, Difusão Editorial, 1978.

- DRUMOND, Carlos

- Notas gerais sobre a ocorrência da partícula tyb, do Tupi-Guarani, na toponímia brasileira. São Paulo, 1944.

-"Para o Paraná". IN: O Estado de São Paulo, 1º de junho de 1958.

- DRUMOND, Carlos

  - Contribuição do Bororo à toponímia brasílica. São Paulo, Editora da Universidade de Sao Paulo, 1965.

  - "Caracterização de aspectos da cultura do Bororo a través da língua". IN: Idiomas, Cosmovisiones y Culturas. Rosario, Universidad Nacional del Litoral, 1968.

- DUARTE LEITE

  - "A exploração do litoral do Brasil na cartografia da primeira década do Século XVI". IN: DIAS, Carlos Malheiros, dir.- História da colonização portuguesa no Brasil. Porto, Litografia Nacional, 1921, V. II, Cap. XIII.

- EDELWEISS, Frederico G.

  - Estudos tupis e tupi-guaranis. Rio de Janeiro, Livraria Brasiliana Edit., 1969.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda

  - Novo dicionário da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro, Edit. Nova Fronteira, 1975.

- FIGUEIRA, Padre Luiz

  - Arte de gramática da língua brasílica. Lisboa,1687. Nova edição dada à luz e anotada por Emílio Allain. Rio de Janeiro, 1880.

- FRIKEL, Protásio

  - "Classificação lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes". Separata da Revista de Antropologia. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 6 (2), dezembro de 1958.

  - Dez anos de aculturação Tiriyó- 1960-1970. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, 16, 1971.

  - Os Kaxúyana - Notas etno-históricas. Belém, Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Gooldi, 14, 1970.

- GALL, Francis

  - "Notas relacionadas con la adopción de principios generales para la grafia de los nombres geografi - cos". IN: Primeira conferência regional sul-americana sobre a padronização de nomes geográficos.Brasília, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, setembro de 1973.

- GILPIN, George H.

  - "Street-names in San Antonio:singposts to history". IN: Names. New York, The State University College, 18 (3), setembro de 1970.

- GUIRAUD, Pierre

  - La sémantique. 5. ed.. Paris, Presses Universitaires de France, 1966.

  - "La sémiologie". IN: POTTIER, Bernard,dir.-Le langage. Les dictionnaires du savoir moderne. Paris, Denöel, 1975.

- GUIZZETTI, Guerman F.

  - "La etnolingüística: del mundo del idioma al mundo de la cultura". IN: Revista de Antropologia. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1957.

  - "Para una etnoeidetica cultural del Guarani contemporaneo (Yopara)". Tese de Doutoramento apresentada na Universidade de São Paulo. São Paulo, 1971.

- HOLANDA, Sergio Buarque de

  - Caminhos e fronteiras. 2. ed.. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

  - Raízes do Brasil. 10. ed.. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

- HUBSCHMID, Johannes

  - "Toponimia prerromana". IN: Enciclopedia lingüística hispánica. Dir. M. Alvar, A. Badía, R. de Balbín, L. F. Lindley Cintra. Madrid, Consejo Superior de Investigación Científica, 1960, T. 1.

- IMBELLONI, J.

  - Epitome de culturologia. Buenos Aires, José Anesi, 1936.

- LEITE, Padre Serafim

  - Suma histórica da Companhia de Jesus -1549-1760. Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965.

- LEITE DE VASCONCELOS, J.

  - Opúsculos. Coimbra, 1931, V. III.

- LEMOS BARBOSA, Padre Antonio

  - O "Vocabulário na língua brasílica". Rio de Janeiro Ministério da Educação e Saúde, 1948.

  - Curso de Tupi Antigo. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956.

- LEMOS BARBOSA, Padre Antonio

- Pequeno vocabulário Tupi-Português. 3. ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1967.

- Pequeno vocabulário Português-Tupi. Rio de Janeiro, Livraria Sao José, 1970.

- LÉRY, Jean de

- Viagem à Terra do Brasil. Trad. e notas de Sergio Milliet. São Paulo, Martins Edit., 1972.

- LEVI-STRAUSS, Claude

- Antropologia estrutural. Trad. Chaim S. Katz & E. Pires. Revis. etnol. Júlio Cezar Melatti. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.

- O pensamento selvagem. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e A. de Oliveira Aguiar. 2. ed.. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976.

- LEVY CARDOSO, Armando

- Toponímia brasílica. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Edit., 1961.

- LIND, Ivan

- Varadouro. Lisboa, Casa Portuguesa, 1957.

- De Portugal ao Brasil. Um pequeno estudo de toponímia brasileira. Lisboa, Casa Portuguesa, 1963.

LINTON, Ralph

- O homem: uma introdução à Antropologia. Trad. Lavínia Vilela. 4. ed.. São Paulo, Martins Edit., 1962.

- LÓPES SANTOS, Luís

- "Hagiotoponímia". IN: Enciclopedia linguística hispánica. Dir. M. Alvar, A. Badía, R. de Balbín, L. F. Lindley Cintra. Madrid, Consejo Superior de Investigación Científica, 1960, T. 1.

- MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farâni

- Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. 2.ed. rev. e ampl.. Sao Paulo, Edit. Ave Maria, 1973.

- MARTÍNEZ, Alfredo

- Orígenes y leyes del lenguaje aplicadas al idioma guaraní. Buenos Aires, Coni Hermanos, 1916.

- MELLO LEITÃO, C. de

- Zoo-geografia do Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1937 (Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série Brasiliana, 77).

- MENDONÇA, Renato

- A influência africana no português do Brasil. Rio de Janeiro, Gráfica Sauer, 1933.

- MÉTRAUX, Alfredo

- "Ritos de tránsito de los indios sudamericanos". IN: Anales del Instituto de Etnologia Amèricana, Cuyo, 1946.

- MONTOYA, Padre Antonio Ruiz de

- Arte de la lengua guarani o más bien tupi. Nueva edición más correcta y esmerada que la primiera, y con las voces indias en tipo differente. Paris, Maisonneuve, 1876.

- MORAIS, Raimundo

- Anfiteatro amazônico. 2. ed.. São Paulo, Melhoramentos, s.d.

- MOULY, George J.

- Psicologia educacional. Trad. Dante Moreira Leite. 3. ed.. São Paulo, Pioneira. 1970.

- Nova Gazeta Alemã ou Nova Gazeta da Terra do Brasil. Trad. Clemente de Bradenburger. Leit. e coment. de Erasmo d'Almeida Magalhães. IN: BANDECHI, Pedro Brasil-dir.- Antologia histórica do Brasil - Séculos XV e XVI. São Paulo, Serviço de Documentação da Reitoria da Universidade de São Paulo, 1973.

- NUTTIN, J.

- "Comportamento humano". IN: GADAMER, H. G. e VOGLER, P. - Antropologia psicológica. São Paulo, Edit. Pedagógica e Universitária e Edit. da Universidade de São Paulo, 1977 (Coleção Nova Antropologia, 5).

- OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A.

- El significado del significado. Versão castelhana da 10. ed. inglesa. Buenos Aires, Editorial Paidos, 1954.

- PAZ, Jorge Luis Carol

- "Cultura indigena, cultura criolla y cultura popular en la Argentina". IN: Anuario indigenista. Mexico, Instituto Indigenista Interamericano, dezembro de 1973.

- PEARCE, Thomaz M.

- "Spanish place names patterns in the Southwest". IN: Names, Berkeley, V. III (4), dezembro de 1955.

- PEIRCE, Charles Sanders

- Semiótica e filosofia. São Paulo, Cultrix, 1972.

- PERALTA, Anselmo Jover

- El Guarani en la geografia de America. Buenos Aires, Ediciones Tupa, 1950.

- PINTO, Estêvão

- Os indígenas do nordeste. Rio de Janeiro-São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938 (Biblioteca Pedagógica Brasileira - Série Brasiliana, 112).

- POIRIER, Jean

- "Politiques toponymiques du Québec a l'égard des contacts linguistiques". IN: DORION, Henri e MORISSONEAU, Christian -Les noms de lieux et le contact des langues- Place names and language contact. Québec. Les Presses de l'Université Laval, 1972.

- RAMIREZ DE LA LASTRA, C. e GARCIA VIVES, Miguel

- Los reflejos lingüísticos. Córdoba, Ediciones Escudero, 1976.

- RAMOS, Duilio

- História da civilização brasileira. 3. ed. ref. São Paulo, Ed. Saraiva, 1961.

- Relatos monçoeiros - Coletânea, introdução e notas de Afonso E. Taunay. São Paulo, Publicação comemor. da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

- Relatos sertanistas -Coletânea, introdução e notas de Afonso E. Taunay. São Paulo, Publicação comemor. da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1953.

- RESTIVO, Padre Paulo

- Arte de la lengua guarani. Stuttgard, 1892.

- RONDON, Tenente-Coronel Frederico

- Uaupés. Hidrografia. Demografia. Geopolítica. Rio de Janeiro, Imprensa Militar, 1945.

- ROSTAING, Charles

- Les noms de lieux. Paris, Presses Universitaires de France, 1958.

- SAMPAIO, A. J. de

- Fitogeografia do Brasil. 2. ed. rev. e aum. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938 (Biblioteca Pedagógica Brasileira-Série Brasiliana, 35).

- SAMPAIO, Theodoro

- O Tupi na geografia nacional. 2. ed. cor. e aum. . São Paulo, O Pensamento, 1914.

- SANTOS, Joaquim Felício dos

- Memórias do Distrito Diamantino. 3. ed.. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1956.

- SAPIR, Edward

- "Le langage". IN: Linguistique. Trad. Jean-Élie Boltanski e Nicole Soulé-Susbielles. Paris, Les Éditions de Minuit, 1968.

- "Langage et environnement". IN: Linguistique. Trad. Jean-Élie Boltanski e Nicole Soulé-Susbielles. Paris, Les Éditions de Minuit, 1968.

- SAUSSURE, Ferdinand de

- Curso de lingüística geral. Trad. Antônio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

- SCHADEN, Egon

- A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil - Ensaio etno-sociológico. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1959.

- SCHNEPF, Ralph

- "Les contacts choronymiques en Afrique du Nord".IN; DORION, Henri e MORISSONEAU, Christian- Les noms de lieux et le contact des langues-Place names and language contact. Québec, Les Presses de l'Université Laval, 1972.

- SOUSA, Gabriel Soares de

- Notícias do Brasil. São Paulo, Ministério da Educação e Cultura- Departamento de Assistência Cultural, 1974.

- SOUSA, Pero Lopes de

- Diário de navegação - 1530-1532. Leit. de Jorge-Morais Barbosa. Lisboa, Agência Geral do Ultramar , 1968.

- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. P. von

- Viagem pelo Brasil. Trad. Lucia Furquim Lahmeyer . Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, V. 3.

- STADEN, Hans

- Duas viagens ao Brasil. Trad. Guiomar C. Franco . Belo Horizonte, Itatiaia Edit. e Edit. da Universidade de São Paulo, 1974.

- STEWART, George R.

  - "A classification of place names". IN: Names . Berkeley, V. II (1), março de 1954.

- STRADELLI, Ermano

  - "La leggenda del Jurupary" e outras lendas amazônicas. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1964, Cad. nº 4.

- SYMPSON, Pedro Luiz

  - Gramática da língua brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheengatu). 3. ed.. Rio de Janeiro, Fernandes, Nelva & Cia., 1926.

- TASTEVIN, Padre C.

  - "Noms génériques de cours de l'eau dans l'Amérique tropicale". Récueil de 76 Études de Linguistique , d'Ethnologie, de Science Religieuse, de Préhistoire, et autres. Viena, 1921.

- TAYLOR, Douglas

  - "The Caribs of Dominica".IN:Anthropological Papers. Washington, Smithsonian Institution - Bureau of American Ethnology, 1938.

- TROPPMAIR, Helmut

  - "A cobertura vegetal primitiva do Estado de São Paulo". IN: Biogeografia. São Paulo, Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, nº 1, 1969.

- ULLMANN, Stephen

  - Semântica. Uma introdução à ciência do significado. Trad. J. A. Osorio Mateus. 3. ed.. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

- VANZOLINI, P. E. e PAPAVERO, N.

  - Índice dos topônimos contidos na Carta do Brasil 1:1.000.000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. São Paulo, Fapesp, 1968.

- "Vocabulário na língua brasílica"- 2. ed. rev. por Carlos Drumond e confr. com o ms. fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa. IN: Etnografia e Tupi-Guarani. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, Bol. 173 (23), 1952, e Bol. 164 (26), 1953.

- WEISGERBER, L.

  - "O alcance antropológico do estudo energético da linguagem". IN: GADAMER, H. G. e VOGLER, P.- Antropologia filosófica. São Paulo, Edit. Pedagógica e Universitária e Editora da Universidade de São Paulo, 1977(Coleção Nova Antropologia, 7).

- WHORF, Benjamin Lee

  - Linguistique et anthropologie. Les origines de sémiologie. Paris, Denoël, 1969.